

KAREN
ROBARDS

Desaparecida



Índice

Capa

Sinopse

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

RESENHA BIBLIOGRÁFICA



JÚLIO CESAR



<https://www.facebook.com/julioacwmaciel>

julioacwmaciel@gmail.com

(Quem gostou desta formatação, me adicione como amigo no Facebook e veja todos os Títulos que tenho disponível)

- Geralmente faço formatações de Livros que ainda não estão no mercado, nos formatos EPUB/MOBI -

Desaparecida

Karen Robards

TRADUÇÃO: GISELDA

EQUIPE DE REVISÃO INICIAL: FABI PORTO, KRIS, LUCIMAR, HECATE, ANNA

Sinopse

Desaparecida

Dez anos atrás, a filha de seis anos de Sarah Mason, Lexie, desapareceu durante um passeio pelo parque Beaufort, Carolina do Sul. Apesar da busca exaustiva a pequena nunca foi encontrada e Sarah finalmente acabou por juntar as peças de sua destroçada vida e seguiu adiante o melhor que pôde.

Uma calorosa noite de julho, ao chegar em casa procedente do trabalho, soa o telefone. Ao levantar o fone ouve uma voz de menina que, aterrorizada, sussurra: “Me ajude, mamãe, vêm e me leve contigo.” A comunicação é cortada, mas não antes que Sarah, espantada, tenha reconhecido à voz de Lexie. Passaram dez anos desde seu desaparecimento, mas soava exatamente igual a então.

Desesperada, Sarah comprova que nem a polícia, nem o FBI, nem sua família, nem seus amigos podem ajudá-la. Recorre então a Jake Hogan, um detetive que no dia foi atribuído ao caso Lexie. Jake se mostra cético, mas a atração que sente por Sarah o impulsiona a ajudá-la...

Dedicatória

Para Christopher, em honra de seu décimo sexto aniversário.

Isto substitui o carro, verdade? Ah, não?

Com amor, sempre, mamãe.

Capítulo 1

Sarah Mason sempre tinha imaginado que a morte teria melhor aspecto quando chamasse a sua porta. Um pouco parecido ao Brad Pitt em Conhece o Joe Black? O tipo de homem com o qual uma mulher não importaria de perder-se. Mas o tolo que ocultava sua cara atrás de uma caveira de plástico devia ter uns vinte anos e media pouco mais de metro setenta de altura; era um tipo sórdido, um caucásico de cor escura, com uma larga juba negra e gordurenta, um grosso aro de prata em uma orelha e uma barba de cabrito encrespada que aparecia por debaixo da máscara.

Usava umas meias esportivas brancas, uma enorme camiseta vermelha dos Hornets e umas bermudas jeans tão largas que se arriscava a sofrer a indecência de perder ao menor movimento brusco. De forma que, aquela noite, a morte não teria sido capaz de deslumbrar a ninguém: de atrativa não tinha nada.

Se por acaso isto fosse pouco, a pistola com que a apontava era negra e ameaçadora. Tão negra e ameaçadora que Sarah compreendeu, quando seu aturdido cérebro recuperou as funções básicas, que ia ficar sem fôlego sem ver nada mais.

–Você, fique junto à caixa registradora!

Era evidente. A máscara podia ocultar sua cara, mas o tipo em questão estava gritando a ela, sua enorme pistola negra apontava a ela e seus movimentos eram agitados, nervosos. Podia vislumbrar seus olhos através dos buracos ovais que havia no plástico. Eram negros e brilhantes, com o tipo de brilho que normalmente indica que a pupila se encontra dilatado pelo consumo de droga; e percorriam inquietos os corredores do pequeno supermercado no que a tinha encurralado.

Sarah tinha ficado completamente imóvel, incapaz de mover-se. Presa nesse estado de paralisia momentânea em que o espantoso sucesso ao que estava assistindo lhe tinha parecido, em princípio, não muito mais real que um pesadelo, Sarah não podia deixar de olhá-lo.

“Não posso acreditar nisso. E eu que saí para comprar comida para o cão...”

–Mexe-se! –ele voltou a lhe gritar ao ver que esta não obedecia as suas ordens.

O coração de Sarah deu um baque. A cabeça começou a dar voltas. Tragou saliva, inquieta.

–Sim, sim, já vou.

Devolvida bruscamente a terrível realidade pelo elevado volume do grito, Sarah abraçou o enorme saco verde de Friskies – a urgente necessidade de comprá-lo a havia trazido até aqui, o Quik-Pik do bairro, pouco depois das onze da noite, - estreitando-o contra seu peito, se moveu.

–Vamos! Vamos! –Encrespado, o tipo agitava a pistola na frente dela enquanto oscilava sem cessar de uma perna a outra e varria com aqueles olhos muito brilhantes o local.

–De acordo. - Sarah se valeu de seus quatro anos de experiência tratando com criminosos como ajudante do fiscal do distrito no condado do Beaufort, Carolina do Sul, para manter a voz calma.

Como chefe interina do Departamento de Delitos Graves, estava acostumada a tomar o café da manhã com um delinquente de baixo tipo como aquele. Mas não estava em uma sala do tribunal e o tipo não brincava com seu futuro: ela, em troca, sim. O que pretendia fazer, o que precisava fazer era estabelecer uma espécie de relação humana entre os dois. Este era, ao menos, um dos princípios básicos da aula de Mulheres Contra as Agressões Sexuais em que ensinava: se

conseguirmos que o agressor nos veja como pessoas humanas reduzirão as possibilidades de que este nos cause algum dano.

–Tranquelize-se, por favor.

–Eu já estou tranquilo. Não me diga que me tranquilize. Quem quer que se tranquilize?

A cólera fez que o tom de sua voz resultasse ainda mais estridente.

“Vale, expus mal a questão.”

–Move o cu e te ponha ao lado da caixa. –O tipo se balançava sobre a ponta dos pés e a apontava com a pistola como se fosse um florete; Sarah se esticou instintivamente temendo que esta disparasse. – Agora.

Logo que se tinha dado conta de que estava acontecendo um roubo à entrada do supermercado tinha chamado aos 911 com seu celular. O que era uma boa notícia. Ao ver o que estava acontecendo, precipitou-se com a comida do cão na mão para o que parecia ser à saída detrás e entrou no corredor que conduzia aos banheiros. Antes que tivesse tido ocasião de responder à enérgica telefonista do 911, aquele tipo a tinha tirado com maus modos do banheiro de senhoras e ela se viu forçada a apressar o passo enquanto voltava a cruzar o corredor, e a jogar seu celular ainda ligado –ou, ao menos, isso esperava – na bolsa. Onde permanecia.

Não obstante, dado que se tratava de seu celular, inclusive no caso de que a telefonista mantivesse a conexão com aquela chamada silenciosa e fizessem às oportunas indagações, a direção que localizariam seria a sua. Era impossível que relacionassem a chamada com o supermercado.

A má notícia era essa.

E a pior notícia era que, até no caso de que a polícia chegasse a descobrir o que estava acontecendo, era pouco provável que fosse em sua ajuda; já que, naquela época, ela estava quase segura de encabeçar a lista policial de pessoas non grata.

–Maldita bruxa – disse o assaltante, cujas palavras logo ficaram afogadas pela máscara.

Sarah se encolerizou instintivamente. “Bruxa” era uma dessas palavras que a tiravam de seu controle, apesar a que a haviam dito tantas vezes que deveria lhe resultar já indiferente. “Não responda”, advertiu-se a si mesma. Tinha chegado já ao lado daquele tipo, o suficientemente perto para perceber o azedo aroma que exalava. Pelo visto, ou não acreditava na ducha ou os nervos conseguiam que seu desodorante o abandonasse. Fosse o que fosse, cheirava que empestava. O corredor apenas tinha um metro de largura, por isso se via obrigada a roçá-lo para poder passar. Ao pensar isto, ficou com a pele arrepiada. Claro que, também podia ser devido ao ar gélido que saía das geladeiras alinhadas a sua esquerda e que lhe fustigava braços e pernas, descobertas por causa da bermuda e da camiseta de suspensórios que levava por deferência aos mais de trinta graus que havia no exterior da loja; mas tinha suas dúvidas. E mais, estava quase segura de que aquela irritante sensação a produzia o terror galopante.

O qual, por estranho que pudesse parecer, era muito positivo. Sarah acreditava ter perdido o medo à morte em algum momento indeterminado do inferno que lhe havia tocado viver durante os últimos sete anos. De fato, quando se encontrava afundada no mais profundo daquele buraco, quando as coisas ficaram realmente mal para ela, havia inclusive jurado que a desejava. Agora, em troca, a possibilidade de que lhe disparassem parecia aterrorizá-la. E era perfeitamente

compreensível.

Ninguém em seu são julgamento queria que lhe colocassem uma bala no corpo.

Sobre tudo, durante uma rápida escapada ao supermercado para comprar comida ao cão.

—O que acontece, tem o cérebro cheio de merda? Disseste que te mova. —O

Menino Esqueleto a fulminou com o olhar, enquanto se agitava impaciente sobre a ponta dos pés fazendo tilintar as moedas, as chaves ou os objetos metálicos que levava no bolso.

—Está bem. — Sarah manteve um tom sereno a tempo que acelerava ostentadamente o passo.

Suas sandálias tamborilaram contra a superfície do chão, duro e liso. Era interessante notar como, à medida que se aproximava dele, a sua vacilante pistola, o ritmo dos batimentos do coração de seu coração ia aumentando. Sem importar o que sua mente pudesse sentir a respeito, estava claro que a seu corpo não gostava da perspectiva de uma morte iminente. Ofegava, um suor frio a empapava e tinha o estômago encolhido. Até lhe afrouxavam as pernas.

“O que dizia de sua vida o fato de que estar morta fora quase algo bom?”

—Tudo bem aí detrás, tio? —perguntou o segundo assaltante, que se encontrava na parte dianteira do supermercado—. O que está fazendo?

—Sim — respondeu—lhe o Menino Esqueleto—. Tudo está sob controle. —O tipo posou seus olhos nos de Sarah e lhe disse em um tom mais grave — Advirto—lhe isso: não me toque os ovos. Andando.

Seu olhar se tornou tão fatídico como a pistola com que a estava apontando.

Sarah teve a impressão de que o machismo de seu assaltante estava em jogo nesse momento e, obediente, pôs-se a caminhar com um passo ligeiro e desigual. Manual de sobrevivência de ruas: jamais questionar a imagem que um delinquente tem de si mesmo. Ao advertir seu olhar, Sarah encolheu os ombros, tratando de tornar-se menor possível. Fez o possível por evitar o contato com seus olhos. E precisamente por isso, porque manteve o olhar baixo enquanto passava como podia ao seu lado, viu a menina que se escondia sob a mesa redonda que havia ao final do corredor e sobre a qual tinha empilhado um montão de caixas de Donuts.

Uma toalha branca de plástico cobria a mesa, só que estava torcida e por esse lado lhe faltava quase meio metro para alcançar o chão. A menina estava arremessada de lado e se havia abaixado tudo que tinha podido; mas Sarah podia ver sem dificuldade um par de pernas morenas, magras e sujas encolhidas contra o peito, e outro par de braços igualmente morenos, magros e sujos que as rodeavam, uma camiseta amarela e uma bermuda azul, uns pés descalços e uma cara pequena e meio oculta por uma despenteada juba cor café. A menina a olhava com aqueles olhos, escuros e aterrorizados, totalmente abertos.

Sarah lhe deu uma piscada. Deu—lhe um tombo o coração e notou que lhe custava respirar. Seu olhar se cruzou com a da aterrorizada menina durante um embaraçoso instante que pareceu prolongar uma estremecedora eternidade. Sentia os batimentos do coração de seu coração no peito e, mesmo assim, foi capaz de recuperar o controle; de maneira que elevou os olhos e os separou da menina. Aquele tipo podia seguir a direção de seu olhar...

“Meu deus, não permita que veja a menina, por favor.”

—Abre a maldita gaveta — gritou—lhe o outro assaltante à mulher que havia atrás do balcão.

Sarah pensava que só eram dois.

—Sim, senhor.

A caixa registradora se abriu com um estalo continuado e um ding! No preciso instante em que Sarah saía do corredor. Então pôde ver os dois: à mulher atrás do balcão com o olhar baixo e cravado ainda tremendo, a gaveta e ao assaltante ao outro lado do mesmo, lhe apontando a pistola. A caixa tinha uns sessenta anos, era baixa, gordinha e tinha ar maternal; o cabelo grisalho lhe caía em cachos de cabelo sobre a cara, e a parte superior de seu uniforme vermelho logo que podia conter seu peito de matrona. Olhava, aterrorizada ao assaltante, os lábios tremendo.

—Ponha aqui. —O assaltante lhe jogou uma fina bolsa de plástico branca da loja.

A caixa não deixou de tremer nem um momento, enquanto obedecia aquela ordem e tirava o dinheiro da caixa para colocá-lo na bolsa com movimentos torpes e rápidos. Aquele tipo era mais alto e grosso que o Menino Esqueleto, e parecia também mais tranquilo. Ao menos sua pistola não oscilava de um lado a outro sem parar e ele não se movia freneticamente. Tinha a pele escura e o cabelo negro e gordurento de seu companheiro, assim Sarah não pôde ao menos perguntar-se se não seriam irmãos; só que este levava o cabelo amarrado num rabo-de-cavalo que deixava a descoberto uma grossa cicatriz branca em um dos lados do pescoço. Um brinco de diamantes, seis ou mais em tamanho decrescente, alinhava-se no lóbulo de sua orelha. Não tinha cavanhaque, ou ao menos Sarah não a podia ver pela máscara de Homem Lobo, em plástico cinza, que cobria sua cara. Arregaçou-se a camiseta negra que usava, deixando ao descoberto uma tatuagem em seu bíceps esquerdo.

Sarah entortou os olhos. Parecia uma espécie de pássaro, uma águia, possivelmente?

Fosse o que fosse, estava segura de que o reconheceria se o voltasse a ver.

“Objetivo número um da noite: sobreviver para identificar essa tatuagem em frente a um jurado.”

—Procurou em todas as partes? É ela? —perguntou ansioso o Homem Lobo, olhando para eles.

Sarah fez o possível para evitar aqueles olhos escuros onde não havia nem rastro de nervosismo do que, claramente, era preso o Menino Esqueleto. Tinha entendido que, dos dois tipos, ele era o pior, que dava as ordens. Era o líder e, em caso de necessidade, provavelmente o assassino. Aquela ideia lhe produziu calafrios.

—Sim — respondeu o Menino Esqueleto.

—Está seguro?

—Maldito seja, claro que estou seguro. Por que sempre me trata como a um retardado?

—Era só uma pergunta.

—Bom, pois deixe já de perguntas e acabemos com isto.

Ao olhar pelo grosso vidro das cristaleiras do supermercado, Sarah percebeu de que os postos de gasolina estavam desertos. Excetuando seu Cintra azul, o estacionamento estava também deserto; como o cruzamento que havia frente ao Quik-Pik. Mais à frente do resplendor da halogênica que iluminava o estacionamento, a noite era escura e tranquila. A caixa e ela — e a menina que se escondia sob a mesa; estavam sozinhas. Através dos grandes e redondos espelhos de segurança que havia a ambos os lados da caixa, Sarah viu que o Menino Esqueleto se

aproximou e parava detrás dela. Olhou nervoso ao estacionamento e saltou acima e abaixo sobre a ponta dos pés, agitando sem querer as moedas ou o que houvesse em seus bolsos. A pistola lhe tremeu ligeiramente ao apontar às costas de Sarah.

A ideia de que uma bala pudesse lhe atravessar a carne em qualquer momento fez com que Sarah acelerasse o coração. Pouco importava o que pudesse sentir sobre a morte em abstrato; aquela noite, naquele Quik-Pik com excesso de ar condicionado, deu-se conta de que não desejava morrer.

—Isto é tudo o que há? —O Homem Lobo quase saltou por cima do balcão quando a caixa, com as bochechas cobertas de lágrimas, tentou lhe dar a bolsa meio cheia, que ele jogou bruscamente de novo para ela em um gesto de orgulhoso. — Levanta essa gaveta. Aí é onde colocam as notas grandes. Acaso acha que não sei? Não tente me enganar. —Seu olhar se deslizou da caixa a um ponto determinado sobre o ombro esquerdo de Sarah: o Menino Esqueleto—. Olhaste nos banheiros?

—Já disse que sim.

—Está bem, está bem, só queria me assegurar.

Quando a caixa tirava a gaveta de plástico negro já vazio da caixa registradora, Sarah sentiu uma pressão na zona lombar. Uma olhada ao espelho que havia no alto lhe confirmou seus piores temores. O Menino Esqueleto estava justo atrás dela e o canhão de sua enorme pistola negra se afundava em sua espinha dorsal. A única coisa que cabia fazer era retroceder e afastá-lo, mas tinha medo de que qualquer movimento repentino por sua parte fizesse que o instável dedo do moço apertasse o gatilho. Com uma grande força de vontade, permaneceu totalmente imóvel e fez chiar seus dentes ao tempo que um suor frio ia cobrindo-a feito ondas. A imagem que lhe devolveu o espelho era a de uma pessoa aterrorizada: com uma palidez empregnada e os olhos desmesuradamente abertos e rodeados de profundas olheiras. Ao apertar os lábios, estes tinham afinado até quase desaparecer e o sangue já não circulava por eles; o cabelo curto e escalado, ainda molhado por causa da ducha que tomou no ginásio antes de voltar para casa, pegava no seu rosto de forma que seus olhos e suas proeminentes maçãs do rosto pareciam dominá-la; e tinha a costa encurvada como a de uma senhora, posto que seguisse segurando com ambos os braços o saco de cinco quilogramas de comida de cão contra seu débil corpo. Embora só tivesse trinta e cinco anos, Sarah se assombrou ao ver que parecia mais velha; vários anos, mais velha. Pouco importava que fosse culpa da perda de cor que lhe causava o medo, da total ausência de maquiagem ou da tenra iluminação; o certo era que logo que podia reconhecer àquelas bochechas macilentas, aqueles olhos afundados, aquela mulher de aspecto obsessivo que a olhava desesperadamente através do espelho.

“Faz muito, muito tempo, tanto que quase não o recordava, era atrativa...”

—Onde está esse maldito dinheiro?

O repentino rugido do Homem Lobo fez que Sarah voltasse sobressaltada à cena que tinha diante de seus olhos. Então, o Homem Lobo saltou por cima do balcão e agarrou pelo cabelo a caixa, que sujeitava uma única nota de cinquenta na mão. O

dinheiro revooou e foi parar ao chão, junto aos pés de Sarah. A bolsa com o dinheiro caiu sobre o balcão com um plaf! A caixa soltou um grito agudo que o Homem Lobo se apressou a sossegar golpeando a cabeça da mulher contra a parte superior da caixa, emitindo ao fazê-lo um

som metálico: clonc!

Sarah sentiu que lhe retorcia o estômago. Ficou sem saliva. Seus olhos, enormes devido ao medo e a compaixão, permaneciam cravados na caixa.

– Vai me dizer? Né, né?

Sarah gritou em seu foro interno. Exteriormente, apertou os dentes e os punhos, movida por uma raiva impotente; mas isso foi tudo. Tinha que fazer algo, só que não havia nada que pudesse fazer que não fosse seguir olhando horrorizada e em silêncio. Sabia de sobra que qualquer outra coisa voltaria a atrair a violência sobre sua pessoa.

Ao pensar aquilo, o terror invadiu seu corpo.

Os gritos agudos da caixa danaram em um choro quando o Homem Lobo esmagou sua testa contra o implacável metal da caixa registradora com deliberada brutalidade. A menina escondida sob a mesa respondeu com um choro quase inaudível. Os olhos de Sarah se abriram desmesuradamente para ouvi-la. Conteve o fôlego, mas não se atreveu a olhar ao redor.

Suava a gota. Seu coração pulsava enlouquecido.

“Não te mova.” Sua mente enviou aquela feroz mensagem à menina. Logo, no caso da pequena não o recebesse, apelou de novo a instâncias mais altas: “meu Deus, faz que fique quieta, por favor. Não permita que esses tipos a encontrem”.

A ideia de que pudessem lhe fazer gelou o sangue. Por muito ambivalente que pudesse sentir-se sobre o valor de sua própria vida, a ideia de que uma menina, uma pequena criatura, pudesse resultar ferida lhe parecia intolerável. E a Sarah não cabia já nenhuma dúvida que tanto ela como a caixa fossem sair feridas, se não pior, de todo aquilo. Desesperançada, se fez à ideia de que aquela situação se estava deteriorando a toda velocidade. A experiência lhe dizia que a violência, uma vez iniciada, só ia aumentar.

Enquanto constatava tudo aquilo com o estômago encolhido, o Homem Lobo atirou para cima a cabeça da caixa. A mulher soluçava e ofegava estrepitosamente com os olhos e a boca aberta por completo. As costas de Sarah, o Menino Esqueleto tremia como nunca. O ar condicionado e as geladeiras zumbiam. Havia tantos ruídos a seu redor que, pelo visto, Sarah tinha sido a única que tinha ouvido o pequeno grito da menina ou, ao menos, a única tinha sabido reconhecer aquele ruído como o que realmente era.

“Não saia”, ordenou-lhe com obrigação. Podia sentir as gotas de suor lhe jorrando entre as omoplatas. Seu coração pulsava como o de um corredor de longa distância. Tinha a boca tão seca que a língua lhe parecia de couro.

–Onde está o maldito dinheiro? –rugiu de novo o Homem Lobo, soltando por fim o cabelo da caixa.

Aturdida e chorosa, a mulher caiu de repente sobre o balcão sem responder e se apoiou nos cotovelos. Doía ouvir seus soluços. Feito um pequeno corte na testa, justo em cima da sobrancelha esquerda, bastante profunda para deixar à vista em alguns pontos a linha branca de gordura que a rodeava. Paralisada pelo medo e, ao mesmo tempo presa de uma espantosa sintonia com a menina escondida sob a mesa, Sarah só podia ver como o sangue começava a emanar pelo corte e a jorrar pela cara daquela mulher. A caixa – chamava-se Mary, Sarah podia lê-lo no crachá que levava seu nome – levantou os olhos e seu olhar se cruzou com o da Sarah durante um momento que pareceu

eterno. Tinha os olhos inchados, alagados em lágrimas, e resultavam sombrios por causa do medo e da dor. O delicado azul de sua íris estava perdendo intensidade com a idade. “Ajude-me”, parecia lhe suplicar. A Sarah deu uma acelerada no coração. Mas algo que fizesse não faria a não ser piorar a situação para as duas.

“Um golpe seco.” O Homem Lobo acabava de descarregar uma bofetada na cara da Mary que fez que esta se inclinasse.

–OH! –A caixa levou a mão ao lugar onde tinha recebido o golpe. Trêmula, deixou-se cair, com terror no olhar.

–Onde está o maldito dinheiro?

–Isso é tudo, juro-lhe que isso é tudo. –A voz de Mary estava tão afogada pelas lágrimas que resultava difícil entender o que dizia. Seus soluços aumentaram quando o assaltante aproximou ameaçador sua cara da dela. Então Mary baixou os olhos para o mostrador, como se tivesse medo de olhá-lo-. OH, Meu deus, tenha piedade de mim. OH, Meu deus, tenha piedade de mim.

Com a extremidade do olho, Sarah viu que a toalha branca se movia. A menina devia ter mudado de posição para ver melhor.

A Sarah acelerou novamente o coração. Conteve o fôlego. Certamente os assaltantes a tinham visto; mas, depois de uns tensos segundos, temendo-o pior, chegou à conclusão de que se equivocava.

“Não se mova daí de baixo – suplicou à menina em silêncio sem deixar de olhar a Mary, que seguia choramingando-. Pelo amor de Deus, rogo-lhe isso, fique quieta e não saia daí.”

Então o Homem Lobo se voltou para o Menino Esqueleto.

–Não me disse que a estas horas da noite têm um monte de dinheiro aí dentro?

–Sim, Duke, e os têm. Sempre os têm.

O Homem Lobo ficou imóvel, com o olhar cravado no Menino Esqueleto. Quase se podia apalpar a tensão que havia entre eles. Sarah voltou a cair presa de terror ao precaver-se do que acabava de ouvir: o Homem Lobo se chamava Duke. Agora ela – e Mary, e a menina – sabiam seu nome.

Pior que atirar-se de um avião sem paraquedas.

–Ouvi bem, acaba de dizer meu nome? É idiota? –A voz do Duke delatava raiva contida. Seu olhar se voltou a posar sobre a caixa -. Perguntarei isso uma vez mais: onde está o dinheiro?

Mary, aparentemente ainda mais aterrorizada que Sarah inspirou.

–Esta noite vieram cedo. Isso é tudo o que recebi. Não estou mentindo. Tenho a Deus por testemunha de que não lhe minto. –O sangue e as lágrimas lhe mesclavam nas bochechas, a pele havia lhe tornado cinza.

–Maldita seja! –Duke se voltou para olhar ao Menino Esqueleto. Sarah voltou a ver pela extremidade do olho que a toalha branca se movia. Quase podia sentir o olhar da menina cravado nela. Sentiu um nó na garganta. Tinha o estômago encolhido.

“Não te mova. Não faça ruído...”

–Não pode me culpar por isso – protestou o Menino Esqueleto.

–Não, não posso; merda! –Duke olhou então a Sarah–: Tire–lhe a bolsa. –Enquanto o Menino Esqueleto se apressava a fazer o que seu companheiro lhe tinha ordenado, este se dirigiu diretamente a Sarah–: Tem algo aí dentro?

–Uns quarenta dólares. E alguns cartões de crédito.

Sarah se surpreendeu pelo tom firme de sua voz. Em seu íntimo, tremia como um pudim. Sentia as pernas tão frouxas como espaguete, e o coração batia como as asas de um pássaro selvagem em cativeiro. Não tinha mais nenhuma dúvida: antes ou depois, no curso dos próximos minutos, ela e Mary iriam morrer. E se não ficasse quieta e permanecesse escondida, a menina também morreria.

“Aconteça o que acontecer, não permita que encontrem à menina.”

–Onde guarda a bolsa? –perguntou – Duke a Mary em tom mais que decisivo.

O Menino Esqueleto tinha deixado de tremer. Sarah ouvia como mexia em sua bolsa.

Mary seguia de braços sobre o balcão, ofegando, sangrando, tremendo e sem deixar de chorar. Um jorro de sangue gotejava sobre a superfície negra do balcão e deixava sobre ela uma mancha vermelha e brilhante.

–Em... Na parte detrás. –Sua voz era débil, trêmula.

Na parte de atrás. Estupendo. Justo onde não queriam ir. Não fazia falta, ser um fogaréu para entender que ir a “parte detrás” não era nada bom. Se permanecessem na entrada, ao menos cabia a possibilidade de que alguém entrasse no estacionamento, visse o que estava acontecendo e chamasse à polícia.

–Quanto tem dentro? –Duke agarrou a Mary pelo braço e a sacudiu ao ver que esta não lhe respondia imediatamente–. Quanto?

–Uns dois dólares.

–Merda. –O Homem Lobo lançou de novo um olhar irritado ao Menino Esqueleto–.

Tudo isto é uma merda.

Ato seguido deu um passo para trás, elevou a pistola e disparou a Mary na cara.

Sem mais. Sem nenhum tipo de advertência. Sarah abriu a boca quando, sem tempo para assimilar o que estava passando nesse momento, o estrondo de uma explosão quase lhe rompia os tímpanos e fazia desaparecer o lado esquerdo do rosto da Mary. O sangue saiu disparado para trás e caiu como uma garoa vermelha que foi salpicando de casimira os maços de cigarros, a câmara de vigilância, o segundo dos dois grandes espelhos redondos e tudo que havia ao redor do balcão. Mary não chiou, não gritou, não emitiu nenhum som. Tão somente se desabou como uma pedra e desapareceu depois do balcão, morta. Seu corpo caiu com um ruído surdo; mas Sarah não o pôde ouvir causa do terrível zumbido que tinha nos ouvidos. Um novo aroma – a náusea mescla de sangue e emanações corporais que ela tinha aprendido a identificar com a recente morte – penetrou por seu nariz.

Tinha o estômago revoltado, o coração lhe pulsava desenfreadamente. As forças lhe fraquejaram e a bolsa do Friskies lhe escorreu entre os braços. Tampouco ouviu o ruído que esta fez ao cair ao chão. Quão único era capaz de ouvir – e mesmo assim os sons ficavam parcialmente abafados pelo incessante zumbido que seguia retumbando em seus ouvidos – eram as imprecações do Menino

Esqueleto e um agudo e aterrador uivo que, por um momento, acreditou que tinha esmigalhado sua própria garganta para abrir-se caminho.

Mas logo percebeu de que não era assim, de uma vez que identificava horrorizada, a origem do mesmo. Olhou para um lado. A menina...

“Mary! Mar-yyy!”

Sarah sentiu um nó na garganta ao ver que a menina, com a emaranhada juba escura escondendo atrás dela como uma bandeira, saía repentinamente de debaixo da mesa e se precipitava para o mostrador. As caixas de Donuts saltaram pelos ares, caíram ao chão e se esparramaram por toda parte.

—Que demônios...?

Duke se deu meia volta. Tragando—a última enxurrada de maldições, o Menino Esqueleto fez o mesmo. Por uns instantes, ambos ficaram aparentemente tão surpreendidos que só puderam permanecer boquiabertos, enquanto a menina, uivando como uma sereia corria em direção a eles.

—Merda. — Duke se tinha recuperado de sua momentânea paralisia. Levantou com rapidez a pistola e apontou à menina que seguia gritando.

Capítulo 2

—Não! —gritou Sarah.

Paralisada pelo repentino estalo de adrenalina que o pânico lhe tinha causado, voltou-se e empurrou o Duke com toda a força que foi capaz. Pego de surpresa, concentrado como estava na menina que corria Duke tropeçou de lado contra o balcão e deixou cair à pistola. A arma repicou no chão e escorregou para a prateleira de batatas fritas que havia no meio do corredor mais próximo.

Sarah abriu os olhos desmesuradamente.

Uma oportunidade. Tinham uma oportunidade...

Com o coração saltando como uma lebre e o pulso a mil por hora, Sarah decidiu aproveitá-la e, num abrir e fechar de olhos passou por diante do Menino Esqueleto com um salto. Agarrou por um braço à menina, que quase tinha chegado agora junto aos dois assaltantes. Apesar de que a pequena seguia gritando e a olhava aterrorizada com seus olhos grandes e castanhos, Sarah mudou de direção sem perder tempo e, aproveitando o impulso que já levava a menina, arrastou-a em uma louca corrida para a porta.

—Vamos.

Sarah não se fixou se a menina oferecia resistência. Era, pequena, seus ossos podiam ser os de um passarinho, não devia ter mais de seis ou sete anos, pensou Sarah, e era leve como uma pluma. Tudo se movia ao seu redor dela: havia ruído, confusão e caos em qualquer parte. A menina não deixava de emitir agudos gritos enquanto Sarah a arrastava, o seu peso ou não, depois dela. O Menino Esqueleto amaldiçoava, dava voltas sobre si mesmo, elevava a pistola e tratava de apontar enquanto elas corriam em direção à porta. Duke se jogou no chão para agarrar sua pistola, soltando também uma enxurrada de palavrões, e se levantou ricocheteando como um ginasta com ela nas mãos.

— Atire! Atire! — gritou ao Menino Esqueleto.

—Já vou! Já vou!

O terror aguçou os sentidos de Sarah até o ponto de que todo lhe parecia exagerado. A corrente fria que saía do ar condicionado a sentia de repente como o gélido fôlego da morte no balcão. Sob os gritos, os chiados e o barulho de seu próprio coração, acreditava poder ouvir o ruído que faziam os pés dos assaltantes ao arrastar-se, que fazia o ar ao entrar em seus pulmões ou o mínimo estalo metálico de suas armas. O nauseabundo aroma de morte se intensificou, até invadir por completo seu nariz. Seu entorno se esfumou em um incontido caleidoscópio de cores, enquanto se precipitava para aquilo que podia supor sua vida... E a da menina.

A calidez da frágil mão desta se converteu no único ponto que a mantinha conectada com a realidade e que o fazia sentir que estava vivendo um pesadelo. Seus próprios movimentos pareciam realizá-los em câmara lenta, como quem trata de correr em águas muito profundas. Pareceu-lhe ter um braço pesado como o chumbo quando o estendeu para tratar de alcançar a fechadura da porta, que agora se encontrava a escassos milímetros da ponta de seus dedos. Os assaltantes estavam em suas costas, mas ela podia ver o reflexo deles no vidro negro e brilhante da cristaleira.

O Menino Esqueleto lhes apontou sua pistola. Ao ver sua imagem ligeiramente apagada,

Sarah deu um grito que podia ressuscitar a um morto. O coração lhe deu um disparo, o pulso acelerou. Duke, de novo em pé, precipitou-se para elas. Sua mão elevou o revólver e o sustentou justo por cima da cintura. Sarah tinha a pele arrepiada. Uns segundos mais e teria uma bala metida nas costas...

Então agarrou o bracelete, e sentiu o frio metal em sua palma enquanto empurrava a pesada porta e saía apressadamente à calçada. Uma cálida capa do ar úmido e carregado de agosto a envolveu em um acolhedor abraço. As estrelas brilhavam sobre suas cabeças. A lua, pálida e em fase crescente, navegava no céu. A suas costas, a menina, que não tinha deixado de gritar, pareceu-lhe leve e inconsistente como um cometa.

“Vamos, vamos, vamos...”

Quatro carros de polícia, estrondo de sirenes, luzes vermelhas cintilando como faróis na noite, lançadas como foguetes sobre o estacionamento desde diferentes pontos.

“Obrigado, D...”

Enquanto fazia voar sua oração em direção ao céu, Sarah sentiu um golpe tremendo, como se alguém tivesse descarregado sobre um lado de sua cabeça uma bola de beisebol. A dor estalou no interior de seu crânio. A força do impacto a derrubou. Aturdida e com os olhos abertos como pratos, contemplou o que parecia ser a entrada em cena de todos os carros patrulha do departamento, de uma vez que gravitavam sobre ela fragmentos de cristal.

As cristaleiras do supermercado tinham estalado detrás dela.

O Ra-ta-ta-ta! De disparos que, como uma enxurrada de explosivos, desencadeou-se por cima de seu corpo a levou a abaixar instintivamente à cabeça.

Ao fazê-lo, deu-se um golpe tão forte contra o chão que viu as estrelas. Caiu de bruços sobre o desumano asfalto. Os braços, os joelhos e o queixo ficaram feitos migalhas, e lhe ardiam. Quando todo aquilo parou, lançou um gemido e se enrolou de forma instintiva. Algo morno e úmido lhe jorrava pela bochecha direita.

Roçou-a com os dedos e, ao ver que estes ficavam vermelhos, compreendeu que era sangue. Ato seguido caiu horrorizada dando se conta de que era seu sangue.

Foi presa do pânico. “OH, Meu deus, dispararam-me...!”

–Dois tipos! Por aí, à esquerda! – Uma voz masculina. Um policial. Ao longe.

–Se escapam de nós!

–Alto! Alto! Alto!

–Cuidado! Tem uma pistola! Merda!

Um só disparo. Um tiroteio. Um grito.

–Maurice! – Duke lançou um gemido de angústia.

–Solte sua arma! Solte a arma!

–Está bem! Está bem! Mas não disparem! Não me disparem! –A voz era a do Duke, e delatava o medo que sentia. Ouviu-se ao longe um clonk! Como se alguém tivesse deixado cair sua arma. O Menino Esqueleto não fez ruído algum.

– Mãos pra cima, vão!

Tudo o que Sarah alcançava a ver daquela cena era a estampa de sapatos negros e brilhantes que passavam precipitadamente ao seu lado. Seguia caída no mesmo lugar onde tinha alcançado paralisada pela impressão, respirando com dificuldade.

“Dói-me. Dói-me...”

Uns segundos mais tarde, um par daqueles sapatos negros e brilhantes se deteve escassos milímetros de seu nariz. Um segundo depois...

—É Sarah Mason, está bem. —Um uniforme agachou junto a ela. Dado que a imagem de tudo quanto acontecia a seu redor seguia sendo confusa, Sarah não se sentia completamente segura; mas acreditou reconhecer o Art Ficus, um oficial de patrulha que conhecia bastante bem, embora por acaso. Seus escassos encontros tinham sido sempre cordiais. Pelo visto, atiraram-lhe.

—Bom, não acredito que muita gente ponha-se a chorar por isso — grunhiu seu companheiro, enquanto se afastava dali.

Aquela voz lhe resultava familiar: Brian McIntyre. É obvio. A última vez que tinha ouvido sua voz tinha sido justo depois de comer, ao escutar a gravação de sua declaração no escritório. Tampouco então lhe tinha gostado de muito.

Art lhe tocou o ombro, agarrou sua mão e lhe buscou o pulso. Embora a flacidez de seu braço fosse alarmante, Sarah sentia que a tocavam.

—Pode me ouvir, Sarah?

“Sim”, tratou de responder ela. Surpreendeu-se ao comprovar que sua boca não respondia. Abria-se, isso sim; mas nenhum som saía dela. Moveu os lábios, a língua, tratou de ignorar o horrível gosto a carne crua do sangue morno que seguia gotejando em sua boca.

“Estou morrendo? É isto o que se sente ao agonizar?”

O medo e a pressa parecia havê-la abandonado por completo. Agora sentia curiosidade, incredulidade, possivelmente, certo pesar. Toda aquela situação era irreal.

“Não quero morrer.”

Aquela ideia era forte, poderosa, decisiva. Nada ambígua. À margem do acontecido, aquele impulso chegava para empurrá-la a permanecer entre os vivos.

Mas, perguntou-se então, acaso tinha escolha? Na verdade existe a possibilidade de escolher?

Sarah sentiu a urgente necessidade de recordar algo; algo que tinha que lhe dizer ao Art antes de afundar-se para sempre na escuridão que avançava para ela e que ia envolvendo lentamente. Não obstante, por muito que o tentava, não conseguia fazê-lo.

—Chamem em seguida a uma ambulância! —gritou Art. Seus dedos soltaram a mão de Sarah. Esta sentiu que lhe faziam pressão sobre o pescoço, justo debaixo da orelha. A parte de seu cérebro que percebia esse tipo de coisas lhe indicou que o policial devia ter dificuldades para lhe encontrar o pulso e que por isso seguia provando em outras partes de seu corpo. Depois percebeu de que Art agitava uma mão para chamar a atenção de seus companheiros, e teve a impressão de que o policial não devia estar muito satisfeito com a informação que tinha obtido. Uma ambulância! Aqui!

Podia ouvi-lo, podia ouvir seus gritos de fundo, as sirenes e a comoção que havia ao seu

redor; mas tudo parecia retroceder, como se uma força o arrastasse longe dela.

“É assim como se morre? Será este afastar-se flutuando na atmosfera? Não está tão mal, depois de tudo...”

Então Sarah recordou o que tinha estado atirando das cordas que penduravam de sua consciência e inspirou. Um novo temor a pôs alerta.

–Isso – resmungava Art–. Respira maldita seja, respira.

–A menina – disse Sarah com um hercúleo esforço.

A menina continuava gritando quando lhe dispararam. Recordava seus agudos chiados, a sensação de tê-la arrancada pela mão. Depois tinha sentido o golpe na cabeça. Solto-a ao cair ao chão e, ato seguido, deixou de ouvi-la. Já não houve mais gritos. Nem contato. Nada.

“Onde está?”

As emanções que expelia o alcatrão, ainda quente pelo sol, unidas ao aroma mais tênue dos escapamentos, a gasolina, a pólvora e seu próprio sangue lhe formavam redemoinhos no nariz e na garganta ameaçando sufocá-la. Para permanecer consciente, necessitava de toda sua força de vontade. Estava aturdida, seu cérebro funcionava a muitas menos revoluções do habitual; mas estava quase segura de que a menina tinha parado de gritar quase no mesmo momento no que ela tinha recebido o tiro. A partir de então, nada. Silêncio absoluto. Um calafrio percorreu suas costas ao considerar as diferentes possibilidades. O que tinha sido da menina?

“Encontrem-na.” Sarah sentiu que a boca lhe movia sem emitir, não obstante, nenhum som.

–Não fale. – Art lhe tinha soltado o pescoço. Estava em pé e seguia agitando as mãos de forma premente–. Maldito seja! Aqui!

Teriam atirado também à menina? Estaria também caída no chão a seu lado, ferida e sangrando como ela? Estava escuro, o emparelhamento estava cheio de sombras, a seu redor só havia ruído e confusão: muito fácil, pois, passar por cima a uma criatura caída sobre o asfalto.

–Onde está... A menina? –Ao menos em sua mente a pergunta era clara e cortante.

Não houve resposta. Teria ouvido Art? Teria falado realmente? Os lábios lhe tinham movido, mas, uma vez mais, nenhum som tinha saído deles.

Sarah percorreu com o olhar a zona que tinha ao alcance da vista e que não abrangia o que se diz, muito. O supermercado ficava as suas costas. Diante dela tinha as pernas do Art, uma extensão de asfalto negro, as bombas dos postos de gasolina iluminados por halogênios e o cruzamento com o semáforo em vermelho, que nesse momento estava mudando para verde. Ao outro lado da rua, o restaurante chinês e o solar cheio de carros usados tinham as luzes apagadas e estavam fechados. Ao redor de uma dúzia de carros patrulha e um par de ambulâncias, todos eles com as sirenes uivando e as luzes do teto movendo-se a toda velocidade, abarrotavam o estacionamento do supermercado e as ruas adjacentes. Mais carros patrulha atravessaram o cruzamento a toda velocidade enquanto ela olhava. Um furgão da polícia chiou ao deter-se no estacionamento e saiu agentes de uniforme que fizeram retumbar o chão ao pôr-se a correr. Cascos, couraças, rifles – eram as forças de assalto?

– Meu Deus... - pelo visto tinha chegado o departamento de polícia completo. Além das luzes estroboscópicas dos veículos de emergência, era impossível ver algo; mas Sarah teve a impressão

de que um grupo de curiosos se agrupava já ao outro lado da rua, frente ao Banco Popular que tinha sede naquela esquina. Em qualquer lugar que olhasse só via caos... Agora bem, nem rastro da menina.

Sarah tratou de levantar a cabeça, mas uma terrível pontada no cérebro lhe fez desistir. Sentiu uma vertigem crescente, náuseas, dificuldades para respirar. Assim que se voltou a cair. A orelha esquerda ficou esmagada contra o asfalto. As sirenes, os gritos, o estrondo que faziam as botas ao correr chegavam até ela como vibrações e já não como sons. Percebeu-se de que se ia afastando novamente dali a cada segundo que acontecia. Pensou que se ficasse quieta teria mais possibilidades de permanecer consciente. Desde que tinha deixado de mover-se já não lhe doía à cabeça. Só a notava estranha, invadida por um estranho formigamento; como o resto de seu corpo.

“O mais provável é que isto não seja um bom sinal.”

Mas antes de abandonar-se, antes de render-se à escuridão que a espreitava no limite de sua mente como a maré alta, tinha que saber o que tinha sido da menina.

Enquanto não soubesse que a tinham encontrado tinha que fazer o possível para resistir.

–Há uma vítima dentro da loja – gritou alguém detrás dela.

–Céu santo...

Era evidente que tinham encontrado a Mary.

Uma maca passou por seu lado estralando. Logo, outra. Chegaram os médicos e se agacharam a seu lado. Um deles agarrou sua mão. Uns dedos se moveram por entre seus cabelos...

Fazendo provisão de todas suas forças, Sarah o voltou a tentar.

–A menina...

–Que menina? – A doutora, uma mulher a que nem sequer tratou de identificar, tapou a cabeça de Sarah com uma gaze justo detrás de sua orelha direita. Teria que lhe haver doído, mas não foi assim. “Era estranho que se preocupasse justo nesse momento pelo fato de não sentir dor...”

A mulher falou por cima de seu ombro.

–Coloquem uma máscara.

–Estava comigo. –Obrigado a sair a aquelas palavras de sua boca requereu toda a força da que Sarah era capaz-. Uma menina pequena. No supermercado, comigo...

Uma máscara de oxigênio lhe cobriu a boca e o nariz, interrompendo o que estava dizendo. A chegada do jorro de ar fresco a distraiu. Inspirou profundamente uma vez, dois... A estremecedora escuridão se desvaneceu pouco diminuiu. A dor, pelo contrário, aumentou.

–Alguém viu a uma menina? –gritou a mulher enquanto punha a Sarah um colar cervical ao redor do pescoço. Diz que havia uma menina com ela no supermercado.

As respostas que Sarah alcançou para ouvir foram todas negativas. O pânico lhe fez um nó na garganta e lhe acelerou o pulso. Onde estava a menina? Não podia ter ido muito longe. Bastaria dar uma olhada para encontrá-la...

Cheia de inquietação, tentou dizer algo por debaixo da máscara.

–Preparados para sair? –perguntou uma voz masculina ao mesmo tempo em que deixava cair uma maca no chão junto a Sarah.

–Sim – respondeu a doutora, enquanto Sarah gritava “não” em seu íntimo.

Negava-se a ir a alguma parte até que não soubesse algo da pequena.

Tentou agarrar a máscara, levantar a cabeça, lhes dizer que tinham que esperar; que tinham de encontrá-la. Seus movimentos foram rápidos, instintivos... E supuseram um grave engano. A conseguinte pontada de dor foi tão intensa –tão aguda– que logo que teve um segundo para constatar seu equívoco antes que a escuridão a levasse longe de ali como uma exalação.

Sarah comprovou surpreendida que a menina que havia a seu lado era sua própria filha, Alexandra. Alexandra Rose Mason. Lexie para abreviar. Sua filha – uma menina de nariz arrebitado, cara sardenta e bochechas gordinhas – olhava-a fixamente com os olhos azuis escuros muito abertos e solenes, e a boca rosa fresca sem o menor indício de sorriso. Sarah sentiu uma dolorosa e ofegante quebra de onda de autêntico amor quando seu olhar posou na doce face da menina. Absorveu faminta, cada detalhe de seu aspecto. Levava a cara recém lavada e os acobreados cabelos recolhidos em dois acréscimos amarrados com uns finos laços de cetim da cor de seus olhos. Estava em pé e completamente quieta, o que não deixava de ser incomum em uma menina de cinco anos que pelo geral não deixava de mover-se; que corria, dançava ou saltava (jamais caminhava) em qualquer parte; que adorava jogar beisebol ou ao futebol, nadar, acampar, montar a cavalo ou qualquer outra coisa que requeresse a mesma dose de ação e que tivesse lugar fora de casa. Em geral, Lexie ia com a cara suja, os joelhos cheios de crostas e o cabelo completamente despenteado; mas nesse momento, vestida com sua camiseta azul preferida e com uma saia jeans, parecia recém saída do banho.

Sarah sabia por experiência que aquela perfeição não podia durar muito.

–Olá, mami – disse-lhe Lexie com um sorriso.

Sua filha sorria como era de costume: com todo seu coração. Com os olhos resplandecentes e as bochechas rosadas, os lábios lhe estiraram de tal forma que Sarah pôde lhe ver quase todos os dentes. Incluída a pá que lhe dançava e que não demoraria em cair.

Sarah lhe devolveu o sorriso, mas não ousou lhe dizer nada.

–Emma trouxe um bolo – prosseguiu sua filha animada, enquanto uma de onda de prazer que Sarah tinha sentido ao vê-la começava a desvanecer-se. É seu aniversário. Tem seis anos. Quando será o meu?

“Em 27 de outubro.”

–Eu também farei seis anos?

“Sim.”

–Então Emma e eu teremos a mesma idade – disse Lexie. Mas agora ela é maior que eu. Isso me há dito. – Franziu o sobreceixo, como se o fato de que sua amiga fosse maior que lhe preocupasse; mas sua expressão não demorou a iluminar-se de novo e em recuperar a alegria própria dela. - Acha que hoje ganharei um troféu?

Hoje se celebrava a comida ao ar livre para enclausurar a temporada de beisebol. O acontecimento ia se celebrar no Waterfront Park, com um piquinic e uma entrega de prêmios. Sem dizer nada aos meninos, os pais se puseram de acordo com os treinadores para assegurar-se de que esse ano todos recebesse um pequeno troféu dourado e azul. Ao recordá-lo, Sarah sentiu uma pontada agri-doce. Lexie adorava os troféus. No momento, em sua vida só tinha recebido dois: um

por ter finalizado com êxito seu estágio de natação e outro pela temporada de futebol da primavera anterior. A ambos tinha concedido um lugar de honra em sua mesa de cabeceira, onde não havia lugar para um terceiro, o que ia receber hoje fosse à menor de todos. Talvez pudesse convencer a Lexie de que os pusesse na estante da sala de estar, embora a experiência lhe dissesse que não era muito provável que a pequena acessasse. Sua única filha tinha, além de, umas opiniões muito firmes sobre o modo como teria que fazer as coisas, uma mente muito precisa; e tinha decretado que a cabeceira de noite era o lugar onde teria que guardar os troféus.

Mas esse era um problema que podiam resolver mais tarde. O que nesse momento preocupava a Sarah era não lhe arruinar a surpresa para sua filha.

“Não sei querida. Terá que esperar, para ver...”

—Posso comer agora um pouco de bolo?

Sarah se estremeceu de medo.

“Não. Espere-me.”

—É meu favorito. Chocolate com chocolate cristalizado. E tem umas rosas de cor rosa por cima. Por favor, mamãe, posso?

“Não, não, não”, chiou Sarah em seu interior; mas, claramente, Lexie teve que ouvir outra coisa porque, depois de dedicar a Sarah um radiante sorriso, deu meia volta e se afastou dela dançando.

Incapaz de detê-la, Sarah começou a respirar entrecortadamente, ao ver que a figura bailarina se ia fazendo cada vez menor. Passado um momento, Lexie substituiu a dança pelos saltos, uma nova habilidade que tinha aprendido apenas uns dias antes. “Os outros meninos podem saltar”, havia-lhe dito sua filha ao finalizar o ano na creche. De forma que a Sarah passou boa parte do verão, durante o escasso tempo livre que ficava depois do trabalho, acompanhando a sua filha à calçada que havia diante do edifício de apartamentos onde viviam para lhe mostrar com tenacidade a refinada arte do salto. Aquelas semanas de esforço tinham dado fruto justo antes de começar o novo ano escolar e essa grande provocação que supunha para a menina entrar no colégio.

—Guardei uma parte, mamãe – disse-lhe Lexie por cima do ombro e, continuando, dedicou-lhe um último sorriso radiante.

Sarah notava que lhe partia o coração.

“Volta querida. Volta, por favor.”

Mas Lexie seguiu avançando com inconsciente alegria.

Enquanto contemplava como se afastava dela, Sarah sentia que a dor lhe impedia de respirar. Com aqueles longos momentos meneando-se o de um lado a outro e aquelas roliças perninhas subindo e descendo nessa estranha caminhada que recordava a de um coelhinho e que a enchia de orgulho, Lexie parecia tão feliz, tão doce, tão despreocupada...

“Não, não, não, não, não.”

Os olhos de Sarah se encheram de lágrimas. Uns sons terrivelmente penetrantes lhe rasgaram a garganta que, de repente, sentia em carne viva. O corpo lhe retorceu e se voltou no vão esforço de escapar à angústia que sabia que não demoraria a chegar.

“Lexie. Lexie.”

Mas Sarah sabia que a menina não ia voltar, e assim foi. Era impossível refazer o passado. Este era irrevogável, estava gravado em pedra, selado.

Despertou para ouvir seu rouco soluço. Lançou um grito sufocado, piscou. Lexie se tinha partido. De novo...

Uma terrível desolação a invadiu, deixando-a mais gelada, escura e sombria que o Ártico a meia-noite.

Um sonho. Só tinha sido um sonho. É obvio.

“Acreditava que te tinha acostumada já à ideia”, disse-se a si mesma, enquanto tratava de respirar apesar do peso que parecia lhe esmagar o peito nesse momento.

Mas não era assim e, uma vez mais, a dor era quase insuportável. Cravaram no coração como as garras de um falcão, e não o soltou. O corpo estremecia, ofegavam, as lágrimas corriam pelas bochechas.

“Lexie.”

Gemeu e, para ouvir-se, deteve-se.

“Vamos, segure em algo. Deixa-o passar. Pode fazê-lo.”

Mas, apesar da sua feroz resolução, a dor se negava a abandoná-la. Recém saída do sonho, Sarah não parecia ter a determinação de aço necessária para obrigá-la a deixar sua consciência. O único positivo era que, ao menos, a dor física que a afligia parecia insignificante em comparação. Seu coração era nesses momentos como uma trêmula massa de terminações nervosas em carne viva uivando em meio de uma tortura infernal. Comparado com isso, o que podia importar que lhe doesse todo o corpo, ou que tivesse a parte direita da cabeça torcida, ou que estivesse sofrendo a pior dor de cabeça? Tudo resultava insignificante ao lado da monstruosa agonia que parecia haver-se situado de forma permanente em algum lugar recôndito de sua alma.

“Algun dia deixará de doer assim?”

Sarah estava quase segura de saber a resposta: não, jamais.

Quão único podia fazer era apertar os dentes e seguir adiante.

Afastar-se das prolongadas imagens do sonho requeria um esforço muito grande, mas o conseguiu concentrando-se com ferocidade no presente. Tinha aprendido que era a única forma de lhe fazer frente, de sobreviver.

Muito bem, o primeiro era o primeiro. Por que se sentia como se tivesse sido atropelada por um caminhão? Essa, e não outra era a questão principal do momento; de maneira que se esforçou a procurar as tentativas respostas nas confusas curvas de sua memória. Estava deitada de barriga para cima, com a cabeça ligeiramente levantada, sobre uma superfície resistente que supôs ser sua cama. Por um momento ficou piscando na escuridão, tratando de compreender por que a habitação estava tão fria, tratando de identificar a origem daquele tênue aroma de vinagre, tratando de encontrar a razão do rítmico assobio que parecia provir de algum lugar a suas costas. Então se deu conta, sobressaltada, de que aquela escuridão não lhe era familiar. Aquela não era sua casa, nem tampouco sua cama. Quando seus olhos se acostumaram à escuridão, percebeu-se também de que não era total. Um estranho resplendor verde a tingia, lhe permitindo ver formas, sombras e

movimento.

Ao constatar todo aquilo, Sarah abriu os olhos devagar e sentiu que o coração dava um disparo. Crispou-se e fez uma careta quando sentiu a dor que isso lhe causava, sem afastar por isso o olhar daquele ponto. Porque a razão de que pudesse distinguir formas, sombras e movimentos eram que algo se estava movendo, levantando e adquirindo consistência em uma dos cantos em penumbra da habitação.

Com os olhos cravados na silhueta que, de repente, tomava forma na frente seus olhos, Sarah contemplava impotente e aterrorizada como esta se materializava na robusta figura do homem que se precipitava para sua cama.

Capítulo 3

—Está acordada?

Aquela voz lhe parecia familiar: Jake. Os músculos de Sarah relaxaram e o ar que até então tinha retido saiu por sua boca com um suspiro. Durante os últimos sete anos, Jake tinha convertido gradualmente no mais parecido a uma família para a Sarah. Jake tinha permanecido ao seu lado durante a pior época de sua vida e lhe tinha dado conselhos, apoio moral e ajuda prática quando ela mais o necessitava.

Depois tinha constituído um ombro forte no qual sustentar-se, enquanto tratava primeiro de sobreviver e, depois, de recompor sua pessoa. Em troca, tinha lhe ajudado durante seu divórcio, durante uma reestruturação no trabalho, e no curso de várias crises mais, a maior parte das quais se deviam à obstinação de Jake por procurar sempre seu próprio benefício. Ambos conheciam quase todos os segredos um do outro, compartilhavam o mesmo gosto pela pesca, os Gamescocks¹ da Universidade da Carolina do Sul e alguma que outro estúpido filme de terror; e, em geral, divertiam-se as poucas vezes que naquela época já saíam juntos. Dado que a agência de detetives de Jake trabalhava bastante para o escritório do fiscal do distrito, ambos moviam-nos mesmos círculos profissionais e também se guardavam mutuamente as costas nesse terreno. A sua relação contribuía, além disso, o fato de que, nas poucas ocasiões em que ela necessitava de um acompanhante masculino para ir a uma entrevista, estava acostumada a contar com Jake para que lhe prestasse esse serviço. O ponto fraco era que ele era alérgico ao telefone e aos centros comerciais, por isso o vazio correspondente às amizades femininas seguia ainda por encher.

—Olá. — Sarah logo que pôde ouvir sua própria saudação. Sentia a língua torcida e teve que tragar duas vezes antes de poder pronunciar essas duas sílabas. Além disso, ou ela estava movendo, ou era o quarto que o fazia. Ou algo falhava realmente em sua cabeça.

O mais provável é que se tratasse desta última possibilidade.

—Gemias lindo. Dói-te?

O abajur que havia em cima da cama se acendeu. Sarah piscou e fez uma careta frente àquele repentino resplendor. Por um momento, só pôde vislumbrar a silhueta de Jake. Seu metro oitenta e seus quase cem quilos lhe proporcionavam um amplo campo de visão. Tinha o peito volumoso e as costas largas, a compleição que correspondia à estrela do futebol que tinha sido durante o bacharelado; embora

1 Brigas de galos agora estivesse um pouco estragado. Se os seus trinta e nove anos se abrandaram um pouco na cintura, esta era, não obstante, a única parte de seu corpo que podia resultar flácida. Seus traços eram muito masculinos, sua mandíbula era larga e agressiva como a de um buldogue; seus olhos marrons escuros e seus lábios finos transmitiam firmeza mesmo que não os movesse. O sangue cherokee que corria por algum lugar de suas veias se podia apreciar na severidade de seu perfil aquilino, no negrume de corvo de seu cabelo hirsuto e no bronzeado de sua pele.

—Um pouco. — Aquelas palavras se tornaram grasnido ao sair da garganta que sentia seca como uma lixa. Sarah se sentia desorientada, angustiada, dolorida, e seus processos mentais eram tão lentos que quase podia ouvir o chiado das engrenagens de seu cérebro. Sabia que uma das razões pelas que não podia pensar com clareza era que seguia apanhada nas telas ainda

pendentes do sonho.

“Lexie...” Não. Não ia cair naquilo outra vez. Ao menos, não de forma consciente.

Não podia evitar. Outra vez, não. Nada que não possa suportar.

—Valente a moça, né? —O tom de sua voz era seco. Sua mão, grande e cálida, envolviam a da Sarah. Ela não tinha notado quão fria estava a sua até que percebeu o agradável calor que emanava da de Jake.

—Não comece, vai? —Moveu os dedos da mão para provar; logo, por simples precaução, tratou de fazer o mesmo com os dos pés. Ao menos, tudo parecia funcionar.

—Se doer algo deveria dizê-lo. Para isso se inventaram os médicos. E os analgésicos.

Sarah não replicou. A recusa que ela parecia mostrar frente a qualquer intenção de ajuda de sua parte, inclusive quando, na opinião de Jake, Sarah necessitava desesperadamente de seu auxílio, era desde algum tempo a causa de irritação para ele. Não obstante, nesse momento a única coisa que Sarah pretendia era não voltar a ouvir as sabidas queixa de seu amigo. Sentia-se muito mal. Ao comprovar que a cara de Jake se apagava, Sarah percebeu que não podia ver com clareza. Para enfocar adequadamente tratou de olhar ao redor com o cenho franzido; mas ao fazê-lo doía, de forma que desistiu e substituiu o gesto por um prudente entortar de olhos que resultou ser algo mais eficaz. Com uma mescla de alarme e surpresa comprovou que se encontrava em um quarto de hospital, deitada em uma cama estreita com algo um pouco parecido a uma bola de jogador de futebol atado à cabeça. O resplendor verde que antes tinha notado provinha da luz que irradiava do monitor colocado junto à cabeceira. Para vê-lo, teve que voltar ligeiramente a cabeça. O incessante assobio procedia de outro monitor. A sua esquerda havia um poste de intravenoso de que pendurava uma bolsa meio vazia de soro. A sua direita, no lugar mais afastado da pequena estadia, havia uma poltrona reclinável em vinil negro. Sua posição lhe indicou que Jake devia ter estado sentado nele até que a dor dela o tinha levado até sua cama. Ali havia também uma janela coberta por umas cortinas de cor bege, uma mesa de cabeceira com um telefone, uma jarra, copos e uma unidade de controle remoto sobre ela, além de uma televisão desligada e pendurada na parede com um braço metálico. O típico em um hospital, só que ao menos ela as tinha arrumado para conseguir uma habitação privada.

O que ainda não tinha muito claro era como nem por que.

—O que aconteceu?

—Não se lembra? —Jake franziu as escuras e crescidas sobrancelhas enquanto lhe olhava à cara.

—Não..., a verdade é que não. —A única coisa que recordava vividamente era Lexie junto a sua cama, Lexie que se afastava...

O coração de Sarah deu um lamentável disparo antes que esta obrigasse os seus pensamentos a retornar ao presente. Entretanto, de volta a ele constatou com pesar que tinha as pálpebras ardentes e inchadas, o nariz tapado e as bochechas ainda molhadas. Jake poderia contar que tinha estado chorando. Não fazia muito tempo, tinha prometido ao seu amigo que não voltaria a despertar chorando, e quase o tinha conseguido. Com um pouco de sorte, possivelmente pensasse que aquelas lágrimas se deviam à dor de cabeça.

Jake soltou sua mão e lhe acariciou a bochecha ainda molhada com o dedo indicador.

–Teve um pesadelo, carinho? –Sua voz transbordava de ternura.

Muito bem, estava claro que ela nunca era afortunada nisso e ele tinha, além disso, um de seus estranhos momentos de perspicácia. Se por acaso fosse pouco, conhecia-a a perfeição.

–Sim. – Sarah pronunciou aquela única sílaba a contra gosto.

–Lexie?

–Sim. – Sarah inspirou profundamente ao reconhecê-lo e depois, tratando de mudar de assunto, levou com cuidado a mão à têmpora direita, onde o pior de sua dor parecia haver-se concentrado. Mas foi um grande engano. Ao fazê-lo, sentiu uma enorme pontada na cabeça, o quarto começou a dar voltas e, deve ter acontecido, porque deixou cair à mão e fechou os olhos quase imediatamente, sem dúvida havia perdido o sentido.

– Sinto-me muito estranha.

–Não me surpreende.

Sarah pensou que possivelmente tinha acrescentado algo; mas, fosse o que fosse ela não conseguiu ouvi-lo porque voltou a desvanecer-se, apesar de todos seus esforços.

Quando entreabriu os olhos novamente, os raios de sol invadiam com delicadeza as cortinas ainda penduradas. As luzes estavam apagadas e o quarto estava na penumbra; embora Sarah conseguisse identificar tudo que a rodeava: aquela parte era bastante real, estava no hospital. Por um momento permaneceu completamente imóvel na cama, quase temerosa de fazer qualquer movimento, respirando no meio do aroma de anti-sépticos que antes a tinha deixado perplexa, escutando os diferentes zumbidos e assobios que emitia a equipe médica que a rodeava. Mas agora a sensação de ter sido atropelada por um caminhão já não lhe surpreendeu, como tampouco os sapatos de Jake de número quarenta e quatro que repousavam com as pernas para cima sobre a colcha azul que cobria sua cama. Ao outro lado dos sapatos, Jake estava sentado na poltrona reclinável com a mesma bermuda enrugada de cor cáqui e a mesma camiseta azul escuro que usava a última vez que o tinha visto. Tinha as pernas cruzadas pelos tornozelos e os pés apoiados na beira da cama, os braços morenos cruzados sobre o peito e a cabeça arremessada para trás, apoiada sobre a beirada superior da poltrona de maneira que a parte inferior de sua barba de vários dias ficava à vista. Num primeiro momento, Sarah pensou que se ausentara do mundo, mas logo percebeu de que seus olhos estavam entreabertos e que a olhavam.

– Tudo bem? De volta entre os vivos? –disse-lhe.

Com cautela, Sarah abriu os olhos por completo e comprovou aliviada que nada mal acontecia.

–Isso parece.

O pé de Jake golpeou o chão enquanto este se sentava, bocejando e estirando os músculos.

–Como te sente?

–Feito uma merda. –O qual não deixava de ser uma descrição incompleta de seu estado. A cabeça lhe retumbava como se alguém tratasse de entrar nela com uma metralhadora. Sentia dores de tipos e graus mais variados nos joelhos, nos cotovelos, no queixo e no quadril esquerdo. Tinha a garganta ressecada e a impressão de ter a boca cheia de bolas de algodão-. Tem água?

–É obvio. – Jake se levantou, encheu-lhe um copo de água, acrescentou um canudo e o

estendeu.

–Obrigado.

A água fria lhe aliviou um pouco. O estado de sua cabeça e virtualmente o resto de seu corpo permaneceu inalterado; mas ao menos sua garganta já não estava seca e já não tinha algodão na boca, o que já era algo. E parecia que continuava sentindo— se um pouco aturdida enquanto sua mente lutava por emergir das capas de névoa que envolvia suas ações mentais, lhe ocorreu que a presença de Jake no hospital era menos surpreendente. A última notícia que tinha dele era que estava mergulhando nas ilhas da Flórida com seu último bombonzinho..., melhor dizendo, noiva.

–Você não estava de férias? –perguntou—lhe, enquanto ele voltava a colocar o copo na mesa e se voltava de novo na poltrona com um amplo bocejo—. O que faz aqui?

–Morrison me chamou.

Morrison era Larry Morrison, interventor do distrito no condado do Beaufort e chefe da Sarah. Também era o companheiro de pesca de Jake. Isso tinha seu lado bom, embora também seu lado mau. Em certas ocasiões permitia, por exemplo, que Sarah soubesse da opinião do Morrison sobre algumas questões sem necessidade de perguntar—lhe diretamente; o qual não deixava de ser uma ajuda para sua carreira no departamento, embora às vezes tivesse a impressão de que ambos conspiravam contra ela, e isso não gostava.

–Que horas são? –Uma repentina ideia tinha lhe passado e tratou de levantar—se sobre os cotovelos. Ao comprovar que a cabeça rodava e que o quarto parecia dar uma lenta cambalhota lateral, desistiu, fechou os olhos e voltou a deixar cair sobre a cama com um gemido. –Tenho que me levantar. Tenho que estar no tribunal às nove. O caso Parker.

–Não, hoje não tem que fazer nada. Eu se fosse você não me preocuparia com isso; estou seguro de que Morrison já fez o necessário para que alguém te substitua. –Jake olhou seu relógio. Em qualquer caso, são já são quinze para as nove.

O que traduzido queria dizer que Sarah tinha a mesma possibilidade de chegar a tempo ao tribunal que de voar até a lua. Sarah levou a mão à cabeça, que sentia tão pesada como se estivesse revestida com meia tonelada de cimento. Seus dedos se tocaram com várias faixas de uma malha áspera e, depois de explorar um pouco mais, indicaram—lhe que tinha a cabeça envolta em um turbante de gaze surpreendentemente grosso.

Um flash de cor lhe fez abrir os olhos por completo.

–Atiraram em mim – disse desconcertada.

–Assim é – respondeu—lhe Jake com certa preocupação na voz—. Por sorte, só tem uma pequena ferida e a ligeira comoção cerebral que te causou a queda ao chão.

Perdeu também um pouco de sangue. E de cabelo.

Sarah abriu ainda mais os olhos.

–OH, Meu deus, se Morrison te chamou na Flórida foi porque devia pensar que eu ia morrer.

–Estava em casa. De fato, retornei ontem à tarde.

–Mas... – Embora fosse sacudida e com um incessante martelo mental, voltava a funcionar a pleno rendimento. Mas hoje é quinta-feira. Não tinha pensado voltar no domingo?

Jake encolheu os ombros.

–Surgiu algo no trabalho e tive que encurtar a viagem.

–Aposto que Donna – o nome da vietnamita lhe veio à mente bem a tempo - terá ficado encantada.

–Danielle, e se mostrou muito compadecida.

Sarah perdeu de repente o interesse pela noiva de Jake. À medida que ia recuperando a memória, os olhos se cravavam, nos de seu amigo com uma intensidade quase dolorosa.

–Mary... A caixa... Não sobreviveu, verdade?

–Não. – Jake agarrou a corda da cortina que pendurava junto a ele e começou a brincar com ela. Sarah tinha precavido antes daquele gênio: quando Jake queria ocultar a gravidade de uma resposta tendia a mover com nervosismo suas mãos.

Bom, o certo era que, por muito que a tivesse endurecido o ofício de interventora, a morte da Mary não deixava de lhe afetar. A mulher tinha sido uma vítima inocente e sua morte, sem sentido. Se lhe atribuísem o caso, o qual era bastante improvável, dado que Sarah era também testemunha e, um encargo como aquele poderia criar toda uma série de conflitos de interesses, pediria a pena máxima. E a conseguiria.

Mary não merecia menos.

–A menina que estava comigo no supermercado. O que aconteceu com ela? – A ansiedade que tinha experimentado a noite anterior retornava ligeiramente atenuada, pensava ela, pelo passar do tempo e os narcóticos que lhe administravam por via intravenosa.

Jake franziu o sobrecenho.

–Que menina?

–Estava escondida debaixo de uma mesa. Quando atiraram em Mary saiu dali gritando e eu a agarrei antes de pôr-me a correr. Seguia segurando-a quando me acertaram o tiro.

Jake deixou de brincar com a corda com um olhar que Sarah não custou interpretar. Devolveu-lhe o olhar.

–O quê? Agora acha que estou louca? Estava ali.

–Não lhe neguei isso. –Seu tom era conciliador. Só que é a primeira vez que ouço falar dela. Sarah se crispou.

–Pode comprová-lo?

Jake inclinou a cabeça e assentiu lentamente com ela.

–Nada mais fácil.

Jake se levantou, e se dirigiu para a porta flexionando os músculos das costas, aparentemente intumescidos, e fazendo girar a cabeça. Enquanto Sarah o contemplava com crescente surpresa, seu amigo abriu a porta, e enfiou a cabeça por ela e manteve uma conversa em voz baixa com alguém que estava no corredor e que Sarah não podia ver. Quando por fim voltou a fechar a porta e retornou ao seu lado, Sarah teria visto o cenho franzido sem saber o motivo, tal e como já tinha podido constatar sua cabeça não agradecia àquele gesto.

–Com quem falava? – O inexpressivo semblante de seu amigo lhe indicava que quem quer que fosse não sabia nada da menina.

—Morrison colocou um policial junto à porta até que resolvamos este assunto.

Sem pensar na dor, Sarah franziu o cenho, logo fez uma careta que aumentou ulteriormente o dano e, por fim, conseguiu relaxar a cara contra o que era sua reação mais espontânea.

—O que é o que têm que resolver?

—Identificar o homem que te disparou.

Jake permanecia de pé junto à cama tamborilando com os dedos da mão esquerda sobre o colchão enquanto a olhava. Tinha os olhos injetados em sangue, o cabelo emaranhado e necessitava urgentemente um barbeador. Sarah caiu na conta de que, à margem dos breves momentos que podia lhe haver roubado ao sonho na poltrona, não tinha dormido toda a noite. Nesse momento parecia cansado, irritável e sem vontades de enfrentar ao novo dia. Um pouco similar ao que ela sentia, deixando à parte o enorme turbante branco e a dor.

—Acho que foi Duke ou o Menino Esqueleto — respondeu—lhe paciente,- e quase me atrevo a assegurar que foi o primeiro deles. O mesmo que disparou a Mary.

Entretanto, para efeitos legais dá igual. Ambos se enfrentarão a uma acusação por assassinato sem importar muito quem foi o que apertou o gatilho. Esquece-os. O que quero saber é onde está a menina.

Ao ver que seu amigo apertava os dentes e entreabria os olhos, entendeu. Não precisava que falasse: a Sarah bastava olhar para saber. Seu amigo duvidava da existência daquela menina.

Sarah franziu os lábios.

—Escuta, havia uma menina. Calculo que deve ter uns seis ou sete anos, pouco mais de um metro de estatura, magra, com o cabelo, os olhos e a pele escuros. Pode ser que seja sul-americana. — Ao ver que os olhos de seu amigo vacilavam, viu-se obrigada a acrescentar—: Não se parece em nada com Lexie.

—Hum! —A resposta não era o que se diz uma enérgica confirmação de sua saúde mental. Enquanto Sarah tratava de reunir a energia suficiente para zangar-se, ele acrescentou — Conforme me contaram, quando lhe dispararam estavam fora da loja, enquanto que esses dois delinquentes seguiam dentro e atrás de ti. Correto?

Sarah se parou a pensar durante uns segundos. Sua mente ia recordando cada vez com maior claridade os momentos prévios ao disparo. Como se tratasse da sequencia de um filme de terror, Sarah podia ver a cara destrozada de Mary e ouvir os aterrorizados gritos da menina. Quase podia experimentar novamente o pânico com que tinha obstinado a mão da menina e a tinha obrigado a sair correndo.

Assentiu cuidadosamente com a cabeça, dado o precário estado da mesma.

—Acabava de sair pela porta e segurava ainda à menina pela mão.

—Nesse caso, a menos que voltasse a cara para a loja no último momento, nenhum desses dois vândalos pôde ter apertado o gatilho. Os médicos do hospital e os da ambulância, que vieram aqui ontem à noite para te examinar e assegurar-se depois de que a questão fosse exposta, afirmam que o disparo o fez alguém que se encontrava diante de você.

—O quê? —Surpreendida, Sarah franziu o sobrecenho; mas corrigiu o gesto quase imediatamente. “Aí”—. Não dei a volta em nenhum momento. Saí correndo da loja com a menina e

não olhei para trás. –Enquanto repassava mentalmente a sequência de acontecimentos, entreabriu os olhos para concentrar-se. “Merda, isto também dói. Está bem, o lema para, ao menos, as próximas horas é: pôr cara de pôquer”–. A cristaleira se fez em pedacinhos depois que eu recebi o tiro, estou quase segura.

Lembro que ouvi o estalo.

Jake assentiu com a cabeça como se as palavras de sua amiga não fizessem a não ser confirmar o que já pensava.

–A hipótese que estamos revolvendo é que cometeram o roubo três pessoas.

Alguém se encontra no cárcere neste momento; outra recebeu um disparo e está na UTI deste hospital em estado crítico e vigiado vinte e quatro horas do dia por um agente da polícia; e a terceira, a que disparou em ti, segue em liberdade. Suponho que era o encarregado de vigiar a cena e que se assustou ao ver que o roubo começava a ir mal. Se esse terceiro existir, o agarrarão cedo ou tarde.

Desta vez, Sarah evitou franzir o sobrecenho, abrir desmesuradamente os olhos ou fazer qualquer gesto que implicasse mover qualquer dos músculos que se encontrasse por cima da ponta de seu nariz. Sua capacidade para aprender rapidamente as coisas tinha sido sempre motivo de orgulho para ela.

–O que quer dizer isso, se ele existir? Se me dispararam de frente, isso significa que existe. – Ao ver a expressão de Jake, sua voz expressou uma leve vacilação–: Ou não?

–Cabe a possibilidade de que o tiro o fizesse outra pessoa.

“Não mover. Existe custo ou não?”

–Como quem?

Jake se encolheu de ombros.

–Ainda não sabemos, pode ser alguém que te guarda rancor.

–Rancor? –A ideia era, quando menos, surpreendente: Deve estar brincando. A mim? À senhorita Doçura e Alegria?

Aquelas palavras lhe valeram um sorriso de ironia quase imperceptível.

–Qualquer interventor tem inimigos. Incluindo você, Maximum Mason.

O apelido, cortesia de alguns advogados defensores com os quais se topou no curso de sua carreira, não conseguiu irritá-la.

–De forma que mereço um processo por fazer tudo que está em minhas mãos para limpar a rua de criminosos.

–Só tratava de te dizer que nem todo mundo te quer como eu.

–As vítimas me querem. Os criminosos me temem – disse, lembrando-se da frase que figurava em uma das boinas de beisebol de seu amigo: “As mulheres me querem.

Os peixes me temem”, e conseguiu que Jake voltasse a esboçar um sorriso.

–Muito gracioso.

Sarah teria franzido completamente o sobrecenho se tivesse tido a possibilidade de fazê-lo. Caramba, receber um tiro na cabeça era melhor que o Botox para manter as rugas esticadas. Talvez

pudesse engarrafar a solução e ganhar uma fortuna com ela.

—Se se trata de alguém que guarda rancor contra mim, então deve ter me vigiado e esperado que houvesse a oportunidade de me disparar. O... —Sua voz se arrastou como se lhe estivesse ocorrendo uma ideia. Jake arqueou as sobrancelhas, curioso.

Seus olhares se cruzaram. Brian McIntyre foi um dos primeiros policiais em chegar à cena do crime.

Suas palavras estavam carregadas de significado.

Jake fez uma careta.

—Bom, sem ânimo de resultar pesado, te enfrentar no departamento de polícia como o fez pode ser que não tenha sido a decisão mais inteligente de sua vida.

A indignação fez que as costas de Sarah se juntassem, o qual lhe fez levantar a cabeça e isto, a sua vez, sentir um golpe de desagravo em seu íntimo, enquanto o quarto se inclinava a seu redor. Ato seguido desabou-se sobre o travesseiro, derrotada.

—Eu não desafiei o departamento de polícia. Só dois agentes que estão acusados de violação.

—Por uma prostituta que foi contratada para uma festa de solteiros em que alguns passaram da conta.

—Já sabe como é isso de ser interventor, nós não escolhemos os nossos clientes.

Limitamo-nos a aceitar o que nos chega. Sabe que Crystal Stumbo não é uma virgem vestal. E o quê? Feriram-na. Sangrava. Deram-lhe uma surra. O que se supunha que tinha que fazer quando veio para ver-me, lhe dizer que a lei não se aplicava ao seu caso? No que a mim concerne, aplica-se a qualquer. — Sarah tomou fôlego e, ao dar-se conta de que, segundo suas próprias palavras, estavam soltando outra vez, um de seus sermões, prosseguiu em um tom de voz mais suave: - Em qualquer caso, contrataram-na para dançar na festa.

—Striptease. Contrataram-na para fazer striptease. E tem uma condenação prévia por prostituição.

—Isso foi em Atlanta. Veio para Beaufort para começar uma nova vida.

—Sarah. — Seus olhares se cruzaram, Jake se deteve de repente, sacudiu sua cabeça e guardou para si mesmo o que estava a ponto de dizer. Era evidente que não queria continuar com aquela discussão. Já a tinham tido no passado e voltariam a ter no futuro. Ele abrigava sua opinião a respeito e ela a sua, o que equivalia a dizer, a equivocada e a correta: - Em qualquer caso, não acredito que fosse Brian McIntyre quem disparou, pela simples razão de que sabe que não tem nenhuma possibilidade de acusar nem a seu companheiro nem ao outro tipo. — Sarah abriu a boca, mas ele levantou a mão para sossegar seu protesto antes que ela tivesse tempo de expressá-la. Pode não agradar ao departamento de polícia, mas não acredito que nenhum de seus membros seja o bastante estúpido para te disparar.

Certamente havia alguém vigiando. Certamente a resposta seja simplesmente essa.

Portanto, quando o agarrarem o problema ficará resolvido.

De forma que lhe convinha arquivá-lo como algo do que preocupar, se tinha necessidade e quando a tivesse. Enquanto isso, Sarah tinha outras prioridades. Um dilacerador sentimento de

obrigação aguçou sua voz.

—Jake, quero encontrar à menina.

Sarah não soube interpretar o olhar de seu amigo.

—Trata-se de um novo encargo?

—Sim. — Jake colaborava frequentemente com o escritório do interventor do distrito, por isso também trabalhava muito para ela; de maneira que, na prática, Sarah podia lhe atribuir oficialmente aquela tarefa, e remunerá-lo por ela. Mas, dadas às dificuldades orçamentárias, dado o fato de que Morrison considerava o fato de que Jake ficasse a procurar à menina como um uso dos recursos do departamento para fins privado, e dado, por último, que uma minúscula parte de sua mente começava a temer que efetivamente havia imaginado a menina, preferia não relacionar aquele assunto com o departamento de maneira oficial—: Isto... Não. Faz isto por mim, sim, Jake?

—Quer que trabalhe de graça — corrigiu Jake com aceno, e suspirou. Aceitava, e ela sabia. - O supermercado tinha câmara de segurança, por isso devia existir uma fita. Em um mundo perfeito, o departamento de polícia deveria tê-la já a boa cobrança. A procurarei e darei uma olhada.

Sarah descobriu que sorrir também era doloroso, por isso em seguida abandonou o intento.

—Jake, velho amigo, é o melhor.

—Sim — respondeu-lhe seu amigo em tom seco—. Olhe se quiser, eu...

Um repentino golpe na porta o interrompeu. Antes que nenhum dos dois pudesse pronunciar uma palavra, Morrison assomou à cabeça por ela.

—Olá, está acordada? Está apresentável? — Depois de cruzar a soleira comprovou que sim, que Sarah estava acordada e que ela e Jake o olhavam. O de estar apresentável era outra história. Sarah percebeu então de que só levava posta uma camisola verde de hospital sem nada debaixo. Movendo-se com cuidado, em deferência a sua cabeça, deu uma rápida olhada a seu corpo para assegurar-se de que estava coberta e puxou a colcha para cima cobrindo-se até o pescoço. Em sua opinião, que seu chefe a visse naquele estado não ia ajudar a ascender um degrau mais em sua carreira. - Como está nossa heroína?

Jake franziu o sobrecenho e Sarah esteve a ponto de imitá-lo antes de recordar: movimento errôneo. “Nova pontada.”

—Heroína? — Ambos repetiram a palavra quase em uníssono.

—Isso é o que dizem. —Morrison era um homem esbelto de pouco mais de cinquenta anos. Sorriu para Sarah com jovialidade. Ao fazê-lo, sua cara ossuda e inteligente se afundou em ambos os lados de sua boca e as rugas que tinha ao redor dos olhos se expandiram como raios. Estes eram castanhos, aumentados quando menos por uns óculos que tinham tendência a deslizar-se por seu nariz aquilino. Era calvo, elegante, tinha bons contatos políticos e — o traço que Sarah preferia acima de todos — guiava um navio à deriva. Nesse momento, seu principal objetivo era ser eleito como governador do estado em dois anos, o qual na prática significava que seu ajudante devia ocupar do entristecedor volume de trabalho ao qual o escritório do interventor enfrentava cotidianamente. O trabalho duro era recompensado com mais trabalho duro, e isso supunha uma contínua rotação de pessoal. De fato, Sarah tinha sido contratada como chefe interina do Departamento de Delitos Graves quando seu chefe, John Carver, sofreu um enfarte no escritório em meados de maio. No departamento ainda esperavam que John voltasse para trabalho; no caso de

não ser assim, Morrison tinha assegurado a Sarah que o cargo seria definitivamente dela. Morrison sabia que podia contar com sua subordinada para realizar o trabalho; enquanto que Sarah, por sua parte, sabia que ele não se meteria nunca em seus assuntos, e ambas as coisas convinham aos dois. Na hora de conseguir seus objetivos, ele era como um tubarão, desumano e agressivo; mas, agora concentrava esse aspecto de sua personalidade fora das paredes do escritório, Sarah o adorava. Naquele momento, quando se dirigia à televisão dando passos, vestido com um traje azul marinho de corte impecável, uma reluzente camisa branca e uma gravata vermelha, recordava um de seus próprios pôsteres de campanha.- Vi isto na zona da enfermaria logo ao entrar. Olhe isto.

Morrison ligou a televisão. Uma série de desenhos animados ocupou a tela. Por um momento, Sarah olhou-o desconcertada. O que queria de lhe dizer? Que era como uma das “Supergarotas”? Aquela não era, certamente, a imagem a que aspirava.

—Pegue o controle remoto — apressou Morrison. Jake fez o que lhe dizia—.Procure o Canal 5.

A tela piscou e Sarah viu a si mesma contemplando quando levavam o Duke algemado para um carro de polícia. Era de noite, o Quik-Pik ficava ao fundo, e a multidão de luzes vermelhas que resplandecia ao redor da cena indicava a presença de muitos mais veículos de emergência nas proximidades.

Era evidente que uma equipe de televisão tinha chegado à cena a tempo de captar, quando menos, um dos sucedidos da noite anterior.

—... Foi identificado como Donald Duke Coomer, um jovem de vinte e dois anos — disse do aparelho Hayley Winston, a loira repórter do Canal 5, a tempo que Duke era colocado sem muitas contemplações no assento traseiro do carro patrulha — que, como vocês mesmos podem ver, acaba de ser detido. E agora, damos espaço a outras notícias...

—Muito tarde, perdemos isso. — Morrison parecia decepcionado—. Passa ao Canal 3, depressa.

Jake obedeceu e Sarah tomou ar com força ao ver-se repentinamente enfrentando a uma granulosa imagem de si mesma empurrando ao Duke e voltando-se depois para agarrar à menina, tão real e sólida como Sarah juraria que era.

“Graças a Deus, não estava louca. Deveria saber desde o início”

A fita — claramente, a fita de segurança do supermercado que o departamento de polícia não tinha posto em adequada custódia carecia de som e as imagens não resultavam muito claras, mas a mente de Sarah supriu imediatamente os detalhes que faltavam. Acabavam de disparar a Mary, a menina gritava...

—... Com um audaz gesto, a ajudante do interventor do distrito do condado do Beaufort, Sarah Mason, salvou sua própria vida e a de uma menina sem identificação durante o roubo a mão armada que se produziu ontem à noite no Quik-Pik, numa franquía localizada na esquina entre o Lafayette Street e a auto-estrada 21...

A tela mostrava o Duke correndo para o Menino Esqueleto, enquanto este dançava convulsivamente sobre a ponta de seus pés. Ambos apontavam muito sérios suas pistolas. Sarah e a menina desapareciam da tela; deviam ter saído já pela porta. A fita só recolhia o que acontecia no interior do supermercado...

—Algumas fontes nos informaram que a polícia foi alertada pela chamada aos 911

que efetuou a senhorita Mason desde seu próprio celular e que a seguir lhe seguiram a pista, primeiro até sua casa e depois até seu carro, que se encontrava estacionado junto à franquia próxima ao lugar onde reside. Os agentes chegaram justo quando estava acontecendo o roubo...

Na tela, o vidro do supermercado quebrava em mil pedaços quase ao mesmo tempo em que um resplendor de luz fazia explosão no canhão da pistola do Duke.

—Temos que conseguir essa fita. —Jake olhou a Sarah—. Entende o que quero dizer?

Sarah o entendia: o lapso de tempo entre o resplendor na boca da pistola de que acabavam de serem testemunhas e a explosão da vitrina era inexistente, ou inclusive inverso: embora se tratasse de segundos, parecia que a cristaleira teria arrebentado antes. Mas também cabia a possibilidade de que o dito resplendor se produziu depois do disparo. Quem poderia dizê-lo? Certamente, Sarah não. Em qualquer caso, o lapso de tempo parecia muito breve como para que a bala do Duke tivesse sido a causa da ruptura do vidro, pensou. Mas ela não era perito forense.

Tinham que consultar um...

A cara da Mary apareceu de repente na tela. A fotografia parecia ter sido tirada de uma carteira de motorista ou algo do estilo, ao vê-la, Sarah sentiu que lhe encolhia o estômago.

—Mary Jo While, de cinquenta e sete anos, foi assassinada durante o roubo. A senhora While estava quase dois anos trabalhando no Quik-Pik Deixa depois dela...

—Desligue — disse Sarah, fechando os olhos. Não queria saber nada mais sobre a Mary, sobre a vida que lhe tinham arrebatado, sobre a família que deixava a suas costas. Mais tarde, talvez; mas nesse momento não. Nesse momento não podia suportá-lo.

—... Três filhos e quatro netos. Ela...

O telefone do Morrison começou a soar.

—... Era uma viúva que trabalhava de noite na loja para poder ocupar-se de seus netos durante o dia. Ela...

—Desliga.

Forçar a voz para que a ouvissem lhe causou uma nova pontada na cabeça; o qual, entretanto, não foi tão doloroso como as notícias que acabava de escutar. Sarah representava diariamente às vítimas de crimes violentos, de forma que o terrível destino da Mary não deveria lhe haver afetado tanto. Os breves minutos de terror que ambas tinham compartilhado antes da morte da caixa as tinham unido. Sarah sentia sua morte como uma perda pessoal. Aquilo era mais do que podia suportar àquele dia, ou ao menos àquela manhã em que se sentia ferida, vulnerável e em que tratava de dar algum sentido a tudo que tinha acontecido.

A televisão se apagou, por cortesia de Jake, que seguia com o controle na mão.

No repentino silêncio que se produziu a seguir, Sarah ouviu que Morrison dizia pelo telefone:

—... Deve ter organizado. Um morto atrás de outro. Bom, ao menos não se trata de nós. Sim, mantenha informado.

Sarah abriu os olhos no preciso instante em que ele desligava o telefone, e viu que seu chefe franzia o sobrecenho preocupado.

“Alegrou-o que, ao menos, alguém possa fazê-lo.”

—O que aconteceu? —perguntou Jake.

Mas Morrison olhava para Sarah.

—O tipo que meteram no cárcere, que estava envolvido no roubo do Quik-Pik, enforcou-se na cela faz aproximadamente uma hora. Donald Coomer. Acabam de encontrar o corpo.

Sarah demorou um segundo para notar que se referia a Duke.

Capítulo 4

—Merda! —exclamou Jake.

Morrison encolheu os ombros e guardou o celular no bolso de sua jaqueta.

—Sabemos que foi ele o culpado. O crime ficou gravado na fita. Sem dúvida, teria recebido a pena de morte. O que aconteceu tão somente adianta o que, com toda probabilidade, teria sido de todas as formas o final desta história; e o condado economiza, além disso, os gastos inúteis de um processo.

—Todo este assunto cheira mal. — Jake sacudiu a cabeça. - Suicídio no cárcere, ora! Quando um detento morre o mais normal é ter que agradecer a outro detido ou a um policial, e você sabe tão bem como eu.

—O outro tipo, seu companheiro, estava sob o efeito da droga — disse Sarah—.

Completamente drogado. Pode ser que Duke também o estivesse. Talvez se afundasse. Talvez se afundasse e, ao ver o que enfrentava, decidiu fazê-lo.

Jake não parecia muito convencido.

—É possível, mas não seguro.

—Assim pensa que se trata de um assassinato? — Morrison parecia cético. - E que a esse indivíduo mataram em represália por ter disparado em Sarah?

Jake e Sarah se olharam. Dada à investigação que nesses momentos estava tendo lugar, ambos concordaram silenciosos que a resposta era não.

Apesar de que isso deixava uma infinidade de possibilidades abertas.

—Independentemente do que acontecesse, é outro golpe para a administração do King.

Face à expressão carrancuda do Morrison, Sarah percebeu em suas palavras certa ironia dissimulada. Seu chefe e Franklin King, o prefeito do Beaufort, estavam enfrentando uma guerra sem quartel pela candidatura a governador do Partido Democrata. E, dado que os habitantes da Carolina do Sul eram fanáticos votantes deste partido, dava-se por sentado que o candidato do mesmo ganharia as eleições. Os republicanos, como muito, faziam candidato ao cargo de governador em cada cinco eleições. Sarah estava convencida de que esse era o motivo pelo que Morrison não tinha feito nenhuma objeção quando ela pressionou para se encarregar do caso de Crystal Stumbo: o departamento de polícia era um fiel aliado do prefeito. Derrubado um, o outro cairia antes de acabar a partida. E se Morrison desejava algo de verdade era derrubar o prefeito.

—Pode ser que o sujeito encarregado de vigiar o roubo fosse detido ontem à noite acusado de outra coisa. — Jake parecia estar pensando em voz alta. Sabia que se algum de seus companheiros contasse, podia enfrentar à pena de morte. Essa é razão mais que suficiente para matar a um companheiro, não lhes parece? O outro imputado segue sob vigilância policial vinte e quatro horas ao dia, verdade?

—Sim, como Sarah. —Morrison olhou para o Jake. - Continuo pensando que, dadas as circunstâncias, o suicídio é a possibilidade mais plausível, mas nunca se sabe. Vou averiguar quem mais se encontrava nos arredores quando Coomer morreu, queres?

Jake assentiu com a cabeça.

—Farei isto.

—De verdade pensam que necessito proteção policial? — Sarah quase esqueceu não franzir o cenho ao fazer essa pergunta ao Morrison.

Ainda se sentia um pouco aturdida, à margem de tudo que estava acontecendo, mas nem por isso deixou de experimentar um breve calafrio de medo frente àquela ideia. Curiosamente, quase agradeceu a sensação. Como os primeiros brotos da primavera, aquela preocupação por conservar a vida podia ser um sinal de que, por fim, estava retornando a ela.

—Provavelmente não, especialmente agora que Coomer saiu de cena. Ele e esse outro tipo, Maurice Johnson, que, por certo, logo resultou ser primo do Coomer, supunham uma ameaça para o terceiro do grupo, mas não para ti. Não viu quem te disparou?

—Não.

—Então é quase seguro que não corre nenhum perigo. — Morrison encolheu de ombros e fez uma careta. Quando lhe trouxeram para o hospital ontem de noite havia tanta confusão que todos pensamos que o melhor era te colocar sob custódia para não lamentá-lo depois.

—Bem pensado — disse Jake em tom seco.

Sarah o ignorou igual à Morrison. Nesse momento, a Sarah só interessava seu chefe.

—A menina que havia no supermercado, a que acaba de ver na fita, está sob proteção policial?

Morrison fez um gesto negativo com a cabeça.

—Isso eu não sei. Ninguém me havia dito uma palavra sobre essa menina. Não sabia nada dela até que vi essa filmagem. — Seu celular começou a soar de novo.

Morrison respondeu, escutou e disse um “Sim, já vou”; ato seguido desligou-o e olhou a Sarah e a Jake—: Bom, tenho que partir. — Enquanto o fazia, elevou uma mão em sinal de despedida—: Lugares para que acudir, coisas a fazer. Já sabem como é isto, sempre ocupado. Alegra-me que o de ontem à noite não fosse muito sério, Sarah.

—A todos nos alegra — corroborou Jake em tom, ainda mais seco.

—Espera. — Inquieta Sarah trocou de posição para ver seu chefe enquanto saía do quarto, o que lhe valeu toda uma série de dores do mais variado tipo disparassem as flechas. Morrison se deteve com uma mão no trinco e se voltou a olhá-la inquisitivamente. - Supõe-se que deveria estar no tribunal as nove — disse Sarah—.

“Parker contra Carolina do Sul.” A juiz é Liz Wessel, e já sabe como fica quando alguém não comparece. Diga-me que mandou um substituto.

Morrison agitou uma mão em sinal de despedida.

—Mandei o Duncan. Ela o adora. Pedirá um adiamento. Não deveria haver nenhum problema, todos sabem o que te aconteceu. — Sorriu-lhe. - É um modo de tirar brilho à imagem do escritório. A televisão passará essa filmagem durante dias. A ajudante do interventor do distrito salvando a uma menina: relações públicas sem mover um dedo.

Dito isso, saiu pela porta. Sarah viu como esta se fechava a suas costas; então dedicou ao Jake, que seguia junto à cama, um radiante sorriso de vitória.

—Disse que havia uma menina.

Jake esboçou também um leve sorriso.

—Jamais o duvidei.

—Sim, claro. — Sarah o olhou com certa severidade e, ato seguido, suspirou voltando a mudar de posição para ficar mais cômoda. - Basta-me com que averigue o que lhe aconteceu, quer? Suponho que não lhe atiraram.

-se foi assim, teria já me informado. E a televisão falaria sobre isso.

—Isso mesmo, acredito eu.

—Pode ser que voltou correndo para sua casa. Uma menina tão pequena, o mais provável é que estivesse aterrorizada.

“Aterrorizada. A menina se sentia aterrorizada.” Sarah ainda podia ver seu olhar... E ouvir seus gritos.

Fez um grande esforço para tirar aquelas imagens de sua mente e se concentrou nos escassos elementos de informação de que dispunha.

—Conhecia a Mary. Quando lhe dispararam, saiu como um raio de debaixo da mesa gritando seu nome.

—Algo terrível, para ser presenciado por uma menina.

—Sim. —Sarah inspirou profundamente, e fez quanto pôde para tirar aquela lembrança de sua mente. “Algo terrível, para ser presenciado por qualquer um.”

Um golpe seco na porta anunciou a chegada da enfermeira, que entrou na habitação antes que Sarah ou Jake pudessem dizer nada.

—Como estamos esta manhã? —A mulher dedicou a Sarah um radiante sorriso.

Era alta, gordinha, com o cabelo castanho e muito curto. Com uns óculos com aros de tartaruga marinha e um pijama cirúrgico de cor azul, empurrava um abarrotado carrinho de metal cujas rodas chiavam ao deslocar-se—. Aqui trago o café da manhã e, além disso, tenho que lhe fazer um pequeno exame...

—Estou bem, muito bem — respondeu-lhe Sarah distraída, enquanto observava que Jake deixava passar à enfermeira.

—Parto— disse seu amigo, no momento que aquela mulher colocava em Sarah um termômetro debaixo da língua e, continuando, agarrava-lhe a mão para tomar o pulso—. Voltarei mais tarde. Abbott está aí fora, junto à porta, se por acaso precisar.

Abbott era o agente encarregado de vigiá-la. Conhecendo a repugnância que Jake sentia pelas injeções e por tudo aquilo que, em geral, tivesse que ver com a medicina, Sarah surpreendia que seu amigo tivesse permanecido ao seu lado durante tanto tempo. Devia estar realmente preocupado por ela.

—O soro vai bem?

Apertou no braço ao redor do ponto onde Sarah tinha a agulha cravada para assegurar-se de que esta seguia em seu lugar, sob o esparadrapo. Jake empalideceu e se precipitou para a porta.

—Sim, muito bem. Jake — disse ao seu amigo em tom premente.

Jake quase tinha saído.

—Sei — respondeu-lhe, olhando-a por cima do ombro—. Encontra à menina.

—Isso, obrigado. —Quando Jake apoiava a mão no trinco, Sarah recordou algo de repente—: OH, Meu deus, Jake. —Jake voltou de novo à cabeça para olhá-la, arqueando as sobrancelhas—. Cielito, te importaria de passar por minha casa para tirá-lo um momento? E poderia lhe dar de comer?

—Por que eu? —grunhiu Jake.

—Porque está aqui. Porque é meu melhor amigo. Porque tem a chave de minha casa — enumerou-lhe Sarah no tom mais persuasivo de que era capaz. Também teria bater as suas pestanas ao olhá-lo se tivesse podido; mas tinha chegado já ao ponto que não lhe custava recordar a regra que a obrigava a não mover a parte superior da cara. Além disso, a enfermeira estava lhe arrumando a bandagem que tinha ao redor da cabeça e por isso era preferível não fazer nenhum movimento brusco nesse momento—. Porque não voltei para casa desde que saí dela ontem de noite para ir ao supermercado e a estas horas, Cielito deve ter uma necessidade urgente de sair.

Porque te adora.

Jake soprou.

—Como dizes?

Jake apertou os dentes. Sarah esboçou um leve sorriso: como boa advogada que era, sabia reconhecer uma rendição à primeira vista.

—Deve-me uma — disse-lhe seu amigo.

—Sei. Muitas. Obrigado.

—Está rindo de mim?

—Não, é obvio que não. Além disso, se o fizesse doeria minha cabeça. —De repente, voltou a recordar outra coisa e ficou séria—: Ah, isto... Importaria-te de parar em algum lugar caminho de casa para comprar um pouco de comida para cães?

Não tinha nada. De fato, essa é a razão pela qual ontem à noite fui ao Quik-Pik.

—Já te disse alguma vez que me deixa aflito?

—Umás tantas.

Sarah se deu conta de que suas palavras estiveram a ponto de fazer Jake sorrir, que, não obstante, abandonou a habitação antes de sucumbir.

—Gosta de Friskies — recordou-lhe ao sair. Depois, com um suspiro, ficou nas mãos da enfermeira.

O problema com o Cielito era que, na realidade, não fazia honra ao seu nome. Seu cerca de quarenta quilos de inércia se acrescentava como condimento, uma generosa dose de mau humor. Mas Jake podia entender seu mau caráter. O cão era feio com F maiúsculo, o tipo de cão valentão que alguém imagina ver no ring ou defendendo a plantação de maconha de um alienado, e que, em troca, viu-se obrigado a passar seus nove anos de vida respondendo em público no nome do Cielito. A humilhação que isso lhe produzia devia ser enorme. Ao Jake bastava imaginar-lhe para quase ser capaz de desculpar ao Cielito o asco com o que sempre olhava o mundo que o rodeava.

“Quase” sempre.

Jake se sentiu obrigado a fazer aquela colocação, enquanto entrava com cautela na modesta casa de tijolos — a única que sua amiga tinha podido comprar dado que, em qualquer outro apartamento, condomínio ou casa em aluguel lhe teria negado a possibilidade de mudar-se com o Cielito — e era recebido por um grunhido suscetível de lhe pôr arrepiado.

—Olá, Cielito. Olá.

Enquanto fechava a porta as suas costas sem acabar tê-las consigo — pouco importava que o considerasse uma galinha (como teria pensado Sarah), mas aqueles ferozes grunhidos lhe infundiam a necessidade de sair correndo o quanto antes possível dali, Jake percorreu com o olhar o pequeno vestíbulo em busca do querido mascote de sua amiga; logo se dirigiu à cozinha que, como o resto da casa de estilo rancheiro, era extremamente espartano. Paredes brancas e lisas, carentes de quadros, espelhos ou qualquer outro tipo de decoração. Venezianas, em lugar de cortinas. Chão de piso escuro. Apenas uns móveis.

O indispensável, sem comodidades.

Assim era Sarah.

Jake acabou de tragar os últimos restos da barrinha do Snickers que tinha pegue no caminho para casa de Sarah no Mini-Mart do Thornton, terminou o café que continha a xícara de plástico da que se havia comprado no mesmo lugar, e com isso se deu por tomado o café da manhã. Enquanto colocava a sacola do Friskies sobre a dura superfície da mesa — que era branca, como os eletrodomésticos, enquanto que os armários e a mesa retangular com suas quatro cadeiras eram feitas com algum tipo de madeira escura, elevou os olhos para olhar o relógio que se encontrava em cima da geladeira. Eram nove e vinte e cinco. Meu Deus, com tudo o que tinha por fazer. O bom de trabalhar por sua conta era, sem dúvida, a flexibilidade de horários. O mau era que precisava trabalhar para comer. Ou para pagar a conta da luz. Ou a hipoteca. Ou as folhas de pagamento. Ou... A lista era interminável.

Antes das cinco da tarde devia apresentar ao Morrison os resultados de suas indagações sobre o caso Perry, o que suportava reconstruir a sucessão de feitos que conformassem o elemento principal do álibi de um suspeito de assassinato.

Antes das cinco da tarde, devia entregar à companhia de seguros Fortis um dossiê completo sobre a banda que se dedicava a encher de gente carros que tinham já uns quantos anos e a entrá-los nas autoestradas onde, uma vez imersos no tráfico, freavam de repente para que colidissem com eles por detrás e assim podiam reclamar pelos prejuízos causados aos ocupantes do veículo. Antes das cinco da tarde, devia enviar ao Eli Schneider, um importante advogado da localidade, o relatório sobre as atividades amorosas da futura ex-mulher de um de seus clientes.

E isso era o mais importante que seu pobre cérebro necessitado de sono podia recordar no momento. Estava seguro de que no escritório o aguardavam uma infinidade de coisas mais.

E, além disso, estava Sarah. Como sempre.

A lembrança do inferno pelo que tinha passado à noite anterior ao saber que lhe tinham atirado lhe resultava insuportável. Tinha chegado ao hospital molhado de suor. Seu nervosismo nem sequer se acalmou quando os doutores lhe tinham assegurado que o dano causado pela bala não era grave. Então tinha começado a perguntar-se pelo possível autor daquele disparo e pelo

celular do mesmo. Em sua opinião, a possibilidade de que alguém tivesse querido encobrir com aquele roubo um autêntico intento de assassinato era remota, mas não descabelada. A probabilidade de que o terceiro autor do roubo, caso houvesse um terceiro, queria eliminar a uma testemunha que nem sequer o tinha visto era igualmente remota, mas não por isso descartável. Não obstante, depois de ter refletido sobre o acontecido e de ter incorporado aos fatos a morte do Donald Coomer, lhe tinha ocorrido uma nova explicação. Talvez o terceiro assaltante, que se encontrava fora do supermercado, ao ver que os acontecimentos se precipitavam tivesse querido eliminar a todos aqueles que pudessem identificá-lo antes de fugir; talvez tivesse querido disparar ao Coomer e ao outro tipo, seu primo, e tivesse ferido a Sarah por engano. O... O certo é que não deixava de lhe dar voltas às possíveis hipóteses. A única testemunha que ainda seguia com vida, além de Sarah, era a menina que aparecia no vídeo e que, por sorte, ao final tinha resultado ser de carne e osso. Tinha que encontrá-la quanto antes, tanto para sua tranquilidade como para a de Sarah. Não era muito provável que quem quer que tenha disparado em sua amiga queria eliminar também as testemunhas que jamais o tinham visto e estivesse, em consequência, caçando a menina; mas tampouco era impossível. Para voltar a respirar com tranquilidade, para tirar aquele peso de cima e acabar com aquela quebradeira de sua cabeça, tinha que encontrar a resposta a todas e cada uma daquelas perguntas.

E, enquanto isso tinha que procurar que a vida de Sarah não corresse perigo.

Mas em lugar de ficar a remediar tudo aquilo, aqui estava atendendo o assunto prioritário da agenda daquela manhã: dar o café da manhã e tirar para mijar ao maldito cão de sua amiga.

Era hora de confrontar a realidade: quem podia falar de submissão?

Ele mesmo.

—Cielito! Vêem aqui, moço.

Do vira-lata não havia nem rastro. Um grunhido grave e ameaçador lhe confirmaram que Cielito estava vivo, em algum lugar ao alcance do ouvido, e que sabia de sua presença. O som provinha do extremo mais afastado do vestíbulo, onde se encontravam os dois dormitórios da casa: o da Sarah, onde era provável que Cielito se escondeu, e o quarto de convidados. Jake conhecia com perfeição este último, já que tinha passado nela à noite em mais de uma ocasião. Noites nas que estava muito bêbado para dirigir até sua casa; ou aquelas nas que Sarah tinha necessitado que ele permanecesse a seu lado. Noites nas qual um deles tinha feito horas extras para proteger a prudência do outro.

Mas Jake sempre tinha dormido no quarto de convidados, jamais na cama de sua amiga.

Fazia muito tempo que se proibira de relacionar Sarah com o sexo. Com o passar dos anos, e obrigado a que ele teria apressado a depurá-los em caso de que se mesclaram ambos os conceitos tinham acabado por ser reciprocamente excluídos.

Por sorte, Jake não precisava deitar-se com a Sarah. Havia muitas outras mulheres com quem podia fazê-lo e com quem, de fato, o fazia. Quanto a sua amiga, pelo que sabia não se deitou com ninguém nos sete anos que se conheciam.

E Jake não estava muito seguro de sua reação caso ela o fizesse.

Já enfrentaria a isso quando acontecesse se é que alguma vez chegava a passar, pensou com ironia enquanto abria a porta traseira. No momento, e até onde sua mente alcançava a imaginar,

eles seguiriam sendo “Amigos Para sempre”, tal e como lhe tinha escrito ela humoristicamente no cartão que lhe tinha mandado fazia um mês, quando ele tinha completo trinta e nove anos. Quando a leu, fez uma careta e esteve tentado de lhe perguntar: “E o que passaria se te dissesse que estou farto de que só sejamos bons amigos?”

Mas não o fez e a ocasião se perdeu. Depois, ambos estiveram muito ocupados e... A noite anterior, alguém tinha disparado em Sarah.

Cedo ou tarde teria que extrair alguma conclusão sobre o modo em que tinha reagido a aquele sucesso, mas já o faria quando tivesse mais tempo... E a mente mais limpa.

No momento continuava ali, ocupando-se do Cielito. Quão único podia fazer era tratar de acabar quanto antes com aquela obrigação.

—Cielito — cantarolou, sentindo-se como um idiota.

Isso era o único que se podia conseguir de uma mulher quando a gente era o seu “Melhor Amigo Para sempre”: todos os quebra-cabeça e nenhum dos privilégios.

Maldita seja, se na verdade Cielito estava de tão mau humor como parecia, era muito provável que tivesse que sair correndo daquela casa nos próximos minutos.

—Toma Cielito.

O ameaçador repicar de umas garras o pôs em alerta: Cielito se tinha colocado em movimento.

Jake abriu a porta e a sustentou de forma que, quando o cão fizesse sua aparição, pudesse sair diretamente por ela. O pátio traseiro era pequeno e estava limpo e cercado; na realidade, duplamente cercado. Várias cadeias sujeitavam a perto de quase dois metros de altura que tinha sido recentemente instalada e que demarcava o lugar em três pontos. Os novos vizinhos que viviam na casa da esquerda tinham um gato. Um gato ao que mimavam e adoravam e ao que Cielito considerava seu Santo Gral. Desde aí a necessidade de reforçar bem a cerca: evitar que a tentação do cão fosse além da mera contemplação.

Ao Jake não parecia tão terrível que Cielito pudesse chegar a almoçar o gato algum dia. Mas, como não podia ser menos, Sarah não compartilhava absolutamente essa opinião.

Uma rápida olhada ao seu relógio confirmou que eram já mais das nove e meia.

Embora sentisse que sua impaciência ia aumentando, fez o possível para que a mesma não se manifestasse em sua voz. Além de ser feio e ter um terrível caráter, Cielito era capaz de perceber o estado emocional dos humanos que o rodeavam.

Sarah assegurava que era muito sensível, embora cada vez que a ouvia descrever o seu cão desse modo, Jake não podia evitar pôr os olhos ao nada. Porque o certo era que, quando Cielito não se sentia querido, era perfeitamente capaz de dar meia volta e retornar como uma exalação ao lugar de onde tinha saído para permanecer nele até que o obrigassem a sair dali à força. Ao pensar que talvez tivesse que tirá-

lo de debaixo da cama com a ajuda de, suponhamos por caso, uma vassoura, ele estremeceu. Aquele era um lugar ao que Jake preferia não ir a menos que não houvesse mais remédio.

—Vamos, Cielito!

Embora acreditasse que sua voz conservava ainda certo tom adoçado, era evidente que algo

desafinava nela porque Cielito, que nesse preciso momento virava no canto, respondeu-lhe com um aterrorador grunhido enquanto procedia a lhe mostrar umas presas brancas e resplandecentes que teriam feito empalidecer de inveja à fera protagonista do filme Chantagista.

—Cão bom — disse Jake, mentindo entre dentes. Moveu a cancela a modo de convite—. Quer sair?

Cielito titubeou, sem deixar de grunhir e de olhar fixamente ao Jake com seus olhos negros, como o faria um mafioso ao descobrir a um possível infiltrado do FBI.

Jake fez uma careta, recordou-se a si mesmo que seu orgulho masculino lhe impedia de abandonar seu posto e amaldiçoou mentalmente a sua amiga por ter escolhido como mascote a um animal como aquele, cuja cabeça era como a de um pitbull e seu musculoso corpo, como o de um rottweiler. Cielito tinha o cabelo eriçado e em sua maior parte negro, embora salpicado com algumas manchas marrons. Suas garras eram do mesmo tamanho que as mãos da Sarah. O rabo era comprido e grosso e permanecia sempre baixo; nada que ver com o estúpido meneio de cauda que caberia esperar em um cão que respondia no nome do Cielito. O mascote de sua amiga não era, certamente, o tipo de animal que fazia essas coisas.

Mas Sarah o adorava. E Jake era capaz de entender a razão. Ela e Lexie o tinham resgatado do canil quando era um cachorrinho de seis meses que tinha sido repetidamente maltratado. Lexie o tinha chamado Cielito (o que, como nome, não deixava de constituir o maior dos enganos). Apesar de ter recebido depois todo tipo de cuidados, Cielito nunca tinha deixado de desprezar a raça humana. Em especial, aos membros masculinos da mesma.

Mas Cielito adorava a Sarah e era muito provável que também tivesse adorado a Lexie.

O qual supunha uma razão mais que suficiente para que Jake se encontrasse nesse momento na incolor cozinha de Sarah tratando de enganar aquele imbecil para que saísse ao pátio e fizesse uso de sua árvore preferida.

—Fora, Cielito.

Jake voltou a mover a cancela, embora esta vez com algo mais de energia.

Cielito, que o conhecia perfeitamente, tal e como demonstrava sem cessar, e a quem este fato não parecia impressionar no mínimo, deixou de grunhir e avançou para a saída com as patas muito rígidas. Seu olhar era ainda malévolo, e seguia mostrando uns dentes brilhantes e ameaçadores; mas, ao menos, tinha deixado de grunhir.

Quando passou por diante de Jake, lhe esticou o lombo, como se estivesse esperando um golpe; Jake, por sua parte, também se estirou e rezou sem perder tempo pelo bom estado de suas panturrilhas nuas. Mas a tensão entre ambos se manteve e o cão saiu furtivamente pela porta, cruzou o alpendre e baixou as escadas sem maior problema. Jake exalou um suspiro de alívio e fechou o biombo.

Para ouvi-lo, Cielito se voltou para olhá-lo e, continuando, elevou a pata encantado sobre a madressilva que havia ao fundo da escada.

Jake teve a sensação de que lhe apitavam os ouvidos.

O seguinte obstáculo seria obrigar ao animal a voltar a entrar, embora preferisse deixar esse problema para mais tarde. Enquanto isso, Jake colocou uns Friskies no prato do cão, encheu-lhe a vasilha de água, deu uma olhada através da cancela para assegurar-se de que Cielito estava

fazendo o que se supunha que tinha que fazer em lugar de morder ao gato e, continuando, encaminhou-se de volta ao banheiro que havia ao final do corredor para satisfazer suas próprias necessidades naturais.

Ouviu-o quando estava a metade de caminho: um débil toque de campainha que nunca antes tinha ouvido em casa de sua amiga. Que demônios?

Seus passos se foram fazendo mais lentos franziu o sobrecenho e aguçou o ouvido.

“Whem you wish upon a star...”

Passados uns minutos, reconheceu a melodia, em que parecia que a versão resultava gasta e incomum. Ao tomar de novo fôlego, saiu na conta de que provinha da casa de Sarah; de detrás da porta fechada de seu dormitório, para ser mais preciso.

A mesma porta que ela sempre deixava aberta porque ao Cielito adorava tomar de vez em quando uma sesta debaixo de sua cama.

A estranha vibração que o tinha mantido com vida durante seus nove anos como agente do FBI lhe fez tremer as vísceras. A música era inofensiva, uma lastimosa melodia infantil; mas que soasse ali, naquele preciso instante, na casa da Sarah onde, em teoria, não havia ninguém, lhe pôs a pele arrepiada. Sem saber muito bem como ou por que, estava seguro de que algo sinistro espreitava detrás da porta.

Instintivamente, fez gesto de agarrar seu Glock, que no passado tinha sido uma prolongação mais de seu corpo, como um de seus braços, ou uma perna; e então recordou que, como sua nova vida como investigador privado era muito mais tranquilo, nos últimos tempos estava acostumado a ter guardada sob chave na gaveta de seu escritório.

“Merda.”

Podia voltar de carro ao escritório, recuperá-la e retornar a casa de sua amiga.

Podia chamar à polícia e fazer que revistassem a casa.

Ou podia utilizar como arma a ridícula navalha que levava no bolso, aproximar-se até a porta com três pernadas e entrar de repente no dormitório de sua amiga.

Em qualquer caso, era muito impaciente para optar pelo primeiro e muito macho para decidir-se pelo segundo. Ou muito estúpido. Pouco importava.

Contendo o fôlego, sem deixar de ouvir aquela música que para o momento percebia já como algo absolutamente misterioso, tirou a navalha do bolso e a abriu.

Não era grande, mas era sua e sabia manejá-lo se fosse o caso. Com ela na mão, dirigiu-se para o final do vestíbulo procurando não fazer ruído, girou o trinco e abriu de repente a porta.

A impressão o deixou paralisado.

Capítulo 5

Os brinquedos estavam jogados em qualquer parte. Uma Barbie. Um Corvette rosa de plástico de mais de meio metro de comprimento. Uma varinha mágica. Um espelho de mão arroxeadado com flores que se retorciam ao redor do cristal. Um cavalo negro fazendo uma cambalhota. Um unicórnio de pano.

“Whem you wish upon a star...”

A horripilante melodia seguia penetrando nos ouvidos de Jake quando este se deu conta do que estava vendo: os brinquedos da Lexie. Estes tinham permanecido guardados durante anos no armário de Sarah sem que ninguém os tocasse. O lado esquerdo do móvel, de portas trilhos de espelho, estava entreaberto. A enorme caixa azul em que sua amiga tinha guardado os brinquedos estava derrubada de lado e o papel de seda se esparramou pelo chão escuro, como flocos de neve. Jake divisou a tampa meio oculta debaixo da cômoda, virada ao reverso.

Sentiu as bochechas geladas e pensou que a habitação estava estranhamente fria. Fantasmagoricamente fria.

“Controle-te, Por Deus. Isto se deve ao ar condicionado e à porta fechada.”

No dormitório não havia nada, nem ninguém.

Jake bastou dar uma olhada ao redor para impressioná-lo: a menos que houvesse alguém escondido sob a cama ou ao outro lado do armário, o quarto estava vazio. Ao igual ao resto da casa, o dormitório da Sarah era pequeno e estava simplesmente mobiliado. A cama de casal estava colocada contra a parede justamente em frente da porta e entre uma janela de guilhotina dos anos cinqüenta. A cabeceira era lisa e de madeira de carvalho, e a colcha branca que a cobria chegava até o chão. Como não podia ser menos, tratando-se de Sarah, a cama estava feita com todo esmero.

As persianas estavam fechadas de forma que, apesar de que o sol resplandecia no exterior, o quarto se encontrava quase às escuras. Sobre a mesa de noite da direita havia um abajur, um despertador e um livro. Justo frente à cama havia uma cômoda de carvalho com um espelho retangular no alto. Os objetos que tinha apoiados sobre a mesma estavam perfeitamente alinhados. Na habitação não havia mais móveis. Em caso de que Jake tivesse interrompido um roubo, era evidente que os ladrões só tinham pinçado no armário.

“Não. Retificou: na caixa de brinquedos que havia no armário.”

“Está bem, mas isso é muito estranho.”

O que estava claro era que nenhum assaltante seria capaz de esquivar ao cão.

A menos que, talvez, este tivesse entrado na casa pela janela e tivesse fechado a porta enquanto Cielito se encontrava fora da habitação.

Para entreter-se depois com os brinquedos da Lexie?

Ao Jake custava aceitar aquela ideia. Até que ponto era improvável?

Mesmo assim...

Jake se dirigiu precavido para as janelas e as examinou: ambas estavam fechadas e com o ferrolho. Depois se encaminhou para o armário e, tratando de não tocar a caixa derrubada ou as bolas de papel que tinha jogado por toda parte, abriu o lado direito deste o suficiente para poder dar uma olhada em seu interior. O

móvel não era muito profundo, não se podia entrar nele; por isso lhe bastou uma olhada para comprovar que ali não havia ninguém escondido. Pelo visto, tudo estava em seu lugar. A roupa de sua amiga seguia pendurada da varinha seguindo uma graduação das cores neutras que Sarah estava acostumada a escolher para seus vestidos. Seus sapatos — uns seis pares que iam de esportivas aos sapatos do meio salto e que, em qualquer caso, não eram nada sofisticados — estavam colocados sobre uma pequena prateleira que havia na parte posterior do armário. O suporte que havia no alto estava ocupado por uma fileira de caixas de plástico dispostas em perfeita ordem.

Antes que a tirassem, a caixa de brinquedos que se encontrava no chão da parte esquerda do armário. Jake sabia por que tinha visto sua amiga colocá-la ali. Que ele soubesse ninguém havia tocado durante os quatro anos que tinham passado desde então.

E agora alguém tinha aberto o armário, derrubado a caixa e esparramado pelo chão seu conteúdo.

A pergunta era: quem?

Sem deixar de dar voltas, Jake se ajoelhou para dar uma rápida olhada debaixo da cama. Mas ali não havia nada, nem sequer um pouco de penugem; excetuando, certamente, o velho leito de felpe no qual gostava de dormir Cielito.

“Whem you wish upon a star...”

A melodia chegava de novo a seus ouvidos. Jake apertou os dentes, levantou-se e tratou de precisar o lugar de que provinha: o unicórnio de pano.

O brinquedo estava derrubado no chão. Ao agarrá-lo, a música se deteve.

Jake se estremeceu ao olhá-lo. Era, claramente, o brinquedo de um menino muito pequeno; do focinho aveludado até a cauda de tecido iridescente, devia medir uns trinta centímetros, como veludo de cetim até a ponta de seu resplandecente corno de ouro. Salvo o corno, o laço de cetim que tinha pacote ao redor do pescoço e os olhos de cristal azul cujas pestanas chapeadas eram incrivelmente largas, todo ele era branco, de veludo e cetim. Jake notou que havia algo duro sob o tecido, no meio, e supôs que se tratava do mecanismo que fazia soar aquela música. Entretanto, não viu nenhum botão ou interruptor, ou qualquer outro meio para pô-la a andar ou apagá-la; mas quando lhe deu a volta ao brinquedo para controlar a parte inferior do mesmo, a melodia soou uma vez mais.

“Whem you wish upon a star...”

De algum jeito, e dado o contexto, aquele agudo toque de campainha estava a ponto de tirar a sua paciência. Fazendo um esforço por controlar-se, Jake voltou a lhe dar a volta ao unicórnio. A horripilante melodia parou. Provou de novo para certificar-se: estava claro que a música começava a soar quando o inclinava e se detinha quando voltava a estar reto.

Nas mãos de um menino, aquele brinquedo tinha que resultar insuportável. Jake estava seguro de que muito antes de ver-se obrigada a colocá-lo na caixa, Sarah devia estar já farta dele.

Mas agora se tratava de averiguar a razão de que tanto o unicórnio como os restos dos brinquedos estivessem dispersos pelo escuro chão do dormitório de Sarah, em lugar de estar bem guardado na caixa que sua amiga guardava no armário.

As teria derrubado Cielito ao entrar, de uma maneira ou outra, na caixa de brinquedos? Não

parecia muito provável. Igual no tocante a menear a cauda, Cielito não pertencia a esse tipo de cães. Por isso ele sabia, a vida do Cielito consistia em comer, dormir, grunhir ameaçadoramente e sair à rua. Assim de brincalhão tinha bem pouco.

Jake olhou o brinquedo pensativo.

Era impossível que tivesse acontecido depois de que ele entrasse na casa. Teria ouvido entrar ou sair ao ladrão. A casa era muito pequena. Se o responsável por aquilo era um ser humano, tinha que havê-lo feito antes de sua chegada, pode ser que a noite anterior, enquanto Sarah estava no hospital.

A menos que o tivesse feito ela mesma.

Jake percorreu o quarto com o olhar uma vez mais. Os brinquedos estavam espalhados de qualquer maneira sobre o chão, como se um menino desordenado tivesse aberto a caixa e tivesse arrojado fora dela todo seu conteúdo. Jake custava imaginar-se que Sarah, a super organizada Sarah, para quem aqueles objetos tinham um enorme valor, fazendo uma coisa assim.

Embora, por outra parte, também lhe custava imaginar-se a um ladrão realizando um ato semelhante. Em sua opinião, todo aquilo carecia de sentido. Em qualquer caso, não havia sinais de que tivessem entrado a força na casa. O qual o fazia pensar novamente no Cielito. Jake tinha enfrentado pessoalmente a inumeráveis valentões armados com pistolas, desde delinquentes falsos até traficantes de armas e drogas ou a criminosos de pescoço branco com muito mais que perder do que ele seria capaz de ganhar em dez vistas; mas aquilo não era nada comparado com um fugaz encontro com aquele cão.

E isso que conhecia o Cielito desde há vários anos, e lhe orgulhava saber que se encontrava na reduzida lista de pessoas às que o cão não detestava.

Assim, qualquer desconhecido que tivesse ousado entrar na casa de sua amiga e tropeçou com o Cielito teria saído dela antes inclusive de ter recuperado o fôlego.

O que não fazia a não ser descartar a possibilidade de um ladrão obcecado pelos brinquedos.

Mas se não se tratava de um roubo e Sarah tampouco era responsável, o único que ficava era o cão. Era uma simples questão de detecção rápida: basta eliminar todo aquilo que é impossível que tenha acontecido para determinar o que tem que ter acontecido, por muito improvável que pareça.

E a ele, depois de efetuar aquela operação, ficava o cão.

Alguém tinha fechado a porta da habitação.

O qual supunha um problema: se Cielito era o causador do acontecido como tinha entrado na habitação?

Entretanto, cabia a possibilidade de que a porta estivesse aberta. Sarah sempre a deixava assim, por isso era provável. Talvez o cão se entusiasmasse tirando as coisas de Sarah do armário e tivesse fechado a porta de alguma ou outra maneira.

Possivelmente tivesse saído correndo da habitação com, suponhamos um dos brinquedos na boca. Ou com qualquer outra coisa.

Imaginar ao Cielito afetado por uma mudança radical de personalidade podia resultar um pouco forçado, mas Jake não conseguia explicar-se de outro modo à cena que tinha na frente seus

olhos.

A menos que se tratasse de Sarah.

Jake temia esta última possibilidade, já que a mesma supunha toda uma série de implicações que preferia ignorar.

Um bom modo de saber era, simplesmente, perguntando-lhe.

Jake fez uma careta. Se Sarah não tinha sido quem tirara os brinquedos e, em sua opinião, era muito pouco provável que o tivesse feito, contar o que tinha encontrado em seu dormitório podia, como mínimo, lhe incomodar. Suporia, bem melhor voltar a abrir uma profunda ferida que acabava de cicatrizar.

E isso era algo que não podia fazer. Por nada do mundo causaria a sua amiga uma dor semelhante. A menos que não tivesse mais remédio.

Fosse o que fosse o que tinha passado no dormitório, ela não tinha por que saber.

Ele se ocuparia de voltar a pô-lo tudo em seu lugar.

Sem deixar de lhe dar voltas, Jake endireitou a caixa de brinquedos, agarrou um pouco de papel de seda e envolveu o unicórnio. Continuando, pô-lo direito no interior da caixa e o rodeou com alguns troféus de plástico que não se saíram dela para evitar que se derrubasse outra vez e voltasse a soar aquela maldita canção.

Recolheu um a um a Barbie, o carro, a varinha mágica, o espelho e o cavalo; envolveu—os no papel e os guardou. Depois, tampou a caixa, colocou—a no lugar onde tinha permanecido durante todos aqueles anos e fechou a porta do armário.

“Missão cumprida.”

Jake olhou ao seu redor. A habitação de Sarah aparecia agora tão organizada como sempre. Desaparecido o dano, desaparecia também a falta.

Na frente à eventualidade de que o cão fosse ao final o culpado, Jake fechou a porta do dormitório e se assegurou de que não se pudesse voltar a abrir. “A menos que Cielito faça um buraco na madeira, não poderá entrar”, pensou com satisfação.

Depois efetuou um rápido controle na casa, examinou as janelas, olhou aqui e lá.

Tudo estava bem fechado. Não havia nada fora de lugar.

Gostasse ou não, o certo era que na casa não havia ninguém. E quase poderia assegurar que nunca o tinha havido.

—Foi você o que tirou esses brinquedos do armário? —perguntou ao Cielito depois de conseguir que este entrasse de novo na casa tentando-o com um rastro de comida para cães estrategicamente colocados.

Cielito estava tão ocupado devorando-a que nem sequer se incomodou em grunhir. Engolia a toda velocidade, com o rabo entre as pernas e um olho pendente de tudo que acontecia a seu redor, como se temesse que alguém — chamado Jake e que, em todos aqueles anos de relação, tão somente tinha sido capaz de chamar o cão à cara — fizesse-lhe alguma sacanagem enquanto comia.

Jake suspirou. Gênio e figura até a sepultura. No caso do Cielito não podia ser mais certo.

Ao Jake custava imaginar-se ao cão pulando com os brinquedos de Lexie.

Mas se Cielito não era o culpado, de quem se tratava então? Tinha algo que ver a exploração da caixa de brinquedos com o fato de que tivessem disparado em Sarah?

A primeira vista pareciam dois acontecimentos sem relação alguma entre eles, mas...

Sem deixar de considerar todas as hipóteses, Jake fechou a porta traseira da casa e saiu pela principal.

Enquanto se afastava com o carro, seguia tão longe de achar uma resposta como ao entrar na habitação da Sarah; mas também muito mais inquieto do que o tinha estado em muito tempo.

Sarah teve alta do hospital pouco depois das cinco e meia da tarde. Embora as regras do centro exigissem que os pacientes fossem conduzidos à recepção em cadeira de rodas, a Sarah tinha parecido ridículo ver entrar na enfermeira no quarto com uma delas. Entretanto, quando se encontrava já de pé sobre o asfalto e tratava de franquear o meio-fio e percorrer a escassa distância que separava a cadeira do carro de Jake, sentia-se enjoada e realmente agradecida de que este a levasse o braço. Mas não tinha nenhuma intenção de dizer-lhe. Se seu amigo tão somente alcançasse a imaginar o mal que se sentia, a devolveria ao hospital em um abrir e fechar de olhos.

—Cuide-se — disse-lhe a enfermeira, enquanto dava meia volta à cadeira e se encaminhava de novo para o buliçoso vestíbulo do centro.

Sarah lhe respondeu agitando a mão deu uma rápida olhada no vidro escuro do carro de Jake, e fez uma careta. Naquele estado recordava à heroína da noiva cadáver, o filme do Tim Burton, com a única diferença de que ela levava o cabelo curto e tinha a pele pálida e não de cor azul. O qual, em poucas palavras, queria dizer que seu aspecto era inclusive pior. Claro que, a enorme parte de esparadrapo cor carne que lhe cobria a ferida de quase oito centímetros que tinha em cima da orelha direita não ajudava muito, como tampouco o fazia o fato de que lhe tivessem cortado quase a zero o cabelo que tinha ao redor. O efeito não era precisamente elegante e, dado que não tinha intenção de mostrá-la ao dia seguinte no trabalho, tinha passado alguns frenéticos segundos provando mentalmente vários estilos de penteado capazes de ocultar a ferida. Quando chegou à conclusão de que era inútil e que, de qualquer forma, inclusive no caso de que conseguisse dissimular os esfolados que tinha em cotovelos e joelhos com a jaqueta e as calças, ia ser impossível esconder os arranhões que tinha no queixo, desabou-se com ar lúgubre no assento do co-piloto do Acura RL de Jake.

—O cinto — recordou-lhe ele antes de fechar a porta.

O veículo era preto com o interior branco. Apesar do ar condicionado, os assentos estavam ardendo e o contato de suas pernas nuas com o couro não resultava precisamente agradável, por isso Sarah trocou repetidas vezes de posição tratando em vão de evitá-lo. Jake tinha saído diretamente do escritório para recolhê-la, o que supunha um trajeto de uns dez minutos. Com uma temperatura exterior de 36 graus e um elevado grau de umidade, ao carro estava custando a esfriar-se. Sarah tinha posto a “equipe de emergência do escritório” que sua secretária, Lynn Sun lhe tinha levado ao hospital, e que estava sempre no escritório se por acaso precisava trocar-se rapidamente de roupa. Esta consistia em uma saia leve de cor cáqui, uma blusa sem mangas, uma americana azul, roupa interior limpa, umas meias e uns sapatos de salto. No momento, a jaqueta e as meias, mais os analgésicos que lhe tinha dado o médico com instruções para curar a ferida, encontravam-se no interior da bolsa de plástico que Jake acabava de jogar no assento traseiro. O calor e a umidade não admitiam mais objetos.

Mal-humorada, cravou o olhar no limpador de para-brisas enquanto Jake se dirigia para o assento do condutor, ao mesmo tempo em que se metia algo — provavelmente um caramelo — na boca. Sarah não conhecia outro adulto com uma dieta pior que a de seu amigo. Esta consistia fundamentalmente em café e caramelos durante o dia e em uma variada seleção de comida lixo — McDonald's, Pizza Hut, KFC, Long John Silver's, ou qualquer outra marca, com tal de que tivesse a suficiente quantidade de gordura e fizesse engordar — para jantar. A menos, é obvio que se encontrasse em um dos intensos períodos que compartilhava com suas Loiras (o motel privado com o que Sarah se referia à sucessão de mulheres de vinte anos de seu amigo, já que invariavelmente se tratava de loiras espantosas), em cujo caso, ou a moça cozinhava às vezes algo para ele, ou ambos saíam para jantar a algum sítio algo mais refinado, e, tratando de ser otimista nutritivo.

O problema com as Loiras era que se pareciam tanto entre elas que era difícil as recordar uma a uma. Não obstante, teria que reconhecer que seu amigo tinha uma ideia muito clara do que gostava e se mantinha fiel a ela.

Jake entrou ao seu lado no carro e fechou a porta. Para olhá-lo, Sarah inclinou sua pobre e dolorida cabeça, que tinha apoiada contra a parte superior do assento e que sentia pesada como o chumbo.

—Obrigado por vir me buscar.

Por toda resposta, Jake grunhiu enquanto punha em marcha o carro. Seu amigo se barbeara e trocara de roupa de forma que, em lugar da bermuda e a camiseta que usava aquela manhã, agora brilhava numas calças de cor cinza escura e uma camisa azul claro que a essas alturas estavam tão enrugados como se tivesse dormido com eles. Desabotoou-se o colarinho da camisa e se arregaçou por cima dos cotovelos. Sarah supôs que em algum momento daquele dia devia ter descartado também a jaqueta e a gravata. Ao igual a ela, boa parte do trabalho de seu amigo tinha lugar nos tribunais, o qual supunha em muitos casos ter que manter certa aparência na hora de vestir.

—Me explique outra vez por que lhe deixaram sair hoje — pediu-lhe em tom de mau humor. Parecia mal-humorado. E cansado. Tinha os olhos inchados e injetados em sangue. As sobrancelhas não acabavam de juntar-se o sobre o nariz, mas pouco lhes faltava, e isso não era um bom sinal. Jake era um tipo corpulento, largo de ombros e musculoso, que ocupava mais espaço do que lhe correspondia na parte dianteira do carro. A não ser porque Sarah o conhecia muito bem, teria se sentido intimidada.

Mas se tratava de Jake, alguém a quem conhecia com perfeição e cuja aparência tinha deixado de lhe amedrontar fazia já muitos anos. Apesar de que, algumas vezes, voltava a tentar como quando estavam na universidade.

Sarah se encolheu de ombros.

—Suponho que porque não tinham nenhum motivo para me reter.

Entretanto, o certo era que os médicos teriam preferido que permanecesse uma noite mais no centro. “Por precaução”, havia dito o doutor Solomon. Mas Sarah estava já farta do hospital, farta das pessoas que entravam e saíam de seu quarto sem cessar, farta de que a examinassem e lhe cravassem coisas, todas elas, que lhe faziam sentir-se como uma atração. Os telejornais das emissoras locais passavam uma e outra vez a fita de segurança do supermercado e, embora ela não houvesse a tornado a ver — não tinha ligado à televisão depois da visita do Morrison, sabia

que era assim porque o repetiam uma e outra vez as inumeráveis pessoas que entravam no quarto para examiná-la, para compadecer-se dela ou simplesmente para ver em pessoa a quem as enfermeiras de seu plantão descreviam aos visitantes como “a heroína do momento”. Todos e cada um dos membros do pessoal do hospital, sua própria secretária (até você, Linnie?) e até a vizinha de frente se deixaram cair por ali para torturá-la falando do assunto. Dois agentes do departamento de polícia do condado do Beaufort tinham passado a vê-la para tomar declaração. Mark Kaminski, o interventor anexo a quem Morrison tinha encarregado levar adiante a acusação contra o agonizante Menino Esqueleto, Maurice Johnson, em caso de que este se recuperasse, tinha aparecido também por ali para lhe pedir alguns detalhes sobre o crime. Ela tinha tratado a sua vez de lhe fazer também algumas pergunta, para saber simplesmente do que sabia; mas, dado que Sarah era uma vítima e, no suposto de que o assunto chegasse aos tribunais, seria também testemunha no processo, seu companheiro não estava autorizado a lhe contar nada. Inclusive no caso de que houvesse algo que contar, o qual não era assim, já que, conforme lhe assegurou Johnson não tinha recuperado o conhecimento do tiroteio. Mais tarde, quando o policial que tinha apostado junto a sua porta se deu à fuga para comer, Hayley Winston, uma jornalista do Canal 5, introduziu-se subrepticiamente em seu quarto, acompanhada de um câmara, para lhe pedir uma entrevista. Sarah se tinha ficado tão surpreendida que inclusive tivesse balbuciado algumas respostas antes que o pessoal do hospital, a quem ela tinha chamado urgentemente apertando um botão, apresentasse-se no quarto para tirá-los dali. Todos queriam saber o que tinha acontecido no interior do supermercado; mas a ela ainda lhe custava recordá-

lo, e então digamos contá-lo. Uma mulher inocente tinha sido violentamente assassinada na frente dela e a imagem do acontecido ia a sua mente logo que fechava os olhos. Devia piorar as coisas o fato de que ela mesma tivesse estado a ponto de morrer; embora isso não a tivesse traumatizado por completo, certamente sim lhe tinha impressionado, até tal ponto que lhe resultava impossível compartilhar aquela experiência com ninguém. Apesar de que, durante muito tempo, tinha acreditado que desejava morrer, quando a morte tinha chamado por fim a sua porta se deu conta de que o que realmente queria era seguir com vida.

Esta constatação a acovardava. A fazia sentir-se quase como uma estranha em sua própria pele. Não desejar a morte... Quando tinha acontecido? Aquilo supunha toda uma revolução em sua maneira de interagir com o mundo, e ela nem sequer a tinha previsto. Produziu-se de repente.

Em todo caso, não tinha nenhuma intenção de contar ao Jake. Seu amigo tinha um sentido maternal muito desenvolvido e o menor indício sobre o terremoto que se estava produzindo em sua mente o teria preocupado. Além disso, tratando-se dele, o teria impelido a fazer algo. Algo como ingressá-la de novo no hospital, atá-la a uma cama se era necessário para que não se movesse dali e contratar a toda uma equipe de psiquiatras para que lhe examinasse o cérebro.

Embora não negava que a sua saúde mental teria sido bem vindo um pouco de ajuda, aquele não era, certamente, o momento mais adequado.

—Suponho que amanhã não irá trabalhar, verdade?

Jake acelerou e o Acura embocou brandamente a autoestrada 21. O calor fazia reverberar o asfalto do qual emanava um vapor que ascendia preguiçosamente para o céu azul. A autoestrada de quatro sulcos estava abarrotada de tráfico que, em sua maior parte, saía da cidade a marcha lenta. Por sorte, eles vinham do hospital e por isso viajavam em direção contrária. Naqueles momentos,

Beaufort experimentava a versão provinciana de um engarrafamento vespertino; o qual, por regra geral, estava acostumado a durar uns trinta minutos quando muito. O problema era que Beaufort estava rodeada de água por toda parte, o que a convertia em uma ilha em todos os sentidos. Uma estrada principal, a autoestrada 21, ligava a com a zona oeste, a mais habitada. Se as pessoas comparavam a autoestrada 21 com uma serpente pitón com a cabeça no oceano Atlântico, o engarrafamento devia ser como o coelho que a serpente tinha engolido para jantar e que se movia agora lentamente para a cauda como um bloco compacto. Embora o certo fosse que para Sarah aquelas obstruções não lhe afetavam muito.

Normalmente não saía do escritório antes das sete e meia ou às oito da tarde. Mas, nem por isso ignorava que todos os dias, ao redor das seis, todos aqueles que não careciam de vida própria se encontravam em geral em suas casas e que o tráfico voltava a ser o de sempre: virtualmente inexistente. O centro perdia então sua habitual agitação, sobre tudo no verão, quando a maioria de seus habitantes se dedicava a sair de barco, jogar golfe, trabalhar no jardim ou improvisar andaimes no quintal de sua casa depois do trabalho. Beaufort era uma pequena cidade aberta, aristocrática, preguiçosa, ancorada em seus próprios costumes, em que era uma estrangeira pelo simples feito de não ter vivido nela durante toda sua vida. Sarah levava residindo nela mais de quatro anos e ainda o continuava sendo, isso jamais mudaria.

—Bom... —respondeu-lhe ela sentindo-se culpada. A sua direita, um centro comercial com a habitual oferta tripla do McDonald's, Taco Bell e Pizza Hut, aspiravam carros da estrada. Jake lhe lançou um ofegante olhar. Antes que seu amigo tivesse tempo de voltar a concentrar-se na conversa, Sarah procurou mudar de assunto. - O que tem descoberto sobre o Duke? Donald Coomer?

Jake se encolheu de ombros e trocou de mão para evitar o tráfico que se desviava para o centro comercial.

—Está morto.

-Se importaria de ser mais concreto?

—Estava sozinho em uma das celas de detenção que há no porão do cárcere porque ia ser levado ao tribunal para formular as acusações que tinha contra ele.

Pelo visto, arrumou para fazer-se com um cabo elétrico e se pendurou da grade da porta.

—Quanto tempo permaneceu sozinho?

—Bill Canon estava de guarda nesse momento; assegura que não mais de dez minutos.

—Quem tinha acesso à cela?

Jake voltou a encolher-se de ombros.

—A essa cela? Todos: qualquer agente, ajudante do xerife, oficial dos tribunais ou advogado... As celas se abrem desde fora; de forma que qualquer que tenha acesso ao cárcere pode girar o trinco e entrar nelas.

Sarah conhecia perfeitamente aquelas celas. Ao igual à no resto do cárcere, sua antiguidade era inclusive pior que a sujeira que reinava nelas. Todas tinham uma superfície de uns seis metros quadrados, estavam construídas com cimento armado — exceto no teto, que era de azulejo acústico —, a porta de metal que as fechava tinha uma pequena janela gradeada e, por último, o conjunto se completava com um banco metálico encravado em uma de suas paredes. Precisava de câmaras de

segurança, embora o vestíbulo que dava acesso a elas estava vigiado.

—Controlou a câmara da entrada?

—Nesse momento não funcionava.

—Ah. — encontravam-se na ponte que atravessava o rio Coosaw e do vidro de Sarah se divisava o resplendor de suas escoras de aço. Por debaixo deles, um rebocador arrastava uma barcaça carregada de carvão em direção à baía do Port Royal. Sarah contemplava distraída a paisagem. Sua cabeça seguia considerando todas as possibilidades: — Péssimo assunto.

—Certamente.

—Alguma ideia sobre o modo como conseguiu o fio elétrico?

—Ninguém sabe. A teoria mais séria é que, de uma forma ou outra, ficou no interior da cela. Estão controlando os rastros digitais, mas não acredito que achem claro muito delas.

—Então, foi um suicídio ou não?

—Quer saber minha opinião? Eu acredito que não, embora, a esta altura, falo por pura intuição. — Nesse momento saíam da ponte e o tráfico se ia fazendo cada vez mais rápido. Jake se deteve em um semáforo em vermelho e olhou a sua amiga—: Te agrada que jantemos juntos?

A suas costas acabavam de deixar um Long John Silver's à esquerda, e um Arby à direita. Sarah supôs que aqueles restaurantes de comida rápida deviam estar mandando mensagens subliminares ao estômago de seu amigo.

Encolheu de ombros. Ela não tinha fome.

—Você manda.

O semáforo ficou verde e o carro arrancou de novo.

—Vi que na geladeira não tem nada digno de comer. Quer que compremos algo no caminho a casa ou prefere que encomende uma pizza?

Sarah fez uma careta.

—Para sua informação, no congelador tenho um pouco de lasanha, uns sanjacobos² e guisado de carne.

Jake soprou.

—Comida congelada para emagrecer. Vi-a. Deliciosa.

—Está boa. E é saudável. —Sarah exalou um suspiro. Era impossível ganhar aquela batalha, já sabia, de forma que o melhor era se render quanto antes e economizar o esforço—. Nem sequer tenho fome; mas, se você tiver, pedimos uma pizza. Vegetariana.

—Excelente escolha — respondeu-lhe Jake em tom ligeiramente sarcástico. Não teria que dizer que pediria a especial para amantes da carne.

2 Enrolados de peru ou frango

—Não tem que cuidar de mim, sabe? Só me dói a cabeça e meu aspecto deixa bastante a desejar; mas, além disso, encontro-me bem. Se tivesse com meu carro — Lynn timer tinha tido a cortesia de lhe informar que se encontrava no depósito da polícia, - eu mesma teria dirigido até em

casa.

—Nesse caso é melhor que não o tenha.

—Devo ir buscá-lo.

—Já nos ocupamos disso. Pedi ao Pops —seu avô, que trabalhava para ele— que fosse buscá-lo. Está na garagem.

—Certo! Obrigado. É incrível.

—Sempre lhe disse isso.

Sarah sorriu.

—Eu...

O telefone de Jake os interrompeu. Jake o tirou do bolso, olhou o número, murmurou algo indecifrável e finalmente respondeu à chamada.

—Sim?

—Olá, Bolinho. Tenho uma carne de porco na churrasqueira. Quanto demorará a chegar?

Sarah podia ouvir com toda clareza o que diziam ao outro lado do aparelho e não teve nenhuma dificuldade em reconhecer a voz entrecortada da Donna... Aí!

Danielle.

—Soa delicioso, querida — respondeu-lhe ele, voltando-se rapidamente para a Sarah, cujo sorriso ficou congelado, - mas não posso.

—Claro que pode! —Sarah podia vê-la mexendo as panelas. - Comprei chuletas de porco. Ontem te disse que o faria e você me respondeu que te parecia uma ideia fantástica.

—Mas hoje aconteceu algo.

—Sempre te acontece algo. Não faz mais que trabalhar. Trabalho, trabalho e mais trabalho. Até tivemos que interromper nossas férias porque tinha que voltar para escritório.

—Sei e sinto muito. Coloca as chuletas na geladeira e nós comeremos isso amanhã.

Ato seguido produziu-se uma muito breve pausa. Sarah estava convencida de que a Loira vacilava entre ter uma de suas crises de fúria ou comportar-se como uma menina boa. Se tivesse estado segura de seu homem, o mais provável é que tivesse optado pela raiva, mas o problema era que as garotas que saíam com seu amigo nunca conseguiam estar completamente seguras dele. Pode ser que fossem todas masoquistas e que as ter em seu relacionamento tomasse parte atrativa de seu amigo.

—Promete-me isso? —Danielle tinha optado por comportar-se como uma menina boa.

Jake esboçou um leve sorriso.

—A menos que ocorra algo.

Bom, ao menos era honesto.

Danielle inspirou ruidosamente. Depois, passados alguns segundos durante os quais deveu pesar a questão, soltou uma risadinha, um som gutural e íntimo.

—É um brincalhão! —Sua voz se tornou sedutora. - Comprei uma camisola, só para ti-i...

Jake e Sarah se olharam. Se tivesse cinco anos, Jake não tivesse podido deixar de revolver-se

em seu assento preso de um grande desgosto. Sarah franziu os lábios e lhe enviou um beijo silencioso.

Jake se concentrou de novo na autoestrada, pigarreou e voltou a falar no telefone.

—Olhe, tenho que desligar. Eu...

—É preta, com muitos laços. E deixa à vista...

—Guarde-a também, ok? — atalhou-lhe Jake—. Ligarei amanhã.

—Quero-te tan...

Se aquilo pretendia ser uma confissão de desejo imperecível, perdeu-se para sempre já que Jake, depois de balbuciar um apressado adeus, desligou o telefone.

—Quantos anos têm? —perguntou-lhe Sarah sem poder evitá-lo, enquanto seu amigo colocava o aparelho no console que havia entre os dois assentos. Jake lhe dirigiu um fugaz olhar.

—Vinte e cinco.

-Se for a que penso, deve estar bem quente. Eu em seu lugar iria provar suas chuletas.

—Alguma vez lhe disseram que é de má educação escutar as conversações particulares de outros?

—E o que se supõe que tinha que fazer tampar os ouvidos com os dedos?

—Algo assim.

—De acordo, a próxima, vez o farei, Bolinho.

Jake apertou os lábios e Sarah quase teria jurado que estava a ponto de avermelhar.

—Gosta dos apelidos carinhosos, e o quê?

—Pensando-o bem, esse vai como anel no dedo, dado as nádegas que tem.

Jake a olhou, desta vez com os olhos entreabertos.

—Deixa estar isto já, por favor?

—É que o do Bolinho me parece tão primitivo...

—Sarah.

—Está bem. Entendo-o. Dá-te vergonha. Sinto muito.

—É um demônio. — As bochechas foram abrandando pouco a pouco; mas agora era já evidente que se ruborizou, observou Sarah com interesse. Jake prosseguiu:-

Danielle é uma boa garota. Se chegasse a conhecê-la, estou seguro de que você gostaria.

-Se esta vez durar um pouco pode ser que chegue a conhecê-la.

Na opinião de Sarah e, conforme suspeitava também na opinião de Jake, as loiras eram virtualmente intercambiáveis. Nenhuma lhe tinha durado mais de seis meses e a maior parte delas inclusive menos. Jake estava saindo com a Danielle algo mais de cinco, o qual significava que sua amiguinha se ia aproximando do prazo de validade.

Jake grunhiu. Sarah entendeu que seu amigo dava por resolvido o assunto.

Estavam se aproximando do centro da cidade. A zona histórica, com suas bonitas casas brancas alinhadas, devia encontrar-se a pouco mais de um quilômetro e meio.

Jake diminuiu a marcha para evitar aproximar-se muito à carruagem carregada de turistas que acabava de emergir de uma das ruas perpendiculares à sua e que rodava agora por diante do carro. O cavalo era cinza e tinha um olhar carregado de resignação. A carruagem, aberta, e de cor negra, estava decorada com flores. Os ocupantes não deixavam de rir e de falar com o chofer que usava uma cartola e que ia inclinado em seu assento para poder explicar aos seus clientes a história do Beaufort. Sarah imaginou o que lhes devia estar dizendo: a cidade era uma das poucas que tinha sobrevivido intacta à marcha do geral Sherman sobre a Geórgia durante a guerra civil. Isso se devia, em boa parte, a que as tropas da União tinham encontrado o lugar tão encantador (além de estrategicamente bem convocado, é óbvio) que tinham estabelecido nele seu quartel geral. As mansões anteriores à guerra, que povoavam as ruas do velho centro histórico e dos terrenos ribeirinhos da cidade, tinham saído ilesos da guerra e agora as mais espetaculares faziam que o condado do Beaufort fora merecedor da fama que atraía cada ano a milhares de turistas.

—Já sabe — disse Sarah a seu amigo enquanto este adiantava à carruagem e voltasse a acelerar, - que posso comer a pizza sozinha. Ou melhor, ainda, o guisado de carne. Não vejo por que tem que te privar das chuletas de porco da Danielle por minha culpa.

Jake freou e, continuando, dobrou para a esquerda para entrar no Bay Street.

As casas dessa zona pertenciam à era vitoriana; o qual, para Beaufort, significava que eram relativamente novas. Sem chegar a ter as dimensões de uma autêntica mansão, todas elas eram bastante grandes, antigas e muito vistosas, e estavam separadas da rua por umas gramas impecáveis e cercadas por umas grades de ferro forjado. Uns enormes magnólias de reluzentes folhas arrojavam sombra sobre os transbordantes jardins. Os ciprestes e os carvalhos, estes últimos talheres de musgo, alinhavam-se ao longo das ruas. As azáleas, em diferentes tonalidades de rosa e coral, apinhavam-se junto aos alpendres de estilizadas linhas onde seus habitantes se acomodavam em balancins e cadeiras de balanço para mexericar enquanto viam acontecer o mundo na frente seus olhos.

—Faço-te saber que não só penso comer a pizza contigo, mas também, além disso, tenho a intenção de passar a noite em sua casa. A menos que queira vir à minha.

Sarah o olhou. Pensando bem, o certo é que preferia não ficar só aquela noite.

Ainda tremia ao pensar que a noite anterior alguém tinha tratado de matá-la.

Embora não tinha nenhuma intenção de reconhecê-lo. Não ia permitir que Jake se desse conta da fragilidade que sentia nesses momentos. Pelo geral, Sarah era a senhorita Independência em pessoa.

—E o que fazemos com o Cielito? — recordou-lhe ela. Jake fez uma careta, que deixava bem claro o pouco que gostaria de alojar ao cão em sua casa, coisa que não lhe surpreendeu. Jake e Cielito não eram o que se diz unha e carne. Para dissimular, dirigiu-se a seu amigo em tom de desafio. - Em qualquer caso, o que aconteceria te dissesse que realmente preciso estar sozinha esta noite?

—Te responderia que te trancasse no banheiro ao chegar em casa, porque esta noite não vai conseguir estar sozinha. — Esse era seu Jake, uma vez mais sem consideração alguma por suas necessidades, tal e como se esperava. Graças a Deus.-

Não sei se deu conta, mas faz umas duas horas que já não está sob vigilância policial. Frist...

—Lowell Frist era o chefe de polícia — diz que não pode dar amparo vinte e quatro horas do dia. Em qualquer caso, a polícia pensa que não corre nenhum perigo.

—E você?

Jake apertou levemente a mandíbula; o suficiente para que Sarah compreendesse que seu amigo estava realmente preocupado por ela. Ao dar-se conta, sentiu que um calafrio lhe percorria as costas.

Jake negou com a cabeça.

—Não sei.

Quase tinham chegado já à zona onde vivia Sarah. Encaixotada entre as históricas mansões dos ricos de larga tradição e os bairros dormitório dos novos ricos se encontrava sua gente, os “não-ricos” como ela os chamava, quem vivia nas pequenas casas e nos edifícios de apartamentos que se foram construindo ao redor do Centro histórico durante os anos posteriores às duas guerras mundiais, antes que se iniciasse o boom da edificação suburbana. Seus habitantes constituíam todo um burburinho de gente: desde grandes famílias de imigrantes recém chegados ao país até pensionistas, passando por solteiros que trabalhavam como ela mesma. A zona, que ostentava mais cimento armado que espaço verde estava salpicado de pequenas lojas. Quando Jake deteve na frente o semáforo em vermelho, Sarah divisou de novo o Quik-Pik, rodeado agora de desagradáveis lembranças, que se encontrava ao outro lado da quadra. Inclusive a essa distância se podia ver que estava fechado. O estacionamento estava atado com uma banda amarela e havia dois carros patrulha estacionado na esquina. Um agente desembarcou de um deles nesse preciso momento. Sarah o viu saltar agilmente a fita amarela e dirigir-se para o edifício onde, presumivelmente, deviam estar fazendo averiguações. Em circunstâncias normais, o caso deveria estar já fechado e o supermercado teria que ter aberto de novo suas portas; mas o fato de que um policial tivesse disparado e matado a um suspeito não podia a não ser atrasar o procedimento habitual. O bom seguro, o departamento de polícia faria todo o possível por sair bem parado daquele assunto.

—Merda — disse Jake—. Não me dei conta. Teria que ter vindo por outro lado.

—Por onde? —Porque o certo era que não havia nenhum caminho entre sua casa e o hospital do que não se pudesse ver o Quik-Pik. Sarah vivia só a quatro maçãs do supermercado—. Não se preocupe, estou bem.

E o estava, até que viu o tabuleiro que havia fora do estabelecimento e no que normalmente tão somente apareciam escritos os preços da gasolina. Em lembrança da tragédia, suas grandes letras negras e magnéticas compunham agora o seguinte texto:

Mary JO WHITE

1939—2006

DESCANSE EM PAZ

E a seguir, na parte inferior, alguém tinha acrescentado: “Reza por nós.”.

Sarah sentiu um nó na garganta. A vista lhe empanou. Sentia uma opressão no peito. As espantosas imagens do acontecido voltaram a passar por sua mente a toda velocidade: o terror na

cara da Mary, o disparo, os gritos...

Percebeu-se de que, por muito que quisesse, era impossível escapar a terrível realidade do ocorrido. Sem prévio aviso, o mal aleatório que espreitava ao mundo se introduziu de novo em sua vida, no reduzido espaço que ficava para respirar.

Bastava só um momento para que todo aquilo que ia bem deixasse de fazê-lo. O véu seguro da existência cotidiana se abria e, a partir de então, nada voltaria a ser igual.

Por isso se converteu em interventor: para lutar contra a incerteza do destino.

Pode ser que inclusive essa fosse a razão pela que ainda seguia com vida.

Porque tinha que acreditar que havia uma razão.

Se pudesse reunir a força suficiente para lutar em favor de quem não podia fazê-lo por si mesmo, talvez conseguisse fazer surgir o bem do mal e conseguisse derrotar por fim a este último.

Isso era, ao menos, o que não tinha deixado de repetir-se durante os últimos sete anos. E pode ser que inclusive estivesse começando a acreditar nisso.

Acabavam de passar por diante do Quik-Pik. Jake acelerou no cruzamento. Sarah supôs que tentava atravessá-lo antes que o semáforo mudasse para deixar quanto antes o supermercado a suas costas. Nesse momento divisou a um grupo de meninos.

Saíam do desmantelado edifício que havia ao outro lado do cruzamento e no que acabavam de abrir suas portas o restaurante chinês Wang's Oriental Palace. Eram quatro; não, cinco, todos com o cabelo muito escuro, quase negro, a pele muito morena, magros e vestidos com roupa bastante velha, quase rasgada. O mais alto deles era um menino de uns dez anos, segundo os cálculos de Sarah. A menor devia ter aprendido a andar não fazia muito. O restante do grupo o compunha um menino e duas meninas de diferentes tamanhos. Caminhavam por diante deles, de forma que a Sarah não podia lhes ver a cara; mas estava segura — quase segura — de que o segundo mais alto deles, a menina de juba escura que levava da mão a menor, era a mesma que não tinha deixado de gritar nem um momento enquanto escapava com ela do supermercado.

—Jake — disse a seu amigo em tom premente. Para aí.

Capítulo 6

—O quê? —Jake a olhou carrancudo.

—Acabo de ver a menina, estou quase segura, a do supermercado. Ali. — Sarah lhe mostrou à pequena, enquanto seus dedos desabotoavam tremendo o cinto de segurança.

Jake desviou o Acura para o restaurante Wang e o conduziu até o final do estacionamento onde a pavimentação se decompunha em uma confusão de estacionamentos e asfalto. Os meninos entraram no estreito beco de cascalho que havia entre o restaurante e uma elevada grade que separava o centro comercial da casa vizinha. Um canteiro de girassóis amarelos, cardos espinhosos de cor arroxeada e ambrósias de caule comprido cresciam junto à descascada grade. Um amolgado contêiner, rodeado de um montão de caixas e gavetas em desordem que alguém tinha arrojado ali, impedia a passagem a algo que tivesse as dimensões do carro de Jake.

—Pare — disse-lhe Sarah. Jake obedeceu.

Enquanto abria a porta e saía correndo fora (qualquer outra coisa que requeresse algo mais de garbo se encontrava, nesses momentos, fora de seu alcance), os meninos se apinharam junto a uma sacola negra de lixo que alguém tinha deixado junto ao contêiner. Abriram-na e pegaram em seu interior, falando tranquilamente entre eles.

—Eh, vocês.

Sarah se sentia aturdida e caminhava para eles com um pouco de dificuldade, face aos cômodos sapatos de salto baixo que estava calçada; mas a determinação, tal e como tinha podido notar em anteriores ocasiões, podiam com tudo nesta vida.

Os joelhos lhe tremiam como um pudim tinha a sensação de que a cabeça ia explodir em qualquer momento e o aroma de especiarias proveniente do restaurante chinês que flutuava em meio daquele abafado lhe causavam ferroadas no estômago; o qual não tirava que nesses momentos se dirigisse aonde realmente queria ir, e isso era a única coisa que importava.

—Eh! —Voltou a chamá-los, agitando as mãos.

Nesse momento tropeçou com uma parte de asfalto e quase esteve a ponto de perder o equilíbrio, mas não demorou a recuperá-lo depois de dar uns vacilantes passos.

Os meninos a olharam com cara de assombro. A Sarah bastou dar uma olhada à menina para acabar de convencer-se: a mais alta delas — que, neste caso, não chegava nem com muito a um metro, era a menina do supermercado. Aquele emaranhado cabelo necessitava urgentemente uma boa escovada; a camiseta amarela — a mesma usava na noite anterior? — estava cheia de manchas e rasgada no ombro; a bermuda, antigamente vermelha, tinha perdido cor até alcançar um esvaído tom rosa; as magras pernas e os pés descalços estavam cheios de imundície.

Ao igual o seu corpo, seus traços eram miúdos e delicados. A cálida luz do entardecer confirmou ao Sarah a primeira impressão que tinha tido sob o estridente resplendor dos tubos fluorescentes: a menina era bonita. E estava, claramente, abandonada.

—Lembra-se de mim? —perguntou-lhe Sarah, tentando esboçar um tranquilizador sorriso. Que não funcionou. Ou, melhor dizendo, fez, mas não como ela pretendia, porque a menina, sem soltar nem por um momento a mão da menor do grupo, lançou um chiado afogado e se separou da

sacola de lixo, com a boca e os olhos desmesuradamente abertos.

A pequena, já fosse porque sentiu o terror de sua amiga ou porque esta lhe fez mal ao lhe apertar com força os dedos, começou a gritar também com todas suas forças.

—Não, espera, não acontece nada.

Tratando de acalmá-las, Sarah intensificou seu sorriso (sem lhe importar a dor que isso infligia a sua cabeça) e acelerou o passo para chegar junto a elas. O qual supôs um engano porque, ao fazê-lo, sentiu um martelar nas têmporas, a vista lhe nublou, perdeu o equilíbrio e cambaleou para um lado antes de poder apoiar-se com uma mão em uma das paredes do edifício.

—Corram — gritou a menina e, para assombro de Sarah, os meninos soltaram a sacola de lixo e puseram-se a correr pelo cascalho como cervos que fogem da escopeta de um caçador. A menina agarrou a menor em braços, a colocou em um dos quadris e saiu correndo dessa forma sem maior problema, o que a Sarah fez pensar que devia ter já certa prática nisso. Ao igual os seus amigos, também eram muito rápidos.

—Esperem.

Se Sarah não saiu correndo atrás deles foi porque Jake a impediu agarrando-a por um braço e também porque ela mesma se deu conta de que aquele não era, precisamente, o dia mais indicado para correr. Em qualquer caso, era impossível lhes dar alcance porque tinham virado a esquina no extremo mais afastado da grade, e já não lhes via. Sarah permaneceu com o olhar cravado no ponto onde tinham desaparecido, surpreendida, decepcionada e também um tanto ferida. Pensava que ela e a menina tinham ficado de algumas formas unidas, pela terrível experiência que tinham vivido juntas. Mas era evidente que a pequena não compartilhava sua opinião.

—Deixa-os — disse-lhe Jake.

Sarah o olhou. Jake estava a pouco mais de um passo dela e a segurava pelo braço como temeroso de que fosse sair correndo se a soltasse, face ao lamentável de seu estado. O sol se estava pondo a suas costas, o que o fazia aparecer mais corpulento e, ao mesmo tempo, escurecia-lhe a cara. Apesar disso, Sarah percebeu certa críspação em seus lábios.

—Acha que não me reconheceu?

Os lábios de Jake se abriram em um amplo sorriso.

—Pois, a verdade, caminhava para eles como Frankenstein, com o corpo cheio de arranhões e machucados; tem a cabeça enfaixada e, se por acaso fosse pouco, a última vez que te viu acabava de te desabar detrás receber um disparo e estava sangrando. De forma que não acredito que tenha saído correndo porque não te tenha reconhecido, mas sim porque o fato de fazê-lo não foi o que se diz uma experiência muito positiva.

Sarah apertou os lábios.

—Está-me dizendo que meu aspecto é tão horrível que pode espantar a uns meninos desse modo?

Jake se pôs a rir.

—Tão único digo é que entendo que se puseram a correr — respondeu-lhe enquanto a ajudava a retornar junto ao carro.

—Mas se lhe salvei a vida! Como pode pensar que quero lhe fazer mal?

—Pode ser que pense que é um fantasma. Ou um zumbi. Ou qualquer outro monstro recém saído de uma tumba para apanhá-la.

Quando chegaram junto ao carro Sarah percebeu que por causa do nervosismo deixara a porta aberta. Jake a colocou de novo no veículo sem perder tempo. Sarah não opôs resistência. Embora lhe custasse reconhecê-lo, aquela breve perseguição a tinha deixado quase exausta. Em seu estado, era incapaz de segui-los, e pouco importava tão decidido estivesse a fazê-lo.

—Isso é ridículo — respondeu-lhe Sarah zangada, enquanto seu amigo fechava a porta. Quando este se introduziu também no carro, ela já se atou o cinto de segurança—. Só quero me assegurar de que está bem.

Jake pôs o carro em marcha e deu uma volta completa no estacionamento para chegar à rua.

—A menina está bem. Já te disse antes que estava bem. Não tem por que preocupar-se por ela.

Jake a tinha chamado aquela mesma tarde para lhe contar que tinha localizado à pequena. Sarah não tinha duvidado nem por um momento que o conseguiria. Jake era um magnífico detetive e essa era precisamente a razão pela que o escritório do interventor recorria tão frequentemente a seus serviços (que não eram, por outro lado, baratos). Além disso, era uma pessoa em que se podia confiar, ao menos em todo o referente a ela. Pouco importava o que lhe pedisse: Sarah sabia que ele faria tudo o que estivesse em sua mão por satisfazê-la.

Não obstante, desta vez, as palavras de seu amigo não conseguiam tranquilizá-la.

Sarah estirou o pescoço para ver se alcançava a ver a rua que havia no outro extremo do descampado, a que se acessava dobrando a esquina que havia ao final do beco. Mas era impossível. Grades metálicas, sebes de madressilva, fileiras escalonadas de casas... Muitas coisas obstruíam a vista.

—Não acha que a pessoa que me disparou poderia querer lhe fazer mal? O terceiro assaltante, se é que na verdade existe.

Jake negou com a cabeça.

—Não acredito. Para começar se trata de uma menina, o que significa que, em caso de que esse suposto assaltante exista e ela o tivesse visto, coisas que duvido, dadas as circunstâncias nas que se desenvolveram os fatos, a menina estava tão assustada e fora de si que o mais provável é que não fosse capaz de identificá-lo. E, até no suposto de que o fizesse, essas mesmas razões subtrairiam valor a sua declaração.

—Está dando por certo que o terceiro assaltante é o bastante inteligente para chegar a essa conclusão. Por isso pude ver, seus dois companheiros eram muito ruins de tiro.

O Acura se encontrava de novo na rua e se dirigia para a casa de Sarah. Por um momento, Sarah sentiu a tentação de pedir a seu amigo que desse uma volta para ver se podia encontrar com os meninos, mas logo abandonou a ideia. Bastava-lhe sabendo que a menina estava viva e que, até agora, encontrava-se bem. Se sua vida não corria perigo — Sarah preferia aceitar a opinião de Jake a respeito no momento, não tinha sentido assustá-la. Além disso, aquela perseguição lhe tinha causado uma terrível dor de cabeça, por não falar do modo em que lhe tremiam os joelhos ou do suor que molhava seu corpo. E tudo isso para que? Bastava uma só palavra para responder: resistência, medo.

Era evidente que a menina não queria saber nada dela.

Sarah se acomodou no assento exalando um suspiro.

—Me conte coisas dela.

Jake tirou um pacote aberto do M&M's do bolso, colocou-o no painel que havia a seu lado e, depois de agarrar um com os dedos, os levou a boca. Sarah entreabriu os olhos com ar de desaprovação.

—Veja, hoje não comi nada. —Jake conhecia muito bem o significado daquela expressão, por isso nem sequer se incomodou em lhe oferecer.- Quer saber algo da menina ou não?

—Sim. — Brigar com o Jake por seus costumes alimentícios era gastar saliva para nada. O qual não impedia que Sarah o seguisse tentando; só que nesse momento não se sentia com forças para provar, uma vez mais, a fazer algum tipo de progresso.

—Está bem. — Jake freou, dobrou para a esquerda para entrar no Jackson Street, pegou uns quantos M&M's mais e os mastigou fazendo-os ranger.- Chama-se Ângela Barillas. Ela, sua mãe e seus quatro irmãos; acredito que não me engano ao assegurar que os meninos que acabamos de ver são seus irmãos, vivem no edifício Beaufort Landing, no apartamento 2C do número 42 do Yamassee Court.

Sarah conhecia aquele complexo de apartamentos: tratava-se de uns vinte edifícios de tijolo em péssimo estado que albergava um total de seis apartamentos cada um. Pelo geral, estavam ocupados por imigrantes recém instalados no país ou por membros dos estratos mais baixos da classe trabalhadora. Encontravam-se a pouco mais de dois quilômetros em linha reta desde sua casa. Ela mesma tinha vivido em um edifício como aquele. A lembrança não foi o que se diz, agradável. Sarah se estremeceu e tratou de tirar de sua mente.

Jake lhe tinha contado tudo àquilo por telefone no dia anterior.

—É muito pequena, para ter nove anos — disse Sarah—. E, além disso, como é possível que uma menina dessa idade vague sozinha pela rua?

Jake encolheu de ombros.

—Não sei nenhuma palavra sobre meninos pequenos. Se quiser, posso procurar saber entrar em contato com os Serviços de Amparo de Menores e lhes pedir que investiguem a família.

Sarah negou com a cabeça.

—Prefiro fazer a indagação por mim mesma. Se as agências governamentais começarem a misturar-se nisto, pode passar de tudo. — Titubeou e, ato seguido, adozou o tom para acrescentar.- O que acha que havia nessa sacola de lixo?

Inquietava-lhe pensar que se pudesse tratar de comida, que os meninos estivessem famintos até esse ponto.

—Não faço ideia. —Jake a olhou—. Sarah, as pessoas têm um limite. Trabalha doze horas ao dia, ocupa de não sei quantos casos mais de assistência gratuita, reparte classes sobre violação na universidade e, não contente com isso, leva também comida a domicílio aos necessitados quando fazem faltam os voluntários.

Você...

—Eu gosto de me manter ocupada — atalhou-lhe Sarah à defensiva.

—Já sei. — A voz de Jake se suavizou—: O que quero dizer é que não fica tempo para te ocupar agora desta família e seus problemas.

—Não pretendo “me ocupar” deles, tão único quero é me assegurar de que essa menina está bem.

—Sentir-se—á responsável por ela para sempre pelo mero fato de lhe haver salvado a vida? —perguntou-lhe Jake em tom seco.

—Algo nesse estilo.

Sarah se negava a entrar em depressão. Aquelas discussões estavam acostumadas produzir-se entre eles: ela se inquietava pelas comidas de Jake, pelo constante desfile de noivas cada vez mais jovens, pelo modo despreocupado em que vivia. Ele, em troca, preocupava-se porque ela trabalhava muito, envolvendo-se em

coisas e com gente que ele considerava casos perdidos e, em geral, porque sempre estava nervosa. No passado havia discutido tantas vezes sobre todas as possíveis variações a esses temas que agora bastava com que um deles arqueasse uma sobrancelha, esboçasse o mais leve sorriso ou olhasse de soslaio para prender de novo a chama.

—Está bem, faz o que quiser. —Seu amigo era, claramente, consciente de que ia ser impossível lhe tirar aquela ideia da cabeça.

—Farei isto.

A casa de tijolos da Sarah se encontrava no Davis Street e formava parte de uma quadra composta por construções de uma ou dois quarteirões. A sua era uma tranquila zona residencial de classe média com calçadas, pátios cercados e carros estacionados na rua. Jake se deteve frente à casa de Sarah — tal e como lhe tinha prometido, seu Cintra se encontrava à entrada da garagem, e ambos desembarcaram do carro. Sarah pegou na caixa do correio sua chave, saudou com a mão ao velho senhor Lunsford que vivia ao outro lado da rua e que, nesse momento, estava cortando a grama, e, com o Jake a seu lado, dirigiu-se para a casa. Depois de ter passado na frente às aveludadas gramas das zonas mais ricas da cidade, a Sarah quase pareceu ridículo seu minúsculo jardim: o sol o tinha abrasado em alguns pontos e a única planta que oferecia uma séria competência ao mato era o dente de leão. Um par de mandiocas com o prazo de validade mais que superada ostentavam suas flores murchas de ambos os lados do alpendre dianteiro e umas séries de arbustos redondos desfilavam em suja fileira com o passar do muro de tijolo; enquanto que o único ponto de sombra o procurava uma palma anã, mais resistente que o resto, no rincão onde o atalho de entrada se cruzava com o acesso à garagem.

As jardineiras de ferro forjado que penduravam por debaixo de todas as janelas, cortesia do anterior proprietário, outorgavam à fachada sua única nota de distinção. Por desgraça, estavam vazias. Nos quatro anos que levava vivendo na casa, Sarah nunca tinha plantado nada nelas. Prometeu a si mesma fazê-lo na próxima primavera. Pouco importava que o tivesse proposto já em outras ocasiões porque, se neste mundo havia alguém incapaz para as plantas, essa era, sem lugar a dúvidas, ela.

—Au –au! — Cielito a saudou da porta, lhe dedicando um de seus amplos sorrisos cães. Sarah se inclinou desajeitada, igual ao resto, também este movimento o fazia dano, para lhe dar um abraço. O cão lhe respondeu meneando todo seu corpo com entusiasmo.

—Olá, querido, alegre-te? — perguntou-lhe, interpretando a lambida que lhe deu o animal na bochecha em sentido afirmativo.

Quando Sarah se ergueu e se encaminhou para a cozinha, Cielito a seguiu pegado a seus pés e só se deteve para lançar a suas costas um grunhido grave e polivalente dirigido ao Jake, que acabava de entrar na casa.

—Também se alegra de te ver— traduziu Sarah ao Jake, que pôs os olhos em vão.

Uma vez na cozinha, Sarah abriu a porta da mesma e deixou que Cielito saísse. A seguir se tirou os sapatos e se sentou descalça na mesa para revisar a correspondência que, como era habitual, compunha-se de faturas, faturas e mais faturas alternadas com folhetos de publicidade. Jake entrou na cozinha atrás dela, deu um olhar ao redor e se encaminhou para a parte traseira da casa. Sem emprestar muita atenção ao que fazia seu amigo — Jake estava autorizado a mover-se livremente por ela fazia já muitos anos—, Sarah percebeu suas suaves pisadas, ouviu que ia abrindo portas e passava de uma habitação a outra, e chegou à imediata conclusão de que estava revistando a casa. Seus lábios se curvaram ligeiramente — no referente às precauções, Jake preferia pecar por excesso que por defeito — e decidiu lhe perguntar se acaso pensava encontrar ao homem do saco debaixo de sua cama; mas quando seu amigo entrou de novo na cozinha, levava o celular na mão e estava encomendando uma pizza. Quando acabou a conversa, soou o celular de Sarah e esta esqueceu por completo suas anteriores intenções ao começar uma conversa.

Era Ken Duncan, um dos três ajudantes do interventor do distrito, que chamava para lhe informar e lhe perguntar se tinha pensado ir ao tribunal à manhã seguinte.

Tinha conseguido sem problemas a prorrogação para o caso Parker, disse-lhe, mas Helitzer contra Carolina do Sul, que figurava na lista para as nove da manhã, era muito mais árduo. Os advogados do Helitzer se opunham de contínuo a qualquer tipo de adiamento. Queriam que fosse atendida sua proposta de desistência definitiva.

—Ali estarei — assegurou-lhe Sarah, contente de que Jake tivesse saído da cozinha enquanto ela falava.

—Vai estar em casa? Hoje nos enviarão uns documentos que talvez devesse ver.

Posso passar por aí se quiser.

—Isso será perfeito, obrigado — respondeu-lhe Sarah no preciso instante em que Jake voltava a entrar na cozinha.

Duncan e ela conversaram durante uns minutos mais sobre alguns casos pendentes e logo ela apagou o aparelho. Estava esgotada, doía-lhe todo o corpo e lhe retumbava a cabeça, mas quando seu olhar se cruzou com a de seu amigo endireitou as costas e tratou de aparentar que se encontrava bem. Era óbvio que ele tinha ouvido tudo que ela havia dito; de forma que se mostrando muito menos

destroçada do que em realidade se sentia se armava para a que, sem lugar a dúvidas, lhe vinha em cima.

—Pensava que manhã não fosse trabalhar — disse-lhe Jake.

Era ou não era uma pessoa imprevisível?

Jake se inclinou sobre a mesa, olhando-a com o cenho franzido, e moveu o copo que levava

na mão, de forma que os cubos que flutuavam no líquido marrom dourado que este continha se chocaram contra os lados. Jake tinha pegado da geladeira um pouco da Sun Tea, uma saudável bebida sem açúcar a qual tinha acrescentado cinco — cinco sim — pacotes de sacarina que tinha tirado do pote onde ela os guardava.

Por sorte, Sarah nunca tinha açúcar em casa. Se fosse assim, Jake teria tido que injetar-se insulina a essas alturas.

—Sabe que tem um autêntico problema com seu vício aos doces? — Aquele comentário tinha a dobro virtude de ser, por um lado, certo, e por outro, adequado nesse momento como possível fonte de distração. Enquanto falava, Sarah ficou a folhear o folheto publicitário como se estes lhe parecessem realmente interessantes—. Pensaste em fazer algum tipo de reabilitação?

—Em troca seu problema é o vício ao trabalho — replicou-lhe seu amigo, imperturbável.- Morreria se tivesse que ficar em casa um dia mais?

Sarah exalou um suspiro.

—Amanhã é sexta-feira. Acabarei logo. Mas tenho que ir, embora só seja por um momento.

—O que pode ser tão importante que não se possa deixar para depois enquanto você se recupera de um tiro na cabeça?

—Os advogados do Mitchell Helitzer têm proposto a desistência definitiva do processo. A audiência é às nove.

Jake franziu o sobrecenho.

—De novo um de seus casos perdidos. De verdade acha que vais conseguir que declarem culpado ao Mitchell Helitzer?

Sarah não podia negar que Mitchell Helitzer tinha sido no passado um famoso quarterback³ dos Gamecocks e era, além disso, filho de uma das famílias mais antigas e ricas do Beaufort.

—Matou a sua mulher, Jake.

Seu amigo bebeu o seu chá e a olhou arqueando as sobrancelhas.

—Ele assegura que caiu pelas escadas. Tem alguma testemunha que afirme o contrário?

A resposta era negativa, e Jake sabia. Aquela era outra de suas habituais discussões.

—Na escada havia muito mais sangue da que teria que ter havido em caso de que Susan Helitzer tivesse rolado, em efeito, por ela. Além disso, apesar de que caiu de bruços tinha também uma ferida na parte posterior da cabeça. Penso que ele a golpeou por detrás com algo contundente, talvez um martelo.

—Feridas na cabeça sangram muito e o golpe na nuca pôde dar-lhe durante a queda. Essa escada é alta, e de cimento. —Jake sacudiu a cabeça enquanto a olhava—. Para acusar de assassinato te fará falta algo mais.

—Bom, ao menos consegui que Morrison me autorizasse a apresentar acusações contra ele.

Jake fez uma careta.

—A razão de que lhe permita é isso que os meios de comunicação adoram esse tema. Se o escritório do interventor do distrito tivesse algum tipo de olhares com o Mitchell Helitzer, todas as televisões diriam que os ricos e famosos recebem um tratamento especial no condado do Beaufort.

Morrison quer ser governador. Não pode permitir-se entregar em bandeja de prata aos republicanos um argumento como esse.

De novo tinha razão. O qual não lhe impedia de seguir pensando que Mitchell Helitzer tinha assassinado a sua mulher a sangue frio.

—Bom, nesse caso investigarei um caso de divórcio.

Os lábios de Jake se contraíram zombadores.

3 Posição no jogo de futebol americano

—Já sabe que...

“Tenho razão. Seguro que isso é o que vais dizer”, pensou Sarah; mas, antes que seu amigo pudesse finalizar a frase, bateram na porta principal. Cielito, que seguia fora, precipitou-se para o alpendre posterior da casa e ficou a ladrar freneticamente em sinal de advertência.

—A pizza — disse Jake elevando a voz por cima do alvoroço, e foi a abrir.

Sarah aproveitou aqueles breves momentos de ausência para agarrar uns analgésicos o doutor lhe tinha receitado estava na bolsa que Jake tinha apoiado sobre a mesa. Engoliu com pressa um par de pastilhas com um pouco de água. Se Jake soubesse quanto lhe doía à cabeça, a obrigaria a voltar diretamente para hospital.

Comeram na sala com a televisão ligada e com o Cielito aos pés de Sarah, sentados, um ao lado do outro, sobre o sofá de couro marrom que se encontrava entre as duas janelas típicas dos anos cinquenta que permitiam contemplar o jardim adiante quando as venezianas não estavam abaixadas, como era o caso. O sofá entoava com a poltrona para dois que havia à esquerda e com a combinação de cadeira e turca que havia à direita. Quando comprou a casa, Sarah efetuou uma rápida visita à loja de móveis de desconto da localidade, onde tinha comprado todo o conjunto assim como o resto de peças que necessitava para a casa. O grupo formado pelo sofá, a poltrona e a cadeira cumpria a dobro finalidade de ser funcional, por um lado, e, em união a três mesas de carvalho e um par de abajures de latão, encheu a sala, por outro. Pode ser que precisasse de um toque de cor e que não resultasse, o que se diz, deslumbrante; mas a sala era apresentável e bastante acolhedora e isso era a final de contas, tão único que Sarah se importava.

As pizzas estavam na mesa de centro que tinham diante. Jake engolia a sua enquanto Sarah, que por si não tinha um grande apetite em seus melhores momentos e agora o tinha perdido quase por completo, mordiscava a sua. Cielito era um declarado carnívoro, de forma que a Sarah ia passando as partes de salsicha e presunto que roubava da pizza de Jake — o qual, conforme tinha feito notar o seu amigo, não estava a não ser lhe fazer um favor porque evitava que lhe entupissem as artérias por excesso de gordura — enquanto sorria cada vez que seu amigo lhes dirigia, tanto a ela como ao Cielito, um olhar assassino. Por sorte, os analgésicos tinham feito seu trabalho: em lugar de ter a cabeça como um tambor, quase se sentia flutuar.

Duncan, recém saído do trabalho e vestido ainda com traje e gravata, chegou quando quase estavam acabando. Era um moço bastante atrativo, de quase metro e oitenta de estatura, magro, com o cabelo castanho e ondulado que lhe começava a clarear sobre a frente, e uns brilhantes olhos azuis. A seus trinta e cinco anos, acabava-se de divorciar de sua mulher, que o tinha enganado — se algo tinha de elogiável a rede de fofoca do escritório era, certamente, sua

eficiência, e se tinha convertido no pólo de atração tanto para a Linnie como para o resto de mulheres solteiras do departamento. Estava quase dois anos no escritório do interventor do distrito, depois de ter trabalhado durante um breve período no setor privado, e era um bom advogado, embora possivelmente muito preocupado por ganhar dinheiro, o que o levava a escolher com supremo cuidado os casos dos que tinha que ocupar-se.

Em poucas palavras, igual a muitos outros advogados, Duncan só ficava mãos à obra se tinha a certeza de que podia ganhar. E precisamente isso o convertia em um elemento desejável para uma equipe.

—OH, olá — disse Duncan ao Jake sem excessiva surpresa depois de entrar na casa e vislumbrar ao detetive por cima do tabique divisório que separava o vestíbulo da sala.

Sarah arrastava enquanto isso ao Cielito, quem manifestava o desgosto que lhe produzia o companheiro de sua ama em seu habitual e inimitável modo, para a porta traseira. Jake, que seguia imóvel na frente o televisor, respondeu-lhe com um simples gesto, depois do qual Duncan seguiu ao Sarah até a cozinha, mantendo em todo momento certa distancia. Depois de ter tirado o Cielito dali, Sarah se sentou à mesa e agarrou a pasta que Duncan tirou de sua carteira e lhe ofereceu enquanto tomava assento.

—Não sabia que saía com o Hogan — disse-lhe Duncan baixando a voz, ao mesmo tempo em que Sarah abria a pasta e começava a ler os documentos mais recentes.

—É um amigo. — Sarah elevou o olhar ao responder e se surpreendeu ao ver que algo vacilava nos olhos do Duncan; algo que não alcançava a definir, mas que, em qualquer caso, pegou-a despreparada. Estaria interessado nela como mulher? Ou se tratava tão somente de pura especulação lasciva? Fosse o que fosse, teria que neutralizá-lo. — Por quê?

O olhar do Duncan voltava a ser firme e sereno. O que pudesse ter passado por ela fazia uns instantes, já se desvanecera. Ou teria imaginado? Talvez. Entre as pastilhas, a crescente dor de cabeça e o trauma que tinha vivido vinte e quatro horas antes, sua capacidade de pensar não tinha nesses momentos a acuidade da que tanto se orgulhava. De fato, seguia sentindo-se aturdida.

—Simple curiosidade. —Duncan se encolheu os ombros e lhe sorriu com tristeza. No escritório se diz que não sai com ninguém.

—Assim é — atalhou-lhe ela e voltou a concentrar-se nos documentos, esperando pôr com isso ponto final a suas especulações. Duncan permaneceu calado enquanto Sarah lia. Quando acabou de fazê-lo, esta elevou os olhos e olhou de novo a seu companheiro de maneira estritamente profissional. —A proposta de desistência se apoia nestes argumentos?

Duncan assentiu com a cabeça.

—Sim.

—Algum problema? —perguntou Jake da porta.

Sarah percebeu de que tirara os sapatos e que se dirigia para a pia em meias três — quartos, como se estivesse em sua própria casa. Duncan o olhou atentamente. Sarah entendeu que, dado o aspecto tão masculino de Jake, às pessoas lhe custasse acreditar que ambos eram tão somente bons amigos. Seus próprios pés descalços e as pizzas sobre a mesa não podiam a não ser fazer pensar a alguém como Duncan, que não conhecia bem a situação, que ambos compartilhavam certa intimidade. O qual era verdade, embora não tal e como eles imaginavam.

—Os advogados do Helitzer têm a declaração jurada de um perito que assegura que o sangue derramado na escada pôde ser causado pela queda — referiu-lhe ela, enquanto ele abria o armário que havia debaixo da pilha e tirava uma bolsa de lixo da caixa onde ela as guardava. Sarah advertiu que Duncan se dava conta de que Jake sabia exatamente onde estavam. No dia seguinte todo o escritório saberia.

Sarah aceitou aquela certeza suspirando para seu adentro e a arquivou entre as restantes coisas das que ia ter que ocupar-se quando voltasse para escritório.

—Ah, sim? —perguntou Jake ao tempo que se incorporava com a sacola de lixo na mão. Não acrescentou: “Já lhe disse isso”, mas não fez falta. Sua expressão falava por si só.

Sarah o olhou com os olhos entreabertos enquanto seu amigo retornava à sala.

Aquele sorriso tinha mais de gesto de satisfação que de simples resposta.

—Quer que guarde a pizza que sobra para tomar o café da manhã? — disse-lhe ele quando desaparecia pelo corredor.

“OH, que descrição!” A expressão do Duncan delatava que, face à anterior negação de Sarah, este não tinha deixado de perguntar-se sua companheira e Jake compartilhariam o café da manhã seguinte. O que, por descontado fariam, embora por um motivo diferente do que ele pensava.

—Não — respondeu-lhe Sarah em tom de desmancha-prazeres.

Em circunstâncias normais, Sarah teria conservado os restos de pizza, para tomar o café da manhã ou para o que fosse. Não gostava de desperdiçar a comida, e Jake sabia. Mas com o olhar de curiosidade do Duncan cravada nela, dizer sim teria sido como jogar mais lenha ao fogo.

—Como quiser.

A resposta de Jake era excessivamente alegre. Sarah sabia que seu amigo estava fazendo pouco e divertindo-se a sua custa.

Poucos minutos depois, Duncan se levantou e Sarah o acompanhou até a porta.

Fora, já era noite e os alpendres das casas vizinhas tinham as luzes acesas. Uma leve brisa sacudiu as folhas da palmeira. Seguia fazendo o mesmo calor que, pelo geral, estava acostumado a fazer no Beaufort lá pelo mês de agosto; mas a umidade já não era tão forte e o ar cheirava a madressilva e a erva recém cortada. Ao final da rua, um grupo de meninos gritava enquanto se dedicava a caçar vaga-lumes no jardim de algum vizinho. Um carro deixou um rastro de música ao passar.

—Está segura de que não quer que me eu encarregue do caso amanhã? Não tem muito bom aspecto — disse-lhe Duncan quando saiu ao alpendre.

—Muito obrigado, homem — respondeu-lhe Sarah em tom cortante.

—Bom, não queria dizer isso. — A única luz que iluminava o alpendre era a que saía através da porta entreaberta, de forma que, embora não podia estar muito segura, a Sarah pareceu que Duncan avermelhava. Tem bom aspecto, quero dizer, sempre o tem, exceto... Er... Só queria dizer... Isto... Que com tudo o que aconteceu talvez não devesse...

—Estarei no tribunal as nove — interrompeu-lhe Sarah tirando-o do apuro—.

Obrigado por me trazer os documentos.

—OH, sim, bom, foi um prazer. Como sempre.

Duncan desceu os degraus, encolhendo-se de ombros e agitando a mão, como se sentisse feliz de escapar por fim dali e atalhou pela grama para chegar quanto antes junto ao carro. Sarah fechou a porta e ao dá-la volta viu que nesse momento Jake saía da sala com a bolsa de lixo, agora cheia, na mão.

—Bom, desperdiçou sua noite. —Jake se encaminhou para a cozinha.

—O que quer dizer? —Sarah foi atrás dele.

—É evidente que estava desejando te encontrar sozinha. Acredito que está tratando de reunir forças para te pedir que saia com ele.

—Mas se só me trouxe o expediente Helitzer!

—Sim, bom. Uma desculpa perfeita, não te parece?

Jake voltou à cara para lhe sorrir enquanto abria a porta traseira, com a evidente intenção de tirar o lixo. Cielito, que devia haver-se tirado uma soneca no alpendre, saltou sobre seus pés e se afastou imediatamente deles com uma explosão de latidos. Jake soltou a sacola e se apressou a entrar de novo na cozinha. Cão e homem se escrutinaram através do biombo; Jake tinha os olhos desmesuradamente abertos e Cielito o contemplava enfurecido. Sarah se pôs a rir.

—Maldito vira-lata — murmurou Jake entre dentes e, uma vez recuperado, recuperou a sacola.

—Adora-te, o problema é que lhe custa manifestá-lo. — Jake lançou um bufo.

Sem deixar de sorrir, Sarah passou por diante dele e abriu o biombo. Cielito entrou na cozinha e lançou um olhar de revés ao Jake, que não lhe tirava olho, ao passar por diante dele. — Lamento que te tenha assustado.

Ele tinha bem merecido por burlar-se dela.

Não obstante, Jake não picou o anzol. Limitou-se a fazer uma careta e saiu pela porta traseira enquanto Cielito se afastava em direção oposta, provavelmente para seu lugar preferido para dormir: sob a cama de Sarah.

—Vou tomar ducha — disse Sarah ao Jake.

Sem aguardar resposta, encaminhou-se para o banho. Estava exausta, doía-lhe todo o corpo e, apesar dos analgésicos, voltava a ter a cabeça a ponto de estalar.

Depois da ducha, se meteria na cama. Tal e como dizia Escarlata O'Hara no O vento levou, “amanhã será outro dia”.

Só esperava que fossem melhor que os dois anteriores.

Ao final optou por um banho para evitar que lhe molhasse a ferida da cabeça.

Enquanto enchia a banheira se escovou os dentes e se olhou no espelho que havia em cima do lavabo. Inclusive à benévola luz de seu próprio banho seguia tendo um aspecto espantoso, concluiu sombria depois de proceder a um exame crítico das partes de si mesmo que conseguia a ver. Apesar de seu metro sessenta de estatura, pesava tão somente quarenta e seis quilos, vinte menos que fazia sete anos. Sarah era consciente de que estava ficando muito magra, e a imagem que lhe devolvia o espelho nada fazia a não ser corroborá-lo. Seus olhos — que tinham a mesma

tonalidade azul escuro que os de Lexie, e por isso lhe custava manter seu próprio olhar — estavam rodeados de profundas olheiras. Sua cara, que no passado resultava enormemente atrativa graças à delicadeza de seus traços, agora estava muito magra, muito: os ossos lhe sobressaíam tanto que até pareciam querer lhe rasgar a pele para sair por ela. Se a isso lhe acrescentava uma extrema palidez, umas sobrancelhas retas e negras como o carvão, e o vermelho arranhão que tinha feito no queixo ao cair ao chão, seu aspecto era, sem lugar a dúvidas, capaz de aterrorizar a um menino. Uma enfermeira a tinha ajudado a tomar banho durante sua estadia no hospital; por isso, ao menos, seu cabelo, curto e também negro, estava apresentável por um dia mais. Ou talvez apresentável fosse dizer muito.

Concordamos que estava limpo. Sua cabeleireira curta e ordenada na frente era estupenda para o trabalho, já que para penteá-la bastava lavá-la e lhe acrescentar um pouco de xampu. Entretanto, já não o era tanto quando lhe faltava o xampu, ou quando se tratava de ocultar uma parte de esparadrapo cor carne quase tão grande como uma nota de dólar.

Apesar de tudo, tinha que dar obrigado por seguir viva.

“Mary já não o estava...”

Enquanto tentava apagar essa ideia de sua mente, Sarah se introduziu na banheira e se afundou com leite na água quente. Embora a maior parte de seu corpo experimentasse uma maravilhosa sensação ao fazê-lo, a dor que isso lhe produziu, nos cotovelos e joelhos, nos suturados a arranhões, foi insuportável. Dado que era quase impossível manter as quatro articulações fora da água ao mesmo tempo, lavou-se apressadamente e saiu da banheira gotejando. Enquanto o fazia cambaleou ao sentir um repentino enjoo. Por sorte, pôde apoiar-se no lavabo antes de cair de joelhos. Segurou-se com todas suas forças a beira da banheira, inspirou profundamente várias vezes e não se moveu dali até recuperar o equilíbrio. Então se secou depressa, vestiu a enorme camiseta azul que usava para dormir e o penhoar atoalhado branco e se dispôs a dar boa noite ao Jake.

Seu amigo voltava a estar na sala, sentado no sofá e com os pés apoiados sobre a mesa de centro. Tinha o controle remoto na mão e, como não podia ser menos se tratando de um homem, nesse momento se dedicava a trocar com ele de um canal a outro. Quando Sarah entrou na sala, Jake elevou os olhos e baixou o controle. A Sarah bastou dar uma olhada ao aparelho para comprovar que estava olhando o telejornal das dez. Hayley Winston ocupava a tela, uma imagem loira e frívola que comentava o acidente em cadeia que se produziu na auto-estrada 17.

—Tem um aspecto terrível — disse-lhe Jake—. Dói-te a cabeça?

“Vá se me dói.”

—Um pouco, vou à cama.

—Chama se necessitar.

—Pode contar com isso — disse-lhe Sarah enquanto dava meia volta. Ato seguido voltou à cabeça e lhe disse—: Jake?

—Sim? — Seu amigo tornou a se concentrar na televisão. Parecia encontrar-se tão a gosto no sofá, tão grande, tão moreno, tão desalinhado e querido, que Sarah não pôde conter-se e esboçou um sorriso.

—Obrigado — disse-lhe com doçura.

Jake a olhou.

—Por...?

—Por estar aqui. Por ficar esta noite. Por ter acudido ontem ao hospital. Por tudo.

—Faço-o encantado.

Seus olhos retornaram à televisão e, de repente, abriram-se como pratos. Ao ver a expressão de surpresa de seu amigo, Sarah seguiu seu olhar.

A cara de Lexie estava na tela, gordinha e sorridente, rodeada por uns grossos cachos acobreados. Sarah reconheceu a imagem imediatamente: era a foto escolar de sua filha, a que lhe tinham feito à terceira semana de creche.

A pontada de dor que sentiu ao lhe vê-la cortou a respiração.

—... Uma história particularmente comovedora — dizia nesses momentos Hayley Winston—. A ajudante do interventor do distrito, Sarah Mason, que salvou à menina de nove anos, Ângela Barillas, no curso do roubo que se produziu ontem à noite em um supermercado, é deste modo vítima de uma tragédia. Possivelmente os telespectadores recordem que sua filha de cinco anos, Alexandra, era...

A imagem desapareceu de repente. Sem mais. Jake tinha usado o controle remoto.

Pôs-se em pé e agora se aproximava dela com os olhos transbordantes de ansiedade.

—Sarah...

A dor a fazia tremer como uma folha. Encolhia-lhe o estômago, o fazia estremecer-se, supurava por seus poros. A intensidade com que a sacudia não tinha diminuído com o passar do tempo, e a ela tinha acabado por lhe resultar inclusive familiar. Uma vez mais se perguntou como era possível sofrer tanto e, ao mesmo tempo, permanecer com vida.

—Sarah. — Jake tinha apoiado suas mãos nos ombros de sua amiga, suas mãos grandes e cálidas, e a atraiu para seu peito.

Por um momento, só por um momento, Sarah se permitiu a si mesma repousar em seus braços, abandonar-se, recostar-se em sua sólida firmeza, consolar-se com sua presença, com a preocupação que demonstrava por ela.

Mas ato seguido obrigou a si mesmo a respirar, inspirando e exaltando lenta e profundamente; obrigou-se a afugentar a dor, a apertar os dentes, a endireitar as costas e a apagar de seu memória o que acabava de ver. Se algo tinha aprendido ao longo daqueles terríveis anos era que só se sobrevivia com a força. Terei que ser forte e tratar de superar a perda.

Sarah apartou a cabeça do corpo de seu amigo e deu um passo para trás. Jake a reteve a seu lado. Suas mãos apertavam com firmeza os ombros de sua amiga.

Tratou de olhá-la aos olhos.

—Estou bem. — A voz de Sarah resultava surpreendentemente clara. Sarah compreendeu ao olhá-lo que Jake compartilhava sua dor e isso a reconfortou. Para agradecer-lhe esboçou com muita dificuldade um tranquilizador sorriso. — Estou bem, de verdade. Não esperava voltar a ver isso.

Jake não parecia muito convencido, mas Sarah não podia fazer nada para evitá-

lo. Seu estado o impedia.

—Sarah...

—Vou para a cama — interrompeu-lhe ela porque, simplesmente, não podia suportá-lo mais, não podia suportar mais dor, mais traumas, mais compreensão.-Não se preocupe por mim, estou bem, prometo-lhe isso.

—De acordo. — em que pense que o cepticismo não lhe tinha apagado de tudo, Jake lhe soltou os ombros.

—Boa noite. — Sarah deu meia volta e se encaminhou para seu dormitório, com as costas bem erguidas e a cabeça muito alta.

—Boa noite. —A voz grave e profunda de Jake a acompanhou enquanto cruzava o vestibulo.

Seu quarto estava iluminado pelo tênue resplendor que procedia da sala. Depois de deixar a porta aberta para que Cielito pudesse levantar-se e sair a beber água durante a noite, Sarah tirou o lençol, afastou os lençóis e enfiou na cama sem sequer acender a luz. Necessitava, desejava e agradecia o sonho como o único refúgio que conhecia para aliviar a dor.

Sarah tinha uma fórmula, uma fórmula comprovada que lhe tinha ajudado a superar as 2.587 noites de insondável escuridão. Com a rítmica respiração do Cielito, que dormia sob sua cama, como fundo, Sarah se fazia um bolo sob os lençóis e recitava todas as orações que sabia, repetia-as uma e outra vez em silêncio até que as mesmas começavam a desfilar uma atrás de outra por sua mente; até que ela se abandonava à promessa de paz que ofereciam; até que, por fim, era engolida pelo despreocupado esquecimento que procurava o sonho.

Essa noite nem sequer sonhou. Dormiu profundamente. Não saberia dizer durante quanto tempo. O único podia assegurar era que, quando despertou sobressaltada, a casa estava silenciosa e às escuras. Por um momento não soube identificar o que a tinha despertado.

Então soou, com um timbre agudo e insistente, o telefone que havia sobre a mesa de noite.

De forma que isso era o que a tinha despertado. Sarah resmungou e procurou pelo o aparelho. Retumbava-lhe a cabeça, tinha a boca seca e, para surpresa dela, resistia a abandonar as garras do sono. Os analgésicos a tinham atordoados. Pode ser que o sono intensificasse seus efeitos. Enquanto sua mão aferrava o auricular, viu que o despertador luminoso da mesinha marcava a 1:32 da madrugada.

A essa hora só podia tratar-se de más notícias, e a fonte mais provável delas era o trabalho. Necessitavam-na no cárcere, na cena de algum crime...

—Sim? —Sua voz ainda soava apagada pelo sonho quando respondeu.

—Mamães, mamãe, vêm me buscar. Estou assustada. —A voz se quebrou em um soluço quase inaudível—. Mamãe, onde está?

Sarah lançou um grito sufocado e se incorporou de um salto na cama enquanto a trêmula voz da menina arrepiava seu corpo.

Era Lexie. Lexie, que sete anos atrás se afastou dela para ir procurar uma parte de bolo de aniversário e que, continuando, tinha desaparecido sem deixar rastro.

Capítulo 7

—Lexie — gritou Sarah no telefone, mas já era muito tarde. Lexie tinha partido e o único som que chegava agora a seus ouvidos era o monótono zumbido da linha Telefônica.

Lexie tinha desligado.

“Não, não, não.”

—Lexie — uivou enquanto se precipitava fora da cama sujeitando o telefone com tal força que os dedos começaram a lhe doer. Seu coração se acelerou até tal ponto que Sarah temeu que fosse estalar—. Lexie, Lexie, Lexie, Lexie, Lexie!

O zumbido da linha foi, de novo, a única resposta.

—Lexie! —Sarah se ajoelhou no assoalho soluçando e aferrando-se ao aparelho como se este fora uma corda salva-vidas. Palpitavam-lhe os tímpanos. Tinha o coração em um punho. “Meu Deus, por favor.” Voltou a falar frenética pelo telefone—: Lexie, Lexie!

—Que demônios está acontecendo aqui? —A luz do dormitório se acendeu de repente e uns passos se precipitaram para ela. Cielito abandonou seu refúgio sob a cama e rompeu em uma salva de latidos ameaçadores—. Silêncio, Cielito — ordenou-lhe Jake enfurecido, e o cão obedeceu. Ato seguido, empregando um tom completamente distinto, dirigiu-se a sua amiga—: Sarah?

—Jake! —Sarah seguia ajoelhada, obstinada ao telefone, balançando-o contra sua orelha. Olhou a seu amigo como uma possessa.- Era Lexie, Jake. Chamou-me.

Agora. Lexie me chamou por telefone.

—O quê?

—Era ela, era sua voz. Era Lexie. OH, Meu Deus, Jake, era Lexie. —Sarah inspira e a seguir gritou outra vez pelo microfone—. Lexie, Lexie! Onde está? Lexie! Fale-me, por favor. Por favor.

Só lhe respondeu o tom da linha telefônica. Sarah começou a soluçar com afagos roucos e entrecortados.

—Sarah.

Jake se inclinou junto a ela, rodeou-lhe com um braço os ombros tremendo e tratou de lhe tirar com delicadeza o telefone da mão. Sarah resistiu, segurando-o com todas suas forças. O aparelho era uma ligação com sua filha, o único enlace com sua filha...

Sarah inspirou ruidosamente e recuperou o controle de sua voz.

—Era Lexie, Jake.

—Me deixe ouvir, querida.

Seus dedos se fecharam sobre os de sua amiga e, pouco a pouco, elevou o telefone para levar-lhe ao ouvido. Esta vez, Sarah não opôs resistência, mas tampouco o soltou. Não podia. Lexie estava ao outro lado da linha. Jamais poderia soltá-lo. Sua filha estava ali..., em algum lugar. Em algum lugar, em algum lugar.

Mas onde? Meu Deus, onde?

—Lexie — gemeu com voz trêmula enquanto a dor, afiada como uma faca rasgava-a de novo.

—Diga? —disse Jake no microfone—. Diga?

Passado um momento, olhou a sua amiga negando com a cabeça e baixou o auricular. Sarah o sujeitava ainda, com os olhos cravados no Jake com uma mescla de medo, pavor e esperança que o fazia estremecer-se até sabendo que era muito tarde, embora só pudesse ouvir nele o monótono zumbido da linha do telefone.

—Lexie... —Aquele grito ancestral retumbava em sua cabeça.

—A única coisa que ouço é o tom de linha. Não há ninguém, Sarah. — Jake parecia sinceramente sentir pena por ela.

—Era Lexie. Juro-te que era Lexie — repetia Sarah ofegante, suada, trêmula.

Seus dedos seguiam obstinados ao telefone, com tanta força que os nódulos lhe tinham ficado brancos. Sentia o terror do pânico em suas vísceras. Tinha que encontrar a Lexie. Não podia, não podia perdê-la de novo. OH, Meu Deus, controla o identificador de chamadas.

Ao mesmo tempo em que lhe ocorria essa ideia, Sarah se ajoelhou para ver o telefone. Seus dedos percorreram frenéticos o teclado do aparelho e apertaram a tecla para localizar o último número que a tinha chamado.

Na tela apareceu “chamada desconhecida”.

Sarah se sentiu como se a mão de um gigante lhe oprimisse o coração.

“Pensa. Tem que pensar.”

“Asterisco 69”, disse com um grito abafado. Voltava a falar para seu coração e não com o Jake, embora pudesse senti-lo a suas costas, ouvir sua respiração, sentir sua crescente preocupação.

Asterisco 69. Ao marcá-lo, comunicavam automaticamente o número da última chamada. Uma vez este estivesse em seu poder, poderia encontrar a Lexie. Apertou as teclas com dedos tremendo.

“Por favor, Meu Deus, por favor.”

Sarah levou o auricular à orelha e escutou com o coração acelerado e a respiração entrecortada.

—Bem-vindo ao serviço de devolução de chamadas. Touchstar Service não pode estabelecer a conexão com este número; localize-o ou introduza-o em sua lista.

—Não — gemeu Sarah, dobrando-se como um acordeão de forma que suas costas formaram uma linha paralela com o chão. Com as pernas encolhidas, estreitou o auricular contra seu peito com ambas as mãos.

—Não. Não. OH, Meu Deus, Lexie.

—Sarah, por favor.

Jake se inclinou sobre ela, e a abraçou fortemente enquanto sua amiga não parava de tremer. Sarah podia sentir seu peso sobre ela, a suave calidez de sua pele, o leve roçar do cabelo de seu peito contra seu braço. Com a reduzida parte de seu cérebro que ainda era capaz de reparar nessas coisas, constatou que, a não ser pela cueca, Jake estava completamente nu. Mas não lhe importou. Em sua mente só havia lugar para a Lexie.

—Está bem, necessito que me diga o que é o que passou. —Jake parecia tranquilo, muito tranquilo.

As costas de Sarah se esticaram e ato seguido se levantou, ela se liberou de seu abraço e o olhou carrancuda. Como podia permanecer tão sereno naquelas circunstâncias? Não lhe dava crédito.

—Já lhe disse, Lexie me chamou. Por telefone. Não o ouviste tocar?

Ela também tratava de acalmar-se, tentava diminuir a velocidade de seus pensamentos para compreender o que estava acontecendo. Mas o fato de ter o coração acelerado, o estômago encolhido e a mente saltando enlouquecida de uma possibilidade a outra, lhe impedia de pensar sequer com meia claridade. Só sabia que seu corpo reclamava a Lexie que, fazia apenas uns minutos, encontrava-se ao outro lado da linha do telefone.

—Só te ouvi ti chamando aos gritos a Lexie. —A voz de Jake não deixava transluzir nenhuma emoção. Quando Sarah o olhou, deu-se conta de que seu amigo a observava com atenção. Como se pensasse...

—Você não o podia ouvir, em seu quarto não há nenhuma extensão. —Então, ao compreender o verdadeiro sentido das palavras de seu amigo, acrescentou com um grito sufocado—: Não estará pensando que inventei isso, verdade?

Sem necessidade de dizer-lhe; ambos pensavam na infinidade de vezes, durante os dias, meses e anos subsequentes ao desaparecimento de Lexie, em que Sarah tinha acreditado ter visto sua filha no interior de algum carro e o tinha seguido para acabar descobrindo que ali só viajava outra menina ruiva. Ou nas inumeráveis ocasiões em que tinha acreditado ouvir a voz de sua filha e, depois de precipitar-se para o lugar de onde procedia aquele som, encontrou-se com que se tratava da risada de outra menina. Ou naquelas outras em que lhe tinha parecido sentir a presença de sua filha a suas costas e, ao dar a volta, tinha constatado que não estava ali.

Os psiquiatras que tinha visitado durante o segundo ano depois do desaparecimento de Lexie, coincidindo com o período em que tanto tinha lutado por retomar seus estudos de direito, haviam-lhe dito que o que experimentava era tão frequente que até tinha um nome: “comportamento de busca”.

Já não lhe acontecia tão frequentemente, mas algumas vezes...

—Não imaginei isso — gritou ao ver que Jake permanecia em um silêncio que, em certo modo, valia mais que mil palavras—. Não sonhei e tampouco inventei isso.

Ocorreu de verdade. Lexie me chamou por telefone, Meu Deus, posso provar que houve uma chamada. Está no identificador.

E era certo. Embora o aparelho tivesse sido incapaz de identificar o número, não se podia negar que tinha registrado uma chamada a 1:32. Desde não ser assim, até ela mesma teria começado a duvidar que aquilo tivesse acontecido de verdade.

Mas estava a gravação. Não podia deixar de agradecer-lhe a Deus, devia lhe agradecer aqueles pequenos gestos de clemência. Ao menos tinha uma pequena prova da chamada de sua filha.

Jake apertou os lábios, ficou de pé, inclinou-se sobre o telefone e compôs um número no teclado para confirmar, claramente, que a chamada se produziu realmente.

—Te disse que chamou — disse-lhe Sarah quando a tela se iluminou. Sem soltar o auricular, ficou de pé cambaleando. A adrenalina lhe corria pelas veias. O coração lhe pulsava

enlouquecido. Sua mente dava voltas como apanhada em uma dessas atrações de feira que rodam sem cessar. Debatia-se entre lutar ou sair fugindo, mas não conseguia concentrar-se, era incapaz de decidir o que teria que fazer a seguir. A única ideia que podia perceber com toda clareza era que estavam perdendo tempo—. Temos que encontrar a forma de averiguar o número. Digo-te que quem ligou era Lexie.

Jake se incorporou para olhá-la, com olhos sombrios e semblante de preocupação, ao constatar o desespero de sua amiga.

—Está bem — disse por fim.

Sarah conhecia aquele tom, sabia que estava cedendo. Inclusive descalço e meio nu, seu amigo emanava uma inquebrável fortaleza. O problema era que o que ela necessitava nesse momento não era firmeza. O que precisava era que lhe acreditasse. E que lhe ajudasse.

—Explique-me isso tudo — prosseguiu ele. - Soou o telefone, não é assim? Você respondeu. E então... —Arrastava as palavras como a convidando a continuar.

—Era Lexie. —Sarah inspirou ar ruidosamente, lutou por manter a racionalidade, lutou por não estragar tudo ao mesmo tempo. Desesperada, tratou de liberar-se dos efeitos dos soníferos e da ferida que tinha na cabeça. Queria sair correndo à rua gritando o nome de sua filha; queria procurar freneticamente a Lexie por toda a cidade; queria esmurrar todas as portas, golpear os guichês de todos os carros em marcha e registrar todos os porões, becos e arvoredos até que não ficasse nenhuma só pedra por levantar—. Era Lexie que chamou. Pelo visto se lembra do número.

Felizmente, nunca o quis trocar. Disse... Disse... —Sarah tentou recordar—. “Mamãe me ajude.” E logo acrescentou que estava assustada. Então começou a gritar: “Onde está, mamãe?”

Os olhos de Sarah se alagaram de lágrimas. A angústia ameaçava apoderando-se dela enquanto seu olhar oscilava entre o auricular que seguia sujeitando na mão e a cara de seu amigo. Este a olhava com lástima, mas não fazia nada. E Sarah o olhava a sua vez sem soltar o aparelho que não deixava de zumbir. Enquanto isso, Lexie a necessitava em alguma parte e se estaria perguntando onde estava ela. Sarah olhou com paroxismo para portas e janelas. Sem soltar nem por um momento o auricular.

“Por que continuamos aqui? Temos que identificar a chamada. Temos que chamar à polícia.”

Ao ver a careta de Jake, deu-se conta de que lhe estava gritando.

—Sarah — disse-lhe Jake sem perder a calma. Sarah percebeu de que o sentia por ela. A sombria compreensão que se podia ler em seus olhos lhe indicou, além disso, que seguia sem acreditá-la—. Carinho.

—Era Lexie — gritou enlouquecida ao ver que ele não parecia entendê-la.

Quando pensou que estavam desperdiçando tempo, aproximou-se o auricular, aferrando-o com ambas as mãos. As mãos lhe suavam ao apertar o plástico. Os batimentos do coração de seu coração semelhavam o repico dos cascos de um cavalo ao galope. Teria gostado mais que tudo no mundo poder introduzir-se no auricular e percorrer a linha telefônica para chegar até sua filha. Lexie estava ali, ao outro lado da linha, fora de seu alcance.

“O que faço? O que posso fazer? Tenho que encontrar Lexie...”

—Está bem, te tranquilize. —Jake a agarrou de novo pelos antebraços, a aproximou do peito

e a abraçou de forma que ela se viu uma vez mais envolta em seu calor, em sua força, em seu aroma familiar. Seu amigo lhe oferecia consolo do melhor modo que sabia, no único, e ela o rechaçava com orgulho.

—Quer que me tranquilize? Está brincando. —Sarah se largou de seu abraço, olhou-o, a seguir posou os olhos no auricular que tinha na mão e o colocou com cuidado sobre a mesa de noite, junto ao telefone. Nem te ocorra desligar — advertiu a seu amigo, e acrescentou—: Necessito seu celular. Onde está?

A seu estava na bolsa, requisitado pela polícia. Pode ser que alguns dias lhe devolvessem seus efeitos pessoais. Mas justo agora, quando mais o necessitava, não podia dispor dele. Por que as coisas tinham que funcionar sempre igual?

—Na mesa de noite que há junto à cama.

Sarah compreendeu que se referia ao quarto de visitas. Depois de separar-se dele, precipitou-se para aquela habitação, apertou o interruptor ao entrar de forma que o abajur que havia sobre a mesa se acendesse e, depois de percorrer rapidamente com o olhar a cama desfeita e a roupa esparramada pelo chão, viu seu celular negro e magro, e o agarrou.

“A polícia. Têm que identificar a chamada. Tem que levar ao final uma investigação antes que as pistas sumam.”

Com mãos tremulas, abriu o aparelho e discou 911. A veneziana não estava completamente fechada, de forma que podia ver a escuridão da noite através de suas frestas. Lexie estava em alguma parte aí fora, rodeada de toda aquela embriagues. Lexie, que sempre tinha tido medo dela. Ao pensá-lo, Sarah sentiu que se enjoava e inspirou profundamente.

“Depressa, depressa, depressa...”

—Espera um momento, Sarah. —Jake lhe agarrou as mãos, para impedir que atirasse o último golpe. Seu amigo a rodeava por detrás, era muito mais corpulento e mais forte que ela e, além disso, contava com o fator surpresa, por isso Sarah não pôde impedir que lhe tirasse o telefone das mãos e o fechasse—. Espera.

—O que faz? —Sarah se equilibrou furiosa sobre o Jake tratando de lhe tirar o aparelho, mas ele o sujeitou e o manteve todo o longe que pôde do alcance de sua amiga.

—Me escute...

“O que te passa? Devolva-me esse telefone.”

—Maldita seja, Sarah.

Jake jogou o aparelho à cama. Quando Sarah saltou sobre ela para agarrá-lo, ele a impediu sujeitando-a com seus braços, estreitando-a contra ele. Resistiu furiosa, estirando-se para tratar de alcançar o aparelho, atirando murros nos braços de seu amigo, lhe dando chutes nas pernas.

—Aí! Merda!

—Me solte! Está louco? Tenho que chamar à polícia.

—Quer me escutar? Como pode estar tão segura de que era Lexie?

—Pensa que não sou capaz de reconhecer a voz de minha própria filha?

Reconheceria em qualquer lugar, nos limites do universo, nos buracos mais escuros

e profundos da terra, em qualquer lugar, entende-o? Era idêntica à sua. Minha pequena... —A voz de Sarah se quebrou ao tempo que tratava de largar-se dele.

—Por isso mesmo, não o entende? Sarah, querida, passou já sete anos. É impossível que Lexie tenha a mesma voz que então. Então tinha cinco anos. Agora deveria ter uns... Doze? Duvido que inclusive você fosse capaz de reconhecê-la agora ao falar.

—Era Lexie. Era Lexie...

Enquanto seguia lutando por afastar-se, a veracidade do que dizia seu amigo caiu sobre ela como um jarro de água fria. A voz de Lexie era exatamente a mesma.

Como se ainda tivesse cinco anos.

Não podia ser.

—OH, não. Não, não, não. —A lógica determinante daquele argumento lhe causou uma pontada no peito. Ficou sem fôlego, fraquejaram-lhe os joelhos e esteve a ponto de cair desfalecida ao chão; mas os braços de Jake o impediram.

—Sarah...

—Era ela — repetiu. Enquanto balbuciava aquelas palavras, percebeu-se de que se estava agarrando a um prego ardendo—. Era ela. Reconheci sua voz. Temos que chamar à polícia.

—Sarah. —Jake deslizou um braço por debaixo dos instáveis joelhos de sua amiga e a elevou em braços. Sarah se estreitou contra seu largo peito, ofegando, aniquilada ao comprovar que era inútil evitar a espantosa verdade—. Foi um sonho — prosseguiu Jake, inexorável—. Está-te recuperando de um golpe muito forte na cabeça. Está tomando analgésicos, pelo amor de Deus. O que intento dizer é que talvez sua percepção das coisas nestes momentos não seja muito clara.

O que queria dizer, com a maior delicadeza possível, era que não se podia tratar de Lexie. Por muito que odiasse fazê-lo, ela devia encarar os fatos. A voz era a de uma menina pequena. A de uma garotinha de doze anos soaria de outro modo...

—Localizarei a chamada — prometeu Jake depois sentar-se na beira da cama de casal do quarto de visitas, com ela no seu colo. Sarah podia sentir a suavidade e a firmeza de seus punhos por debaixo de suas pernas. Seu peito era largo, musculoso e estava coberto por um suave triângulo de pelo negro. Seus braços a seguiam sujeitando para evitar que saísse correndo da habitação—. Chegarei ao fundo deste assunto. Mas primeiro tem que recuperar o controle.

—Era Lexie. —Seu protesto se ia debilitando, porque sabia, sabia que era impossível que sua filha de cinco anos a chamasse depois de ter permanecido sete em paradeiro desconhecido. Sabia. Mas mesmo assim...

Ao recordar sua voz, o coração disparou.

—Não pode ter sido ela, Sarah. —Jake a estreitava entre seus braços e tratava de ler em seus olhos o que sua amiga sentia. Ato seguido pronunciou em voz alta as palavras que ela se negava a aceitar.

—Então, quem era? — gritou ela, sentindo como a dor a rasgava novamente.

Sarah se incorporou e o olhou como se ele tivesse toda a culpa, como se ele fizesse que todo aquilo resultasse impossível.- Se não era Lexie, quem era? Pode-se saber?

Seu semblante se endureceu. Sarah era consciente de que ele odiava ter que lhe dizer aquilo.

—O mais provável é que fosse a chamada de um louco.

A chamada de um louco. Aquela ideia era horrorosa, e até monstruosa.

—Não — replicou ela. Não obstante, enquanto sua possível a veracidade começava a filtrar-se inexoravelmente no mar de dor, resistência a sua e esperança no que navegava à deriva, acrescentou lastimosa: - Quem faria algo semelhante?

—Não sei. — Jake sacudiu a cabeça. À luz do spot que havia sobre suas cabeças, Jake aparecia tão pálido e como podia está-lo um homem tão bronzado como ele.

Estava despenteado e sem barbear. A dor lhe enegrecia os olhos enquanto apertava os dentes —. Leva vinte e quatro horas sem deixar de sair na televisão. Você mesma viu parte da reportagem no que mencionaram o que aconteceu a Lexie. Ao igual a fizeram em todos os lares desta zona. E isso que nós saibamos.

—Só um louco seria capaz de fazer uma coisa assim.

Louca era precisamente como se sentia ela, no mais fundo, até a morte, com a mesma dor dilacerante que tinha experimentado durante os dias, semanas e meses sucessivos ao desaparecimento de Lexie. A dor nunca tinha desaparecido de tudo, mas tinha ido minguando, converteu-se em uma insípida doença com a que ela tinha aprendido a conviver, a superar, a aceitar; da mesma maneira que quem tem sofrido uma amputação seguem sentindo ferroadas no membro que já não existe. Mas agora voltava a experimentar a dilaceradora angústia dos primeiros tempos, e se estremeceu ao receber o impacto.

Não podia suportá-lo, mas tinha que fazê-lo. Essa era outra das lições que tinha aprendido naquela dura escola da vida.

Jake a estreitou entre seus braços como se quisesse que ela deixasse de tremer.

—O mundo está cheio de louco.

—Está seguro...? — Sarah respondeu a sua própria pergunta antes inclusive de finalizá-la, aceitando, por fim, a dura e fria verdade—: É impossível que fora Lexie, verdade? OH, Meu deus, não pode ter sido ela.

—Não, não pode ter sido ela — falou Jake com calma, e atirou assim o golpe de graça a última fresta de esperança de sua amiga.

Sarah já tinha visto o abismo em anteriores ocasiões, de forma que não lhe custou nada reconhecê-lo enquanto se aumentava na frente seus olhos. Igual à antigamente encontrou-se a si mesmo tremendo à beira de um infinito poço de dor e desespero, à espera do sabido incauto que a apartasse dali. Entre ofegos, pugnou por manter o controle de si mesma. Os olhos lhe alagaram de lágrimas que começaram a rolar, cálida, por suas bochechas. Apertou os lábios para não ficar a chiar; como um menino enterrou a cara no ombro de Jake, afundou-se nele e se concentrou em seu quente abraço, no consolo que lhe procurava seu familiar aroma, na força muscular que lhe transmitia seu corpo. Jake a tinha ajudado já no passado a superar seus momentos mais negros, e agora ela voltava a aferrar-se a ele como se fosse à única rocha que podia salvá-la de ser novamente engolida por um mar enfurecido.

—Sarah.

As mãos de Jake lhe acariciavam as costas para consolá-la. Sarah percebeu de que estava

tremendo como se tivesse uma febre muito alta. Sentiu que algo lhe roçava o cabelo —os lábios dele, pensou — e se estreitou ainda mais contra seu corpo. Se alguém podia ajudá-la a superar momentos como aquele, esse era ele...

“Obrigado, Meu deus, obrigado por haver concedido ao Jake.”

—Estou bem — disse-lhe, embora parecesse que, ao dizê-lo, tratasse de tranquilizar-se a si mesma e não o seu amigo. Mas, não estava; Sarah podia senti-lo em sua voz entrecortada, nos tremores que seguiam sacudindo-a. Tinha a garganta seca, os olhos lhe ardiam e a dor que sentia naqueles momentos, a dor física, era completamente distinta e muito maior que qualquer dos que tinha tido que sofrer no passado.

—Tem razão: acredito que, neste caso, temos que chamar à polícia. Lhes diremos que recebeste a chamada de um perturbado. —Os lábios de Jake lhe roçavam a orelha. Falava-lhe arrebitando as palavras, como querendo assegurar-se de que a mensagem que tentava transmitir com elas penetrava nela.

—Sim, de acordo. —Sarah se esforçava por sobrepor-se, apertava os dentes para dominar os tremores, tentava regular a respiração, diminuir os batimentos de seu enlouquecido coração. Sentia-se destroçada. A chamada de um perturbado...

Claro, do que outra coisa se podia tratar? Uma brincadeira cruel e terrível.

Suspirando lentamente, esforçou-se a dizer: —Temos que localizá-la.

—Farei tudo que esteja em minhas mãos, não se preocupe.

Não obstante, Jake parecia titubear. Sarah podia sentir a tensão em seu corpo, percebia certa relutância em sua voz, e pensou que devia haver algo mais. Algo mais.

Fazendo provisão de todas suas forças, inspirou profundamente, endireitou as costas e apartou a cara do refúgio que lhe oferecia o ombro de seu amigo para olhá-

lo. Quando seus olhos se encontraram, Sarah teve a certeza de que as más notícias não se acabavam aí e de que Jake odiava ter que ser ele quem as comunicasse.

—O que aconteceu?

—Há algo mais que deve saber — disse-lhe, enquanto Sarah limpava o nariz e enxugava as últimas lágrimas. Jake apertou a boca ao vê-la. Sarah não acostumava a chorar e nem sequer nos primeiros tempos estava acostumado a fazê-lo diante dele; mas, quando o fazia, ele o passava mal. Jake era sensível para estas coisas.

—Vamos diga. —As lágrimas estavam quase dominadas e sua voz era mais firme.

Jake fez uma careta.

—Quando vim esta manhã a dar de comer ao Cielito, os brinquedos que guarda no armário estavam fora da caixa e dispersados por todo quarto.

Sarah demorou uns instantes para compreender que seu amigo se referia aos brinquedos da Lexie. O pulso lhe acelerou de novo. Respirou profundamente para tratar de controlá-lo.

—O que quer dizer?

—A caixa estava derrubada e os brinquedos estavam pulverizados pela habitação. Pensei que era coisa do Cielito.

—Cielito? —Sarah se parou um segundo a pensar e, ato seguido, negou com a cabeça—. Não acredito.

—A casa estava fechada à cal e canto. Seu dormitório também. Não alcanço a compreender como raios puderam acontecer.

Sarah não tinha conservado todos os brinquedos de Lexie: só aquele que sua filha adorava. Quando se tinha mudado do duplex no que ela e Lexie viviam, tinha-os guardado em seu armário. Que ela soubesse ninguém havia mexido naquela caixa depois.

—Isso... Estranho.

Jake a observava.

—Sim.

Os brinquedos da Lexie pelo chão. A voz de Lexie no telefone. Sarah abriu os olhos devagar. Sentiu um calafrio nas costas. Em que pensa a todos seus esforços, o coração começou a lhe pulsar de novo enlouquecido. Então era possível que Lexie tivesse estado na casa? Estaria tratando de comunicar-se com ela? Sarah tinha ouvido contar algumas histórias sobre espíritos que tentavam entrar em contato com seus seres mais queridos movendo objetos ou fazendo chamadas do mais à frente; e ela e Lexie tinham estado tão unida, tanto, que em caso de que esse tipo de coisas se produzissem de verdade era muito provável que sua filha estivesse tratando de chegar até ela, de retornar ao seu lado em uma ou outra forma. Só que, para poder aceitar uma coisa assim precisava acreditar primeiro que os fantasmas existiam; segundo, que podiam ficar em contato com os vivos e, por último, o mais difícil de admitir, que Lexie estava morta.

Sarah era consciente de que a probabilidade de que sua filha tivesse morrido depois de todos aqueles anos era muito alta; entretanto, não conseguia fazer-se à ideia.

Preferia seguir pensando que Lexie estava viva em algum lugar. Embora a razão o fizesse pensar algumas vezes o contrário, seu coração, seu pobre coração quebrado, não estava disposto a abandonar aquela última esperança. Não, enquanto Sarah seguisse com vida.

—E bem? —Jake não tinha deixado de escrutinar seu semblante.

—Chame à polícia — disse ela, e ele assentiu com a cabeça.

Jake se dirigiu para o aparelho, agarrou o auricular e marcou o número. Sarah ouviu que falava, mas não decifrou nenhuma de suas palavras. Em lugar de tentá-lo, concentrou-se em repassar mentalmente a voz que tinha ouvido por telefone.

“Mamãe, mamãe, vêm me buscar. Estou assustada. Mamãe, onde está?”

O tom, todas e cada uma das sílabas, recordavam o modo de falar de Lexie.

Inclusive a maneira de pronunciar o R. Mas pouco importava até que ponto desejava acreditar, era impossível que tivesse acontecido.

“Impossível.”

Quando os agentes Mike Steed e Tyson Dryer chegaram a sua casa, Sarah já tinha acalmado. Tinha tido tempo mais que suficiente de assumir o fato de que o mais provável era que tivesse sido vítima de uma brincadeira de mau gosto. O qual não impedia que tivesse o coração feito pedacinhos. Mas ao menos foi capaz de falar com os policiais sem desfalecer.

Os agentes tomaram nota e, ato seguido, dispôs-se a partir; e, embora se mostrasse corretos

em todo momento, comportaram-se como se o que lhe tinha acontecido a Sarah tivesse a mesma gravidade que um golpe no para-lama. A possibilidade de que indagassem em profundidade o acontecido era virtualmente nula. Sarah teve a impressão de que, de não ter sido porque Jake era amigo deles, nem sequer se teriam incomodado em ir a sua casa. Não obstante, como interventor tinha direito a um trato diferente. Se se sentisse melhor, teria se zangado com eles.

De repente, lamentou ser uma advogada para o departamento de polícia.

—Chamei a um amigo da companhia telefônica que me prometeu que fará todo o possível por localizar a chamada — disse-lhe Jake depois de que os policiais se foram—. E deixei a secretária eletrônica que tem na cozinha preparado para gravar em caso de que se produzam mais. Se o telefone voltar a tocar, deixa que a secretária eletrônica atenda.

Aquela ideia bastou para que Sarah voltasse a sentir-se tensa. Mas assentiu com a cabeça.

Ambos continuavam na cozinha, onde tinha tido lugar a entrevista com os agentes. Sarah estava sentada à mesa e Jake se apoiou sobre esta. Cielito, cuja expressão de desgosto pela presença policial na casa tinha sido inesquecível, encontrava-se agora no pátio traseiro. Pensando estar envolta em seu penhoar branco e levar postas umas meias três — quartos de esporte nos pés, Sarah tremia ainda dos pés a cabeça com muita intensidade como para que a causa fora tão somente o ar condicionado. Além disso, o Jake não parecia lhe incomodar a temperatura embora seguisse vestido com a mesma calça e a mesma camisa que usava no dia anterior. Antes da visita dos policiais, lhe tinha servido um copo de leite-desnatado, o único ela comprava—, e lhe tinha ordenado que o bebesse obedecendo à teoria, pensava Sarah, de que qualquer que fosse a substância que havia no leite que ajudava às pessoas a conciliar o sonho podia ter um efeito calmante sobre sua amiga. O copo seguia diante dela, quase intacto.

—Cansada? —perguntou-lhe Jake.

Sarah reparou então em que tinha ambos os cotovelos sobre a mesa e a cabeça apoiada nas mãos.

—Sim. — Sarah o olhou. Estava cansada, tanto física como psicologicamente. A chamada telefônica a tinha alterado até o ponto de lhe haver arrebatado as últimas reservas de energia que ficavam.

— Vai acabar de beber o leite?

Sarah olhou com repugnância o copo quase cheio.

—Não.

Jake agarrou o copo e verteu o leite restante na pia. Sarah soube por que ouviu o gorgolejo do líquido ao cair pelo encanamento e o barulho que fez o cristal ao se chocar contra a superfície metálica da pilha quando Jake o deixou ali. Tinha os olhos fechados e a cara de novo escondida entre as mãos, de forma que não podia ver nada. Desejava abandonar-se ao esgotamento físico que lhe exigia repouso, mas sua mente se negava a cooperar. Embora seu corpo se rendesse, as ideias seguiam amontoando-se o na cabeça.

—Vamos, é hora de deitar-se.

Jake estava atrás dela e Sarah podia sentir suas mãos apoiadas no respaldo da cadeira. Sarah piscou e elevou os olhos em direção a seu amigo, logo seu olhar se posou no relógio que havia em cima da geladeira. Eram as 3:23. Nem sequer fazia duas horas que tinha falado com a Lexie —

não, com a Lexie não — por telefone.

Parecia-lhe mentira que tivesse passado tão pouco tempo. Para ela tinha sido uma eternidade.

Não obstante, o mais importante nesse momento era que seguia sendo de noite.

Se fossem à cama, ainda tinham tempo de dormir umas três horas.

Mas, por muito exausta que Sarah estivesse, pensava que não ia ser capaz de dormir.

O qual não implicava que Jake se tivesse que privar de suas próprias horas de sonho.

—Está bem. —Fazendo provisão dos últimos restos de capacidade decisória que ficavam, levantou-se. Ao fazê-lo, sentiu um enjoo e uma fortíssima pontada na cabeça. Ou os analgésicos não funcionavam ou o efeito dos mesmos estava desaparecendo.

—Está bem?

Jake olhou preocupado. Sarah assentiu, endireitou as costas e fez entrar no Cielito. O cão se introduziu de um salto na cozinha apenas Sarah lhe abriu a porta e sacudiu o cabelo. Ao sentir que a salpicavam umas gotas de água, Sarah reparou em que estava chovendo. Tratava-se de um ligeiro aguaceiro e, com toda probabilidade, não demoraria em descampar.

“Tears from heaven.” Em misteriosa sintonia com a situação, de repente lhe veio à cabeça o título da canção do Eric Clapton.

—Vai você primeiro, eu apagarei as luzes — disse Jake.

Sarah assentiu novamente com a cabeça e, em silêncio, seguiu ao Cielito até o vestíbulo. Podia sentir que Jake olhava-a preocupado enquanto se afastava, mas lhe resultava impossível tranquiliza-lo naqueles momentos. Tudo que conseguia fazer era caminhar a pequenos passos e manter-se em pé, pelo menos até chegar à cama onde por fim poderia desabar-se. Logo, uma vez entre os lençóis, poderia lamentar-se e ruminar sobre o acontecido até lhe tirar todo o suco; embora, ao mesmo tempo, trataria por todos os meios de tornar-lhe às costas. Era consciente de que iam se passar às horas que ficavam até o amanhecer travada em uma batalha privada para recuperar o domínio de suas emoções. Assustava-lhe constatar alheia que se sentia já à vida normal e corrente que tinha conseguido reconstruir a costa de tantos esforços.

Não podia jogá-lo tudo pela amurada por uns brinquedos esparramados e a chamada de um perturbado.

Sarah viu que a luz seguia acesa em seu dormitório, e ouviu que Cielito se precipitava brincando de correr sob sua cama. Graças a Deus que o cão estava ali para acompanhá-la, pensou. A presença de outro ser vivo lhe ajudaria a sentir-se menos só na escuridão.

Lexie estava sozinha. Só em meio da escuridão e a chuva.

A ideia paralisou a Sarah quando esta se dispunha a cruzar a soleira da porta. A dor que lhe causou lhe fez chiar os dentes e, com os olhos fechados e deixando cair contra o batente da porta, fez o possível por apartá-la de sua consciência. Sabia, por amarga experiência, que certas imagens lhe impediam de funcionar com normalidade.

Depois de inspirar profundamente, fez um esforço para abrir de novo os olhos. .

E olhou ao telefone.

O aparelho já não estava apoiado de lado sobre a mesa de noite. Alguém tinha pendurado.

Sarah sentiu que lhe encolhia o estômago.

Steed e Dryer tinham estado em seu quarto. Pode ser que inclusive Jake também se passou por ali enquanto ela falava com os policiais. Qualquer um deles podia havê-lo feito. A final de contas, não havia nenhuma razão para pensar o contrário. Tratava-se de uma ligação de um louco, nada mais; e o que a tinha efetuado tinha desaparecido no preciso instante em que a conversa foi finalizada.

Deixar o telefone fora da base não era uma boa ideia.

Sarah sabia. Como também sabia que agora que Jake tinha posto a secretária eletrônica para gravar as chamadas era melhor que o telefone estivesse na base, se por acaso alguém voltasse a ligar. No caso de que assim fosse, ao menos ela poderia gravar a conversa e escutar aquela voz uma, mil vezes até confirmar, tanto a sua mente como a seu coração, que não se tratava da Lexie. A memória não era digna de confiança. Sua experiência como interventor confirmava. As declarações das testemunhas presenciais que, ironicamente, eram as que mais estavam acostumados a convencer ao jurado, eram as menos dignas de todas. Conforme podia recordar, a voz era a da Lexie. Mas, igual à de qualquer outra pessoa, sua memória tampouco era muito digna de confiança.

Lisa e sinceramente, assim eram as coisas; e não ficava mais remédio que as aceitar. Mas, ao ver o telefone desligado, Sarah sentiu que o último elo de união com sua filha se cortara.

A dor que sentia era aguda e intensa, como se alguém lhe tivesse enfiado uma flecha no coração.

Mas não emitiu nenhum som. Limitou-se a permanecer ali e suportou como tinha aprendido a fazer, respirando pouco a pouco, inspirando, exaltando, consciente de que o único que lhe subtraía era aguentá-lo até que, antes ou depois, cedesse de tudo, como sabia por própria experiência que podia chegar a passar. Ou até que, ao menos, minguasse ligeiramente de maneira que ela pudesse voltar para a vida normal.

—O que aconteceu? —perguntou-lhe Jake a suas costas.

Sarah se sobressaltou, abriu os olhos e voltou à cabeça para olhá-lo. Nem sequer lhe tinha ouvido aproximar-se.

Ao tratar de falar, comprovou que, no momento, não podia fazê-lo; de forma que sacudiu a cabeça e fez um gesto em direção ao telefone.

Estremecendo-se, Jake olhou para onde lhe indicava sua amiga e, ao ver o aparelho de novo em seu lugar, compreendeu o que esta queria lhe dizer. Apertou a mandíbula e seus olhos se voltaram a posar na Sarah. Pelo visto, seu aspecto devia delatar toda a aflição que esta sentia, porque, ao olhá-la, os olhos de Jake se escureceram e os lábios lhe contraíram.

—Foi uma ligação de um louco, Sarah. Sabe de sobra.

Fazendo provisão de valor, Sarah assentiu com a cabeça.

A boca lhe retorceu e sua expressão deixou bem claro que aquele gesto de assentimento não tinha eliminado para nada sua preocupação.

—Está bem, é evidente que não pode dormir aqui. —Jake tinha a voz rouca—.

Vêem, dormirá comigo.

Sarah inspirou profundamente.

“Dormirei com o Jake, assim não terei que estar sozinha na escuridão.”

Ao pensá-lo, sentiu certa sensação de alívio no peito. Assentiu repetidas vezes com a cabeça e, continuando, deu meia volta e se encaminhou para o quarto de hóspedes.

Capítulo 8

Quinze minutos mais tarde, Jake teve que reconhecer-se a si mesmo com um pouco de ironia que dormir com a Sarah era por toda uma série de razões que nem sequer podia começar a enumerar, um engano. O principal problema era ser o “Melhor Amigo Para sempre” de uma mulher: ele era um tio, com todos os instintos normais de um tio; enquanto que a dor, o sentimento de culpa e, ou seja, o que outras coisas tinham convertido para sua amiga Sarah em uma espécie de eunuco.

Jake era tão consciente de que ela não o considerava absolutamente do ponto de vista sexual como de seu próprio nome.

Ou ao menos o bastante para não cometer a estupidez de tratar de trocar esse estado de coisas. A casa estava às escuras e em silêncio, excetuando o suave repico da chuva no telhado e o débil zumbido do ar condicionado. Através das frestas das persianas se filtrava um ligeiro resplendor; de forma que, apesar a que as luzes estavam apagadas, Jake era capaz de distinguir o contorno de alguns objetos como o da arca que tinha apoiada contra a parede clara que havia frente à cama ou o das curvas de Sarah acurrucada a seu lado. Ambos estavam estendidos na cama do quarto de hóspedes e se tamparam bem (muito, para o gosto de Jake; mas ao princípio sua amiga não parava de tremer). Por muito esgotado que estivesse às circunstâncias o tinham insônia; de forma que o Jake permanecia convexo de costas com a cabeça apoiada sobre um almofadão e um braço dobrado por debaixo da nuca.

Embora tivesse tirado a camisa e as meias três — quartos, ao menos tinha tido o tino de vestir a calça. Sarah parecia uma bola a seu lado, sem nada em cima salvo a camiseta grande que estava acostumada a ficar para dormir; tinha apoiado a cabeça no ombro nu de seu amigo e agora este a rodeava com um braço para consolá-la com sua proximidade. Apesar do muito que a compadecia, apesar de que estava furioso com quem tinha efetuado aquela chamada para fazer sofrer a Sarah de novo — embora ela estivesse sendo muito valente e não se movia para lhe fazer acreditar que dormia, o qual ele sabia que não era assim—, a doce feminilidade de seu corpo estava começando a deixá-lo louco.

Era a primeira vez que compartilhavam cama. Jake jurou solenemente, pondo Deus por testemunha, que não voltaria a fazê-lo em sua vida.

A menos, é óbvio que houvesse sexo no meio.

Coisa em que ele nem sequer se permitia pensar.

“Afaste-te de mim, Satanás.”

O problema era que, cada vez que ela inspirava, chegava-lhe o ligeiro aroma a flores de seu xampu. Jake podia ouvir o ritmo tranquilo de sua respiração; sentia que o pelo de seu peito a compassava. Podia sentir o roce da suave pele da Sarah, a calidez da mão que esta tinha apoiada em seu peitoral esquerdo, a brandura de seu corpo pressionando seu flanco. Embora, para ser mais exatos, o que em realidade percebia era os pequenos seios redondos. Estes tinham o tamanho, se não de uma laranja, de uma tangerina; e os mamilos estavam flácidos, o qual indicava claramente que Sarah não o sentia como homem. Um deles me sobressaía em sua caixa torácica, justo debaixo da axila, em tanto que o outro estava apoiado sobre seu peito. O que, em sua opinião, podia responder muito bem no nome de tortura personificada. Se por acaso fora pouco, percebia também

a fenda que formava sua fina cintura, a firmeza de seu ventre ou a curvatura de suas coxas. Uma das pernas de sua amiga estava sobre as suas e Jake podia sentir a forma e o calor que emanava dela através do fino tecido de suas calças. A consciência de que dita perna estava nua, igual a tudo o que havia baixo aquela camiseta, foi à gota que encheu o copo. Porque a aterradora verdade era que estava a ponto de ter uma ereção descomunal e que o mero feito de ter dificuldades, desse tipo lhe faziam sentir-se enormemente culpado.

Sarah o necessitava aquela noite como amigo, não como amante.

O qual, trocando em palavras, era uma merda.

—Jake.

Jake sabia que ela não estava dormindo.

—Hum?

—Investigou algo sobre a Lexie ultimamente?

Aquilo era muito para uma conversa entre amantes. Em seu interior, Jake amaldiçoou ao bastardo que tinha feito àquela ligação, que havia tornado a fazê-la sofrer justo quando ele pensava, supunha que a ferida por fim começava a cicatrizar.

—Nada importante. Nada desde aquele programa de televisão no que alguém afirmou ter visto uma menina ruiva tomando o café da manhã com um velho no Denny que logo resultou ser seu avô, recorda?

Jake notou que ela assentia ligeiramente com a cabeça. Sarah seguia imóvel, muito imóvel, e isso procurava ao Jake uma ideia bem precisa da profundidade de sua dor. Seus braços a estreitaram com mais força, reduzindo se couber a distância que ainda havia entre eles. Era o único que Jake podia fazer.

“Maldito filho de puta.”

—Sabe que se houvesse alguma novidade, lhe haveria dito. — Jake tratava de manter um tom de voz apazível e suas próprias preocupações à margem. Sarah estava doente. Por último necessitava nesse momento era uma ulterior complicação procedente de seu melhor amigo. - Essa chamada a deixou perturbada, Sarah. Tem que esquecê-la.

Para ouvi-la inspirar, pensou que sua amiga opunha resistência. Mas quando logo exalou o ar, lenta e profundamente, deu-se conta de que, em troca, dava por bom tudo que ele havia dito.

—O pior é não saber — murmurou ela com voz velada. Jake imaginou que tinha um nó na garganta—. Não deixo de imaginar que está aí fora e que me necessita. — deteve-se para inspirar. — É um inferno.

—Sarah... —Suas vísceras se estremeceram ao sentir a dor em sua voz. Dor que, por muito que quisesse, não conseguia acalmá-la. - Passaram-se já sete anos. Tem que seguir adiante com sua vida.

—Sei. — Sarah ofegava, custava-lhe respirar, e Jake era consciente de que estava tentando deixar de sentir, afugentar a dor. —Só que é muito duro.

Sobretudo quando passam coisas como esta. Creio que... Pode-se tratar de algo mais que a simples chamada de um louco? Que alguém pode querer vingar-se de mim?

—Refere-te ao departamento de polícia do Beaufort? —Seu tom era intencionalmente seco.

Dado que não tinha outro modo de ajudá-la, procurou distraí-la com sua mesma pergunta—. É possível, mas o encontro muito sutil vindo deles e, em qualquer caso, leva sete anos tratando-os como um trapo e ninguém tentou te fazer nada semelhante depois. Recorda quanto estava enlouquecida que na primeira vez que veio para ver-me?

—Sim. — A voz de Sarah se adoçou e Jake supôs que estava recordando, igual a ele, seu primeiro encontro.

Seis meses depois do desaparecimento da Lexie, Sarah tinha se apresentado de repente em seu escritório, ofegando e estudando determinação por cada um dos poros de seu corpo. Jake, então recém saído do FBI, acabava de adquirir a agência de detetives particular de seu avô, cujo estado econômico era pouco menos que ruinoso, e nesse momento se encontrava em cima de uma cadeira tratando de travar de novo em uma das descascadas paredes de seu escritório a varinha de uma cortina que desprendeu. Sarah tinha dado tal batida na porta ao entrar no escritório que Jake se sobressaltou e, ao dar instintivamente um passo para trás, descendo-se da cadeira. Dorothy McAllister, a secretária recepcionista, ajudante de uns sessenta anos que tinha herdado de Pops, estava em algum lugar na parte posterior do escritório rebuscando entre os arquivos; de forma que Jake teve que enfrentar só ao seu primeiro cliente com uma cadeira caída a seus pés e a imunda cortina dourada de poliéster, a qual se obstinara a cair, enrolada ao redor da cabeça.

—Queria falar com a pessoa encarregada do escritório — disse em tom brusco e autoritário, próprio de alguém que estava acostumado a levar à batuta.

Jake em seguida tinha adivinhado que tinha Graves Problemas, posto que tivesse falado enquanto ele seguia convexos aos seus pés sem sequer esboçar um sorriso frente ao ridículo da situação. De fato, nem sequer parecia adverti-la.

—Sou eu. —Depois de tirar cortina da cabeça, Jake ficou em pé e lhe tendeu a mão—: Jake Hogan.

—Sarah Mason. — Jake ainda recordava o quão bonita lhe tinha parecido então, com sua comprida cabeleireira negra caindo pelos ombros e seus enormes olhos, azuis como o mar, cravados nele com uma intensidade que resultava quase aterradora. Naqueles dias estava também algo mais cheinha, mas era justo, já que seguia sendo esbelta mais que magra, e as curvas de seu corpo enchiam os jeans e a camiseta amarela que levava postos em pontos que um homem nunca passaria por cima. Recordou que, enquanto a comparava com um bombom, Sarah pronunciou as palavras causadoras de que agora se encontrasse na habitação de hóspedes de sua amiga. — Necessito que me ajude a encontrar a minha filha.

Se havia algo ao que nunca tinha querido dedicar-se era, precisamente, a procurar pessoas desaparecidas. Os verões que tinha passado ajudando a seu avô em seus tempos de instituto lhe tinham deixado muito claro que esses tipos de casos eram pouco menos que insignificantes. O dinheiro e a estabilidade se encontravam nos assuntos de amparo longo, nos contratos governamentais e nas investigações em grande escala que lhe encarregavam às companhias de seguros; não os miseráveis casos de pessoas desaparecidas, pequenos furtos ou divórcios com os quais seu avô ganhava o pão e que o tinham levado à beira da falência. Jake pretendia salvar a agência e, para isso, era imprescindível lhe dar um giro de cento e oitenta graus.

—A polícia... — começou a dizer meneando a cabeça, pesaroso pelo fato de não poder ajudá-la.

Mas o certo é que ele também tinha seus problemas como, por exemplo, uma ex-mulher criada no norte do país que lhe custava o olho da cara em mantimentos e que odiava tanto Beaufort como o fato de que seu marido, o fantástico agente do FBI, estivesse se transformando num detetive de uma pequena cidade de províncias — às vezes, até chegava a pensar que o odiava também a ele; ou um negócio familiar agonizante que lhe havia custado na prática, a totalidade das economias que tanto havia acumulado; ou um pai que acabava de enviuvar, passava pela crise da meia idade dez anos mais tarde que o normal e que tinha liquidado o negócio para fugir ao Acapulco com uma divorciada reincidente e rica; ou um avô que estava tendo autênticos problemas para assumir a aposentadoria. Todos esses, junto com uma conta corrente quase nas últimas, eram os problemas mais importantes que o atendiam. Os de menor importância eram muito numerosos para serem mencionados.

O qual, dito em outras palavras significava que não era o momento de sucumbir na frente um par de enormes olhos azuis cheios de desespero.

—... É o melhor recurso no caso de pessoas desaparecidas.

Sarah negou com a cabeça. Jake não pôde por menos deixar de notar — com o que, esperava, não fosse a não ser velada admiração—, que as bochechas já bronzeadas lhe tingiam de rosa e que os seios lhe agitavam imperceptivelmente por causa do brusco movimento.

De acordo, era humano. “Que me disparem.”

—A polícia culpa ao pai dela pelo desaparecimento. Mas não é assim, ele não fez.

Jake cruzou os braços por cima do peito — sem lhe importar o, comichão que ainda sentia no cotovelo por causa do golpe que deu no chão— e arqueou as sobrancelhas com gesto interrogatório.

—Ele não queria ter filhos, e essa foi precisamente uma das razões do divórcio.

A outra era tal e como Jake descobriria mais tarde, o motivo pelo que se casaram: Sarah tinha ficado grávida quando tinha dezenove anos e, decidida a lhe dar a seu futuro filho a estabilidade que ela mesma jamais tinha conhecido, tinha obrigado a seu noivo a casar-se com ela. O qual teve umas desastrosas consequências que, por outra parte, eram mais que previsíveis. Por isso Sarah lhe tinha contado a breve convivência matrimonial — o tipo sumiu quando Lexie devia ter um ano aproximadamente — havia sido desde o princípio uma autêntica batalha campal. O marido de Sarah era um atrativo perdedor, um louco que tinha abandonado a universidade para provar fortuna nos circuitos de corridas de carros.

Sarah “a decidida” tinha tratado de convertê-lo no pai que, segundo ela, sua filha merecia.

Embora Jake estivesse a favor de sua amiga, isso não impedia que, em ocasiões, sentisse uma secreta simpatia por aquele tipo. Ele mesmo tinha sofrido em suas próprias carnes aquele empenho que algumas mulheres tinham por transformar a quem as rodeava.

—A polícia acredita que, como eu o perseguia para que me pagasse o que me devia pela menina, ele tinha um bom motivo para levá-la—. Sarah pronunciou de supetão aquelas palavras sem deixar de retorcer as mãos, com um tom de voz cada vez mais encrespado. —E não deixam de me dizer que ele não parece absolutamente preocupado pelo desaparecimento da menina, o qual não deixa de ser um ponto a favor de sua versão. Dizem também que estão seguindo outras pistas, mas disso faz já seis semanas. Minha filha desapareceu faz seis meses. Tenho que provar com

outra coisa.

Ao Jake não custou adivinhar que essa “outra coisa” era, nem mais nem menos, que ele.

—Por que eu?

A Jake custava ocultar a exasperação que sentia ao falar. O fato se produziu fazia seis meses; os casos de pessoas desaparecidas eram os mais difíceis e em este havia, além disso, uma menina no meio. A menos que aquele pai despreocupado tivesse sequestrado realmente a menina, as possibilidades de que aquele caso tivesse um final feliz eram, se não nulas, quase. E ele não queria ter que lhe dizer a aquela formosa flor que seu bebê não ia voltar jamais.

—Um das companheiras do escritório me disseram que você era agente do FBI.

Trabalho como estagiária no escritório do interventor do distrito.

Jake descobriu mais tarde que, na realidade, ela acabava de finalizar seu primeiro ano na Faculdade de Direito da Universidade de Columbia e que só tinha ido ao Beaufort para realizar aquele estágio durante o verão. Logo resultou que tinha passado um ano procurando a sua filha e, uma vez licenciada, tinha voltado para o Beaufort para instalar-se definitivamente. Confiando em que produzisse alguma novidade. Confiando em encontrar por fim a Lexie.

Sarah devia ter lido em sua cara que ele ia lhe recusar como cliente, porque se inclinou para ele e lhe pôs uma mão no antebraço. Uma mão suave, bonita, feminina..., com as unhas comidas até ficar em carne viva. Jake se tinha estremecido ao senti-la.

—Por favor, necessito de ajuda.

Ele sempre tinha sentido debilidade pelas moças em perigo. Jake era bem consciente disso e agradecia a Deus o ter aprendido a combater aquela inclinação.

—Sou bastante caro — advertiu-lhe para tirar-lhe de cima sem ter que lhe dizer que não—. Um caso como este pode lhe custar uns... Digamos dez mil dólares mais gastos, sem garantias. E a metade antecipada.

Sarah conteve o fôlego. Seu rosto se escureceu. Sua mão soltou o braço de Jake.

—Não disponho de todo esse dinheiro — disse-lhe e, ao ver como desaparecia de sua cara seu bonito rubor, como apertava os lábios e como aninhava em seus olhos um olhar carregado de dor que Jake começou a fazer uma ideia do que aqueles seis meses deviam ter suposto para ela. O máximo que posso lhe pagar agora são quinhentos dólares.

Bastava vê-la para dar-se conta de que, inclusive aqueles quinhentos dólares supunham um grande esforço para ela, de que ia ter que guardar cada centavo que ganhasse, mendigasse ou pedisse emprestado para dar a ele. Tão único Jake tinha que fazer era lhe dizer que aqueles quinhentos dólares só lhe serviriam para pagar um dia de seus serviços; e isso implicava que, a menos que a menina se materializasse de repente, ia ser impossível cumprir com seu encargo. Logo ela partiria e ele se veria livre uma vez mais para pôr em marcha seu novo negócio.

Mas, o que em realidade lhe disse, lentamente e sem deixar de pensar que era um autêntico idiota foi:

—Bom, está bem, podemos fazer isso. Temos uma espécie de plano de financiamento, sabe?

Ao final, nem sequer se tinha ficado com os quinhentos dólares. Por pressuposto, tampouco tinha encontrado a Lexie. O rastro da menina era já muito vago então e, apesar de que ele tinha

contado com a ajuda de seus amigos do FBI, a investigação não os levou a nenhuma parte. O departamento de polícia do Beaufort se ofendeu ao ver que Sarah contratava os serviços de um detetive, de forma que foram a ela e fizeram um sem-fim de averiguações para determinar se Sarah tinha assassinado ou não a sua filha. Embora o assunto não prosperasse — dado que a polícia foi incapaz de encontrar nenhuma prova que demonstrasse que sua amiga não tinha sido a não ser uma boa mãe—, toda aquela confusão turvou ainda mais se couberem as circunstâncias do desaparecimento da Lexie. Jake pensava que a filha de Sarah tinha sido sequestrada por um maníaco sexual que a tinha matado poucas horas depois de seu desaparecimento. Passadas setenta e duas horas, as possibilidades de encontrar com vida a um menino desaparecido se reduziam quase à zero. O melhor que podia passar era que, um dia, alguém se encontrasse com seus restos. Ao menos Sarah poderia dar por resolvido todo aquele assunto.

Em qualquer caso, ele jamais deixou de procurar à menina para tratar de ajudar a sua amiga.

—Tenho a impressão de que aconteceu infinidade de coisas — disse Sarah na escuridão, e se revolveu na cama como se estivesse tratando de encontrar uma posição mais cômoda.

De repente, Jake se viu catapultado de novo ao presente, ao interior daquela cama muito quente, com uma sacudida que lhe fez chiar os dentes. O tom e os movimentos de sua amiga lhe indicaram que esta não só pensava agora em sua filha.

Por desgraça, aquilo não o tirava de nenhum apuro. A cálida e suave mão que até então, tinha tido apoiada no peitoral se deslizou pelo peito até chegar à bochecha de sua amiga, deixando ao passar uma esteira de fogo. As pernas da Sarah também se moveram e Jake não pôde deixar de recordar de as sentir que tinha um bonito corpo de mulher virtualmente escanchado sobre uma de suas extremidades inferiores.

—Uma infinidade? —repetiu Jake com astúcia, tratando de ignorar a coxa, a coxa nua e ardente, que subia com inocência por sua perna inflamada enquanto falavam.

—O roubo, o assassinato da Mary, o disparo em minha cabeça, a morte do Duke Donald, você que de repente encontra com todos os brinquedos de Lexie esparramados pelo dormitório, o que... Aconteceu ontem à noite... —Seu tom era pensativo e era evidente que não tinha a menor ideia do desgosto que estava lhe causando. O tom vacilante com o que se referiu à “coisa”, que ele não teve nenhum problema em interpretar como a chamada telefônica, indicou-lhe que a seguia obcecando. Jake se sentiu ainda mais culpado. Face à suas emoções acabava de sofrer, Sarah era bastante adulta para enfrentar-se a sua dor e tratar de encontrar uma explicação ao ocorrido. Enquanto isso ele, cuja maturidade não superava a de um fogoso, só pensava em deitar-se com ela.

—Quer dizer que pode haver uma relação entre todos esses sucedidos?

Não era fácil pensar com clareza, enquanto a gente tratava de manter-se no bom caminho, pensou, inexorável, Jake. Só esperava que sua amiga não o achasse tão torpe como ele pensava que estava sendo naqueles momentos. A boa notícia era que, ao menos, já não corria o perigo de arruinar a situação, já que a perna de Sarah tinha deixado de subir para a Zona de Perigo; a má era que, em troca, deslizava-se para baixo.

“Que alguém chame os bombeiros.”

—Não sei — disse ela—. Você o que pensa?

Que se ela não se separasse dele antes possível ia fazer uma excelente exibição que

demonstraria a existência da combustão espontânea.

—Poderia tratar-se de meras coincidências.

—Espera um momento, não é você o que sempre diz que as coincidências não existem?

Pode ser que sim, quando estava em pleno uso de suas faculdades mentais. A coxa da Sarah subia outra vez ao tempo que esta lhe acariciava o pelo do peito, como se estivesse lhe fazendo carinhos a um gato.

“Meu Deus.”

Jake exalou um lento suspiro.

—Parece-me um pouco forçado conectar o roubo com o resto de coisas que ocorreram.

— Pensa isso?

No momento, não. A modo de defesa pessoal, Jake também começou a mover-se: afastou as pernas delicadamente para um lado e posou a mão sobre a de sua amiga para lhe imobilizar os dedos. O fato de que Sarah nem sequer se desse conta do que estava fazendo ou da reação que seus gestos estavam provocando nele, revelava até que ponto tinha vivido alheia a sua própria sexualidade.

“Concentre-te, grudento.”

-Se o que buscas for uma conexão entre tudo, o mais provável é que o caso dos brinquedos tenha algo a ver com a chamada telefônica. Embora ainda não consiga entender como alguém pôde esquivar desse cão. — Ao menos voltava a ser capaz de dizer duas frases coerentes.

—Você disse que alguém me disparou intencionalmente.

—Pode ser que intencionalmente. — Menos mal, por fim lhe resultava mais fácil pensar. Não muito, mas, sim algo. A coxa da Sarah seguia lhe esmagando a sua, mas já não estava tão acima—. Aquele que fez isto poderia ter apontado aos tipos do supermercado, recorda.

—Ou a mim.

—Inclusive no caso de que assim fosse não significa que exista uma relação entre o disparo e a chamada telefônica.

—Não, mas tampouco significa que não a haja. —Seu tom era pensativo—. Essa chamada foi muito cruel. Quem a fez queria me ferir.

Os punhos da Sarah começaram a fazer pressão por debaixo das mãos de seu amigo. Ao mover-se, suas unhas lhe roçaram ligeiramente a pele e seus dedos rastrearam o pelo que lhe cobria o peito. Sarah voltou a mudar de posição e deslizou de novo sua maldita coxa para a parte superior da perna de Jake, que teve que fechar bem a boca para evitar que lhe escapasse um gemido. Só esperava que ela baixasse uma vez mais durante, mais ou menos, o minuto que necessitava para abrir a boca e lhe responder.

—Isso não significa que tenha que ser por força de alguém que te conhece. Pode tratar-se de qualquer que tenha visto a história da Lexie na televisão. —Apesar de seus esforços, ele mesmo podia sentir a tensão que delatava sua voz. De repente percebeu que todos seus músculos estavam tensos; de fato, percebeu-se de que estava convexo na confortável cama de sua amiga, mais rígido que um pau—. Ou inclusive alguém que ouviu mencionar seu nome e recordou o que te tinha passado.

Quando Lexie desapareceu, todos os meios falaram disso.

Se havia justiça neste mundo, ele devia estar ganhando o céu, graças a seus nervos de aço.

—Pretende me dizer que tudo o que aconteceu ao longo destes dois últimos dias não é mais que uma série de acontecimentos desconexos?

Embora tivesse os olhos cravados no teto para se separar de sua mente a reação física que a mulher que tinha a seu lado estava causando, Jake não podia deixar de sentir que ela o estava olhando. Seu engano consistiu em lhe devolver o olhar.

Sarah tinha apoiado a cabeça no ombro dele, e a tinha inclinado para cima para poder olhá-lo na cara. Seus olhos eram como dois poços escuros em seu pálido rosto ovalado. Jake podia ver o suave pendente que formavam suas maçãs do rosto e a graciosa curva de seus lábios.

Que se encontravam a poucos centímetros dos seus. Oxalá o Senhor tivesse piedade dele: a cálida respiração da Sarah lhe acariciava os lábios com a delicadeza de uma pluma.

Queria beijá-la. Jamais tinha desejado algo com tanta intensidade. A ferocidade daquele sentimento o deixou pasmado. Deu-se conta de que seu coração pulsava enlouquecido. A mão que tinha apoiada no ombro da Sarah ficou rígida, e esta não foi a única parte de seu corpo a que lhe aconteceu semelhante coisa. Até o ponto de chegar a lhe doer.

Tudo que tinha que fazer era baixar a cabeça...

—Jake? —Sarah o olhava com os olhos entreabertos.

“Merda.”

Para frear a descida de seu rosto teve que fazer provisão de todo o autocontrole de que era capaz. Seguiu rígido, chiando os dentes, com os olhos fechados para fugir da tentação, concentrado em controlar sua respiração, em controlar seus impulsos.

“Não pode fazê-lo. Agora não. É sua única família. Não tem a ninguém mais.”

—Está bem? — A mão de Sarah se apoiou em seu peito deixando sobre ele um rastro que parecia marcada a fogo e, uma vez mais, a perna de sua amiga iniciou a atormentadora ascensão por sua coxa.

—Hum. —De algum jeito, em alguma parte, Jake foi capaz de encontrar a força necessária para manter a boca, as mãos e toda sua pessoa no lugar que correspondia, e sair da cama.

—Aonde vai? —perguntou-lhe ela, enquanto os pés de Jake tocavam o chão e ele abandonava de um salto o colchão.

—Ao banheiro — conseguiu lhe responder com voz afogada e, com o que ele considerava um gesto de autêntico cavalheirismo, afastou-se resolvido dela sem se voltar.

Jake permaneceu no banheiro um bom momento. Já de volta, sentia-se outra vez preparado para confrontar, ao menos, qualquer tipo de pergunta. Mas, por fortuna, sua amiga estava completamente coberta e respirava brandamente de costas à porta; o qual, na aparência, significava que dormira.

Então Jake se aproximou com cautela à cama e se deitou de costas sobre a colcha, olhando de esguelha ao vulto torneado que tinha a seu lado. Se ele permanecia sobre a colcha e ela debaixo, pouco importava já que sua amiga se desse a volta e se aconchegasse contra seu corpo.

Mas Sarah não se moveu e ele tampouco demorou a dormir.

O despertou uma pressão sobre seu corpo. Cálida e íntima roçava-lhe as nádegas e a seguir as oprimia, o qual lhe fez recordar que não estava sozinho na cama.

Ainda aturdido pelo sonho, Jake pensou em um primeiro momento que Danielle estava tratando de excitá-lo; mas logo soube que não podia tratar-se dela.

De repente recordou com quem tinha passado à noite e ficou de um elemento.

Em pouco menos de um instante viu que se encontrava de cara à janela, que a luz do sol penetrava nesses instantes pelas frestas das persianas e que estava convexo de lado em um dos borde da cama, por isso tinha na frente si a vasta extensão do colchão vazio e os lençóis revoltos onde deveria estar Sarah.

Assim, alguém estava atrás dele e lhe acariciava o traseiro através das calças.

Alguém que, claramente, não sentia excessiva simpatia por ele.

—Sarah?

Ela sempre dizia que gostava de seu colo...

Embora tudo aquilo lhe parecesse muito estranho, voltou a cabeça esperançoso para ver o que tinha a suas costas. Então viu uma cabeça negra e lisa apoiada sobre o colchão. A imagem se completou com um focinho quadrado e curioso que farejava frenético entre suas nádegas.

Au-Au!

—Maldito cão! —gritou Jake, levantando um pé e caindo de costas em meio da cama.

Cielito também se assustou, retrocedeu de um salto e grunhiu, mostrando umas presas que não tinham nada que invejar aos de Tubarão.

Ambos se olharam. Mas Cielito ganhou a partida já que, enquanto o olhar de Jake era silencioso, o cão a intensificava com uns grunhidos capazes de pôr a pele arrepiada. À medida que a cólera do animal ia aumento e seus grunhidos se foram fazendo cada vez mais ameaçadores, Jake começou a pensar que aquela cruzada de

olhares assassinos com o Cielito não era, talvez, a coisa mais sensata que tinha feito em sua vida. Mas Jake não era dos que se rendem em combate, faltaria mais; no passado tinha sido jogador de futebol, marinha e agente do FBI: um guerreiro nato e provado. Infundirem-se ânimos era algo que jamais fazia.

Por outra parte, Cielito era um cão enorme, com um caráter endiabrado, um bom punhado de dentes... E nesses momentos se interpunha entre Jake e a porta.

Ao ver-se enfrentado aquela espécie de cão do Hades que lhe mostrava as presas, Jake fez a única coisa possível: gritou “Sarah!” a pleno pulmão.

Capítulo 9

—Senhoria, lamento ter que dizê-lo, mas neste caso, enfrentamos a um interventor que se deixa levar pelo ímpeto. Conhece você à senhora Mason tão bem como eu e sabe, portanto, até que ponto pode ser muito agressiva quando se trata de assuntos relacionados com violência exercida sobre as mulheres. Aduzimos que, neste caso, a senhora Mason se equivocou: os fatos não sustentam a acusação. E contamos com o testemunho de um perito no tema para prová-lo.

Pat Letts, a cara advogada defensora do Mitchell Helitzer, estendeu a prova sobre as manchas de sangue ao juiz Amos Schwartzman, sentado a sua mesa da sala D do Tribunal de Beaufort, popularmente chamado pelos advogados, os policiais e o resto do pessoal que trabalhava nele, a Cúpula do Trovão.

Sócia da escritaninha de advogados Crum, Howard & Gustafson, Letts era uma loira de uns trinta anos, que quase alcançava o metro e oitenta de estatura com seus sapatos de dez centímetros de salto e cuja espantosa figura ficava ressaltada pelo mini vestido de ponto, ajustado e de cor verde limão que se aderiria a suas curvas como uma segunda pele. Sua senhoria, um tipo roliço com ar de ancião venerável, uma calva reluzente e um par de óculos, tinham fama de sentir debilidade pelas mulheres. De fato, nesses momentos tinha os olhos quase fora das órbitas enquanto se extasiava contemplando à advogada defensora que se encontrava de pé junto a Sarah e frente a ele.

—Nisso apoiam vocês sua proposta de desistência do julgamento? —perguntou-lhe o juiz Schwartzman.

Letts assentiu com a cabeça.

—Sim, senhoria.

O juiz Schwartzman se ajustou os óculos sobre o nariz e baixou o olhar para dar uma olhada ao documento que tinha sobre a mesa. Letts lançou a Sarah um olhar penetrante ao tempo que esboçava um sorriso de satisfação. Sarah, que às vezes encontrava com ela na academia que ambas frequentavam, era plenamente consciente de que sua competidora, sabedora de que ao juiz Schwartzman lançavam os olhos atrás dos bombons como ela, vestiu-se expressamente assim para tirar o maior partido possível da situação.

“Merda, deveria ter pensado nisso.” Mas não lhe tinha ocorrido; aquela manhã tinha tanta pressa que o mero fato de ter saído vestida de casa podia considerar-se já uma grande façanha e, em qualquer caso, ela não tinha nem um vestido de mira tão escandaloso, nenhuma figura tão espantosa como a de sua companheiro para resplandecer.

—Querem vocês então, que o julgamento fique anulado sem prejuízos? — Isso significava que não poderia ser revisado mais adiante. O juiz Schwartzman olhou a Letts por cima dos aros de seus óculos ao efetuar a pergunta.

—Sim, senhoria.

Letts sorriu ao juiz. Sarah observou que se pôs também mais maquiagem que o habitual, inclusive um batom de um vermelho intenso; e que estava aproveitando ao máximo de seu sex-appeal.

“Está bem, tanto no amor como nos julgamentos, tudo vale.”

—Senhoria, nós também contamos com o testemunho de um perito que porá em interdição as

conclusões da testemunha da defesa referentes à importância das manchas de sangue.

Sarah deslizou a sua vez sobre a mesa do juiz o documento que continha a oposição aos argumentos da defesa e que tinha redigido a toda pressa. Dado que em seu estado não podia resultar, o que se diz atrativa, ao menos podia tratar de valer-se dele para obter um pouco de compaixão. Seu vestido era de poliéster negro (uma ajudante do interventor não podia permitir-se roupa cara como, por exemplo, os vestidos de mil dólares que estava acostumado a resplandecer Letts), comprido até o joelho, e ia acompanhado de uma singela meia e de um par de sapatos de salto baixo, também negros. O qual fazia que nesses momentos resultasse difícil encontrar algo menos excitante que ela. Além disso, no espelho se havia visto magra, pálida, cansada e, graças ao arranhão do queixo e ao esparadrapo impossível de ignorar que levava atrás da orelha parecia, além disso, a vítima de um crime que podia dar graças a Deus de encontrar-se na sala do tribunal aquele dia. Sarah levou rapidamente uma mão ao esparadrapo e pôs corretivos sem lhe importar quantas ferroadas sentia na ferida ao tocá-la.

—Infelizmente, todos sabem que no condado do Beaufort se produziu uma escalada de crimes violentos e que aqueles que se cometem contra as mulheres são os que mais aumentaram. O escritório do interventor do distrito se viu alagada por este tipo de casos. Contra o que afirma a advogada da defesa, nosso departamento não apresenta acusações contra ninguém à toa, especialmente em um suposto como este. A morte de Susan Helitzer está sendo objeto de grande atenção por parte dos meios de comunicação. Dada à violência com a que se produziu a mesma, a falta de testemunhas e as questões que expõe o caso, o escritório do interventor do distrito poderia ser acusado de negligência se não analisasse com todo luxo de detalhes as circunstâncias que concorreram no momento de seu falecimento. Por isso, depois de ter realizado uma meticulosa investigação, chegamos à conclusão de que contamos com os elementos necessários para provar que seu marido a assassinou. Essa mesma razão nos leva a solicitar a sua senhoria que rechace a petição de desistência do processo que expôs a defesa.

Sarah tinha captado a atenção do juiz; de forma que decidiu aproveitar aquele momento e se levou uma mão trêmula à ferida, ao tempo que fazia uma careta de profunda dor. Sua senhoria a olhou pormenorizado. Letts, em troca, fez isto com desdém, e Sarah desfrutou daquela breve vitória.

“Chupe-te essa, Jessica Rabbit!” Letts não demorou a contra-atacar.

—Todo mundo está de acordo que a morte da Susan Helitzer foi uma terrível desgraça. Sua família, incluído seu desconsolado marido Mitchell... — quem, fazendo ornamento de seu caráter dominante, estava sentado na mesa da defesa a pesar que sua presença no tribunal essa manhã não era legalmente necessária—, está destroçado. Mas foi um acidente. Se lerem vocês o relatório que redigiu nossa testemunha, o doutor Norman Seaver que, como a acusação sabe, é um conhecido perito na matéria, descobrirão que o modo em que se produziram as manchas de sangue demonstra que a vítima morreu ao cair pelas escadas. —Letts aproveitou que o juiz Schwartzman a olhava para abaná-la cara como se de repente sentisse um calor insuportável e desabotoar o botão superior da jaqueta, de maneira que o corpete de encaixe branco que levava debaixo ficasse à vista.

Depois acrescentou em voz baixa—: Vá que calor faz aqui.

O juiz lhe sorriu.

—Pois sim.

“Não me diga...”

—Senhoria, nosso perito é o doutor Edward Kane, da Universidade da Carolina do Sul, quem atestou já na frente deste tribunal em numerosas ocasiões. Não acredito que a senhorita Letts pretenda pôr em dúvida seus conhecimentos — disse Sarah.

De fato, o relatório que tinha o juiz na frente de seus olhos o tinha redigido a mesma Sarah durante a febril hora e meia que tinha precedido à abertura da sala.

Para fazê-lo, apoiou-se na informação que tinha procurado por telefone o ajudante do doutor Kane já que esta coisa do destino encontrava-se desfrutando nesse preciso momento de um cruzeiro pelo Caribe e era impossível localizá-lo. Mas o doutor Kane era seu perito e Sarah sabia que estava preparado para atestar; além disso, não era necessário que os juízes estivessem à corrente de tudo. O que solicitamos é que nos conceda a oportunidade de levar o caso frente a um jurado.

Deixemos que sejam os cidadãos do condado do Beaufort os que decidam se a morte da senhora Helitzer foi ou não um acidente.

Ao ver que o juiz a olhava de novo, Sarah se cambaleou para um lado, como se quisesse lhe dar a entender que a dor de cabeça que sentia fazia inclusive perder o equilíbrio, e se aferrou à mesa do magistrado. Arranhou-se o esparadrapo com os dedos tentando acentuar com isso seu aspecto cansado. O qual, por outra parte, não requeria um grande esforço. Face aos litros de cafeína e adrenalina que tinha no corpo e da boa dose de virtuoso empenho por fazer justiça que a vigorizava, Sarah se sentia destroçada. Se por acaso fosse pouco, tratava de ignorar a terrível dor de cabeça que a oprimia.

—Encontra-se você bem, senhora Mason? —perguntou-lhe preocupado o juiz em voz baixa e franzindo o cenho.

Sarah assentiu valorosamente com a cabeça. Além de fazer todo o possível por obter sua compaixão, Sarah jogava com o fato de que o juiz Schwartzman era o bastante ardiloso para captar a outra parte de sua mensagem: “O eleitorado nos observa. E não acredito que você queira estragar uma ocasião como esta.”

Sarah esboçou um leve sorriso.

—O mero fato de que me encontre hoje nesta sala deveria bastar para que você entendesse até que ponto considero que este caso tem que ir aos tribunais senhoria — disse Sarah para assegurar-se de que a mensagem chegava a seu destino—. Os médicos queriam que permanecesse no hospital um dia mais. Mas eu quis vir para lhe fazer entender que a morte da Susan Helitzer foi um assassinato a sangue frio.

—Senhoria... —começou a dizer Letts, indignada.

O juiz lhe ordenou calar com um gesto da mão.

—Estou preparado para ditar a sentença — disse—. A solicitude de desistência fica rechaçada. O processo seguirá adiante.

Continuando, deu por concluído o assunto com um golpe de maço.

“Sim.” Sarah fez um gesto de triunfo.

A datilógrafa estirou seus dedos intumescidos, os oficiais se apressaram a fazer entrar um novo acusado na sala, um dos ajudantes do juiz manteve com este uma conversa em voz baixa, e o público desalojou a sala e a voltou a encher. “É como a mudança de guarda no Buckingham Palace”, pensou Sarah enquanto se encaminhava a recolher suas coisas. Letts, cujos olhos tinham perdido toda expressão, lançou a Sarah um olhar desdenhoso e deu meia volta para falar com seu cliente, cujo rosto, já mudara de cor, estava agora completamente inflamado em honra à sentença.

Agora que estava de pé, Sarah reparou em que Mitchell Helitzer era talvez uns centímetros mais baixo que sua advogada, embora o fato de ser três vezes mais corpulento que ela os igualava em algum modo. A seus quarenta e sete anos, Mitchell Helitzer era uma espécie de buldogue com uma cabeleira ruiva e frisada e um ar de valentão que o fazia parecer mal vestido apesar de que seu traje cor cinza pérola devia ter-lhe custado um olho da cara. Conforme Sarah tinha sabido pelo relatório da autópsia, sua mulher era muito miúda. De forma que era impensável que tivesse podido defender do ataque de seu marido fornido.

—Eu gostaria de saber o que sai ganhando com esta espécie de caça de bruxas — perguntou Helitzer a Sarah quando ambos se cruzaram na porta batente que separava o estrado do público.

Estava furioso e lançou a Sarah um olhar irado com seus olhos azuis. Sarah recordou de repente as fotos da autópsia de sua mulher e considerou por uns momentos a possibilidade de golpeá-lo na cabeça com sua maleta, mas seu orgulho profissional a impediu. Além disso, cedo ou tarde receberia o dele. A pena de morte ou a cadeia perpétua lhe faria certamente muito mais dano que uma simples pancada na cabeça.

—Justiça para Susan — respondeu-lhe Sarah ao tempo que Letts lhe dizia escandalizada:

—Pare! Fecha o pico!

Agarrando-o pelo braço, empurrou-o pela porta e o arrastou corredor acima.

Sarah foi atrás deles.

—Deve saber que temos a intenção de pedir um adiamento do processo — disse-lhe Letts, voltando à cabeça, enquanto se aproximavam do final do corredor.

—Brigaremos por isso. Estamos preparados para ir a julgamento — replicou-lhe Sarah.

O qual era quase certo. Sarah tinha se visto obrigada a interromper seu trabalho habitual para assumir este caso, herdado junto com o resto de coisas das que se ocupava John Carver, e poder preparar a sessão que estava programada. O anterior supervisor não tinha sido, como se diz, muito metódico em seu trabalho; de forma que a Sarah se viu obrigada a repassá-lo virtualmente tudo, dos relatórios forenses até as entrevistas com as testemunhas, e a corrigir inumeráveis enganos.

Mas como, unido ao resto de coisas que suportava o encargo de seu novo posto, tinha comprometido por parte da Sarah um grande esforço para preparar este julgamento. Coisa que, por outra parte, não lhe tinha importado muito dado que, tal e como o fazia notar sempre seu amigo Jake, sua vida privada era, naqueles momentos, inexistente. O julgamento se celebraria em quinze dias, a contar desde segunda-feira, e para então todas as peças do puzzle deviam estar em seu lugar. Em caso de que não fosse assim, estava disposta a improvisar para consegui-lo.

—Perfeito, nós não o estamos — atalhou-lhe Letts e, valendo-se de que Helitzer, que havia voltado também a cabeça para olhar a Sarah, empurrou as portas batentes de mogno que davam acesso ao vestíbulo como aríete pessoal.

—É agradável ver que todos lhe querem — disse uma voz ao ouvido quando Sarah se dispunha já a segui-los.

Sarah se sobressaltou. Não obstante, não lhe fez falta dar volta para adivinhar de quem se tratava: Jake. Devia ter estado todo o tempo no corredor, observando o que acontecia a seu redor.

Sentindo-se tão ridícula como um menino ao que pilharam fazendo arte, só que em seu caso era, mas bem ao contrário, Sarah empurrou a porta com seu amigo atrás. O silencioso ambiente da sala do tribunal foi substituído pela gritaria do vestíbulo. As paredes deste estavam forradas em pinheiro escuro e a luz que entrava em torrentes pelas janelas que havia a ambos os extremos do mesmo ficava esfumada pelas ondulações dos cristais de mais de cem anos. Havia uma asa mais moderna, mas essa parte do tribunal, de desenho clássico, era anterior à guerra civil. Sua antiguidade acrescentava gravações às centenas de procedimentos que tinham lugar cotidianamente entre suas quatro paredes, mas a iluminação era pobre e o ar condicionado funcionava só de vez em quando. Sarah passava tanto tempo no edifício que o aroma de mofo que reinava em seu interior, e que nenhum perfume era capaz de apagar por completo, tinha acabado por lhe resultar tão familiar como o aroma do café; além disso, tinha chegado a conhecer todas e cada uma de suas gretas e lugares. Cada um dos quatro pisos estava integrado pelo quadrado que formavam quatro amplos vestíbulos conectados entre si. A sala D se encontrava no segundo piso. O chão de mármore tinha o brilho que revistam conferir os numerosos anos de uso reiterado; razão pela quais as multidões que se deslocavam por ele arrastavam os pés em lugar de avançar a grandes passos sobre sua superfície.

Sarah costumava pensar que aquele era um bom lugar para efetuar o tipo de indagações aos tão aficionados que eram os políticos, pois resultava impossível imaginar uma maior variedade de cidadãos de Carolina do Sul, metidos todos no mesmo lugar e ao mesmo tempo. Em efeito, pessoas de ambos os sexos e de todo tipo de raça, idade e condição social se davam cita para enfrentar-se entre os muros da Cúpula do Trovão.

—Por que não estás trabalhando? —lhe perguntou Sarah, fiel a teoria que afirmava que a melhor defesa era sempre um bom ataque.

Quando o havia deixado nessa manhã pouco depois das 6:00, ao sair de casa, Jake roncava como um bendito, tombado sobre a colcha no outro extremo da cama.

Estava arrojado de costas com as mãos debaixo do almofadão, e seus proeminentes ombros desnudos estavam encurvados como si tivesse frio. Sarah havia tido a delicadeza de cobri-lo com uma colcha antes de deixá-lo ali para dirigir-se ao despacho, coisa ele, Sarah era bem consciente, se havia oposto de plano. Desde então, Jake havia tido tempo de barbear-se, de dar-se, com toda probabilidade, uma ducha, e de pôr-se uma jaqueta bege, uma camisa azul clara e uma gravata e umas calças azul marinho, o que fez supor a sua amiga que havia passado por sua casa antes de dirigir-se ao tribunal.

—Estou de serviço. Esta manhã tenho que testificar para Morrison no caso Price.

Ainda mais deveria ser eu que te perguntasse por que não estás em casa. —Jake caminhava ao passo de sua amiga.

Não acostumada a suceder-lhe, mas daquela vez a Sarah lhe molestou sua presença.

Porque tinha que acudir a um lugar que preferia que ele desconhecesse. E tinha que estar ali —lançou uma rápida olhada a seu relógio — em pouco mais de quatro minutos.

“É óbvio.”

Sarah se encolheu de ombros.

—Ontem de noite, quando foi ao banheiro, decidi que essa chamada devia havê-la feito alguém que está tentando me fazer perder a calma. Se o fizer, eles ganharão à partida e como eu não gosto nada dessa ideia, aqui estou, dando a entender que não me afeta.

Nesse momento foram engolidos pela maré de gente que se precipitava para a dupla e florida escadaria que comunicava os quatro pisos, e aceleraram o passo para segui-la.

—Como vai sua cabeça? — A tensão que delatavam tanto os lábios como os olhos de Jake deu a entender a Sarah até que ponto seu amigo desaprovava que ela se encontrasse esse dia no tribunal e naquelas circunstâncias. Por desgraça para ele, ela não necessitava sua autorização. Ou acaso a bala que lhe colocaram e a contusão que se produziu ao cair entram na categoria de coisas que não lhe afetam?

Aferrando-se aos corrimãos de aço, Sarah seguiu à fila de gente que descia pelas escadas. Com uma ágil manobra, Jake conseguiu colocar-se a seu lado.

—Dói-me — ele admitiu. —Mas não acredito que a dor fosse menor se tivesse ficado em casa; além disso, precisava vir para me assegurar de que a petição de desistência não era aceita.

Entre muitas outras coisas, que Sarah não estava disposta a revelar.

—Por certo, fez um bom trabalho — disse-lhe Jake. Nesse momento chegaram ao final da escada e Sarah se separou da multidão que se dividia para passar pelos detectores de metais. Jake foi atrás dela. Sarah o olhou. Os olhos de Jake brilhavam ao lhe devolver o olhar—: Estou preocupado com você, reconheço-o. Por um momento pensei que fosse deprimir diante do Schwartzman.

—Obrigado — respondeu-lhe ela, e concedeu a si mesmo um fugaz sorriso.

Embora ambos soubessem que da parte de Sarah tinha sido puro teatro, falar disso no vestíbulo do tribunal onde qualquer podia lhes ouvir não era o que se diz uma boa ideia. A comunidade legal do Beaufort se nutria basicamente de fofoca, e, com o julgamento do Helitzer a ponto de começar, Sarah não estava disposta a perder o favor do magistrado.

—Eh, Sarah, o outro dia te vi na televisão! Pequena façanha! — disse — uma voz a suas costas.

Sarah olhou ao redor e divisou Ray Welch, um jovem advogado que trabalhava para um escritório de categoria média Bailey & Hudson, lhe agitando a mão enquanto se introduzia no elevador que havia no outro lado do vestíbulo. No edifício só havia quatro, que eram além muito velhos, rangiam e estavam sempre entupidos; de forma que a pessoa que passava boa parte de seu tempo no tribunal tinha deixado de usá-

los fazia já tempo e agora subia e descia pelas escadas.

—Obrigado — respondeu-lhe ela, enquanto se detinha e aproximava as costas à parede para esquivar à multidão que passava.

Jake parou na frente dela e, quando Sarah elevou os olhos para olhá-lo, percebeu-se de que estava franzindo o sobrecenho.

—Sabe que cabe a possibilidade de que haja alguém aí fora que queira te matar — disse-lhe ao ouvido para que ninguém mais os pudesse ouvir—. Por isso fiquei ontem de noite em sua casa, recorda? E como me agradece isso? Primeiro me deixa a mercê de uma espécie de fera e, continuando, deixa se ver por este maldito tribunal, o lugar que qualquer pessoa medianamente inteligente escolheria queria atirar em você.

Sarah olhou dissimulado para a porta que havia do outro lado do vestíbulo e que dava acesso à pequena escada posterior que conduzia aos porões. Precisava chegar a eles em menos de — seu olhar se posou no enorme relógio que pendurava da parede de em frente — três minutos. Preferivelmente, sem o Jake.

-Se alguém quer disparar, o Tribunal é, com toda probabilidade, o lugar mais seguro onde refugiar — replicou-lhe entre dentes—. O edifício conta com detectores de metais, recorda? — Sarah lançou um significativo olhar às entradas bem vigiadas—. Não se admitem armas.

Jake franziu o sobrecenho. Sarah soube então que ganhara um ponto.

—Assim Cielito te causou problemas? —prosseguiu Sarah, sem deixar que seu amigo se recuperasse e retomasse o tema.

—Absolutamente — replicou Jake, embora seu tom de afabilidade não concordasse com seu olhar—. A menos que considere um problema o fato de que latisse durante vinte minutos e me impedisse de abandonar a cama depois de haver despertado me farejando a bunda. Tive que lhe atirar a colcha por cima e correr para poder sair de casa.

Sarah abriu os olhos desmesuradamente ao imaginar cena e soltou uma risada autêntica um riso infantil, dessas que estranha vez saía de sua garganta desde tempos imemoriais. Os traços de Jake se suavizaram ao vê-la e o detetive esboçou um sorriso a seu pesar.

—Deveria rir mais — disse-lhe. Ato seguido, o sorriso se desvaneceu de seus lábios e acrescentou, baixando a voz—: Sarah está-te destroçando neste lugar. Tem que deixar de correr de um lado para outro como uma louca na medida do possível.

Seus olhares se cruzaram, e Sarah leu no de seu amigo que este tinha entendido a verdadeira razão de que ela tivesse ido ao tribunal como se tratasse de um dia qualquer: o trabalho era a única coisa que a ajudava a esquecer a Lexie. Se não se mantinha ocupada, se diminuía o ritmo daquela louca correria que tomava conta da sua mente e maltratava seu corpo até deixá-la a beira do esgotamento, a aflição voltaria a penetrar em seu coração e o faria estalar em mil pedaços.

Mas não estava disposta a falar disso, nem sequer com o Jake. Pode ser que num futuro remoto, quando a dor já não fosse tão dilaceradora; mas, certamente, agora não.

—Tenho que trabalhar — disse-lhe, elevando desafiante o queixo—. Para isso me pagam.

Jake apertou os lábios. Quando estava a ponto de lhe responder, o telefone soou. Jake o tirou de seu bolso e pôs cenho ao ver o número que aparecia na tela, mas, respondeu:

—Hogan.

—Temos problemas, companheiro — disse uma voz ao outro lado da linha.

Sarah logo que podia entender as palavras que saíam pelo aparelho era causa do tumulto que

os rodeava, embora em seguida compreendesse que o autor da chamada era Pops, Phil Hogan, o avô de Jake. Ninguém mais chamava o Jake de “companheiro”.

Jake exalou um suspiro e olhou a Sarah. Embora seu avô tivesse já oitenta e seis anos, a palavra “aposentadoria” não parecia formar parte de seu vocabulário.

Apesar da artrite e dos ocasionais momentos nos que se comportava como o ancião que realmente era, tinha a agilidade própria de um homem com a metade de seus anos e seguia dedicando umas quarenta ou cinquenta horas semanais a trabalhar para a agência que tinha fundado.

—O que se passa? —lhe perguntou Jake com resignação.

—Begley está tratando de arrebatá-nos o contrato de seguridade para a DVS

—disse Pops—. A menos que...

Sarah não ouviu o resto, porque aproveitou aquele breve momento de distração de seu amigo para afastar-se dele.

—Tenho que ir-me —disse a modo de despedida, acompanhando suas palavras com um ligeiro gesto de mão, e em continuação se submergiu no redemoinho de gente que abarrotava o vestíbulo com a presteza de um peixe que acaba de escapar do anzol.

Jake deu a volta e franziu o entrececho, mas Sarah se deixava arrastar já pela multidão, fugindo dele. Sarah sabia que a Jake não lhe agradaria nada o que estava a ponto de fazer e que, se soubesse, lhe reclamaria até deixá-la surda.

Pelo o amor de Deus, todavia se estava recuperando de um disparo na cabeça, de uma contusão cerebral e de um par de noites extremadamente traumáticas. Não via motivo algum para ter que acrescentar a tudo isso o sermão de seu amigo.

A escadaria posterior não era muito frequentada, pelo que Sarah desceu só por ela. Uma vez abaixo, empurrou a pesada porta de metal que conduzia ao nível inferior da Cúpula do Trovão. Entrou num corredor em que se encontrou com mais gente que corria atarefada de um lado para outro —a gente sempre parecia ter pressa no tribunal— e saudou ao passar a um advogado que conhecia. O sótão era enorme, com as paredes de pedra calcária e um perene olor a mofo que nenhuma de as tentativas que se havia feito para reduzir a umidade havia conseguido eliminar.

No passado se usava exclusivamente como depósito, mas, à medida que a população de Beaufort havia aumentado e o resto do edifício havia ficado menor, se haviam instalando nele despachos e oficinas para atenuar as necessidades de espaço.

Durante os anos oitenta as autoridades haviam encarregado a um construtor a reestruturação total do mesmo, com vistas a dar um caráter definitivo a ampliação.

O resultado foi uma toca com habitações idênticas umas as outras, em sua maior parte sem janelas, e separadas por uns estreitos corredores iluminados por luzes de neon que se cruzavam entre si e que constituíam uma espécie de labirinto para qualquer que adentrasse neles sem saber muito bem aonde ia. Por fortuna, Sarah o sabia e por isso não se surpreendeu demasiado ao ver a uma mulher ossuda com uma melena de uma vermelha quanto menos surpreendente que se balanceava ante seus olhos. Ia vestida com uma camiseta de tiras rosa gritante, uma minissaia

negra, umas meias finas quase transparentes, também negras, e uns sapatos com tacões esmaecido. As contas metálicas do bolso que levava ao ombro tintilavam a cada passo que dava. Parecia haver se perdido.

—Eh, Crystal —disse Sarah resignada ao chegar atrás dela.

—Sarah. —Crystal deu a volta com um garbo quando menos surpreendente, dada a altura de seus tacões, e Sarah teve uma visão completa de seu mais que generoso decote. Sua tarjeta de apresentação poderia rezer mais o menos assim: «Crystal duplo D.»; e era evidente que creia a pés juntinhos no lema «já que o tens, mostra-o». O que, no caso do juiz Schwartzman havia funcionado as mil maravilhas, mas, por desgraça, o magistrado que se ocupava de seu caso era Liz Wessel.

- Procuro o despacho 39, como me disseste, mas suponho que alguém se esqueceu de por os números nas portas.

—Estão em cima do timbre.

Sarah lhe indicou com o dedo a pequena placa de latão que havia em cima dos timbres instalados junto a cada porta quando tinham ordenado as fechar sob chave por motivos de segurança. O número gravado nelas era pequeno e difícil de decifrar por causa da mortíça luz. Sarah não os tinha visto até então, provavelmente porque sabia mover-se à perfeição por aquele porão.

—Como é possível que não o tenha visto? —disse Crystal com certa ironia na voz.

Depois de observar com olho crítico os dotes mais que abundantes de sua cliente, Sarah teve uma espécie de revelação e tirou a jaqueta. Ao fazê-lo ficava tão somente com a blusa branca de manga curta; o qual não era, precisamente, o modo como gostava de apresentar-se na frente de Liz Wessel, que exigia que as pessoas fossem ao tribunal vestidas com certo decoro. Neste caso, entretanto, Crystal necessitava da jaqueta muito mais que ela, por isso Sarah estava disposta a fazer um sacrifício.

—Parece gelada — disse-lhe mentindo enquanto a oferecia—. Por que não põe isso?

Crystal a olhou como se Sarah fosse louca.

—Suponho que brinca, aqui dentro devemos estar a mais de trinta graus.

Sarah suspirou. De nada servia tratar em ter certo tato.

—Escuta, o juiz que nos recebe agora é uma mulher, entende-o? Acredito que as coisas irão melhor com ela se tampar um pouco.

Crystal baixou os olhos carrancuda, e a seguir olhou de novo a Sarah.

—Vá, assim que se trata de uma dessas invejosas. — Sarah assentiu com a cabeça rezando para que as câmaras de segurança não estivessem gravando aquela cena, de forma que alguém pudesse empregá-la ao contrário durante um julgamento posterior. -Não faz falta que seja. Se gostar pode fazer-lhe ela também. O par só custa cinco mil dólares. Os juízes ganham muito dinheiro e se podem permitir... — interrompeu-se ao ver o olhar de Sarah—. Está bem.

Crystal agarrou a jaqueta e a pôs. Sentava-lhe bastante bem e Sarah se deu conta de que, sem contar um, nada desdenhável exceção do dobro D, ela e Crystal eram mais ou menos da mesma talha. Uma vez resolvido aquele pequeno objeto de distração, Sarah podia concentrar-se de novo no resto de sua cliente. Crystal devia rondar os trinta e cinco anos, tinha os olhos marrons, e uma

tez muito morena que não combinava muito com sua cabeleireira ruiva. O arco que formavam suas sobrancelhas era quando menos surpreendente, além disso, tinha o nariz chato; e os lábios, sob o estrato de batom rosa escandaloso que os cobria, eram finos. O ar de não andar com tolíces fazia que resultasse atrativa. Parecia uma mulher que havia visto muitas plásticas que tinha feito também muitas, e que vivia para lamentar a maior parte delas.

—Espera — disse Crystal, quando Sarah se dispunha a chamar o timbre do escritório 39.

—O que aconteceu? — Sarah ficou com o dedo pego ao botão.

—Alguém me chamou ontem à noite no trabalho e me disse que abandonasse a cidade porque, se não o fizesse, ia lamentá-lo.

Sarah estremeceu. A lembrança de sua chamada lhe formou um nó na garganta, por isso separou isto de sua mente. Ao que parecia, a noite anterior, a lua tinha fomentado esse tipo de chamadas perseguidoras.

—Reconheceu a voz?

Crystal negou com a cabeça.

—Não.

—Poderia tratar-se de alguém relacionado com este caso?

Crystal assentiu com a cabeça.

—Acredito que se tratava de um dos policiais.

—Tem alguma prova?

Crystal voltou a sacudir a cabeça.

—Não.

O semblante de Crystal tornou a crispar e sua mão direita abria e fechava convulsivamente sobre a fivela da bolsa. Era evidente que aquela ligação lhe preocupava.

Sarah lhe lançou um significativo olhar.

—Está pensando em abandonar a cidade? -se sua testemunha de acusação estava a ponto de pôr pés na estrada, ela tinha que sabê-lo.

—Não queria ter que fazê-lo. Acabam de me contratar no Godfather's, que em teoria era um "bar para cavalheiros", mas que na realidade era o local número um de striptease da cidade, e me pagam muito. —O magro rosto lhe iluminou com um sorriso. -Além disso, tenho um novo noivo.

—Parece-me muito bem. — Sarah se recuperou e se sobressaiu. -Trabalha de garçonne, não é isso?

—Sim, sim...

Um par de secretárias passou junto a elas conversando animadamente sobre a nova temporada na televisão. A Sarah pareceu entender que ambas esperavam desejosas a série Mulheres Desesperadas.

—Eu também a vejo — comentou Crystal, enquanto ambas se afastavam pelo corredor—. É muito boa.

—De verdade? — Sarah estava acostumada a passar os domingos de noite preparando-se

para na segunda-feira—. Escuta, já sabe que pode deixar isto se quiser. Ainda não há nada definitivo.

Crystal apertou os dentes em um gesto de obstinação.

—E permitir que saíam impunes de tudo isto depois do que me fizeram? Eles me “violaram”. Pode ser que eu não seja membro Júnior Liga como algumas das mulheres que trabalham aqui, mas isso não quer dizer que não tenha direitos. Eu também sou uma pessoa.

Isso era precisamente o que lhe havia dito Sarah quando Crystal a abordou fazia já três semanas durante uma de suas aulas de Mulheres Contra as Agressões Sexuais e lhe contou o que lhe tinha acontecido à noite anterior. Além disso, aquela seguia sendo a verdade e Sarah estava disposta a fazer tudo que estivesse em sua mão para ajudar ao Crystal a exercer seus direitos. O único problema era que Crystal vivia em um mundo completamente diferente ao dele. Um mundo no que os policiais esgrimiam um enorme poder e no que às mulheres como sua cliente eram consideradas disponíveis. Sarah lhe tinha explicado de antemão as consequências que sua demanda ia ter para ela, e com o passar dos dias se estavam materializando.

Mas, dado que Crystal não arredou por isso e estava disposta a continuar, Sarah queria fazer todo o possível por ajudá-la. Embora de vez em quando não pudesse deixar de acalorar-se.

—Está segura? —Sarah o perguntou pela última vez, com o dedo roçando já o timbre.

—Sim, estou segura.

De acordo. Sarah chamou então e, continuando, ambas entraram no escritório da juíza Wessel.

—De forma que você solicita uma ordem de afastamento, não é assim?

A juíza Wessel, uma mulher magra de uns cinqüenta anos, cabelo castanho e olhos azuis, olhou a Sarah ligeiramente carrancuda. Quando acabasse com elas tinha que ir a uma das salas do tribunal e por isso se pôs já a toga negra. No momento, entretanto, seguia sentada depois da mesa de nogueira que presidia seu escritório.

Seu jovem ajudante a esperava impaciente na porta. Sarah e Crystal estavam de pé frente à mesa. Crystal não deixava de agitar-se inquieta enquanto Sarah tratava de ignorar o tinido que fazia a bolsa de sua cliente ao mover-se. Sarah acabava de lhe explicar a juíza os motivos de sua solicitude, sem esquecer de mencionar a chamada telefônica que Crystal tinha recebido a noite anterior, e confiava em que a expressão sorridente da magistrada fosse um sinal de que estava disposta a lhes conceder o que pediam.

—Sim, senhoria. — A solicitação de uma ordem de afastamento era habitual em casos como o de Crystal. O que não era tão habitual era a identidade do sujeito que devia manter-se afastado a uns dez quilômetros da testemunha de acusação.

—Você tem alguma prova de que o oficial McIntyre acossou a senhorita Stumbo?

—Dispomos de uma fotografia, senhoria. A senhorita Stumbo a tirou faz três dias da janela dianteira de sua casa. —Sarah lhe estendeu a imagem de computador impressa que sua cliente lhe tinha dado.

—Fiz com minha câmara digital — disse Crystal orgulhosa.

Apesar de que a foto tinha sido tirada de noite, a luz de uma das luzes da rua permitia distinguir com toda claridade um Mustang negro estacionado junto a um contêiner metálico no que,

pelo visto, era uma zona onde podiam instalar caravanas.

Por desgraça, não era possível identificar a pessoa que estava sentada no assento do condutor. Aparentemente se tratava de um homem com o cabelo negro e engomado para trás; mas era impossível distinguir seus traços, já que os vidros do veículo eram fumê.

—Sou incapaz de afirmar que esta pessoa seja o oficial McIntyre, e duvido que você possa fazê-lo — disse a juíza a Sarah em tom cortante.

—Vê a placa? — Sarah assinalou a imagem com o dedo—. Ampliei-a. — Quando dizia isso, estendeu uma nova foto impressa a juiz. A folha estava ocupada pela placa de um carro. Embora a imagem não fosse muito nítida, era possível decifrar o número que figurava nela—. Trata-se do carro do oficial McIntyre. Vê? Aqui tem o certificado do Departamento de Automóveis que o comprova.

A juíza Wessel a olhou e assentiu com a cabeça.

—Já vejo. — A juíza apertou os lábios e franziu o sobrecenho enquanto observava os papéis que Sarah lhe tinha deixado sobre a mesa. Ato seguido os devolveu—. Está bem, concederei a ordem embora imagine que você também é consciente de que o oficial McIntyre podia ter uma razão mais que legítima para estar nesse lugar. Não obstante, não tolerarei o menor gesto de intimidação a uma testemunha.

—Obrigado, senhoria — disse Sarah enquanto a juíza se levantava.

Enquanto sua senhoria falava com seu arrasado ajudante, Sarah introduziu os documentos em sua carteira e tirou Crystal do despacho antes que esta pudesse fazer, dizer ou revelar algo (inclusive qualquer das duas coisas) que pudesse predispor contra ela a juíza que, com toda probabilidade, presidiria o tribunal onde se celebraria o julgamento no que ela era testemunha de acusação.

Sarah tinha aprendido já fazia tempo a ter sempre presente que quem quer que tenha assegurado que os tribunais eram só uma parte da vida tinha razão pela metade, porque na realidade era só uma parte representada da vida. Tanto o juiz como o jurado viam só aquilo que os advogados apresentavam na frente seus olhos.

Um dos truques para ter êxito em um processo consistia em dar uma versão impecável da vítima. Neste caso, era necessário que Crystal e ela tivessem uma pequena conversação sobre o guarda-roupa de sua cliente antes de assistir ao julgamento.

—Farei o possível para que McIntyre receba a ordem hoje mesmo — prometeu Sarah a Crystal quando ambas se dirigiam para as escadas. Sarah havia tornado a pôr sua jaqueta e Crystal tilintava uma vez mais ao caminhar.

—Isso o manterá afastado de mim, verdade? —perguntou Crystal a Sarah enquanto esta mantinha aberta a porta que dava acesso à escada.

Um homem que entrava nesse momento lançou um olhar de admiração aos atributos de Crystal. Quando esta lhe sorriu coquete, o tipo quase tropeçou com a Sarah.

—OH, perdoe — desculpou-se, só notando que Sarah estava também ali quando esta se separou de seu caminho. Sarah exalou um suspiro enquanto o tipo se afastava sem deixar de piscar, e fez sair a sua exuberante cliente pela porta de um empurrão.

—Sim, assim é — respondeu Sarah retomando o fio da conversação.

Ou assim deveria ser. Sarah sabia por experiência que as ordens de afastamento jamais tinham impedido que quem realmente quisesse acostrar a uma vítima o fizessem, o qual não deixava de ser um instrumento de grande utilidade. Em caso de que se não cumprir, por exemplo, os advogados podiam conseguir sanções mais fortes, como o cárcere. Não obstante, às vezes nem sequer isso servia para ajudar à vítima. No caso de Crystal, entretanto, o fato de que McIntyre fosse um policial e de que, com toda probabilidade, estimasse seu trabalho, deveria jogar a seu favor.

Se violar a ordem podia enfrentar-se a uma suspensão de seu cargo, assim como a passar uma boa temporada no cárcere.

—Crê que posso conseguir uma também contra meu senhorio?

—O que? Por quê?

—Não lhe paguei o aluguel. Escuta tudo isto afetou realmente os meus ganhos.

Tratei que lhe explicar que me violaram, mas cada vez que volto para casa fica a esmurrar minha porta logo depois de quinze minutos. Esta manhã, por exemplo, tive que esperar a que partisse para poder sair. Talvez pudesse conseguir uma dessas ordens de afastá-lo; assim me deixaria em paz até que reúna o dinheiro que lhe devo.

Sarah voltou a suspirar. Nesse momento subiam com certa dificuldade pelas escadas. Ou ao menos Sarah o fazia com certa dificuldade. À medida que ia passando o dia, dava-se conta de que lhe falhava sua habitual energia. Além da dor de cabeça, doíam-lhe também os joelhos e as pernas lhe fraquejavam. Sentia-se muito débil. Se não fosse pelo corrimão, possivelmente não teria sido capaz de chegar até o primeiro piso.

—As ordens de afastamento não servem para os senhorios — disse pensando que o que precisava era mais cafeína. Muito mais.

—Mas sim para os policiais, verdade? Para todos os policiais ou só para ele?

Crystal chegou ao alto da escada e empurrou a porta para sair. Sarah a seguiu, e suspirou aliviada consigo mesma. A ascensão e a conversação com sua cliente tinham tido efeitos devastadores sobre ela.

—Só para ele — respondeu-lhe enquanto dava uma olhada ao abarrotado vestíbulo e comprovava, reconfortada, que Jake não estava por ali—. Por que o pergunta, acaso há mais policiais que lhe incomodam?

—Vi mais carros, alguns estacionados diante do lugar onde trabalho. — Crystal encolheu os ombros—. Só tirei a foto do McIntyre porque tinha a câmara à mão.

—A próxima vez que ver outro, tire uma foto. E me chame.

Então soou o celular da Sarah, que a polícia lhe havia devolvido aquela mesma manhã em uma bolsa hermética junto com o resto do conteúdo de sua bolsa, confiscado como prova. Sarah se sentia um pouco perdida sem o celular, assim que colocou o telefone no bolso da jaqueta e tinha guardado no interior da maleta a carteira, a maquiagem e o resto de coisas, ao menos até recuperar a bolsa. Tinha silenciado o telefone antes de entrar na sala do tribunal e agora este vibrava tratando de chamar sua atenção. Sarah o tirou e franziu o sobrecenho ao ver o número que aparecia

na tela.

—Sinto muito, tenho que responder — disse a Crystal, quem seguiu andando e se despediu dela com um gesto da mão—. Olá — respondeu Sarah.

Capítulo 10

—Pensei que deveria saber — disse-lhe Jake ao outro lado da linha. -Temos uma boa pista sobre o terceiro assaltante.

—Ah, sim? — Sarah se deteve e se apoiou na parede aproximando bem o telefone para poder ouvir melhor.

—Trata-se de um amigo de infância dos outros dois, um tal Floyd Parker. Donald Coomer e Maurice Johnson foram com ele a todas as partes. A irmã do Johnson assegura que se encontrava com eles meia hora antes do roubo.

—Onde a encontrou?

—No hospital. Johnson segue em estado crítico, e os seus não se separam de seu lado.

—Também estava ali esse amigo? Alguém o interrogou?

—Está trabalhando. Na oficina Big D'S. enviaram um carro patrulha para buscá-lo.

—Graças a Deus. — Sarah sentiu uma grande sensação de alívio. Apesar de seus desesperados intentos por excluir a possibilidade de que houvesse alguém em liberdade disposto a assassiná-la, aliviava-lhe pensar que o tipo que lhe tinha metido a bala na cabeça já não andava solto. No caso de, decidiu tentá-lo uma vez mais—.

Em qualquer caso, onde está?

—Vou para o escritório. E você?

—Sigo no tribunal.

—Tem intenção de ficar aí?

—Um pouco mais. Acredito que estarei aqui até as duas mais ou menos, e logo tenho que passar um momento pelo despacho. Quando acabar o que tenho que fazer ali, voltarei para casa.

Jake soprou.

—Ah, sim? A que hora: as sete, ou às oito? Uma sexta-feira de noite? A ver o que te parece isto: em honra à ferida de guerra que leva na cabeça passarei por aí por volta das cinco e meia e iremos jantar. Algo nutritivo. O lugar você escolhe.

—Eres um sol. — Sarah esboçou um sorriso a seu pesar. Não obstante, de repente recordou —: Espera um minuto. Esquece as chuletas de porco.

—OH. — Pelo modo como o disse, Sarah se deu conta de que seu amigo as tinha esquecido por completo. -Direi a Danielle que aconteceu algo.

—Outra vez? Vai-lhe encantar.

Enquanto sacudia a cabeça, Sarah sentiu ter que privar-se de um jantar com seu amigo. Desde que tinha acontecido o roubo, fazia um pequeno inventário das coisas que realmente lhe importavam nesta vida e se deu conta de que as mesmas se reduziam a três: Jake, seu trabalho e Cielito. Em algumas ocasiões, a companhia de seu amigo a fazia sentir-se realmente feliz. Tão feliz como podia sê-lo depois do desaparecimento da Lexie. Se não fosse Jake, lhe teria sido difícil superar a noite anterior. Depois da chamada que tinha recebido, necessitava acima de tudo calor, apoio e contato humano. Por isso se tinha agarrado ao Jake com desespero, ao sentir que ele era a

única âncora que ficava em um mundo que se desintegrava a seu redor; e depois, quando as águas tinham voltado para seu leito, encontrou-se de novo sã e salva no acolhedor porto que formavam seus braços. Quando Jake tinha abandonado sua cama para ir ao banheiro, a sensação de perda e, sim, de abandono tinha percorrido seu corpo como uma selvagem quebra de onda. Mas também tinha sido um sinal de advertência. Depender de seu amigo para alcançar a estabilidade emocional era um engano de possíveis consequências devastadoras. Porque, ao final, a amarga experiência lhe tinha ensinado que todos estão sozinhos neste mundo.

Jake era uma muleta, e em lugar de apoiar-se tanto sobre ele tinha que aprender a sustentar-se por si mesma.

Essa era a razão de ter dormido quando seu amigo tinha retornado à cama.

Sarah havia sentido reconfortada e mimada entre seus braços, e o mero feito de saber que ele estava ali e que compartilhava com ela a dor e a angústia que sentia como, por outra parte, ninguém mais podia fazê-lo, tinha-lhe ajudado a superar o pior de sua agonia. Mas esse era precisamente o problema: tratava-se de sua dor e sua angústia. Seu amigo não podia nem sequer levar parte da carga que correspondia a ela. Ninguém podia. Isso era algo que ela tinha que levar às costas.

—Entenderá isto — disse Jake—. É uma garota muito pormenorizada.

—Suponho que não fala sério. —Sarah recordou que, de todas as formas, tinha coisas que fazer ao acabar o trabalho. Coisas importantes como... Isto... Trabalhar mais. E lavar a roupa—. Vá comer tuas chuletas de porco e não se preocupe por mim.

Eu tenho alguns assuntos pendentes.

—Como o quê?

—Quer sabê-lo? —Sarah se sentiu observada e ao elevar o olhar viu que Larry Morrison se dirigia para ela com o Ken Duncan a suas costas como se fosse à cauda de um cometa—. Tenho que te deixar.

—Sarah — de repente o tom de Jake se tornou sério—. Não esqueça que pode continuar em perigo até que Floyd Parker se encontre sob custódia e fique efetivamente identificado como o autor do disparo. Tome cuidado, de acordo?

—Sim, terei. —Sarah tinha um mau presságio o modo em que Morrison a olhava—.

Falaremos mais tarde.

Desligou, voltou a guardar o telefone no bolso e se encaminhou para seu chefe.

—Sarah.

—Olá, chefe. —atrás do Morrison, Duncan a olhava preocupado.

“Aí, aí, algo flutua no ambiente.”

Morrison olhou ao longe e, ato seguido, voltou a posar seus olhos sobre a Sarah.

—Acompanha-me?

Morrison a agarrou por um braço e Sarah se encontrou caminhando junto a ele na mesma direção pela que acabava de chegar, para o extremo do corredor onde estavam as escadas que conduziam ao porão. Sarah pensou que seu chefe se dirigia ali porque naquela zona do vestíbulo a

massa de gente procedente da entrada e dos detectores de metais era menor, de forma que era mais fácil falar sem serem ouvidos.

—O que aconteceu? —Que Morrison a encurralasse daquela maneira nunca significava nada bom, por isso a tensão lhe retorcia o estômago.

—Primeiro te darei a boa notícia. Recorda o tipo que te disparou? Pode ser que saibamos de quem se trata.

—Já sei.

Morrison a olhou franzindo o sobrecenho.

—Vejo que está bem informada. Eu me acabo de inteirar. Pode-se saber quem lhe disse?

—Ninguém.

—Não importa — disse Morrison em tom seco—. Posso imaginar isso — pigarreou—. Em qualquer caso, acabo de falar com o Amperman, do departamento de polícia, e me disse que nesse momento estavam colocando a esse indivíduo no carro patrulha. Está já sob custódia e é muito provável que se trate do tipo que procuramos. Embora não é ainda definitivo, acredito que agora pode respirar mais tranquila.

—Essa era a boa notícia — disse Sarah, olhando-o precavida—. E qual é a má?

—Pat Letts me chamou faz um momento. Quer que lhe separemos do caso Helitzer. Assegura que seus prejuízos sobre seu cliente são injustos e que está disposta a solicitar ao juiz que te tire do caso.

Sarah soprou e seu estômago relaxou. Aquilo era pura rotina, formava parte do jogo de xadrez ao que se aplicavam de contínuo os advogados defensores e os fiscais.

—Está furiosa porque o juiz rechaçou sua solicitação de desistência.

—Já me disseram isso. — Morrison a olhou com certa doçura—. De fato, acabo de falar também com o juiz Schwartzman, quem me pôs à corrente de tudo. Diz que não tem muito bom aspecto e compartilho sua opinião. Duncan se ocupará hoje de seus casos para que possa ir para casa, entendido?

—O que? — Surpreendida, Sarah parou em seco e o olhou como se não pudesse acreditar o que estava ouvindo. As sextas-feiras havia sempre muitíssimo trabalho e ela tinha sempre um montão de coisas que fazer. Além disso... — Não!

Morrison fez o próprio. Seu olhar era agora autoritário. Duncan, que a observava por cima do ombro do Morrison, sorriu-lhe pormenorizado sem que seu chefe o visse.

—Digo-te que tire o resto do dia livre. E também o fim de semana. E não quero ver-te pelo escritório até segunda-feira, como muito em breve. Do contrário, está despedida.

—O quê? — Sarah estava segura de que seu chefe fanfarrão estava brincando.

—Já me ouviste, na segunda-feira pela manhã como muito em breve.

—Mas se tiver uma infinidade de coisas que fazer...

Morrison a atalhou, afiando ameaçadoramente o índice em direção a Sarah.

— Aceita isto, Sarah. Precisa ter um descanso. Faz isto. É uma ordem.

Enquanto Sarah protestava, Morrison a olhou com severidade e disse: —Falo a sério. — E

ato seguido foi falar com o juiz Jefferson Prince, quem acabava de subir do porão, e o saudou com uma palmada nas costas. Sarah recebeu ao Duncan, que tinha permanecido ao seu lado, com um olhar furioso.

—Não é minha culpa — protestou ele, retrocedendo um passo e elevando apressadamente a mão que tinha livre—. Limito-me a obedecer as ordens, isso é tudo.

O edifício onde Jake tinha o escritório, e também o domicílio, era possivelmente a mais anódina das matizadas casas vitorianas de três andares que formavam um semicírculo ao redor das enormes mansões brancas do centro histórico. A construção era de cor amarela clara, com as venezianas brancas e um alpendre profusamente decorado. A porta dianteira estava grafite de azul, para afastar o mal olhado, e nela tinha cravada uma pequena placa de estanho das dimensões estabelecidas pela prefeitura. Nela se podia ler “Hogan & Sons Investigations”.

Pouco importava que Jake, o atual proprietário, não tivesse filhos a não ser só uma irmã que vivia em Atlanta com uma filha de dezesseis anos. A agência tinha sido fundada fazia cinquenta e dois anos por seu avô, que, lhe dando aquele nome, conservava a esperança de que sua sofrida mulher, agora falecida, desse-lhe como descendência toda uma equipe de basquete masculino. E como se tratava de um homem que não renunciava facilmente a seus sonhos, quando Jake lhe tinha sugerido que trocassem o nome pelo de “Hogan Investigations”, ele tinha respondido: “Disso nada. Já te encarregará de lhe fazer honra”.

Ao que Jake lhe tinha respondido:

—Pois pode esperar sentado, Pops.

Não obstante, Jake tinha a impressão de que seu avô o tinha feito.

Figuradamente falando, é óbvio.

Agora, enquanto entrava na zona asfaltada compartilhada com o dentista que tinha seu consultório na casa do lado, retocada também ao estilo Vitoriano e grafite de azul celeste, viu estacionada ao fundo a Harley vermelha e sacudiu a cabeça.

Pops, que acumulava dúzias de multas por excesso de velocidade, e a quem Jake tinha ameaçado retirar o carro uma infinidade de ocasiões; que não sabia usar um celular; que se negava a tocar um computador; que ainda se sentia perplexo na frente do vídeo que possuía fazia já dez anos e que nunca soube programar... Pois bem, fazia alguns meses, esse Pops comprou uma moto último modelo com todos os adiantamentos técnicos para celebrar seus oitenta e seis anos.

—É como a que levei durante a guerra — disse ao Jake, quando viu que este ficava surpreso ao vê-la—. Bom, aquela não era vermelha. Tampouco era nova. E não tinha todas essas coisas eletrônicas. E não era tão cara.

Jake rezava quase uma hora depois a outra.

—Bom o que é essa história do vídeo? —perguntou a Dorothy enquanto cruzava a pequena e moderna recepção, que antes era o vestíbulo e o salão dianteiro da casa e que um decorador tinha renovado para ele pintando as paredes de cor cinza pérola e mobiliando-o com peças também cinzas e negras, em direção à zona mais espaçosa do escritório na parte traseira.

Igual à agência, Dorothy era toda uma instituição em Beaufort, e Jake a tinha herdado de seu avô. Embora assegurasse ter setenta anos, Jake suspeitava que tivesse pelo menos cinco mais e que levava trabalhando para o Hogan & Sons trinta e dois. Dorothy sempre recolhia o cabelo branco

em um coque baixo que era, acima de tudo, prático; levava óculos de aros chapeado e sua cara gordinha tinha a quantidade de rugas que, em justiça, correspondiam-lhe. Era bojudia como um bule, afável como uma avozinha e sentia uma especial predileção pelo que os habitantes do Beaufort denominavam “vestidos de andar por casa”, consistentes em uns objetos de raio de manga curta largas até a panturrilha e com vistosos estampados de flores que ela estava acostumada completar com uns cómodos sapatos de laços. Viúva desde há vinte anos, tinha dois filhos que naquela época rondavam já os quarenta, e não tinha faltado nem um só dia ao trabalho desde que Jake se fez cargo da agência.

—Terá que perguntar a ele — disse-lhe, assinalando as portas trilhos de cristal que davam a um alpendre de madeira (uma das melhores) que Pops tinha introduzido na casa, junto com a transformação em duplex dos dois andares, onde Jake vivia agora, e que tinha efetuado quando a cidade ainda consentia esse tipo de obras sem logo apartar os olhos do muito moderno MAC que tinha aprendido a dirigir com a mesma inexorabilidade com que fazia o resto de coisas.

Pelo severo tom daquela voz, Jake imaginou que a secretária desaprovava algo que seu avô tinha feito. Contendo o suspiro que lhe teria gostado de exalar — tanto os quatro empregados de maior antiguidade como os vinte restantes lhe faziam sentir às vezes que, em lugar de um negócio, encontrava-se à frente de uma creche — dirigiu-se para o alpendre.

Então Jake parou, com a mão já na maçaneta da porta e o nariz a escassos milímetros do vidro.

Danielle estava sentada no corrimão, com sua longa cabeleireira loira amarrada em um atrativo rabo-de-cavalo, e seu moreno e musculoso corpo embutido nas calças curtas de lycra e o Top esportivo que normalmente utilizava para trabalhar.

Tendo em conta que Danielle era monitora de aeróbica no ginásio, não resultava tão estranho.

Pops estava sentado em uma das quatro cadeiras de metal com almofadões que tinham adquirido junto à mesa de vidro e à sombrinha azul escandaloso que completavam o mobiliário do terraço. Estava recostado na cadeira de forma que os dois pés dianteiros da mesma se encontravam a escassos centímetros do chão, e na parte inferior do corrimão tinha apoiado as botas (desde que se tinha comprado a Harley não levava outro tipo de calçado, nem sequer nos dias de mais calor). Sobre a mesa havia uma grande bolsa de guloseimas, aberta e ao alcance de qualquer um.

Enquanto Jake o olhava, Pops tirou uma da bolsa e a atirou distraído por cima do corrimão.

Jake chiou os dentes.

—Velho estúpido — asseverou Dorothy.

O sentido de lealdade familiar impediu ao Jake mostrar sua conformidade com o comentário, em voz alta.

Jake empurrou a porta e entrou no abafado próprio das manhãs do “Low Country”, como chamavam os condados costeiros da Carolina do Sul. Um par de carvalhos gigantes que ao menos deviam levar ali cinquenta anos antes que construíram a casa, uniam seus ramos por cima do lamento jardim posterior da mesma; o qual, unido ao musgo espanhol que pendurava delas, procurava uma boa sombra na zona do terraço onde estava sentado Pops. Danielle, em troca, torrava-se alegremente ao sol a escassos passos dele. Para ouvir o traqueteio que produzia a porta, uma garça elevou o vôo e se elevou no limpo céu azul. Além do terraço, passava o canal que unia

ambas as costas. Ao contemplar suas águas turquesa em calma, Jake não pôde deixar de recordar os dias de infância que tinha passado pescando junto ao ancião, magro, mas robusto, que lhe sorria sem o menor vislumbre de arrependimento, enquanto atirava outra guloseima pelo corrimão.

—Eh, velho.

—Jake!

Danielle desceu risonha do corrimão sem lhe importar que, ao fazê-lo, lhe pudesse cravar alguma lasca em uma de suas partes mais interessantes, e o saudou com um abraço entusiasta e um beijo. Jake lhe devolveu tanto um como outro, embora com algo menos de entusiasmo. Fazia já duas semanas que sentia esse desassossego que a experiência lhe tinha ensinado a atribuir ao momento no que teria que dar por resolvida uma relação. Danielle era bonita, carinhosa e estava cheia de energia... Pode ser que se tratasse disso. Pode ser que tivesse muita energia. Passava a vida organizando coisas: um plano, um pouco divertido para fazerem juntos; enquanto que Jake tão único desejava algumas vezes era tombar-se no sofá e olhar a televisão.

—Acreditei que te havia dito que não lhes desse de comer aos jacarés — disse-lhe Jake, derrubando a irritação que lhe produzia aquela apatia em seu avô. Danielle seguia pendurada de seu pescoço em tanto que ele, distraído, rodeava-lhe a cintura com o braço.

—Não estou dando de comer aos jacarés — replicou Pops, enquanto jogava outra guloseima à água—. Estou dando de comer a Molly.

Embora tivesse a Danielle grudada nele como um marisco, Jake conseguiu chegar ao corrimão bem a tempo de ver como a guloseima era engolida pelo jacaré de uns três metros que vadiava ao sol sobre o caminho de cimento condizente à plataforma onde estava amarrado seu barco de pesca. O animal estava tão perto deles que lhe tivesse bastado estirar o pescoço uns quantos centímetros para poder apoiar a cabeça no degrau mais baixo dos três que levavam o terraço.

—É muito tranquilo — disse Danielle.

Jake olhou sombrio por cima de seu ombro.

—Maldito seja, Pops...

—Molly não é um jacaré. —Pops agarrou outra guloseima—. É da família.

O chasqueio que produziram ao fechar aquelas mandíbulas de quase um metro de largura acabou por exasperar Jake.

-Se esse jacaré comer a outro cão...

Sua advertência não era infundada. O verão anterior, uma das pacientes do Big Jim, o dentista que tinha seu estudo na casa do lado, tinha ido ao médico acompanhada de seu cão e, preocupada com o perigo que supunha deixar a um animal dentro do carro com aquele calor, tinha atado numa árvore enquanto entrava um segundo na consulta para recolher umas radiografias. Ao sair, a correia seguia ali, junto com umas quantas bolas de pêlo de cor damasco; mas do cão não havia nem rastro. Em vista daquilo, a proprietária histérica tinha referido à polícia que tinha visto a cauda de um enorme jacaré inundar-se na água.

Por outro lado, a nova enfermeira do Big Jim tinha contado à polícia que o velho que trabalhava na agência de detetives do lado dava de comer aos jacarés como se fossem animais

domésticos. Quando a polícia o tinha interrogado, Pops tinha afirmado que “ele não lhes dava de comer como se fossem mascotes, embora reconhecesse que lhes jogava algo de vez em quando”. O qual supôs uma citação judicial por sustentar um perigo público; além de uma ameaça de demanda por parte da proprietária do animal, que tinha solicitado os serviços da Sarah, e a aquisição de um novo cão.

Depois, Jake tinha proibido categoricamente a seu avô que jogasse comida aos jacarés, mesmo se tratando de Molly ou de qualquer outro, nas proximidades da agência. Se algo não necessitava o negócio era esse tipo de hostilidades, ou a possível responsabilidade que se pudesse derivar disso. Em qualquer caso, ele não queria que as coisas piorassem.

Mas Pops fazia ouvidos surdos.

—Jamais acreditei nesse conto. —Pops baixou os pés do corrimão e os deixou cair no chão com um ruído seco—. Qualquer um poderia havê-lo levado. Ou pode ser que, simplesmente, escapou. Se eu fosse um cão e tivesse uma proprietária tão afetada como essa, me apressaria a pôr pés na carreira.

Dado que não era a primeira vez que lhe tocava escutar as teorias de seu avô sobre o desaparecimento do cão, Jake se limitou a fazer uma careta de desaprovação e agarrou a bolsa de guloseimas da mesa por toda resposta. Danielle, que tinha escutado a conversa boquiaberta, aferrou-se ainda mais ao pescoço de seu amigo enquanto lançava um olhar inquieto ao jacaré, cujas presas amarelas eram agora mais visíveis e cujos olhos dourados e saltados observavam atentamente Jake com certo brilho demoníaco no olhar.

Jake teve a tentação de espantá-lo, mas se absteve de fazê-lo porque estava quase seguro de que não serviria de nada: sabia por própria experiência que quando um jacaré se nega a mover-se, não há pessoa no mundo capaz de fazê-lo mudar de ideia. A menos que a gente recorra à dinamite, coisa que ele, por desgraça, não tinha.

—Está olhando as guloseimas. —Pops ficou em pé e se desentorpeceu, levando as mãos às costas e flexionando os braços. O avô de Jake media ao redor de metro setenta e cinco de estatura, embora ele não cessasse de repetir que quando era jovem era tão corpulento como seu neto e que só o passar dos anos lhe tinha feito perder altura, e tinha a energia de um homem de quarenta anos. Jake incluso tinha chegado a pensar que nisso o superava com acréscimo. Era, além do mais, tão calvo como uma bola de bilhar, e tinha a pele curtida como o couro e com mais ruga que uma tartaruga. A moto chapeada que tinha estampada na camiseta correndo a todo gás refletia a luz do sol quando se movia. Abaixo dela figurava escrita a frase: “Loucos ao Volante”. Levava, além disso, uns Levi’s de perna da calça comprida furados nos joelhos pelos quais tinha pago uma boa quantidade de dinheiro. Porque se algo não se podia dizer de Pops era que não andava na moda.

-Se continuar mostrando a sacola desse modo, vai tê-lo aqui em menos do que um canto de galo — advertiu-lhe seu avô.

—OH, Meu deus, está-me assustando. —Danielle fez um dramalhão. Seus braços apertaram com mais força o pescoço de Jake e se apertou ainda mais contra seu amigo. Jake olhou com cepticismo a seu avô, mas, no caso, meteu a sacola de guloseimas no bolso da jaqueta.

—Bom o que te traz por aqui esta manhã? —perguntou a Danielle em um tom que possivelmente podia resultar um tanto brusco.

Tendo que ver com dois animais assassinos no curso de uma mesma manhã era, talvez, mais do que um homem em seu próprio julgamento podia suportar. Para não falar do tipo de pessoas que os rodeavam. Assim, não era surpreendente que se sentisse algo indisposto. Era muito provável que a críspação que sentia não tivesse nada que ver com Danielle. Cabia a possibilidade de que estivesse relacionada, mas bem com jacarés que se dedicavam a engolir guloseimas ou com cães que mostravam suas afinadíssimas presas... E com a Sarah. Era inegável que a tudo isso teria que acrescentar também a preocupação que sentia por sua amiga.

—Ontem à noite fiz um bolo de abacaxi. Ia levar ao trabalho para oferecer aos outros, mas logo me lembrei do muito que você gostou do último que fiz; assim pensei passar um momento por aqui para lhe deixar isso.

—Vá, obrigado — disse-lhe Jake, e sentiu que o estrangulava com aqueles braços, enquanto lhe dedicava o melhor de seus sorrisos.

O problema com a Danielle era que não só era ardente e boa na cama, mas sim, além disso, sabia cozinhar maravilhas. Na frente de semelhante combinação, qualquer homem com um pouco de sentido comum teria pensado imediatamente em comprar um anel de ouro e em assinar uma hipoteca.

Jake logo que podia evitar estremecer-se ao pensá-lo. Com ar de quem não quer a coisa, afastou o braço da cintura de Danielle e retrocedeu, separando-se dela e apoiando-se contra o corrimão ao mesmo tempo. Para completar sua fuga teria que haver se sentado nele, mas a imagem de si mesmo sentado-de-costas-para-uma-jacaré-com-uma-sacola-de-guloseimas-no-bolso lhe bastou para desprezar a ideia.

O desastre subsequente teria dado a seu apelido, “Bolinho Doce”, um novo significado.

Não, melhor não fazê-lo. Jake permaneceu em pé e lançou um olhar de precaução ao jacaré, que não se moveu de seu lugar.

—O bolo estava muito bom. — Pops se lambeu ao recordá-lo—. Comi uma boa parte.

—Obrigado — a resposta de Danielle ia acompanhada de um sorriso de modéstia.

Agora só tinha uma mão apoiada sobre um dos ombros de Jake, coisa que este considerou um adiantamento.

—É uma grande cozinheira — disse Jake, arrancando do mais fundo de si mesmo o entusiasmo que tanto lhe custava sentir naqueles momentos. Porque Jake era consciente de que, a diferença dele, Danielle só pensava em anéis de ouro e hipotecas. Enquanto que ele já sabia que nunca se casaria com ela. Nem agora, nem em seis meses, nem nunca.

—Falando de cozinha — disse Danielle. Fiz também bolo de milho e purê de maçãs para acompanhar às chuletas de porco. Tenho feijões verdes, e posso fazer macarrão com queijo se quiser.

—Vá, isso parece um banquete — disse Pops enquanto a boca de Jake, que claramente estava nesses momentos, desconectada de sua mente, enchia-se de saliva.

Danielle olhou para Pops com uns olhos castanhos que recordavam aos do Bamby.

—Você também pode vir.

Pops sorriu.

—Encantado — disse e, continuando, lançando um malicioso olhar a seu neto, acrescentou—: Não se preocupe, partirei logo.

Fazendo um esforço, Jake conseguiu afastar a tentadora imagem do macarrão com queijo de sua mente o tempo suficiente para fazer balanço. Danielle tinha trocado sua tática inicial consistente em sexo, sexo e mais sexo, pela máxima segundo a qual, o caminho mais curto para chegar ao coração de um homem — e ao anel de ouro — era o estômago. Jake não negava que podia ter razão, mas enquanto seguisse havendo um McDonald's aberto neste mundo, ele poderia resistir o assalto.

—O caso é que... — começou a dizer. Danielle franziu o sobrecenho e soltou seu ombro antes inclusive de que ele tivesse terminado de falar.

—Ocorreu algo? — perguntou em tom meloso. Muito meloso. Um tom que não correspondia com a cólera que nesses momentos refletiam seus olhos. Maldita seja, se as mulheres de sua vida conseguiam antecipar a frase antes, inclusive, de que ele abrisse a boca, talvez isso significasse que a estava usando muito.

—Sim. — Jake tratou de desculpar-se, mas ao ouvir a si mesmo teve a impressão de que soava bem coibido—. O que posso dizer? Ultimamente tenho muito trabalho.

—Isso. — Danielle ficou muito rígida e, com as bochechas acesas e um ligeiro tremor no acréscimo, espetou-lhe—: Já está bem, estou farta de que o trabalho esteja sempre antes de mim. Ou me põe em primeiro lugar de uma vez, ou acabamos.

Pops abriu a boca para intervir, mas se deteve ao ver o olhar de não-te-metas-ou- então-te-mato que Jake lhe lançou.

—Esta noite não posso. — Uma vez mais, falhou em seu objetivo ao tratar de desculpar-se. O modo em que Danielle fechou os punhos sobre seus quadris não deixava lugar a dúvidas—. Se pudesse, faria isto.

—Está bem. — Danielle se precipitou para a porta, lhe gritando sem voltar-se—: Está bem. Por mim, acabamos.

A porta corrediça estalou de novo ao abrir-se e bateu com tal força contra o marco que inclusive Dorothy, que seguia trabalhando em sua mesa, deu um salto na cadeira e olhou pasmada a Danielle. Danielle se deteve na soleira para lançar um olhar assassino a Jake.

—De todas as formas, é muito velho para mim — espetou-lhe e, continuando, cruzou o escritório sem sequer dirigir uma palavra a Dorothy, que a olhava boquiaberta. Ao chegar à entrada da recepção, Danielle parou em seco, ergueu-se e se deu meia volta. Logo se encaminhou para o suporte que havia ao outro lado do escritório e que servia para colocar o material de escritório, agarrou a bandeja para bolos que, de uma forma ou outra, tinha ido parar ali, e voltou a lançar um novo olhar assassino ao Jake—. E, além disso, levo o bolo — acrescentou furiosa, enquanto voltava a cruzar o escritório e saía dele.

Uns segundos mais tarde, a batida da porta principal anunciava que Danielle tinha abandonado definitivamente a casa. Jake pôs cara pensativa ao mesmo tempo em que a força do impacto fazia repicar os quadros das paredes.

—Maldito seja — disse Pops depois de uns minutos de silêncio sepulcral—.

Suponho que podemos esquecer-nos desse jantar.

—Isso parece. —Jake tratou de que não notasse o alívio que sentia.

—Algum dos dois pode me dizer que demônio passou? —perguntou Dorothy.

—Acredito que Jake ficou sem amiguinha.

—Bom. — Dorothy se agitou como uma galinha irritada que se apressa a sair em defesa de um de seus pintinhos. Seu olhar se cruzou com a de Jake e sacudiu a cabeça—. Se quiser saber minha opinião, estará melhor sem ela. O menos que se pode dizer de uma garota que se dedica a ir por aí em roupa interior é que não é, precisamente, modesta. E não direi mais.

—As garotas de sua idade vão vestidas assim — objetou Pops—, e não me parece mal. Alegria um pouco a vista, maldita seja. Dotty, carinho, está-te fazendo velha.

—Ao menos eu tenho o sentido comum se soubesse, em lugar de ir por aí vestida como uma cinquentona — replicou-lhe Dorothy claramente zangada—. E quanto às olhadinhas que joga a essas crias, que poderiam ser suas netas... Bom, tão único posso dizer é que deveria te envergonhar.

Pops parecia assombrado.

—O que? Está-me dizendo que eu olhei para essa moça? Jamais. Bom, reconheço que alguma não a pude evitar. Quero dizer, quando a tem aí diante, te olhando aos olhos, o que outra coisa pode fazer?

Dorothy apertou os dentes para ouvir o que, em opinião de Jake, era um modo muito temerário de dizer a verdade. A secretária tinha avermelhado e seu corpo parecia estar aumentando de volume.

—O vês? —disse—. O vês? É um...

—Espera. —Elevando as mãos como se fora um árbitro em meio de uma partida de basquete, Jake os interrompeu antes que a discussão degenerasse em uma autêntica batalha campal—. Basta já, os dois. Danielle é meu problema, não o seu.

Além disso, aqui se trabalha, lembram-se? Dorothy, necessito do relatório sobre os antecedentes do Floyd Parker o quanto antes possível. Eu...

—Está em seu escritório — interrompeu-lhe ela sem deixar de lançar olhares avessas ao Pops—. Justo em cima dos informes sobre os antecedentes do Donald Coomer e Maurice Johnson que te consegui ontem mesmo. Se miras sua bandeja de assuntos pendentes, encontrará também uma cópia do vídeo de segurança do supermercado onde está gravado o momento em que dispararam a Sarah e todos os vídeos de segurança que pude obter sobre a zona do cárcere em que morreu Donald Coomer, no caso de que queira dar uma olhada.

Às vezes, Jake tinha a inquietante suspeita de que Dorothy seria capaz de levar adiante a agência sem a ajuda de ninguém. E naqueles momentos, a suspeita estava chegando ao ponto de converter-se em certeza.

—Bom trabalho — disse-lhe, tentando não parecer desarmado—. Ah, bom, e o relatório sobre os rastros digitais que encontraram no cabo elétrico com o que se enforcou Coomer?

—Também o tem aí, na pasta que leva seu nome. —Dorothy se inclinou por debaixo de seu escritório e a seguir se incorporou com a bolsa na mão—. Se não te importar, acredito que irei comer algo.

—Isto... Não. Vê se queres.

Jake sabia que o perguntava por pura cortesia. Quando sua secretária te conhece dos sete anos, quase parece que é você que trabalha para ela e não ao contrário. Com as bochechas ainda acesas de maneira pouco natural, Dorothy assentiu com a cabeça e ficou de pé.

Batendo-se no que figuradamente se poderia denominar uma retirada precipitada, Jake fechou as portas trilhos e se voltou para olhar a seu avô, quem, através do cristal, contemplava a Dorothy enquanto se afastava como se não a tivesse visto em sua vida.

—Pode-se saber o que é o que lhe disse? —lamentou-se, elevando os olhos para olhar a seu neto.

Jake poderia lhe dar uma pista, mas tratar de inculcar um pouco de tato em seu avô devia ser algo assim como tentar espantar ao jacaré que, nesses momentos, desfrutava de uma sesta no meio da manhã.

—Nem ideia — respondeu-lhe, afastando o episódio de sua mente e centrando-se por fim no trabalho—. Conseguiu localizar a chamada que recebeu Sarah ontem de noite?

Pops fez uma careta.

—Charlie... —Um de seus companheiros, e também empregado da agência — está fazendo um bom trabalho, mas ainda não conseguiu nada claro. A ligação foi feita de um celular registrado na ilha Edison pertence à senhora Linda Tanner; muito agradável, por certo. Pelo visto, não usava frequentemente o aparelho e não tinha sentido falta dele, até que a chamei para lhe perguntar por ele. Diz que não recorda havê-lo utilizado depois da segunda-feira de noite, quando acredita que o deixou no carro. Suponho que o perdera ou que alguém o roubou. Em qualquer caso, nada disto ajuda a identificar ao autor da chamada.

Jake exalou um suspiro e se deixou cair na cadeira que Pops tinha deixado livre.

Teria que haver-se imaginado que seria impossível localizar a chamada, por dedução; ou ao menos à pessoa que a tinha realizado. A vida nunca era tão simples.

—Existe alguma possibilidade de que ela ou alguém de sua família tenham algo que ver com a chamada? —perguntou-lhe desesperançado.

Pops negou com a cabeça.

—Não acredito. Ela é a típica dona-de-casa de classe alta, com um marido médico, dois meninos, refinada...

Jake fechou os olhos por um minuto. Ao ficar ali sentado, naquela atmosfera tão carregada e úmida em que quase se podia nadar e com o aroma de lama e a cabeça formando redemoinhos em seus orifícios nasais, de repente percebeu quão cansado estava. Fazia duas noites que mal dormia e começava a notá-lo.

—Sarah está adoentada? —perguntou-lhe Pops.

Jake teve que fazer um esforço para abrir os olhos e pôr de novo sua mente a pleno rendimento. Pops, que tinha se sentado no outro lado da mesa, tinha as mãos cruzadas sobre a cintura e o olhar pensativo e perdido no horizonte.

—Lhe pode imaginar isso.

—Sim, é terrível. —Pops sacudiu a cabeça com pesar.

Jake não tinha vontade de falar disso naquele momento, assim voltou a lhe perguntar pelo trabalho.

—O que aconteceu então com o DVS?

Pops o olhou e encolheu de ombros.

—Encheram o saco porque Austin — um tipo de uns vinte e dois anos que acabava de entrar na agência e que seguia parecendo necessitar toda a formação que lhe pudesse procurar — soltava de boas as primeiras a todos os assaltantes que pilhava.

DVS era uma enorme cadeia de drogarias com inumeráveis comércios em todo o sul dos Estados Unidos, por isso conseguir o contrato de amparo de seus locais teria suposto um bom golpe para a agência. Mas, a DVS pertencia a um particular muito meticuloso na hora de fazer negócios que tinha exigido que “Hogan & Sons Investigations” ocupasse-se durante um mês da segurança de um de seus locais, a modo de prova. Prova que Austin, pelo visto, acabava de estragar.

—Por que o fazia?

—Pelo visto lhe davam pena. —Pops sorriu de repente—. Já verá como você gosta desse pirralho. Tem um coração de ouro.

—Despediste—o? —Jake conhecia de antemão a resposta. O papel de mau sempre tocava a ele.

—Não, claro que não, está economizando dinheiro para o doutorado. —Pops voltou a apoiar os pés no corrimão e reclinou a cadeira—. Não se preocupe o contrato com o DVS é nosso.

—Posso-te perguntar como o conseguiu? —Jake quase tinha medo de ouvir a resposta.

—Disselhes que se assinarem conosco o contrato trabalharemos de graça em toda a cadeia durante os primeiros três meses.

—O quê? —Jake deu um salto na cadeira e olhou aterrorizado a cara de seu avô.

O fato de que Pops se viu a beira da falência sete anos antes e tivesse tido que recorrer a ele obedecia a uma razão. Em opinião de Jake, a agência perdia dinheiro a jorros. E este era, precisamente, um dos motivos—. Maldito seja Pops, tem ideia de...?

Seu celular soou. Levava-o no bolso, sob a bolsa de guloseimas que Jake tirou e deixou cair sobre a mesa para agarrar o aparelho antes que, quem quer que esteja chamando, desligasse.

—Hogan.

—Jake? Sou Austin.

Jake lançou um penetrante olhar a seu avô. O estômago lhe encolheu, pois temia o pior.

—Sim?

—Já sabe que tinha que me ocupar de vigiar à senhora Mason no tribunal, não? — Não, Jake não sabia. Na realidade era Dave Menucchi, um setuagenário amigo de Pops e um dos agentes mais antigos e de maior confiança da agência, o encarregado de vigiar a Sarah aquele dia. Para tranquilidade de Jake. E devia fazê-lo com a maior discrição; o qual implicava que ninguém, nem sequer Sarah, devia saber. — Bom, pois... Isto... Não a encontro.

Capítulo 11

—Que não pode encontrá-la? —Jake olhou entreabrindo os olhos a seu avô, quem tinha apoiado os cotovelos sobre a mesa e se inclinava para ele, escutando com evidente preocupação.

—Subi atrás dela do porão e logo ela parou para falar com dois homens no vestíbulo. Não quis seguir andando e passar por diante para evitar que me reconhecesse, entende? De forma que entrei no banheiro dos homens. Quando saí, ela já tinha partido; mas eu estava tranquilo porque sabia que tinha que apresentar-se na sala àquela hora. Só que não o fez. Em seu lugar havia outro tipo ocupando-se do caso. Acredito que já não está no edifício. —Austin se calou e Jake quase podia senti-lo suar ao outro lado da linha—. Sinto muito, Jake. O que quer que faça?

O calafrio de medo que percorreu as costas de Jake era prematuro, e ele sabia.

Sarah podia estar em um milhão de lugares. O problema era que a sua amiga tinham acontecido tantas coisas ultimamente que Jake tinha os nervos a flor da pele.

—Não saia daí até que eu chegue. Deixe-me ver se posso localizá-la em outro lugar.

Jake desligou o telefone e, depois de olhar carrancudo a seu avô, que claramente tinha ouvido toda a conversação, apertou o botão que o conectava diretamente com o número de Sarah.

-Se não me engano, dissete que ordenasse ao Dave que não perdesse de vista a Sarah.

A ligação se completou. O telefone de sua amiga soou em seu ouvido.

—Tive que mandar a Austin em seu lugar. DVS não queria que Austin voltasse.

Jake grunhiu. Ato seguido ouviu a mensagem da secretária eletrônica da Sarah: “Olá, volta a chamar mais tarde.” Sem lhe dar tempo a acabar, ficou de pé de um salto e se precipitou para a porta.

—Acreditei que havia dito que Sarah não corria perigo. —Pops se tinha levantado também, parecendo tão preocupado quanto Jake—. Quer que te acompanhe?

—Não, vá interrogar a essas testemunhas do caso Helitzer, tal e como tínhamos previsto para esta tarde. —Continuando, e para evitar que seu avô se inquietasse inutilmente, acrescentou—: Não acredito que realmente se encontre em perigo, mas tampouco quero correr o risco de me equivocar. Chamarei quando a encontrar.

Caminho da porta, Jake agarrou o revólver de seu escritório, no caso de...

—Esse homem deveria estar em casa — disse Crystal, sentada no assento de carona do carro de Sarah, enquanto chupava a bala de hortelã que esta lhe tinha dado. Tinha levantado uma perna e agora estava massageando o pé enquanto falava.

Seu sapato de salto de agulha jazia inclinado no chão. Tenho que estar no trabalho às cinco. A noite da sexta-feira é estupenda no Godfather's.

—Acha que poderá arrumá-lo? —perguntou-lhe Sarah.

Referia-se ao noivo de Crystal e ao carro desta que, e como Sarah tinha descoberto ao sair desconsolada do tribunal, avariou no estacionamento para deficiente frente ao edifício. Enquanto descia pelas escadas deste, tinha visto o Crystal em companhia de dois desconhecidos — transeuntes que, deslumbrados claramente por seu generoso decote, detiveram-se para ajudá-la — que tinham levantado o capô para controlar o motor de um velho Lincoln amarelo claro. Sarah

tinha parado junto a eles para ver o que acontecia, em consequência disso, agora se encontrava levando Crystal em casa para que esta pudesse, ou, ao menos isso esperava despertar seu noivo que, presumivelmente, seguia dormindo (em qualquer lugar que estivesse, e fizesse o que fizesse nesse momento; o caso era que o noivo não respondia ao telefone, por isso Crystal tinha deduzido que devia seguir dormindo apesar de ser já meio-dia) e voltar com ele ao tribunal para que lhe arrumasse o carro.

—Já o tem feito antes — disse Crystal, mordendo os restos do caramelo. Um débil aroma a hortelã invadiu o carro. Crystal massageava e movia os dedos do pé, primorosamente pintados—. A única preocupação é que a polícia o tenha levado dali quando voltarmos.

Sua preocupação estava mais que justificada. No espelho retrovisor do carro, Crystal tinha pendurado a etiqueta para deficientes que lhe tinham dado quando tinha quebrado uma perna; e esta tinha expirado já fazia muito tempo. Bastaria com que um policial tivesse o suficiente interesse — ou a vista — por ler as datas que figuravam na mesma, para que Crystal perdesse seu carro. Sarah confiava que dito policial não existisse. Ou, ao menos, que o carro não permanecesse ali o tempo suficiente para acabar chamando a atenção.

—Sugiro que a próxima vez que tenha que vir ao tribunal estacione atrás do edifício. É grátis. Crystal negou com a cabeça.

—Nesse lado há muitos carros patrulha. E, se por acaso não se deu conta, ultimamente os policiais não sentem especial predileção pela minha pessoa.

—Já notei — disse Sarah, mas se absteve de acrescentar que ela mesma estava experimentando também aquele fenómeno.

Crystal se tirou o outro sapato, trocou de posição e começou a trabalhar o outro pé.

—Me passo quatorze horas do dia de pé — explicou a Sarah ao ver que esta a olhava de soslaio—. Doem-me sempre.

Sarah não se incomodou em lhe aconselhar que usasse sapatos de salto baixo.

Levava muito tempo com ela como para não saber que o resto das mulheres considerava os saltos de dez centímetros uma parte essencial delas mesmas.

—Deve ser terrível — disse, em lugar disso.

Crystal se pôs a rir e assentiu com a cabeça.

Nesse momento se encontravam circulando pela I—21, a uns vinte e quatro quilômetros ao oeste do Beaufort; tinham deixado atrás as cidades dormitório que rodeavam a cidade e agora se dirigiam para o Burton. Uns quatro quilômetros antes, justo quando os centros comerciais começavam a ser substituídos por supermercados, grandes prateleiras e estabelecimentos que vendiam tratores John Deere, tinham abandonado a estrada principal e embocado uma estreita estrada que cruzava, em um primeiro momento, campos de tabaco para logo entrar nos bosques do Low Country. Nos mesmos cresciam, cotovelo a cotovelo e entre emaranhados arbustos de erva cobertas de diminutas flores brancas, pinheiros, Palmas anãs e plátanos de quase sete metros de altura. Algo mais adiante, a estrada se bifurcava.

O caminho da esquerda prosseguia pelo interior do bosque, enquanto que o da direita saía de novo a céu aberto e cruzava as vias do trem, encostada em um leito de cascalho branco que reluzia

com o sol.

— Aonde vou? —perguntou Sarah.

—Pela direita.

Sarah obedeceu e freou ao chegar junto às vias, com muita dificuldade indicadas com um pequeno sinal de perigo. Depois de olhar a ambos os lados, cruzou-as com precaução. Quando chegaram que Sarah considerou literalmente o lado mau destas, pôde ver o camping quase imediatamente. As caravanas deviam ocupar uma extensão de uns quarenta hectares de planície e estavam ordenadamente alinhadas. A maioria delas tinha diante um carro velho ou uma caminhonete e um bom número de acessórios como piscinas de plástico ou churrasqueiras de gás. O calor que desprendiam os telhados coletivos da pequena comunidade de metal formava um nebuloso véu que subia para o céu. Embora o pôster que havia à entrada rezava “O Paraíso”, Sarah duvidava que ninguém, nem sequer Crystal, pudesse sentir-se realmente assim naquele entorno. Ela mesma tinha passado sua adolescência em um acampamento semelhante chamado “Raio de sol” e jamais tinha experiente nele nada do que aquele nome parecia implicar.

Sarah ainda podia recordar à perfeição o interior da caravana onde tinha vivido: a porta principal de alumínio conduzia diretamente à sala de uns dez metros quadrados, com as paredes recobertas de painéis de pinheiro falso e duas janelas de persiana, uma em frente da outra, pelas que logo que entrava a luz. Na sala havia uma televisão, um sofá de tweed laranja, uma poltrona de felpa marrom e uma mesa com quatro cadeiras para comer. À direita da sala se encontrava a habitação de sua mãe, com o espaço justo para uma cama de matrimônio e uma cômoda abarrotada com as garrafas de perfume que esta estava acostumada colecionar. À esquerda havia uma diminuta cozinha alargada, a habitação que fazia às vezes de banho e lavanderia e, por último, o dormitório da Sarah. As paredes deste também estavam cobertas de painéis de madeira e nele só cabia uma cama. Mas Sarah tinha pendurado umas cortinas amarelas em ambas as janelas, havia coberto a cama com uma colcha da mesma cor que tinha comprado de um vizinho e tinha pendurado umas prateleiras para colocar neles seus livros de bolso, os únicos que se podia permitir.

Suas matizadas cortinas, alinhadas na parede, tinham permutado aquela espécie de buraco em um lugar confortável e acolhedor. Sarah tinha passado horas e horas inundada naqueles livros e eles lhe tinham dado a conhecer um mundo que em nada se parecia com o de “Raio de sol”. Tinham-lhe mostrado um tipo de vida que não consistia tão somente em álcool, brigas, divórcios e angústia constante para chegar ao final de mês. De forma que a Sarah tinha acabado por desejar que sua vida fosse assim com a intensidade com a que um menino faminto deseja a comida.

Com seu pai em paradeiro desconhecido, ela e sua mãe se mudaram daquela caixa de lata, tal e como estava acostumado a chamá-la com desdém quando tinha doze anos. Comparada com a desvencilhada, mas espaçosa granja do condado do Saunty em que tinham vivido com o terceiro marido de sua mãe e os dois filhos deste os dois anos anteriores, aquela caravana era um chiqueiro. Mas ao menos já não tinha que presenciar as brigas entre sua mãe e seu padrasto; o qual Sarah tinha considerado toda uma vantagem. Além disso, o acampamento se encontrava nos subúrbios de Columbia, a capital do estado, cidade que para Sarah, nascida no campo, tinha-lhe parecido enorme naquela época. Inclusive havia um ônibus que a levava até o colégio, um autêntico refúgio onde começava a destacar por suas notas.

Sua mãe seguia embebedando-se ao menos uma vez por semana — sua bebida preferida era a

vodka com laranja; por isso Sarah seguia hoje em dia sem poder suportar o aroma do suco desta fruta—; mas essa tinha sido precisamente, uma das constantes na vida de Sarah e ela tinha aprendido já a conviver com aquele tipo de situações. Fazia frente colocando a sua mãe na cama quando a encontrava desabada no chão, preparando uma mescla de suco de tomate e vodka que sua mãe preferia quando despertava gemendo, indo trabalhar (a tempo parcial na drogaria junto ao instituto e mais tarde, quando já era maior, como garçoneiro) e ao colégio, e refugiando-se em seus livros quando a realidade lhe resultava insuportável, coisa que acontecia frequentemente. Inclusive quase aos quarenta, idade que sua mãe esteticista tinha quando viviam em “Raio de sol”, esta só seguia pensando em divertir-se: o álcool e os homens eram as duas coisas mais importantes de sua vida.

Por esse motivo Sarah tinha decidido desde bem pequena desprezar ambas as coisas sempre que fosse possível.

Quando Sarah se encontrava em seu primeiro ano de bacharelado, Candy — como sua mãe queria que sua única filha a chamasse — conheceu o Jim Lowe. Lowe era um homem sério, um pregador laico e um déspota carismático que trabalhava de quando em quando, montando e reparando telhados. Candy se casou com ele, instalou-o na caravana com elas e não demorou a ficar submetida por completo a ele. Embora Candy deixasse de beber, a vida em “Raio de sol”, que até então tinha resultado suportável, converteu-se em um autêntico inferno.

Lowe se encarrapichou de sua nova enteada e quando Sarah contou a Candy que seu padrasto tinha tratado de tocá-la, que a roçava “casualmente” logo que podia e que, inclusive, tinha tratado de beijá-la, esta ficou do lado de seu novo marido e acusou a sua filha de provocá-lo.

Três meses antes de terminar o bacharelado, Sarah foi viver sozinha.

Abandonou a caravana e se mudou para a cidade. Alugou uma habitação a um casal de anciões, que tinha transformado a enorme casa meio em ruínas que possuíam em uma residência para os estudantes da Universidade da Carolina do Sul. Trabalhando em dois lugares de uma vez, conseguiu custear seus gastos até acabar o bacharelado. Graças a suas boas notas e à compreensão de seus professores obteve, além disso, economizar um pouco de dinheiro para poder ir ao outono à Universidade da Carolina do Sul. Sarah seguia vendo sua mãe de vez em quando, mas a lealdade inquebrável que esta demonstrava por seu último marido empanava suas relações. Candy lhe pedia uma e outra vez que dissesse a verdade e pedisse desculpas ao Lowe. Se fizesse, tudo ficaria esquecido. Sarah se sentia doída ao ver como sua mãe escolhia deliberadamente não acreditar em suas palavras; mas não podia fazer nada. A seus dezoito anos, Sarah era já o bastante pragmática para tratar de esquecer todo aquilo e seguir adiante com sua vida da melhor maneira possível.

Então apareceu em cena Robby Mason. Um fanfarrão corpulento e ruivo, de risada fácil e com o encanto de três homens de uma vez. Embora tivesse dois anos mais que Sarah, o serviço militar tinha atrasado sua entrada na universidade, por isso também era um estudante de primeiro ano. Sarah se apaixonou perdidamente por ele pela primeira vez em sua vida. No Natal estava já grávida, em fevereiro Robby tinha completo com seu dever e se casou com ela e, dois dias depois de que Sarah cumprisse os dezenove, nascia Lexie.

Então a vida de Sarah mudou para sempre. Quando pela primeira vez sustentou em braços ao bebê ruivo e viu aqueles olhos azuis idênticos aos seus, fez-se uma promessa: Lexie ia desfrutar de uma vida melhor que a que ela mesma ou Robby tinham tido. Sarah tinha retornado à universidade

com esse propósito na cabeça e, a partir de então, tinha dedicado todo o tempo que não passava ali ou no trabalho a recém-nascida. Consternado ao ver que, a mulher que antes o adorava, se converteu em uma resolvida mãe, Robby começou a procurar a diversão em outros lugares até que, um dia, depois de dizer a Sarah que já não sentia gosto e que não estava preparado para ser pai, tinha lhe abandonado. Sem mais. Passada a primeira impressão, o que mais lhe tinha doído a Sarah era que sua filha ia crescer, igual a ela, num lar destruído. Sarah não podia fazer nada para que Robby retornasse e, além disso, se tinha que ser sincera consigo mesma, de não ter sido pela Lexie tampouco o desejava muito. A chama que havia entre eles se apagou definitivamente quando Sarah se deu conta de que ele não estava disposto a renunciar a suas diversões pelo bem de Lexie, ou dela mesma. Obrigada, assim, a tirar adiante a sua filha sem a ajuda de ninguém, Sarah se tinha posto mãos à obra: acabou a universidade e depois foi aceita pela Faculdade de Direito da Universidade da Carolina do Sul, uma façanha da que se havia sentido muito orgulhosa, até o ponto de que lhe tinha assegurado a sua pequena Lexie que, a partir de então, a vida ia ser para elas muito melhor do que jamais se puderam imaginar. Um ano mais tarde, Sarah era já considerada como uma das alunas mais brilhantes de sua classe. Suas notas eram excelentes e seu compromisso moral era tal e como lhe havia dito um de seus professores, extraordinário. Razão pela qual Sarah tinha obtido o cobiçado período de práticas pagas no despacho do interventor do distrito do condado do Beaufort no verão seguinte o seu primeiro ano de universidade... E motivo pelo que ela e Lexie se transladaram a passar ali o verão em que Lexie tinha desaparecido.

Mas Sarah não podia, não queria pensar nisso. Não nesse momento. Não havia motivo algum para abrir de novo aquela ferida. Agora tinha que concentrar-se em conduzir por aquele estreito caminho de cascalho que rodeava o acampamento de caravanas; em respirar relaxadamente; no jorro de ar frio que sentia nos braços — por causa do calor úmido tirou a jaqueta e ficou tão somente com sua blusa branca de manga curta—, no aroma a hortelã, e nos movimentos rítmicos que fazia a mulher que tinha sentada ao lado massageando-os pés.

Em poucas palavras, tinha que circunscrever-se ao presente.

—OH, olhe, aí está Eddie. —A excitação que delatava a voz de Crystal arrancou as últimas teias de aranhas do passado da mente de Sarah, enquanto esta estacionava junto à amolgada caravana que sua cliente lhe tinha indicado.

Claramente vigorizada pela visão de seu noivo, Crystal se ergueu em seu assento e colocou os sapatos, enquanto Sarah via sair pelo biombo da caravana um homem em camiseta, de suspensórios e bermuda negra de náilon, como se tivesse sido alertado pelo rangido que causavam os pneumáticos ao esmagar o cascalho. Com a porta ainda golpeando as suas costas, o homem se deteve numa espécie de terraço que havia na frente da caravana, com os punhos sobre os quadris e o olhar cravado no carro. Crystal sorriu para Sarah quase com acanhamento.

—Bom, obrigada por me haver trazido.

Sarah assentiu com a cabeça. O noivo da Crystal a tinha deixado um pouco surpreendida. Sarah tinha imaginado que sua cliente sairia com algum mafioso engomado ou com alguém mais ao estilo hip—hop. Mas esse tipo era ao menos dez anos mais jovem que ela e não havia nada ostentoso ou chamativo nele. Nem sequer se parecia com um desses bons meninos do Sul viciados na cerveja com os que Sarah teria podido relacionar a Crystal em seu defeito. O sujeito em questão devia ter uns vinte e cinco anos, uma cabeleireira suja e loira que chegava até os ombros e uma

palidez cadavérica na cara que fazia pensar se esta teria visto alguma vez a luz do sol. Media ao redor de um metro oitenta de estatura e não era particularmente musculoso. E, além disso, estava esse ar de inseto recém saído de debaixo de uma rocha que inquietava um pouco a Sarah. E a isso se acrescentava, por outra parte, ânsia por agradá-lo que Crystal demonstrava desde que o tinha visto, era inevitável perguntar-se qual o tipo de relação que devia haver entre eles.

—Eddie não parece muito contente — comentou Sarah um tom mais cauteloso possível enquanto Crystal agarrava a maçaneta da porta. -Está segura de que não terá problemas?

—Sim, o mais provável é que se esteja perguntando quem vem comigo no carro.

Não gosta que vá por aí com desconhecidos. —Crystal abriu a porta e desembarcou do veículo. -Se fosse um homem estaria de saco cheio. Fica muito ciumento quando pensa que estou com outro. Bom, sempre e quando não se tratar de trabalho, certamente. Porque então é só algo profissional.

Sarah se sentia uma estúpida, mas não podia deixar de experimentar o desejo de proteger a sua cliente. Devia ser pelo lugar: de algum jeito, aquele espantoso lugar as irmanava. Sarah queria que Crystal voltasse para bom caminho. Pode ser que aquela mulher tivesse cometido alguns enganos em sua vida, mas agora estava fazendo todo o possível para superar os obstáculos que o destino pusera no seu passo e para refazer sua vida com as únicas ferramentas de que dispunha, e isso era tudo o que qualquer deles podia fazer.

—Tem meu número — disse Sarah—. Chame-me em caso de que McIntyre ou qualquer outro agente te incomode. Ou se... Acontecer alguma coisa.

—Sim, farei isto.

Crystal fechou a porta e pôs-se a correr pelo cascalho em direção a Eddie, que seguia olhando o carro com o cenho franzido. Sarah deu marcha ré pelo estreito atalho que conduzia à caravana. Depois de subir ao primeiro dos dois degraus de cimento que conduziavam o terraço, Crystal deu meia volta e agitou uma mão em direção a Sarah. Eddie a escrutinava ainda com os olhos entreabertos através do para-brisa.

A malignidade que havia em seu olhar fez que Sarah se estremecesse.

“Talvez o para-brisa reflita a luz e não possa ver que só uma mulher — pensou Sarah. Talvez ache que só um rival. Ou talvez seja tão somente um imbecil.”

Saltando-se a todo o princípio segundo o qual terei que conceder sempre aos desconhecidos o beneficia da dúvida, Sarah decidiu pela última das possibilidades.

Ao afastar-se, olhou pelo espelho retrovisor para ver o modo em que aquele tipo saudava sua cliente. Por sua expressão, esperava que fosse brigar, ou que a agarrasse violentamente pelo braço, ou inclusive que lhe desse uma bofetada. Mas não pôde ver nada disso, em parte porque as nuvens de pó branco que levantavam os pneus ao rodar pelo cascalho lhe obstruíam a vista. Ao que parece ambos se limitaram a falar umas palavras sem aquecimento algum e depois entraram na casa.

E Sarah teve que recordar-se a si mesmo uma vez mais que, deixando a um lado sua condição de vítima, o resto da vida de Crystal não lhe concernia. Uma das coisas que alguém devia aprender quando era advogada e não envolver-se pessoalmente com as pessoas às que devia representar. Na vida havia muitos problemas, muitas necessidades, e a gente não podia carregar com todas elas e seguir funcionando com normalidade. Sarah era plenamente consciente disso, mas mesmo assim em

ocasiões lhe custava recordar que tanto os casos dos que se encarregavam como as pessoas relacionadas com eles eram tão somente parte de seu trabalho, e nada mais.

Incluía Crystal.

Enquanto se afastava do lugar e voltava a entrar no I—21, Sarah comprovou que era quase a uma. Em circunstâncias normais, há essa hora deveria ter estado pronta para apresentar-se na frente o juiz Prince e opor-se a uma proposta da defesa que pretendia eliminar provas no caso de um incêndio premeditado. Mas Duncan tinha ido em seu lugar e, pela primeira vez em muitos anos, Sarah tinha tempo livre ao seu dispor e nada programado com o que ocupá-lo.

No passado se haveria sentido excitada frente à perspectiva de ter toda uma tarde para ela sozinha. O problema era que o tempo se converteu agora em seu pior inimigo. Este lhe outorgava a oportunidade de ruminar, de reconsiderar, de remover uma e outra vez em sua mente detalhe que era melhor deixar enterrado nela.

Inclusive agora, quando conduzia no meio do tráfico, um reboque a adiantava estralando e uma rua com um barco detrás ficava diante dela, e cada vez que olhava pelo espelho retrovisor via dançar ao ritmo de uma música silenciosa um quizeaneiro ruivo, Sarah tinha que fazer esforços para não voltar a pensar na chamada da Lexie. Não, a de Lexie não. A chamada de alguém que tampouco podia pronunciar a palavra assustada. De alguém que tinha o mesmo defeito de pronúncia de sua filha.

Que possibilidades tinha que assim fora?

Provavelmente muitas mais que o fato de que Lexie, que agora deveria ter doze anos, estivesse ainda viva e a chamasse, com a mesma voz que tinha quando desapareceu.

Sobre tudo porque, dado a síndrome de busca que estavam acostumados a padecer todos os pais com um filho desaparecido, era possível — seguro não, mas em qualquer caso possível — que tivesse atribuído a aquela voz a mesma entonação que durante tanto tempo tinha desejado voltar a ouvir.

OH, Meu deus, seria essa a explicação? Tinha ouvido a palavra assustada pronunciada daquele modo porque desejava acreditar que era Lexie quem a chamava?

Ao pensá-lo, lhe fez um nó na garganta.

Deixa-o já, ordenou-se a si mesma e fez um esforço por afastar sua mente de tudo aquilo e concentrar-se em outra coisa. O caso Helitzer. Sim, era isso, algo que requeria toda sua atenção. Se quisesse ganhá-lo, devia apresentar-se na frente o tribunal com todos os cabos atados. A prova forense era, ao mesmo tempo, uma ajuda e um problema. Por cada perito que pudesse encontrar disposto a jurar que tanto a posição em que tinham encontrado o corpo da vítima como a profundidade e a forma das feridas na cabeça indicavam que não se podia tratar de uma queda accidental, a defesa apresentaria outro disposto para afirmar o contrário. Os cabelos que tinham encontrado no corpo da mulher pertenciam a seu marido; mas dado que, precisamente, tratava-se de seu marido, a defesa podia alegar que não havia nada estranho no fato de que estes estivessem ali. Além disso, havia também outros cabelos no corpo da Susan, e alguns deles seguiam ainda sem identificar. Se por acaso fosse pouco, nas unhas da vítima não havia restos de pele humana, o qual indicava que esta não tinha lutado contra seu agressor e debilitava ainda mais a evidência que resultava do relatório forense. Sarah pensava que Susan não tinha visto chegar o golpe, que seu

marido se aproximou dela por detrás e que a tinha atacado sem prévio aviso. Segundo ela, o móvel inicial (seguia procurando uma razão de mais peso antes de apresentar-se na frente o tribunal) era que o casal tinha brigado pela amiguinha do Helitzer (neste ponto o tinha encurralado, já que o tipo em questão estava disposto a atestar) e Susan o tinha ameaçado deixá-lo. Posto que a ameaça parecesse ser sério, Helitzer a tinha golpeado. Para enquadrar bem o caso, para assegurar-se de que, o jurado interpretaria como ela queria a evidência que ia apresentar, tinha que encontrar algum tipo de prova que demonstrasse que Mitchell Helitzer tinha sido violento com sua mulher, ou com qualquer outra pessoa no passado. Até o momento não tinha dado em nada, mas Jake e sua agência não tinham deixado de interrogar a quem conhecia a Helitzer desde menino para ver se descobriam algo que ela pudesse levar a frente o juiz. Assim ainda não tinha perdido a esperança de encontrá-lo.

Não obstante, a menos que tirasse do chapéu algo realmente determinante, as possibilidades de ganhar ou perder o caso eram idênticas. Para fazer justiça a Susan Helitzer, ia ter que pôr toda a carne no forno, esperar que a defesa cometesse alguns enganos e que ela tivesse, além disso, um pouco de sorte era, com toda probabilidade, mais do que podia esperar; mas, em qualquer caso, ambas as coisas seriam bem-vindas.

O carro que transportava ao menino dançarino acelerou até ficar a sua esquerda e a distraiu. Antes que a tivesse adiantado de tudo, Sarah voltou a olhar pensativa pelo espelho retrovisor.

Ao fazê-lo, ficou pasmada.

Um carro patrulha se aproximava dela a toda velocidade. Embora não dava a impressão de que pretendesse que o carro da Sarah se fizesse a um lado, mas sim, mas bem que seu condutor tinha muita pressa por chegar a algum lugar. O que, entretanto, pôs a Sarah a pele arrepiada foi à identidade do condutor: Brian McIntyre. Dado que seu companheiro estava suspenso de seu cargo até que o grande jurado decidisse se prosseguia ou arquivava a causa de violação que ela tinha a intenção de apresentar a semana seguinte, o oficial ia sozinho no carro.

Resultava indubitavelmente suspeito que o policial se encontrasse tão longe da zona onde estava acostumado a fazer sua ronda e procedesse, além disso, daquela em que Crystal vivia. Teria dado uma volta por “O Paraíso”?

“Intento de intimidação a uma testemunha”, foi à frase que imediatamente lhe veio à mente embora, é óbvio, não podia prová-lo. Nem sequer tinha uma câmara para tirar uma fotografia em caso de que tivesse que provar em um futuro o que o agente podia ou não estar fazendo. O melhor nesses momentos era chamar o seu próprio escritório e deixar uma mensagem na secretária eletrônica sobre o que estava acontecendo. Ao menos, assim ficaria gravada a presença do McIntyre naquele ponto remoto do I—21, com a data e a hora exata.

Sarah rebuscou com uma mão entre os dois assentos antes de recordar que deixou o celular no bolso da jaqueta e que tanto esta como sua maleta se encontrava no porta-malas.

O qual eliminava a possibilidade de realizar a gravação.

Em qualquer caso, aquilo era o de menos. Uma foto tirada do vidro de um carro não bastava para provar que McIntyre estava perseguindo a Crystal; como tampouco bastava a gravação na secretária eletrônica que constatava o fato de que o tinha atrás no I—21. Afinal de contas tinha tanto direito a estar ali como qualquer dos carros que circulavam por ela.

Sem ir mais longe, o mesmo direito que Sarah.

Inclusive no caso de que tivesse recebido já a ordem de afastamento — o qual não era possível, dado que não tinha passado suficiente tempo, não se encontrava dentro do perímetro de dez quilômetros que a mesma estabelecia. Suas suspeitas unidas à presença do policial no I—21, não bastavam para acusá-lo de nada e muito menos para lhe pedir ao juiz Wessel que o colocasse entre grades.

Enquanto o carro patrulha se aproximava dela, Sarah chegou impotente à conclusão de que não podia fazer nada. Exceto observá-lo pelo espelho retrovisor.

McIntyre lhe pisava já os faróis nesse momento, vestido de uniforme, e tão perto dela que Sarah podia ver todos os detalhes de seu corpo até a cintura, ponto a partir do qual o farol lhe entorpecia a vista. McIntyre era um homem alto e enxuto, com uns olhos castanhos e um penteado que delatava aquilo que, precisamente, tratava de ocultar — o fato de que o agente estava ficando calvo; e Sarah não tinha reparado nele até que Crystal acusara seu companheiro de havê-la violentado. Depois, Sarah se tinha informado de muitas coisas sobre ele e a maior parte do que tinha sabido resultava, quando menos, inquietante. Os rumores apontavam a que ele e seu companheiro, Gary Bertoli, eram pouco mais ou menos como irmãos. Ambos estavam acostumados a trabalhar nas zonas mais problemáticas da cidade, nos arredores dos bares e dos locais noturnos do centro; e na rua os considerava, segundo palavras textuais de um de seus confidentes, “um par de arrogantes bastardos”. Ao igual à Bertoli, McIntyre estava casado e tinha filhos. E a diferença de Bertoli, quem ainda estava sob os efeitos da suspensão, McIntyre não parecia ter o sentido comum necessário para manter-se afastado da vítima antes que esta apresentasse —ou não— a acusação contra eles.

Um enorme ônibus suburbano prateado apareceu como um relâmpago na sua esquerda e Sarah, movida pelo impulso mais que por outra coisa, virou para o lado do acostamento e ficou atrás dele. Quando o ônibus retornou de novo à sua direita, Sarah se viu obrigada a pisar no acelerador para manter a velocidade. O rugido do tráfico que circulava pela auto-estrada a ensurdecia. Seu Cintra tremeu ligeiramente como se tratasse de não arredar-se na frente aquele monstro que tinha diante. Os dentes de Sarah chiaram quando voltou a olhar pelo espelho retrovisor: apesar de seu instintivo de afastar-se dele, McIntyre seguia ainda a suas costas; a escassos milímetros de seu para-lama. Se freasse, McIntyre bateria no carro dela.

Sarah podia vê-lo com toda clareza através do espelho e estava quase segura — não de tudo, mas quase, de que ele também podia vê-la; de que sabia perfeitamente quem estava ao volante do carro que seguia tão de perto; de que, de fato, aquilo era uma perseguição em toda regra.

Pergunta-a era: por quê?

De repente, uma ideia foi à mente da Sarah: Brian McIntyre tinha sido um dos primeiros policiais em chegar ao lugar dos fatos quando lhe tinham disparado.

Continuando, assaltou-a uma enxurrada de frenéticas perguntas: e se a teoria sobre o terceiro que disparou fosse errônea? E se Floyd Parker, cuja detenção a tinha feito sentir-se mais segura, não tivesse nada que ver com o disparo?

E se McIntyre a seguia agora com a intenção de lhe voltar para disparar? Ou de fazer qualquer outra coisa — como, suponhamos por caso, provocar um acidente de carro, para atentar

contra sua vida?

Sarah sentiu que o coração pulsava enlouquecido. Os ombros travaram. Tinha a boca seca. O volante vibrou sob suas mãos quando esta o segurava com força. Tinha-lhe bastado voltar a olhar pelo retrovisor para confirmar suas suspeitas: McIntyre conhecia de sobra ao ocupante do veículo que tinha diante.

Seus olhos se cruzaram no espelho por um instante que, não obstante, foi mais que suficiente para confirmar seus temores. Ele sabia que se tratava dela, podia-se ler em sua cara.

Sarah respirou fundo, apertou os dentes e voltou a concentrar na estrada.

Nesse momento, encurralada entre um condutor de uns dezoito anos a sua direita e a estreita parte de grama era tudo que a separava do tráfico que circulava em direção contrária a sua esquerda, Sarah se deu conta de que não tinha escapatória. Fosse o que fosse o que McIntyre tinha planejado, no momento ela não podia fazer nada para impedir-lhe. Só podia continuar seguir conduzindo. Se freasse de repente, se diminuísse a marcha, McIntyre chocaria com ela. E se chocavam, seu Crown Vitória embutiria o carro muito mais ligeiro do que o da Sarah contra o enorme ônibus que tinha na sua frente ou contra o contêiner metálico do reboque que circulava estando a sua direita, ou a faria passar ao outro lado da via por onde se circulava em direção contrária.

Em qualquer dos três casos, as possibilidades de sair sã e salva eram bem escassas.

E isto podia ser de fato, o que McIntyre pretendia.

Porque o ponto crucial era que sem interventorização, o caso se fechava. Bastava um simples golpe no para-lama traseiro para que Bertoli ficasse livre de acusações.

Sarah sentiu que o suor lhe começava a cair pela testa. O muro de aço do reboque que tinha à direita se esfumou em uma imensidão chapeada enquanto que quão meia tinha a sua esquerda se foi estreitando até converter-se em uma linha verde. Sem deixar de olhar o ônibus suburbano que tinha diante, Sarah se concentrou no volante enquanto o velocímetro se aproximava dos cento e trinta; o qual supunha uma velocidade excessiva para uma estrada como aquela. Catastrófica, em caso de acidente. E implicava superar o limite em quase trinta quilômetros.

Podia-se saber onde se metia a polícia de tráfico quando necessitava de uma?

Sarah amaldiçoou a si mesma por ter esquecido que tinha o telefone no bolso da jaqueta no momento em que a tinha metido no porta-malas. O fato de acender o pisca alerta, coisa que, segundo ela não podia servir de muito naquelas circunstâncias, não tinha modo algum de pedir auxílio. Em meio daquela estrada reluzente e abarrotada estava tão só como em uma perseguição através de um bosque deserto a altas horas da noite.

Em uma das olhadas dirigida sem cessar ao retrovisor, seus olhos se voltaram a encontrar com os do McIntyre. O para-lama do policial quase roçava o seu, de forma que até um ligeiro toque no freio bastaria para que ambos os carros chocassem imediatamente. Ela sabia... E ele também.

O modo zombador com o que olhou a Sarah, durante a fração de segundo que esta se permitiu afastar os olhos da estrada, e o sorriso de regozijo que havia em sua cara não deixavam lugar a dúvidas.

McIntyre sabia que ela estava assustada e isso lhe produzia risada.

Ao constatá-lo, Sarah enfureceu. Ergueu-se no assento e elevou o queixo. Tanto se ia morrer ou não, plantar-lhe-ia cara.

Sarah levantou uma mão de forma que o oficial a pudesse ver, e a seguir fez um gesto obsceno com um dedo.

“Os que vão morrer te saúdam imbecil.”

Ao observar sua reação pelo retrovisor, observou satisfeita que tinha conseguido lhe apagar o sorriso zombador da cara.

O ônibus se dispôs então a ultrapassar o reboque. Sarah o seguiu e, ao fazê-lo, vislumbrou um pequeno espaço vazio entre o caminhão e o carro que circulava diante de dele. Justo o que precisava, Sarah segurou mais uma vez o volante e, contendo o fôlego, virou para a direita para introduzir-se nele, ficando virtualmente encaixada entre os dois veículos. O reboque tocou ruidosamente a buzina a modo de protesto.

McIntyre passou por ao lado como um relâmpago.

E perdeu a sua presa.

Os músculos de Sarah relaxaram ao ver que o carro patrulha desaparecia na distância, junto ao ônibus.

Quando, quinze minutos mais tarde, Sarah se deteve no semáforo em vermelho que havia na esquina do Quik-Pik, ainda não tinha deixado de tremer. O supermercado tinha aberto de novo suas portas. Dado que era sexta-feira à tarde e estavam em agosto, muita gente tinha saído logo de trabalhar e se dispunha a abandonar a cidade para passar fora o fim de semana, em tese a que as previsões do tempo tinham anunciado precipitações semelhantes às da noite anterior; de forma que o supermercado estava abarrotado. O vaivém de clientes que cruzava a porta era constante. O posto de gasolina estava cheio de carros que abasteciam para a viagem. Outros estavam estacionados diante do vidro, cujo tinha sido já substituído até o ponto de que os habituais pôsteres com as ofertas penduravam nele: a caixa de doze cervejas a 3,99 dólares; gelado a cinquenta centimos ao adquirir quatro quilos; vende-se loteria do sábado de noite.

Embora a polícia seguisse analisando o corpo da Mary, as palavras à empregada tinham sido já apagadas do pôster que havia no exterior do estabelecimento, e em seu lugar voltava a figurar de novo em letras negras a lista com os preços da gasolina.

A vida seguia seu curso, como sempre.

Sarah perguntou quem trabalharia agora na caixa. Conheceria a Mary?

Impossível sabê-lo. Teria medo de morrer na mão de um assaltante, como sua anterior companheira? Em caso de que assim fora, a necessidade de ganhar vida superava sem dúvida aquele temor.

Porque, nós gostemos ou não, todos têm que comer.

E falando de comer, Sarah não estava muito segura de que houvesse comida para cão em sua casa, ou comida para ela; mas também sabia que jamais seria capaz de voltar a entrar nesse supermercado em sua vida.

O qual a convertia em cliente oficial do estabelecimento do Kroger.

O semáforo ficou em verde e Sarah atravessou o cruzamento, desejosa em manter a maior

distancia possível entre ela e o Quik-Pik. Ao passar por diante do restaurante chinês Wang's Oriental Palace, deu uma olhada ao beco onde no dia anterior tinha visto a outra sobrevivente daquela terrível noite. Mas este estava agora vazio, excetuando o contêiner e os girassóis, as ambrósias e os abrolhos, que se balançavam balançados pela brisa.

Quatro quarteirões e chegaria a casa cedo pela primeira vez em sua vida, tratando-se de uma sexta-feira.

O relógio lhe indicava que nem sequer eram duas. Sarah tinha na frente si um montão de horas que ocupar. Levava o dossiê do Helitzer na maleta; de forma que poderia trabalhar em casa sobre ele ou sobre o caso Lutz, que também se encontrava ali dentro, ou fazer algumas chamadas, O...

Sarah percebeu então da ideia de entrar em sua casa a atemorizava ainda mais que a de fazê-lo no Quik-Pik.

A mera ideia de cruzar a soleira da porta principal lhe encolhia o coração como se um gigante o espremesse entre suas mãos. Ia-lhe resultar impossível sossegar a voz de Lexie ou, melhor dizendo, a voz que tinha ouvido durante aquela maldita ligação. Sarah sentia a necessidade de abrir a caixa de brinquedos que havia em seu armário para ver se faltava algum, para ver se em seu interior havia algo que pudesse arrojar luz sobre o acontecido.

Mas também se via incapaz de voltar a ver esses brinquedos. Ao menos, não no momento.

A dor podia aflorar de novo com muita facilidade.

De repente, girou à direita no seguinte cruzamento. Aquele era o momento mais oportuno para comprovar onde vivia Ângela Barillas.

Capítulo 12

Os apartamentos Beaufort Landing eram de propriedade pública, o que em outras palavras significava que a condição principal para poder viver neles era ser pobre. Tratava-se de vinte edifícios idênticos de obra vista construídos separadamente sobre um terreno plano de uns dois hectares de extensão. Cento e vinte famílias os abarrotavam, cobrindo seus balcões com roupa tendida, amontoando bicicletas nos vestíbulos e enchendo a transbordar os contêineres de lixo. Um número muito mais reduzido de carros médio destróçados ocupava o estacionamento. Os edifícios estavam separados por umas faixas de ervas queimadas que formavam entre eles uma espécie de rede. Uns arbustos cor mostarda jaziam dispersados aqui e lá. Na zona não havia nem uma só árvore.

Era verão, de forma que os meninos estavam de férias. Parte deles devia encontrar-se nos centros de dia que os acolhiam, outros teriam partido para um acampamento, e alguns deviam ter simplesmente um lugar melhor aonde ir além daquela abrasadora ilha situada no centro do distrito residencial e comercial cujo nível social era inclusive inferior ao da modesta vizinhança onde tinha transcorrido a infância de Sarah. Não obstante, o buliçoso parque infantil estava abarrotado de meninos; por isso Sarah não perdeu a esperança de dar com sua presa.

Depois de estacionar o carro, desceu dele.

Imediatamente se viu envolta por uma onda de calor úmido, como se um conhecido excessivamente afetuoso a tivesse abraçado de repente. Uns grupos de nuvens plúmbeas se amontoavam na distância como montanhas no limite do céu azul, e no ar pareciam flutuar já o excesso de umidade que previa a chegada da chuva.

Sarah entreabriu os olhos, cega pelo resplendor que produziam os carros estacionados, e sentiu uma pontada na cabeça que lhe fez recordar o efeito passageiro dos analgésicos. Os joelhos tremiam, e quando se deteve um instante para recuperar a estabilidade, sentiu que a habitual capa de suor começava a cobri-la e que a roupa parecia haver lhe pego à pele. A forte sensação de calor lhe recordou que seguia levando postas as meias, os sapatos de salto baixo, e a saia e a blusa com os que tinham ido ao tribunal. Dado que não tinha roupa para repor e que tampouco valia a pena tirar as meias, encaminhou-se de igual forma para o parque infantil que se encontrava no centro do complexo.

O tamborilar continuado das janelas ou o ruído que fazia algum outro carro ao passar se misturava ocasionalmente com os gritos dos meninos. Sarah percebeu o aroma de alcatrão quente e também o amaciante de roupa —alguém devia estar fazendo lavagem nas proximidades— enquanto dobrava a esquina do edifício mais próximo. Titubeou ao ver a cena que se apresentou na frente seus olhos. As franjas de erva convergiam em um modesto retângulo. Em lugar das dúzias de meninos que o bulício lhe tinha feito imaginar, encontrou-se tão somente com uns quinze, a maior parte dos quais devia ter menos de dez anos. O grupo estava integrado por crianças de ambos os sexos e de diferentes raças que subiam por uma torre de metal, balançavam-se nos chilreantes balanços ou se dedicavam a fazer fossas em uma parte de terra que, pelo aspecto dos buracos que já havia, fazia muito tempo que tinha deixado de servir para o propósito para o que foi originalmente criado. Duas meninas se esforçavam por manter em movimento um balanço com que brincavam.

Um menino se jogou de costas pelo tobogã gritando que a prancha de metal do mesmo estava

muito quente. Como não podia deixar de ser, usava uma bermuda, ao igual a todos seus companheiros. Descia sem deixar de espremer no ar, tratando, claramente, de não queimar as pernas.

Sarah se deu conta de que não havia árvores como tampouco havia adultos na praça. Talvez vigiassem aos pequenos do interior das casas, olhando-os pelas janelas.

Para sua surpresa, Sarah divisou a Ângela Barillas quase imediatamente. Estava sentada só em um dos bancos de metal que havia ao redor do parque infantil, destinados aos adultos que, em teoria, deveriam acompanhar a seus pequenos.

Nesse dia a menina usava uma camiseta cinza um ou dois números maior que o seu e uma calça folgada de cor arroxeado. Estava sentada com as pernas cruzadas e a cabeça inclinada, de forma que a cabeleireira castanha lhe caía para diante e lhe tampava a cara. Tinha um livro aberto no regaço.

A emoção que brotava em Sarah ao ver qualquer menina pequena lhe levava, pelo caminho, a tratar de evitá-la. Mas uma menina com um livro nas mãos era já muito...

A imagem lhe resultava tão familiar que lhe fez um nó na garganta e esteve a ponto de dar meia volta e sair correndo.

Igual a ela quando era menina, Lexie adorava os livros. No momento em que sua filha foi suficientemente maior para entendê-los, Sarah lia para ela todas as noites um conto antes de ir para cama. O favorito de ambas era Winnie the Pooh. Sarah se burlava de sua filha e a chamava “Tigger”, porque a pequena passava a vida saltando cheia de entusiasmo. O nome também fazia referência a seus cachos ruivos; mas, como já naquela época Lexie não gostava da cor de seu cabelo, Sarah nunca o mencionou.

Pouco antes que a menina desaparecesse, Sarah tinha tratado de ensinar a ler com esses mesmos livros e o resultado tinha sido alentador.

A lembrança era dolorosa, mas Sarah não se arredou e permaneceu onde estava.

Depois de respirar fundo, sentou-se no banco junto à Ângela, procurando deixar um mínimo espaço entre elas. A menina elevou a vista do livro, e ao reconhecê-la olhou com assombro ou talvez fosse terror?

—Olá. —Sarah se preparou para a possibilidade de que a menina saísse correndo de novo espantada—. Lembra-te de mim? Sou Sarah.

—É um fantasma? — A voz de Ângela era pouco menos que um sussurro. Seus olhos estavam agora desmesuradamente abertos.

Sarah negou com a cabeça.

—Não, claro que não. Em qualquer caso, ouviste falar alguma vez de fantasmas que vão por aí com a cabeça coberta de esparadrapo? —Sarah levou a mão à cabeça—. Ou que apareçam nos parques à plena luz do sol?

Embora a menina não tivesse deixado de olhá-la com desconfiança, Sarah percebeu que tinha conseguido tranquilizá-la.

—Dispararam-lhe. Eu vi. Como a Mary, mas ela morreu.

—Eu não morri como pode ver, e isto é só esparadrapo.

Sarah viu que o rosto da menina relaxava e que estava disposta a acreditar em sua palavra. Mas se pensava que, pelo mero feito de convencer aquela pequena cética de que não era um fantasma, ia conseguir melhorar a relação entre elas se equivocava, porque a menina a olhava agora carrancuda.

—Então, o que é que quer? —perguntou-lhe em um tom tão hostil como seu semblante.

—Só queria me assegurar de que ontem chegou bem em casa. Sua irmã (a menina que levava em braços é sua irmã, verdade?), parecia pesar muito.

—Pesa uma tonelada. — Sarah devia ter tocado num tema com o que a menina se sentia absolutamente de acordo, porque parte de sua diversão desapareceu. Ângela

deu uma olhada aos meninos sujos de terra que seguiam cavando. Ao seguir seu olhar, Sarah reconheceu entre eles à irmã menor da Ângela: -Tenho que vigiá-la.

“Mamãe diz que é minha responsabilidade”.

—Como se chama? —perguntou-lhe Sarah fazendo todo o possível por que não se interrompesse aquela amigável conversação.

—Sophia.

—Quantos anos têm?

—Três. —Ângela a olhou de novo por um momento e, ato seguido, franziu o cenho ao recordar o motivo de seu aborrecimento. Por que não ajudou a Mary a outra noite na loja?

O sorriso de Sarah se desvaneceu. Com a franqueza de uma criança, Ângela lhe tinha perguntado sem mais rodeios aquilo que lhe preocupava, deixando a Sarah desconcertada.

—Não sabia como fazê-lo — respondeu-lhe, passado o momento que levou a decidir que só podia dizer a verdade. -Estava muito assustada e não via o modo de ajudá-la.

O sobrecenho da Ângela se suavizou um pouco.

—Eu também estava assustada. — Olhando de novo a seu livro,suspirou: -Gostava muito de Mary, era muito boa. Por que a mataram?

Sarah sacudiu a cabeça. Não sabia responder a essa pergunta.

—É muito duro ver morrer às pessoas que queremos.

Ângela assentiu solene com a cabeça.

—Algumas vezes nos dava de presente coisas da loja. À noite em que entraram os homens maus estava ali para lhe pedir que me desse um pouco de mortadela e pão, porque em casa não havia nada para comer e Sergio tinha fome. Já sabe como são os meninos — acrescentou com afetuoso desdém.

—Sergio é um de seus irmãos?

—Sim. Tem cinco anos. Lizbeth sete. Eu, nove, e Rafael, dez. Rafael está acostumado a cuidar do Sergio; e eu, de Lizbeth e Sophia. Nessa noite Rafael estava doente. Por isso fui eu à loja.

—Sua mãe não estava em casa?

Ângela negou com a cabeça.

—Estava trabalhando no restaurante. Trabalha quase todas as noites no Wang's, até as doze.

De dia o faz na drogaria. Vem para casa entre um trabalho e outro e nos prepara o jantar. E às vezes, se não der tempo, pega um pouco de comida do Wang's e nos deixa isso dentro de uma sacola de lixo, para que ninguém saiba o que é. Diz que se souberem a despedirão. — Ângela encolheu os ombros—. É duro ser maior. Tem que ganhar muito dinheiro para pagar o aluguel, a comida e todas as demais coisas para a casa.

—Sei.

Calaram-se por um momento enquanto olhavam brincar os meninos. Uma rajada de vento agitou o cabelo e fez levantar a roupa. Sarah agradeceu aquela breve trégua no abafado reinante, embora soubesse identificá-la como sinal inequívoco de que não demoraria a chuva. Nesses momentos, as nuvens se amontoavam mais altas que nunca no horizonte e se moviam já para o interior, o que não deixava lugar a dúvidas.

—Quando for maior procurarei um trabalho e ajudarei a minha mãe, assim não terá que trabalhar tanto.

As palavras da menina comoveram a Sarah. Embora Ângela carecesse claramente de coisas materiais, não podia negar que recebia todo o afeto que necessitava.

Sarah prometeu que, no futuro, antes de chamar de negligente à mãe da Ângela pensaria duas vezes.

—Sua mãe estaria muito orgulhosa de te ouvir dizer isso.

—Sabe? Não tem a ninguém que a ajude. Estamos os cinco sozinhos.

—Onde está seu pai?

—OH, abandonou-nos faz já muito tempo. Igual ao pai do Sergio e Sophia.

Mamãe diz que, por ela, podem ir com vento fresco e que não quer voltar a saber de nada de homens.

Bom por ela. A Sarah estava começando a gostar daquela mulher, a quem não tinha visto em sua vida.

—Olá, Ângela, viu o Serge?

Um garoto magro se aproximou correndo ao banco e se deteve diante dela, apoiando as mãos nos quadris e inclinando-se para diante enquanto tratava de recuperar o fôlego. Sarah não podia assegurá-lo, mas o menino tinha o mesmo cabelo castanho, a mesma pele bronzeada e a mesma compleição esbelta que Ângela, por isso cabia supor que se tratava do maior dos irmãos Barillas. Como havia dito Ângela que se chamava? Rafael? E tinha dez anos.

—Tornaste a perdê-lo? —Ângela parecia mais desgostosa que preocupada.

Depois de dobrar a página que estava lendo, fechou o livro. Sarah viu que se titulava Coração de Tinta e supôs, com uma pontada de dor, que deviam havê-lo publicado recentemente. Ela, a menina que tinha lido tudo, jamais o tinha lido. Como tampouco sua filha Lexie, que também adorava os livros. Enquanto reparava na injustiça daquele fato, Ângela desdobrou suas magras perninhas e saltou ao chão—. Já sabe que não pode perdê-lo de vista nem um minuto. Mamãe te arrancará a pele se sabe de que o perdeste.

—Não se perdeu. —Sem deixar de ofegar, Rafael se incorporou e se ergueu completamente; o que fez que sua cabeça ficasse à altura da de Sarah, quem, não obstante, seguia sentada—.

Estávamos brincando e me escapou. Isso é tudo. Para ser tão pequeno, corre muito depressa.

Disse isto em um tom que expressava de uma vez inveja e admiração.

O semblante da Ângela era agora de desaprovação.

—Já sabe que não pode correr, tem asma, recorda?

Estreitando o livro contra seu peito, percorreu o parque com o olhar em busca de seu irmão.

—Bom, supõe-se que você tampouco deveria falar com desconhecidos — replicou Rafael, olhando a Sarah com um cenho de desconfiança—. Não é esta a senhora que nos perseguia o outro dia? A que disse que estava morta?

—Olá, Rafael. —Sarah pensou por um momento em levantar-se, mas se absteve para evitar que os meninos se assustassem—. Sou Sarah, e, como vê, não estou morta.

—Olhe, leva esparadrapo na cabeça — disse-lhe Ângela a seu irmão, como se quisesse ajudar a Sarah a convencê-lo.

Sarah sorriu ao menino. Rafael seguia escrutinando-a como se não acabasse de acreditar-se que ela ainda formava parte do mundo dos vivos.

“Anotação pessoal: comprar o antes possível um pouco de ruje.”

—Aqui está! —Ângela assinalou com o dedo o edifício de apartamentos que se encontrava justo na frente a eles. Sarah viu que uma porta se fechava de repente.

Um instante depois, uma carinha travessa se apertava contra o cristal que havia no alto dela.

—Sergio! —Rafael pôs-se a correr naquela direção. Sarah supôs que ato seguido se produziria uma perseguição.

—Não deve correr! —gritou-lhe Ângela a seu irmão. Até no caso de que Rafael a tivesse ouvido, este não lhe fez o menor caso. Ângela sacudiu a cabeça, em um arremedo do que poderia considerar um gesto adulto de desaprovação, e olhou novamente ao Sarah—. Quer algo mais? Porque agora nos temos que partir. É hora de que Sophia durma um pouco.

O que podia dizer que não resultasse muito torpe... Ou indiscreto?

—Tem comida em casa? Posso ir comprar algo se quiser. —Está bem, aquela sugestão era tão torpe como indiscreta. A mera ideia de que Angie e seus irmãos não tivessem nada que levar-se a boca a inquietava.

Angie negou com a cabeça enquanto se aproximava de sua irmã.

—É sexta-feira. Mamãe irá comprar.

“Na sexta-feira é dia de pagamento”, pensou Sarah enquanto se apressava a acomodar seu passo ao da menina.

—Eu gostaria que fôssemos amigas, Ângela. Ambas passamos juntas por uma má experiência, sabe? Talvez possamos tirar algo bom dela.

Angie a olhou de soslaio. De novo parecia desconfiar. Era evidente que a advertência que o fazia sua mãe para que não falasse com desconhecidos lhe rondava pela cabeça. Mãe inteligente, filha inteligente.

—Sim, pode ser. —O tom do Ângela soava falso. Sarah se deu conta de que a menina não via a hora de desfazer-se dela. Talvez temesse que sua mãe soubesse de que tinha falado com uma

desconhecida e isso lhe causasse problemas. Ou possivelmente não pudesse evitar relacionar a Sarah com a morte da Mary. Em qualquer caso, ambas chegaram à zona onde os meninos faziam buracos, que não era propriamente um recinto de areia, mas sim, mas bem uma grama onde estes, pelo visto, tinham começado a furar a terra em algum momento indeterminável do passado, e se deteve junto a sua irmã, que escavava com uma pá entre montões de terra. -Vamos, Só. É hora de partir.

Sophia elevou o olhar com a pá empanada de barro suspensa no ar. Era um anjinho com a cara completamente melada, os olhos da cor e a forma de uma noz, e uma cabeleireira frisada que lhe chegava até os ombros. Tinha a camiseta rosa coberta de manchas e um dos bolsos dianteiros de sua bermuda de bolso azul se rasgou e lhe pendurava de um lado. Ia descalça e seus pezinhos gordinhos estavam cheios de imundície.

Ao vê-los, Sarah recordou os pés da Lexie. Sua filha adorava andar descalça no verão. Igual aos da irmã da Ângela, também eram roliços e estavam acostumados a estar muito sujos...

O coração lhe deu um tombo.

Por isso evitava às meninas, porque recordava a sua filha em mil detalhes, cada um deles capaz de lhe romper o coração.

—Não — respondeu-lhe Sophia, rebelde, e arrojou a pá. Esta saiu voando sem causar dano algum; mas Ângela, com o ar de uma mãe exasperada, agachou-se e agarrou a sua irmã em braços —. Não, não, não e não! —gritava Sophia, sem deixar de espernear.

Ângela sujeitava o livro e à menina com a facilidade de alguém habituado a fazê-lo. Tirou uma chupeta de algum lugar indeterminável e a colocou na boca de Sophia .

O artefato permaneceu instável um momento, mas logo Sophia o apertou com os lábios e voltou a reinar a paz.

— Diga a sua mãe que nos falamos, quer? E também que a chamarei por telefone — disse a Ângela, enquanto esta se encaminhava já para sua casa. Dada à má disposição que a menina mostrava para ela, não era muito seguro que a mensagem chegasse a seu destinatário; mas Sarah sentia a lhe apelante necessidade de partir dali. As duas meninas, o livro de uma e as bochechas gordinhas, os pés descalços e a raiva da outra, recordavam-lhe muito que tinha perdido. -Adeus, Ângela; adeus, Sophia.

Nenhuma das duas lhe respondeu. Ângela quase tinha chegado ao edifício que tinha entrado seu irmão, com a Sophia no quadril. Sarah teve o pressentimento de que a menina não demoraria a esquecer-se dela.

—Lizbeth! Temos que voltar para casa! —gritou Ângela voltando à cabeça; e a terceira irmã, que subia nesses momentos pelas barras do parque e de cuja presença Sarah não percebeu até então, aproximou-se correndo até elas. Lizbeth era uma versão em miniatura da própria Ângela.

Sarah as contemplou até que as três desapareceram no interior do edifício, então deu meia volta e se dispôs a partir. Uma nova rajada de vento percorreu os edifícios, levantando ao passar as folhas de periódico que havia em um dos contêineres mais próximos, que elevaram o vôo como gaivotas. À medida que as nuvens carregadas de chuva se foram aproximando, procedentes do mar, o dia se ia obscurecendo em sintonia com seu próprio estado de ânimo. Nesses dois dias havia se sentido muito frágil, sobretudo psicologicamente. Como a água sobre a pedra, as lembranças de

Lexie tinham ido erodindo pouco a pouco as defesas que tão arduamente tinha ido construindo ao longo daqueles anos. Se não tomava cuidado, se não voltava a erigir aqueles muros e evitava a seu pobre coração qualquer novo trauma, o resultado podia ser desastroso. Voltaria a ficar sem nada que a protegesse contra a dor que ainda palpitava no mais profundo de seu ser e que, conforme temia já, jamais deixaria de fazê-lo.

Um carro patrulha circulava pelo lado mais afastado do estacionamento. Sarah o olhou com desconfiança enquanto se aproximava de seu Cintra. Era a primeira vez que ficava tensa pelo mero fato de ver um veículo da polícia.

Bem-vinda ao outro lado da lei, disse para si mesma com ironia, embora demorasse escassos segundos em descartar a possibilidade de que se tratasse do carro do McIntyre. Era virtualmente impossível que a tivesse seguido e, além disso, aquele veículo não era o seu. Não, naquele caso se tratava de um mero carro patrulha destinado a tranquilizar aos habitantes do complexo e a inquietar aos possíveis delinquentes que rondassem o mesmo. Alheio à inquietação que pudesse provocar nela.

O estacionamento ia enchendo pouco a pouco à medida que chegavam as pessoas que tinha saído logo do trabalho para começar antes o fim de semana. Uma robusta mulher de uns cinquenta anos, vestida com uma espécie de uniforme azul, passou soprando zangada junto a Sarah e se encaminhou para os edifícios. Uma mulher sul-americana, um pouco mais jovem desceu de um Taurus verde e, continuando, abriu uma das portas posteriores do veículo para tirar um menino dali. Um negro de elevada estatura deteve seu Blazer no ponto mais afastado do estacionamento sem deixar de olhar o carro patrulha, o que claramente denotava que no passado tinha tido alguma que outra experiência desagradável com a polícia. O oficial deveu perceber seu temor, porque dirigiu seu carro para ele com intenção de lhe falar.

Sarah estava tão distraída contemplando todo aquele ir e vir que só o viu depois de ter aberto o carro com a chave e quando agarrava já a maçaneta.

Um dedo, ou algo semelhante, tinha rabiscado uma palavra na fina capa de pó que cobria o vidro do condutor: “Igor.”

Ao vê-lo, Sarah sentiu uma pontada no peito.

Ficou paralisada, com o olhar cravado naquele nome. Os olhos desmesuradamente abertos; o coração enlouquecido; o estômago nos pés. O mundo dava voltas a seu redor.

As chaves lhe escorregaram da mão e caíram no chão com um leve ruído metálico.

Igor era o nome em código que ela e Lexie tinham escolhido; uma palavra de consolo secreta a que acolher-se em caso de que alguém tentasse levar a menina.

Ninguém mais, além delas duas sabiam.

E agora estava ali, escrito no vidro de seu carro.

Sarah nem sequer se deu conta de que seus joelhos fraquejavam até que se desabou sobre o ardente asfalto junto ao carro.

Capítulo 13

A polícia não atribuiu muita importância à palavra rabiscada sobre o vidro do carro de Sarah. Nem sequer pelo fato de que se tratasse daquela palavra, ou quando Sarah lhes recordou o desaparecimento de Lexie e lhes explicou seu significado. E não porque tivessem algo contra ela, ou porque estivessem zangados e queriam lhe fazer pagar sua intenção de abrir um processo por violação contra dois de seus agentes. Aquele assunto, simplesmente, não lhes interessava.

O que lhes inquietava, pelo contrário, era que enquanto eles se enfrentavam o colapso de Sarah e às histéricas perguntas que tinham seguido a seguir, o negro que conduzia o Blazer tinha aproveitado a ocasião para sair dali. E, em sua opinião, isso sim que podia guardar relação com algum crime.

Se ela não se houvesse valido de toda sua influência como ajudante do interventor do distrito, não teriam feito nada. Graças a seu posto, tinha conseguido que enviassem os dois detetives que ela conhecia lugar dos fatos, que fotografassem o vidro, que procurassem rastros digitais no lado esquerdo do carro e que interrogassem a alguns dos residentes do complexo.

Ninguém sabia nada.

—E tampouco o diriam se soubessem — disse-lhe o detetive Carl Sexton, enquanto a unidade criminal móvel se dispunha a abandonar o lugar.

As bolsas que lhe rodeavam os olhos azuis lhe conferiam o aspecto de um sabujo; mas das profundidades lacrimosas dos mesmos, olhava-a com simpatia. Sexton tinha o cabelo grisalho, uma barriga incipiente, e média ao redor de metro setenta e cinco de altura. Apenas ficava um ano para aposentar-se e era, além disso, pai de três filhas já maiores; o que, em opinião de Sarah, explicava sua atitude daquela tarde.

Tinham trabalhado juntos em numerosas ocasiões, e ela sabia que era um homem de que podia confiar. Mais ainda, não parecia estar incomodado com ela pelo assunto da Crystal.

—Pode havê-lo feito um desses meninos que brincavam por aqui e que não tenha nada que ver com o desaparecimento de sua filha. — Seu companheiro, a detetive Janet Kelso era uma atrativa morena de uns quarenta anos. Kelso apoiou um braço no capô e se inclinou para falar com Sarah, que se encontrava sentada, no assento posterior do carro patrulha observando como a polícia fazia seu trabalho—. O...

Seu olhar posou significativamente sobre as mãos de Sarah, que esta tinha entrelaçadas no colo. Quando os olhares de ambas as mulheres se cruzaram, Sarah percebeu de que sua posição conferia certa sensação de poder aos detetives, já que ao estar sentada se via obrigada a elevar os olhos cada vez que falava com eles. Ela mesma havia se valido desta astúcia em mais de uma ocasião durante os interrogatórios a testemunhas. Mas, naqueles momentos, sentia-se tão exausta que lhe faltava à energia necessária para recuperar sua posição de poder, para o qual lhe teria bastado sair do carro e ficar em pé.

—Já disse, eu não escrevi essa palavra no vidro — repetiu enfasiada—. Por que ia fazer?

Kelso se encolheu de ombros.

—Só queria tirar todas as dúvidas. — Ao menos Sexton teve a delicadeza de conferir um tom de desculpa a suas palavras.

—Quem quer que o tenha feito deve ser a mesma pessoa que ligou ontem à noite a minha casa. A que se fez passar por minha filha.

Uma vez mais, Sarah teve que padecer aquela história. Aquela ligação, que para ela tinha sido como uma sacudida constituía para a polícia pouco mais de um par de frases em um relatório que, com toda probabilidade, nem sequer teria sido redigido.

Quando fosse ficaria impresso em uma das centenas de páginas que estava acostumado a gerar o fim de semana e que, com toda probabilidade, acabaria enterrada baixo um dos montões de assuntos por resolver. A menos que ela se empenhasse em que não fora assim. Como tinha intenção de fazer.

—Investigaremos também sobre isso. — O tom do Sexton era consolador. Sua companheira, em troca, parecia impacientar-se.

—Considerou a possibilidade de que os remédios que toma para a dor lhe estejam produzindo essas alucinações? — em que baseia a sua expressão, a pergunta do Kelso não era impertinente. Olhando significativamente o esparadrapo e sabedora do que Sarah tinha sofrido recentemente, Kelso tinha limitado a perguntar pela medicação que Sarah estava tomando. E esta lhe tinha respondido com franqueza. O

qual pensava agora, tinha sido um engano. Embora a verdade fosse sempre à verdade, sem importar aonde conduzisse. Ao menos Kelso estava considerando todas as possibilidades—. Quando minha irmã esteve tomando codeína por prescrição do médico, via lobos no quarto de banho.

—A chamada está gravada — a fez notar Sarah.

—Sim, mas não o que se disse durante a mesma.

—Não, isso não; é certo.

A caminhonete da unidade criminal passou na frente deles a caminho da saída do estacionamento no preciso instante em que uma gota de chuva caía no chão junto aos pés do Kelso. Um trovão retumbou por cima de suas cabeças, mais semelhante a um grunhido ameaçador que a um verdadeiro estrondo.

—Vá. — Kelso olhou ao céu.

—Maldito seja — disse Sexton ao ver cair mais gotas, que foram estatelar-se contra o ombro e a bochecha do Kelso e se chocaram ameaçadoras contra o asfalto.- E eu que queria ir jogar golfe depois do trabalho.

Os dois agentes que pertenciam ao carro patrulha em que Sarah estava sentada, voltaram apressadamente para ele.

—Aqui já não tem mais nada a fazer — disse um deles, enquanto Sexton os olhava.

Sem mediar mais palavra, ambos se introduziram no carro com a evidente intenção de evitar a chuva que começava a cair com ritmo lento, mas constante sobre suas cabeças. O condutor, um jovem recém graduado na academia de polícia cujo nome Sarah não conseguia recordar, voltou-se para olhá-la através da rede que separava a parte dianteira do carro da traseira.

—Quer que a levemos a algum lugar, senhora?

Aquele “senhora” chamou a atenção de Sarah. Tratava-se de um jovem de uns vinte e seis ou

vinte e sete anos; assim, como muito, devia ter cinco menos que ela.

Então, que idade aparentava naqueles momentos?

Sarah se sentia gasta, consumida, destroçada pela dor. Pelo visto, tudo aquilo se refletia em sua cara.

—Não, obrigado.

Sarah inspirou profundamente e desceu do carro. As gotas de chuva lhe salpicaram como se fosse uma parte de carne que temperada antes de jogá-la na churrasqueira. O ar cheirava a terra molhada. Sarah voltou a inspirar com força fazendo um esforço por reorientar-se no momento atual. Era consciente de que seguia em estado de choque, de que o fato de seguir ancorada no passado e naquilo que lhe tinha acontecido a Lexie impedia de ver o presente com clareza. Sexton e Kelso tinham retrocedido para que pudesse sair do carro. Continuando, Sexton fechou a porta do veículo e se despediu agitando a mão enquanto esta saía.

O carro se afastou com um chiado de pneus. Ao olhar ao seu redor, Sarah percebeu que o grupo que se formou no estacionamento estava se dispersando também a toda pressa por causa da chuva. Era evidente que davam por finalizado o espetáculo e que não tinham intenção de ficar à intempérie sob o toró.

A Sarah não restava, pois, a não ser ir recuperar seu carro. Embora não estivesse muito longe, a distância que a separava de lhe pareceu imensa. A chuva tinha aumentado lhe empapando o cabelo e a blusa, e agora se deslizava como lágrimas por suas bochechas.

Lágrimas do céu. Ao pensá-lo, sentiu que uma faca lhe cravava nas vísceras.

Quando chegou junto à porta do condutor, a palavra “Igor” resultava já quase ilegível: em parte, apagada pelos pós que havia usado a polícia para detectar rastros digitais e, em parte, porque a chuva a varria agora completando a obra. Sarah viu como as gotas se deslizavam pelo vidro apagando a letra I, a seguir a g, a O... Seus olhos se encheram em lágrimas.

“Não.” Não tinha intenção de chorar. Outra vez, não.

Fazendo provisão de todo seu ânimo, enxugou os olhos e tragou saliva para desfazer o nó que lhe tinha formado na garganta.

—Está segura de que não quer que lhe levemos Sarah? — Ao levantar o olhar, Sarah percebeu que Sexton e Kelso estavam molhados ao seu lado, suportando o toró, e se sentiu um pouco mal por isso—. Um de nós pode te levar o carro a sua casa. Não há nenhum problema.

—Não; estou bem, obrigado.

Ao menos sua voz era firme, muito mais firme do que ela mesma se sentia. Suas mãos demonstraram a mesma fortaleza ao agarrar a maçaneta da porta, que se encontrava sob um “Igor” já indecifrável, e abriu-a. A menos que estivesse disposta a acreditar que sua filha era um espírito, um fantasma que tratava de ficar em contato com ela do Além, tanto aquilo como a chamada telefônica não podiam a não ser obra de uma pessoa. Uma mente malvada, mórbida e retorcida que pretendia abrir uma velha ferida.

Intimidava-se, se abandonava de novo à dor, eles ganhariam. Agora, Sarah não estava disposta a lhes dar esse gosto.

Sarah entrou no carro, mas manteve a porta aberta dado que Sexton e Kelso seguiam ali sem

deixar de olhá-la. Além deles, a zona de estacionamento estava agora completamente vazia. Todos tinham desaparecido no interior dos edifícios.

—Darei prioridade absoluta a esses rastros digitais. — Sexton se viu obrigado a elevar a voz para que esta se pudesse ouvir por cima do repico que produzia a chuva.

O cabelo ia pegando rapidamente à cabeça, a jaqueta cinza de seu uniforme estava cheia de salpicados dos ombros para abaixo, e sua cara reluzia com a água.

—Nunca se sabe, talvez encontremos algo — disse-lhe Kelso em um tom que denotava a incredulidade do detetive. Continuando, olhou a seu companheiro—.

Vamos?

—Sim.

Depois de sorrir levemente a Sarah, Kelso se precipitou para o carro patrulha com a cabeça encurvada para proteger-se da chuva.

—Faremos tudo que estiver em nossas mãos — disse Sexton—. Imagino o duro que deve ser para ti.

—Agradeço-lhe isso.

Sexton assentiu com a cabeça e saiu correndo atrás de Kelso. Sarah fechou a porta do carro e colocou a chave no contato. O interior do veículo estava surpreendentemente escuro e sua roupa molhada emanava certo aroma de umidade.

Sarah pôs em marcha o motor, acendeu os faróis e fez retroceder o carro. A seguir colocou a primeira e seguiu a Sexton e Kelso até o exterior do recinto. Depois de ligar o limpador de pára-brisas, conduziu com os olhos cravados no porta-malas do carro patrulha que circulava diante dela. O suave tamborilar das escovas sobre o vidro, o aprazível ruído que fazia a chuva ao cair e o chapinho dos pneumáticos na água contribuíam a criar um ambiente íntimo e relaxante. Mas, dado que o estado de Sarah lhe impedia de perceber do que acontecia a seu redor, aquela atmosfera não contribuiu de modo algum para acalmar seus nervos. Se por acaso fosse pouco, não podia evitar abranger com a visão periférica os últimos restos da palavra Igor, que a chuva arrastava a seu passo.

Demorou um pouco em dar-se conta de que seguia às cegas as luzes traseiras do carro de Sexton e Kelso. Em lugar de girar à direita para sair do estacionamento, o qual tivesse sido o modo mais rápido de chegar a sua casa, desviou-se para a esquerda. Ao recuperar a consciência, Sarah se sentiu como quem acaba de despertar de um sonho, e se deu conta de que o choque que tinha sofrido devia ter paralisado seus processos mentais durante certo tempo. Encontrava-se já nas proximidades da zona histórica, caminho do centro da cidade. Ainda faltavam algumas horas para o anoitecer, a chuva tinha antecipado com um prematuro crepúsculo. As luzes estavam acesas em algumas das mansões brancas que povoavam a zona, e os imensos carvalhos que balizavam as ruas se balançavam com o vento fazendo entrechocar o musgo que pendurava de seus ramos. A chuva turvava a luz dos faróis dos carros que circulavam em direção contrária, caminho dos subúrbios da cidade.

Ao constatar onde estava Sarah percebeu de que não tinha chegado até ali seguindo aos dois agentes, a não ser guiada por seu subconsciente. Um raio iluminou de repente a rua. Dirigia-se ao lugar que, em geral, tratava de evitar a toda custo: Waterfront Park.

O lugar onde Lexie tinha desaparecido.

A necessidade de ir ali era compulsiva. Sarah sentia que, de algum modo, Lexie devia estar naquele lugar, embora a razão lhe dissesse que era impossível. Lexie não estava no Waterfront Park, não tinha voltado para aquele lugar desde aquele ensolarado dia de julho, sete anos atrás, quando tinha desaparecido às cinco e meia da tarde; e jamais voltara ali. Mas aquele parque era o último lugar no qual ambas tinham estado juntas e por isso a atração que exercia sobre ela era irresistível.

A chamada do telefone, os brinquedos esparramados, a palavra “Igor” rabiscada no vidro, tudo tinha sua origem no Waterfront Park. Pode ser que se tratasse tão somente de uma brincadeira de mau gosto; ou, pelo contrário, que obedecesse a um motivo mais escuro, como a vingança ou... Bom, isso era precisamente o que tinha que descobrir.

O problema era que, se rechaçava a ideia de que tudo o que estava acontecendo obedecia a uma espécie de comunicação telepática com sua filha, a conclusão era: aquele acontecimento era obra de uma pessoa viva — que com toda segurança devia conhecer ou ter conhecido a Lexie em um momento próximo a seu desaparecimento, ou inclusive depois.

Lexie e ela tinham concordado usar a palavra “Igor” como contra-senha três semanas antes do desaparecimento da menina.

A síndrome de busca podia ser o causador de que houvesse parecido que a pessoa que tinha efetuado a chamada pronunciava a palavra assustada com a mesma falha que sua filha. Qualquer, incluído Cielito, podia ter tirado os brinquedos da caixa. Mas “Igor”... Quem quer que tenha escrito essa palavra no vidro tinha que haver-se informado dela pela boca da Lexie. Porque Sarah jamais o tinha contado a ninguém.

Ou teria contado Lexie a seu sequestrador?

A ideia era aterradora. E, de uma vez, estimulante. Porque abria a possibilidade de que o causador de todos aqueles sucedidos soubesse o que tinha acontecido a sua filha e de que talvez ela, Sarah, pudesse encontrá-lo.

Porque abria a possibilidade de que —“rogo-lhe isso, Meu Deus” — até pudesse encontrar a Lexie.

Pouco importava onde estivesse sua filha agora, ou o que tivesse ocorrido. Ao longo daqueles anos, Sarah tinha chegado à conclusão de que era melhor saber as coisas que não as saber, já que o desconhecimento a condenava a uma terrível existência pela metade para o resto de sua vida.

Embora se tratasse de uma possibilidade muito remota, era a única que tivera em todos aqueles anos.

Sexton e Kelso deviam ter-se desviado em algum momento, porque já não circulavam diante dela. Não importava. Sarah podia ver já o azul anil da baía do Beaufort. Sobre a superfície normalmente calma da água ondulavam agora umas cristas brancas como volantes de encaixe. Os barcos para a pesca do camarão se balançavam nas amarrações do mole público. Outras embarcações se aproximavam da costa fugindo da tormenta.

Sarah entrou em Bay Street e, poucos minutos depois, estacionava na curva que havia frente à Waterfront Park. Ao descer do carro, percebeu-se de que o toró se transformara em uma débil garoa. Dado que só faltavam dez minutos para as seis da tarde e que a partir dessa hora o

estacionamento era grátis, Sarah não teve que introduzir nenhuma moeda no parquímetro.

Aquele dia se celebrou no parque um acontecimento especial: o piquenique que marcava o final da temporada de beisebol infantil. Quando Lexie e ela chegaram, o Festival Aquático Anual do condado do Beaufort se encontrava em pleno apogeu; por isso tiveram que deixar o carro no estacionamento municipal e caminhar umas quadras rodeadas pela alegre multidão que se dirigia ao mesmo lugar que elas.

Enquanto se aproximavam do parque, tinha lugar um espetáculo de esqui náutico acrobático e o público contemplava e aplaudia aos participantes. Continuando, o programa previa corridas de tartarugas, um concerto ao ar livre e, por último, o desfile da Rainha da Carolina e das Belezas das Ilhas, com o que concluiriam as celebrações previstas para aquela noite.

Alheia por completo à chuva, Sarah atravessou a rua deserta e logo passou entre os dois pilares de tijolo que marcavam o acesso ao parque. Lexie e ela tinham entrado pelo mesmo lugar aquela tarde. O dia em questão tinha sido abafado e ensolarado, e as pessoas se amontoavam nas extensões de grama que se alinhavam junto ao passeio marítimo. Agora, em troca, chovia, e o céu estava encapotado. A brisa proveniente da baía balançou as folhagens das Palmas anãs que cresciam em fileira com o passar do atalho e encheu o ar com o aroma salubre que emanava dos navios pesqueiros que se deslizavam pela água caminho de suas amarrações. No parque não havia ninguém, ou pelo menos Sarah não pôde vê-lo.

A primeira regra para resolver um crime era seguir as provas até as últimas consequências. Sarah tinha a intenção de retomar a história desde o começo.

Pretendia repetir seus movimentos daquele dia, e, na medida do possível, também os de Lexie, com a intenção de analisá-los sob uma nova luz. Quem estava no parque aquele dia que pudesse ter agora uma razão para feri-la como o estava fazendo?

Tratava-se de uma perspectiva diferente que abria uma nova, embora remota, porta à esperança. Se, conseguisse estabelecer a relação, poderia — era uma simples possibilidade — descobrir o caminho que por fim a conduzisse até a Lexie.

Naquela época, Sarah tinha vinte e quatro anos e estava muito magra, embora a camiseta vermelha, a minissaia jeans e as sandálias que levava postas aquele dia demonstrassem que não carecia por completo de curvas. A pele bronzeada, o brilho de seus olhos azuis, a negra cabeleireira que lhe caía sobre os ombros e o sorriso sempre nos lábios faziam que resultasse muito atrativa. Os homens se voltavam para seu passo para contemplá-la e, apesar de que ela não tinha tempo a perder com eles, no fundo se sentia orgulhosa da admiração que despertava. Embora a situação que lhe ia tocar viver no futuro não podia ter sido mais espantosa, nesse momento não teve nenhum pressentimento, nenhuma premonição de que seu mundo estava a ponto de estalar em mil pedaços. Aquele dia se sentia alegre convencida de que, apesar das dificuldades pelas que tinha passado em um princípio, movia-se na direção adequada. Lexie tinha revolucionado sua vida e Sarah ainda podia recordar o sentimento de plenitude que tinha experiente ao cruzar a rua com sua filha, de mãos dadas. Uma vez sãs e salvas na calçada, Lexie tinha se soltado, porque já naquela época se considerava maior e não queria que a agarrasse quando fossem pela rua.

Ambas tinham percorrido junto o atalho que conduzia ao pavilhão onde ia ter lugar a entrega dos prêmios. Sarah era uma das mães que se ofereceram voluntárias para ajudar na organização. Todos deviam levar um prato e, durante a comida, estava previsto o passe de uma fita com os

momentos estelares da estação. Depois se procederia à entrega dos troféus.

—Mami, por que não pudemos trazer o Cielito? — tinha-lhe perguntado sua filha enquanto saltava a seu lado.

Lexie sabia de sobra a resposta, porque ambas tinham discutido sobre isso já durante aquele dia; mas a sua filha gostava de falar e, além disso, adorava o cão. Do preciso instante em que sua filha o tinha tirado de entre a ninhada de aterrorizados cachorrinhos que a Sociedade Protetora de Animais tinha colocado intencionalmente (Sarah era sarcástica sobre esse ponto: se havia algo que não necessitava uma mãe solteira e ocupada como ela era, precisamente, era um cachorrinho) diante da loja de comestíveis, converteu-se em um autêntico ídolo para o animal.

Quantas vezes, Sarah tinha pensado que se aquele dia tivesse aceitado levar com elas Cielito as coisas teriam sido muito diferentes? Enormemente diferente.

Já naquela época, Cielito não era um cão com o que se pudesse brincar e teria seguido a Lexie enquanto esta se afastava saltando pelo parque. Se Cielito as tivesse acompanhado aquele dia, como Lexie pretendia, sua filha não teria desaparecido.

Se..., se... Palavras inúteis.

—Porque há muita gente — tinha-lhe respondido Sarah.

Era a mesma resposta que lhe tinha dado antes, e que com toda probabilidade voltaria a lhe dar antes que finalizasse o dia. Sua alegre e extrovertida filha era também muito teimosa. O tom de Sarah foi como ela não podia deixar de reconhecer agora, um tanto seco porque, em sua opinião, aquele dia já tinham discutido muitas vezes sobre aquele tema. Se por acaso fora pouco, fazia muito calor; preocupava-lhe o trabalho que se teve que levar a casa e que devia estar preparado antes da segunda-feira; e tinha que fazer malabarismos para transportar a molesta carga que levava nas costas e que consistia em uma bolsa com a equipe para nadar de Lexie, outra com o presente de agradecimento para o treinador, e um recipiente de plástico com sua contribuição à comida: salada já revolta e alinhada.

Um tanto escassa, certamente; mas Sarah não tinha tempo de cozinhar e tampouco suficiente dinheiro para pagar os pratos de comida preparada que levavam outras mães. Se a isso se acrescentava a tendência que tinha Lexie a sair correndo e o fato de que o parque estivesse lotado, o qual dificultava ainda mais, se coubesse, que não se perdesse de vista... Sim, tinha que reconhecer que nesse momento se sentia bastante estressada.

Sarah se reprovava agora por ter passado os últimos momentos com sua filha preocupada com essas minúcias.

— Pequena, quer um? — Um palhaço se aproximou de Lexie com um montão de balões coloridos na mão. O seu disfarce, que consistia em uma peruca negra, maquiagem na cara, um nariz vermelho e um traje multicolorido, não lhe faltava detalhe. O homem olhou a Sarah, quem se apressou a cortar a distância que havia entre ela e sua filha para protegê-la—. Só custa um dólar.

—Não, obrigado — respondeu-lhe Lexie antes que Sarah pudesse dizer nada porque, apesar a sua curta idade, sabia já que não contavam com muito dinheiro extra para esse tipo de coisas. Ato seguido se pôs a saltar de novo, mais alegre que nunca, pelo atalho que Sarah percorria naqueles momentos.

Sarah sentiu uma pontada de dor ao recordá-lo. A Lexie teria lhe encantado que comprasse

aquele balão. Mas, então, economizar um dólar era para a Sarah muito mais importante.

Se pudesse voltar ao passado, compraria a sua filha todos os balões do mundo.

Mas se algo doloroso tinha aprendido ao longo daqueles anos era que na vida as coisas só acontecem uma vez.

Sarah recordava perfeitamente aquele palhaço e voltou a repassar sua imagem por enésima vez. Ele tinha sido precisamente uma das primeiras pessoas nas que pensou Sarah, quando chegou ao convencimento de que sua filha tinha desaparecido.

Mais tarde, tanto a polícia como ela mesma, ou a agência de detetives de Jake, faziam averiguações sobre o tipo em questão, sem poder chegar a determinar, entretanto, que tivesse tido algo a ver com o acontecido. E, a menos que tivesse trocado de nome, tinha saído por completo da vida de Sarah.

De forma que esta deixou correr a lembrança e se concentrou em outra coisa.

—Lexie!

Uns instantes depois, sua filha tinha sido saudada calorosamente por sua amiga Ginny, que jogava também beisebol; enquanto seus companheiros de equipe, Todd e Andrew passavam por diante delas como se não as tivessem visto em sua vida.

Embora a equipe na qual jogava Lexie era mista, os meninos e as meninas de cinco e seis anos tinham tantas dificuldades para mesclar-se como a água e o azeite. Para então, tinham chegado já ao pavilhão e se viram rodeadas pelo resto de pais pressentes aquele dia: os de Ginny, os de Todd ou os de Andrew..., todos os meninos tinham ido ao menos com um deles e, a maioria, com os dois. Sarah falou virtualmente com todos, enquanto os adultos preparavam as mesas e os meninos jogavam.

Os pais também tinham sido investigados e por isso Sarah não pensava neles nesse momento. O que tratava de fazer ao entrar no pavilhão era recordar a pessoa que havia ao seu redor aquele dia.

O pavilhão, com as dimensões de um campo de basquete, era um dos três que havia no parque, e a equipe de beisebol o tinha reservado para celebrar o final da temporada. Uma prancha de metal verde, sustentada por quatro reservatórios de água também metálicos, fazia às vezes de telhado. Em troca, o estufo acostumado a era de cimento, e o centro estava ocupado por duas filas de mesas e bancos de metal. A construção precisava de paredes. O pavilhão agora estava sombrio, e no ar flutuava o aroma de umidade da chuva procedente da baía. No silêncio só se escutava o repicar da chuva contra o telhado, o sussurro das folhas; e, na distância, o ruído que faziam as ondas ao romper na estreita franja de areia da praia. Aquele dia, em troca, o recinto era uma gritaria de conversas e risadas, o calor era abrasador e no ar flutuava um aroma delicioso de comida. Fora do pavilhão, uma multidão, que mais tarde a polícia estimaria em umas mil pessoas, abarrotava o parque. A maré de gente que passava por diante do recinto era incessante. Em sua maior parte eram residentes de Beaufort, mas também havia forasteiros. Turistas que tinham ido para participar das celebrações. Participantes nas diferentes exposições, familiares, conhecidos. Vendedores. Podia ter sido qualquer um.

Toda essa massa tinha dificultado em princípio a individualização de possíveis suspeitos.

Sarah fechou os olhos e tratou de recordar, de visualizar de novo a cena, de fixar aquela

multidão em sua mente para poder, possivelmente, identificar a alguém nela que antes lhe tivesse passado por cima.

Não demorou a chegar à conclusão de que era impossível. Tudo que conseguia recompor era uma imensa massa amorfa de cor e movimento em que ninguém destacava particularmente. Como, por outra parte, sempre tinha acontecido.

Ao abrir os olhos, Sarah percebeu que respirava rapidamente e tinha o estômago encolhido. Olhou a seu redor e viu a mesa onde tinha colocado sua salada entre pudins de queijo, bolos de pêssego, bolachas de presunto e panelas de feijões verdes. Aquele dia tinha fome e ao ver toda aquela comida lhe tinha dado água na boca. Entretanto, agora a lembrança de tudo aquilo era doloroso.

Enquanto, estando em pé junto aquela mesma mesa, falava com a mãe do Ginny, Lexie lhe tinha puxado da manga.

—Emma trouxe um bolo.

Sarah quase estremeceu ao recordar as palavras de Lexie. A mãe da Emma tinha decidido matar dois pássaros com um tiro celebrando o aniversário de sua filha durante a cerimônia de entrega de prêmios. Quando colocou o bolo sobre a mesa e começou a acender as velas, os meninos a rodearam excitados. Foi então quando Lexie lhe pediu permissão para pegar uma parte de bolo.

E Sarah, que Deus dela tenha piedade, havia-lhe dito que sim.

Dez minutos depois se deu conta de que a tinha perdido de vista. Sarah tinha enchido dois pratos de comida e tinha ido procurá-la no grupo de meninos que celebrava o aniversário para que se sentassem juntas a comer.

Mas Lexie não estava ali.

A mãe da Emma recordava lhe haver dado uma parte de bolo.

Emma recordava que Lexie lhe havia dito: “Eu também farei seis anos dentro de pouco tempo.”

Todd a tinha visto quase fora do pavilhão com o prato virtualmente vazio e jogando miolos de torta a um casal de ávidas gaivotas.

Depois disso, nada. Ninguém havia tornado a vê-la.

Incredulidade, pânico, gélido terror: ao recordar a progressão de emoções que tinha experiente à medida que resultava cada vez mais evidente que Lexie se perdera, Sarah sentiu uma opressão no peito. Aquele dia o parque estava abarrotado de gente que perambulava pelos atalhos, descansava sobre a erva, ou se apinhava no passeio. Em meio de toda aquela multidão, como era possível que ninguém tivesse visto Lexie afastar-se — enganada, à força, ou de algum outro modo —, e desaparecer?

Mas ninguém, ao menos ninguém disposto a admiti-o, tinha feito isto.

Sarah a tinha procurado sozinha num primeiro momento, dando voltas pelo pavilhão enquanto gritava seu nome. Depois se tinha acrescentado o resto dos pais, o pessoal de segurança do parque, a polícia. Como em um pesadelo, o festival tinha prosseguido indiferente em torno deles. Os gritos dos participantes na carreira de tartarugas se misturaram com os de Sarah, enquanto cruzava o

parque de um extremo a outro chamando a sua filha.

Ao entardecer, Sarah teve que enfrentar-se à espantosa realidade: sua filha tinha desaparecido.

Mas então não tinha medido o alcance daquela tragédia. Não tinha pensado na conta de que “desaparecida” significava “desaparecida para sempre”. Não tinha compreendido que, sete anos mais tarde, seguiria procurando-a, e que todos os esforços por encontrá-la —os navios que tinham dragado a baía, a avalanche de publicidade e a ação combinada da polícia, o FBI, ela mesma e Jake— não serviram de nada.

Era como se Lexie tivesse sido apagada da face da terra... Até que se produziu a chamada da noite anterior, e alguém escreveu a palavra “Igor” no vidro de seu carro.

Ao sentir a chuva na cara, Sarah se deu conta de que tinha saído do pavilhão e de que agora caminhava pelo atalho de cimento que conduzia à baía. Esse era, precisamente, o primeiro ponto no que tinha procurado apartando frenético o seu passo a um grupo de adolescentes que se abarrotavam de cerveja, a um risonho casal de uns vinte anos e a uma mãe que empurrava um carrinho com uma sombrinha vermelha. Enquanto refazia seu percurso daquele dia, enquanto as Palmas anãs se balançavam e sussurravam em ambos os lados do atalho, e as luzes do parque foram acendendo a seu passo, e a chuva a molhava ao aumentar de novo, as lembranças afluíam a sua mente. Vívida lembrança, que escavava com a mesma intensidade com que um arqueólogo se jogaria sobre a tumba ainda intacta de um faraó.

Um homem com um avental a raias vermelhas e brancas e um carrinho, que vendia biscoitos quentes e rosquinhas: Sarah tratou de recordar seus traços sem consegui-lo. Outro homem, claramente um mendigo, inclinado sobre um contêiner de metal e pinçando em seu conteúdo: nada lhe resultava familiar nele. Uma câmara em marcha que lhe tinha feito olhar em redor e descobrir que tanto ela como um grupo de uniformizadas animadoras estavam sendo filmadas para a posteridade. Sarah não podia ver meia cara do tipo que estava filmando, dado que naquela época ainda teria que olhar através do objetivo para fazê-lo; mas nada naquele povoado bigode negro que coroava uns lábios pequenos e franzidos lhe procurava algum indício.

Não obstante, algo revoava nas margens de sua consciência, fora de seu alcance.

Do que se tratava? Sarah tratou de elucidá-lo; entretanto, quanto mais se esforçava por fazê-lo, quanto mais esquivava se tornava a lembrança.

Para,então,perceber que se encontrava junto à grade metálica que restringia o acesso à praia. Sarah percebeu que tinha chegado junto a ela quando a mesma apertou o passo. A chuva seguia escorregando sem cessar pelo corpo, fria e com um gosto ligeiramente salgado. Sarah se concentrou no suave murmúrio que produzia ao cair. Estava completamente molhada, por isso a brisa procedente do mar lhe fez estremecer-se. Piscou para afastar as gotas dos olhos e cruzou os braços para conservar o calor de seu corpo enquanto contemplava a baía. Na distância, uma fileira de luzes marcava o ponto onde se encontrava a borda oposta. A água estava tão escura que quase parecia negra, e a claridade do céu não era muito maior. As ondas tinham aumentado de tamanhos. Um raio vacilou ao longe. A tormenta que os tinha ameaçado durante todas aquelas horas se aproximava a toda velocidade.

—Lexie — sussurrou Sarah sob a chuva, rodeada por toda aquela tristeza. Sua voz era o pálido reflexo da agonia que retorcia suas vísceras—. Lexie, onde está?

Então, sem aviso prévio, viu pela extremidade do olho que um homem se precipitava para ela por detrás. Quase ao mesmo tempo, uma mão lhe agarrou o braço. Arrancou-a de repente de seu sonho, Sarah se sobressaltou, lançou um grito e lutou para soltar-se.

Capítulo 14

—Mas que demônios estás fazendo?

Embora parecesse zangada, o tom familiar daquela voz apagou o temor que tinha causado em Sarah a repentina aparição. Deixou de revolver-se e olhou a cara em sombras do homem que tinha a seu lado.

—Meu Deus, me deu um susto de morte. —Sarah apertou uma mão contra o peito. Debaixo, podia sentir os batimentos do coração de seu coração. Respirou fundo tratando de acalmar-se.

— Te dei um susto de morte? Sabe quanto tempo estou te procurando? Pode-se saber por que não responde ao celular?

Jake seguia segurando o braço. Sarah não se deu conta do frio que tinha até que sentiu o calor que desprendia a mão de seu amigo sobre sua pele. A luz que havia ao longe lhe permitiu ver sua palidez e a expressão séria de sua boca. Tinha os olhos entreabertos, para proteger-se da chuva que os açoitava, procedente da baía.

Sarah percebeu de que esta caía agora com muita força. Ambos tinham que gritar para poder ouvir-se.

—Está no porta-malas do meu carro — explicou-lhe Sarah em tom de desculpa. A seguir caiu um novo raio, muito mais perto que o anterior, seguido de um trovão.

Sarah o olhava fixamente, com os olhos muito abertos. Tinha que dizer algo de vital importância para ela. O desejo de falar era tão premente, que as palavras se amontoavam em sua garganta—. Não vai acreditar o que aconteceu, Jake. Alguém escreveu “Igor”, a contra-senha que usávamos Lexie e eu, no vidro meu carro.

—Ouvi-te. —O tom de seu amigo era severo. Sua mão lhe segurava ainda o braço—. Contaram-me isso em casa. Sim, você não tem o suficiente sentido comum para te proteger desta chuva, eu sim.

—Mas Jake...

—Vamos.

Jake voltou às costas às rajadas de chuva procedentes da baía e se precipitou no atalho pelo que tinha vindo arrastando atrás de si a sua amiga. Sarah não opôs resistência. Logo que podia expressar o contentamento que sentia de vê-lo. Se tivesse sido capaz de pensar com normalidade, se não tivesse estado tão obcecada por sua filha, teria tirado o telefone do porta-malas do carro e o teria chamado

nada mais encontrar aquela palavra escrita no vidro. Mas a polícia tinha ido ao lugar dos fatos e o estado de choque em que ela se encontrava era tal que só tinha podido assegurar-se de que os agentes levantassem ata e investigassem sobre o acontecido. O problema era que ninguém podia ajudá-la a refletir sobre tudo aquilo como ele. Por desgracia, Jake caminhava nesses momentos a toda pressa, como se não visse a hora de abandonar aquele parque, e isso não facilitava precisamente nenhum tipo de conversação. Enquanto corria a seu lado, deu-se conta de que as pernas lhe fraquejavam. O solo molhado e os saltos não lhe ajudavam a acomodar seu passo ao de seu amigo. Sarah largou de sua mão e se deteve. Jake se voltou para olhá-la.

—O que aconteceu? —perguntou-lhe.

—Não pode ir mais devagar?

—Sinto muito.

Jake a esperou e voltou novamente a andar, diminuindo o passo para que ela o pudesse seguir sem dificuldade. Passado um momento, Sarah agarrou seu braço e se estreitou contra ele. Jake usava uma camisa arregaçada sem gravata e umas calças escuras. A camisa estava molhada e Sarah podia sentir o calor que desprendiam seus músculos turgentes através da malha molhada. A chuva também a tinha impregnado a ela e, pela primeira vez, Sarah se deu conta de que estava tremendo.

—Veio aqui para me buscar? —perguntou-lhe.

—Não, dá a casualidade de que estava perto... —Jake lhe lançou um sarcástico olhar.- Claro que vim a te buscar. Desde que saiu do tribunal não tenho feito outra coisa que remover céu e terra. Por curiosidade, pode-me explicar por que te custa tanto entender que talvez sua vida se encontre em perigo?

— Pegaram o Lloyd Parker. Morrison disseme isso.

—Sim, bom, também te disse que esse tipo tem um estupendo álibi? A menos que todo o coro da igreja Baptista da MT. Zion esteja mentindo, ele não te disparou.

Enquanto se produzia o roubo foi encontrar com a sua mãe aos ensaios do coro, todos os presente asseguram havê-lo visto ali.

Sarah sentiu náuseas.

—OH.

—Isso, OH.

Nesse momento passavam por diante do pavilhão. A chuva tinha aumentado e formava um véu prateado que os separava do mundo que os rodeava. As Palmas anãs, como altas e arrepiadas sentinelas, alinhavam-se a ambos os lados do caminho, e o resplendor das luzes que iluminavam o parque tinha uma brancura quase fantasmal.

Mais à frente, a escuridão era absoluta e resultava impossível distinguir nada. Ao olhar pela extremidade do olho, Sarah viu que algo se movia. Depois de olhar em redor percebeu de que, depois de tudo, aquela noite não tinha estado tão só como acreditava. Um homem, que bebia de algum recipiente apanhado de uma mesa, estava sentado em um dos bancos na penumbra do pavilhão. Era evidente que tinha tratado de refugiar-se da chuva. Parecia lhes olhar, embora fosse impossível assegurá-lo. No lado esquerdo da construção, outra figura corria para a praia protegendo-se com um guarda chuva, com a cabeça encurvada e os ombros encolhidos, como tratando de evitar que a chuva o molhasse. Era impossível ver bem seus traços, só dava pra ver que se tratava de um homem. Além da entrada do parque, Sarah divisou todo terreno escuro que atravessava a rua. A modo de foices chapeadas, seus faróis cortavam a escuridão reinante e aprisionavam em seu resplendor a força perpendicular do aguaceiro.

Sarah teve consciência de que, em caso de que efetivamente alguém pretendesse matá-la, acabava de lhe dar uma ocasião de ouro. Também se conscientizou de que, agora que Jake estava com ela, sentia-se completamente a salvo. O qual, bem pensado, não deixava de ser uma estupidez; porque entre as muitas virtudes de seu amigo não estava a de ser a prova de balas.

—Como me encontrou? — ela perguntou-lhe enquanto cruzavam a entrada do parque.

O Cintra de Sarah estava justamente em frente. Jake tinha estacionado seu Acura detrás.

—Morrison me chamou depois de que a polícia lhe avisou. Pelo visto, disseram-lhe que uma de suas ajudantes era vítima de uma crise nervosa.

Sarah parou, zangada. As rajadas de chuva que empurrava o vento se formavam redemoinhos ao redor dela, brilhando a luz halogênica das luzes, mas Sarah não parecia precaver-se disso.

—Não é certo. Fui ver a Ângela Barillas, é uma menina encantadora, Jake, e acredito que se deu conta de que a única coisa que pretendo é ajudar a ela e a sua família. E quando retornei ao carro vi que alguém tinha escrito a palavra “Igor” em meu vidro.

Jake retrocedeu uns passos para ela, agarrou-a pelo ombro e pôs-se a andar de novo.

—Isso foi o que me contou Carl Sexton. Disse também que parecia aterrorizada por isso.

—Porque Lexie e eu fomos às únicas que sabíamos essa contra-senha.

O tom de Sarah era premente. Logo obedeceu ao silencioso gesto de seu amigo, apressou-se a colocar-se a seu lado e ambos cruzaram a rua. Suas pegadas ressonavam ao uníssono sobre o asfalto molhado. Jake parecia algo mais tenso do que o habitual e não deixava de olhar com cautela ao seu redor. Sarah compreendeu que tratava de assegurar-se de que ninguém os estivesse seguindo com a intenção de lhes dar um tiro, e estremeceu. Agora que sabia que quem lhe tinha disparado seguia em liberdade, Sarah voltava a sentir-se nervosa. E, de não ter estado tão preocupada com as possíveis implicações de que aquela palavra tivesse aparecido escrita em seu carro, sua inquietação teria sido maior.

—O que te faz estar tão segura? —perguntou-lhe Jake.

Sarah olhou muito séria enquanto se aproximava de seu carro.

—Jamais disse a ninguém. Não o entende? Quem quer que tenha escrito essa palavra teve que saber da boca de Lexie. Pode ser que a menina dissesse a seu raptor.

Ambos se detiveram na frente da porta do motorista. Sarah estava de costas a ela e o olhava piscando, incomodada pelas gotas de água que lhe entravam nos olhos.

Jake franziu o sobrecenho. A chuva seguia caindo com força sobre eles, repicando no teto do carro e salpicando na calçada. A luz da rua iluminava só a cara de Sarah.

A de Jake estava na penumbra.

—De forma que pensa que quem levou a Lexie e quem escreveu essa palavra em seu carro é a mesma pessoa?

O tom severo de sua voz não deixava lugar a dúvidas. À mortíça luz das luzes, Sarah percebeu de que o olhar de Jake se escureceu e de que as sobrancelhas quase lhe chegavam a juntar por cima dos olhos.

Sarah assentiu com a cabeça.

—Isso.

-Se assim fosse, nota que digo “se” porque, graças a Deus, penso que há outras possíveis explicações, espero que te dê conta de que o bastardo que levou a tua filha deve estar te seguindo e tentando te assustar ou te fazer dano, o qual poderia supor um perigo para você se não o tiver

suposto já, em caso de que se trate do tipo que te disparou no Quik-Pik. Agora vê por que passear sozinha por um parque deserto não é, o que se diz uma excelente ideia?

Jake quase se pôs a gritar ao concluir a pergunta sem dar tempo a Sarah a responder. Em lugar de fazê-lo, tirou-lhe as chaves da mão, pulsou o botão para abrir o carro, e a conduziu até o lado do passageiro. A chuva caía a torrentes, mas a nenhum dos dois parecia lhe importar: ambos estavam já impregnados até os ossos e um pouco de água mais não ia piorar seu estado.

—O que...?

Jake a atalhou.

—Entra. Levar-te-ei em casa.

Sarah entrou no carro e, ao fazê-lo, caiu em conta do bem que estava sob o casaco da chuva. Jake fechou a porta. Sarah sacudiu a água da cabeça e, ato seguido, passou-se as mãos pelo cabelo para apartar as mechas molhadas da cara. O

esparadrapo que tinha desgrudado por causa da água, ficou enganchado nos dedos.

Sarah olhou-o assombrada. Estava completamente molhado e já não servia para nada, de forma que Sarah o dobrou e o meteu na pequena bolsa de lixo que estava acostumada a levar no chão do carro. A seguir baixou a viseira para ver a ferida no espelho. Comprovou surpreendida que o cabelo a cobrisse quase por completo e que, em qualquer caso, lhe via menos sem aquela enorme vendagem. Quando Jake abriu a porta do condutor e se deixou cair no assento do lado, molhando sem caber ainda mais que ela a tapeçaria de couro falso, Sarah voltou a subir a viseira, esqueceu o estado de sua cabeça e olhou a seu amigo franzindo o sobreceixo.

—A que outra explicação te refere? —perguntou-lhe sem rodeios.

O interior do carro estava escuro e cheirava a umidade, devido à chuva e a que ambos tinham a roupa molhada. Jake estava muito perto dela, ocupando mais espaço do que lhe correspondia, como era costume habitual nele. Dava a impressão de que aquele pequeno carro os envolvia e a chuva os cobria, isolando-os do resto do mundo.

Jake olhou exasperado. Tinha a cara molhada e o cabelo pingando.

—Para começar, pode ser que Lexie o dissesse a alguém antes de desaparecer.

Reconheço que não tenho uma grande experiência no que concerne a meninas de cinco anos; mas não acredito que, em qualquer caso, seja o tipo de pessoas que sabem manter um segredo. Pode ser que a pessoa a que o disse antes de desaparecer tenha agora algo contra ti. Ou pode ser que essa mesma pessoa o contasse a outra ou à polícia, porque a maldita palavra poderia figurar agora escrita em alguma das centenas de páginas às que o caso deu lugar. Maldita seja, qualquer um pode haver-se informado a estas alturas.

Sarah não pôde deixar de render-se em frente a lógica daquele raciocínio.

Inspirou profundamente, enquanto o pequeno raio de esperança que se acendeu em seu interior se apagava de repente. Abriu a boca para recusar o que não podia por menos admitir que fosse uma hipótese muito mais plausível que a sua. Mas, antes que pudesse dizer algo, Jake tirou uma pistola da cintura e, inclinando-se por cima dela, meteu-a no porta-luvas.

—Por que carrega a arma?

A princípio, Jake estava acostumado a ir armado. Mas logo, à medida que o calor, a relativa

ausência de delitos em Beaufort e os anos passados como agente de polícia foram ficando mais e mais longe, Jake relaxou, foi deixando de levá-la, e, nos últimos dois anos praticamente já não a pegava quase nunca.

—Bom, não saberia te dizer, talvez me sinta com vontade de disparar uns tiros sob a chuva.

Seu sarcasmo não foi bem recebido. Sarah o olhou entrecerrando os olhos, enquanto ele punha em marcha o carro e, depois de jogar uma rápida olhada a sua amiga, ligou a calefação. O jato de ar que saiu pelas aberturas do ventilador era certamente, frio, e Sarah estremeceu ao senti-lo. Apesar da chuva, a temperatura exterior devia superar os vinte graus; mas isso não evitou que se sentisse transida ao cruzar os braços, até o ponto de que quase lhe batessem os dentes como castanholas.

—Não vejo que necessidade tem que ser sarcástico.

—Por que não? Pode ser que me sinta assim.

Jake dirigiu para a rua, deu meia volta com o carro e avançou por onde ela tinha vindo. Os faróis do veículo iluminaram a grade do parque e uma ampla extensão de grama ao passar.

—Escuta, lamento que tenha se preocupado comigo.

Jake se pôs a rir. O tom de sua risada era, entretanto, bem sombrio. Sarah apertou os lábios. Em qualquer caso, alegrava-se de vê-lo, reconfortava-lhe saber que a tinha estado procurando. Sua obsessão por descobrir o que lhe tinha acontecido a Lexie tinha impedido de dar-se conta do perigo que ela mesma podia estar correndo. Naquelas circunstâncias, era um alívio saber que podia contar com o Jake. Pouco importava que se mostrasse agora mal-humorado; Sarah estava disposta a suportar seu aborrecimento até que passasse. Depois, talvez pudessem resolver juntos aqueles assuntos.

—O que vais fazer com seu carro? —perguntou-lhe, procurando adotar um tom indiferente.

—Passarei para pegá-lo mais tarde.

Jake freou no cruzamento e, continuando, embocou na I—21. Nesses momentos, pela estrada circulavam poucos carros, e a maioria deles se dirigia para os subúrbios da cidade.

—Disseram-me que Morrison tinha te dado a tarde livre.

—Disseme que tirasse, sim. Não é o mesmo. Segundo ele, o juiz Schwartzman lhe havia dito que eu não tinha bom aspecto.

—Uma pessoa sensata, o juiz. — Seu amigo continuava parecendo irritado.

Estava tão molhado como ela. Brilhou-lhe o cabelo quando os faróis de um carro que circulava em direção contrária iluminaram o interior do Cintra. O pescoço de sua camisa se abrandou e o amplo colarinho da mesma pendurava agora flácido de seus largos ombros. A desanimada expressão de sua boca indicou a Sarah que a raiva não ia passar de qualquer jeito. Jake a olhou. —Não te ocorreu em nenhum momento seguir o conselho de Morrison e voltar para casa para se recuperar alguns dias quando menos exaustivos, como teriam feito qualquer pessoa medianamente inteligente?

Após ter tido a energia suficiente, Sarah se enrijeceu para lhe mostrar sua irritação; mas, dado que carecia dela por completo, recorreu às palavras.

—Basta já, não suporto mais essa atitude. Talvez devesse dar meia volta, pegar seu carro e

deixar que eu volte para a minha casa com o meu. Sozinha.

Jake soltou uma nova e lúgubre gargalhada.

—Nem pensar, querida. Além disso, deve saber que tampouco me deixa louco tu.

Encontravam-se já no centro histórico. Algumas das mansões brancas que havia ali estavam iluminadas, e os carvalhos que alienavam em ambos os lados da estrada gotejavam até o ponto de que quase pareciam estar chorando. Jake rodeou uma carruagem vazia que se dirigia apressada a alguma parte, provavelmente um estábulo onde poderia proteger-se da chuva. O toró afogava o repico dos cascos do cavalo, de forma que a Sarah quase não os pôde ouvir.

—Aonde foi ao sair do tribunal? —perguntou-lhe Jake.

—O carro de Crystal danificou e a levei a casa.

—Crystal?

—Crystal Stumbo, ajudei-a conseguir uma ordem de afastamento contra Brian McIntyre esta mesma manhã. —Jake apertou os dentes. Sarah contava já com a desaprovação de seu amigo. Por sorte, sua aquiescência não era necessário. —Vive nos subúrbios, perto do Burton, em um acampamento de caravanas. Casualmente, ou não, McIntyre se encontrava também por ali com seu carro patrulha e me perseguiu até a cidade.

Ao ouvi-la, Jake sentiu desejos de fulminá-la com o olhar.

—O que passou então?

—Circulou durante um momento próximo a meu carro. Muito, corria como um louco e havia muito tráfico. Fez isto de propósito, asseguro-lhe isso, tratava de me assustar. Ou de me ameaçar. Mas ao final consegui esquivá-lo e não teve mais remédio que me adiantar. Pensando bem, afinal de contas, a coisa não teve tanta importância.

—De verdade?

—Asseguro-lhe isso.

—Não será o mesmo McIntyre que, segundo você, poderia te haver disparado?

OH, espera: dado que é o único com esse apelido no departamento, tem que tratar-se dele, por desconto. Posso imaginar que levá-lo em seu encalço no meio da estrada não tem tanta importância.

Desta vez, Sarah fez caso omissso do sarcasmo de seu amigo.

—Bom, ao menos não me disparou. —deteve-se enquanto as lembranças fluíam a sua mente. —Além disso, pode ser que seja só uma coincidência, mas nunca se sabe, no estacionamento onde encontrei essa palavra escrita no vidro também havia um carro patrulha.

—Dá a sensação de que hoje tinha a seu clube de fãs em plena efervescência.

Sarah o olhou de revés. Resultava mais que evidente que Jake estava irritado.

Face às condições climáticas, conduzia muito depressa, com uma espécie de raiva controlada, e o Cintra deslizava sob a chuva através dos atoleiros que alagavam a estrada. Jake estava carrancudo, tinha os olhos entreabertos e uma expressão de dureza na boca.

Dado que queria evitar a toda custo uma discussão que seu amigo tratava de provocar, Sarah não lhe respondeu. Nesse momento chegaram ao cruzamento com o Quik-Pik. Claramente, o

estabelecimento seguia fazendo seu caminho, apesar dos recentes acontecimentos e da chuva. Os carros que abarrotavam sua entrada e o posto de gasolina, ou o mesmo interior iluminado da loja, davam fé de que a vida jamais se detém.

Jake entrou no Davis, e por fortuna o supermercado ficou as suas costas.

—Sabe? —disse de repente Jake,-começo a estar farto de sua falta de vontades de viver.

Desta vez, Sarah sim, ficou rígida, e seus olhos pousaram em seu amigo.

—O quê?

Jake a olhou com severidade.

—Acaso pensa que não sei o que te passa pela cabeça? Não pode suportar a ideia de que sua filha tenha desaparecido e de que você, entretanto, continua tendo toda uma vida pela frente. De forma que está fazendo todo o possível para não desfrutar dela.

Sarah ficou boquiaberta e o olhou furiosa.

—Está louco. Não sei do que fala.

—Seriamente? Está bem, comecemos pela parte mais evidente. Na quarta-feira alguém te acerta um tiro na cabeça e a polícia tem que colocar um agente à porta de seu quarto para evitar que quem quer que o tenha feito trate de repetir sua façanha. Na quinta-feira estou tão preocupado por ti que inclusive te levo de carro a casa do hospital e passo a noite contigo para evitar que alguém trate de te tirar

do meio. Na sexta-feira, depois de uma noite infernal, desliza-te fora da cama com as primeiras luzes do amanhecer e te escapole de casa desprotegida. Obriga-me a te seguir até o tribunal, onde, de acordo, é muito provável que encontre bem.

Quando por fim posso exalar um suspiro de alívio, faz todo o possível por melhorar a situação mostrando o nariz ao maior número de pessoas possíveis, e a seguir desaparece sem dizer uma palavra. Então te esforça por procurar a quem quer que esteja tratando de te liquidar a oportunidade de ouro de fazê-lo, até que por fim volto a encontrar contigo. Só, no meio de um parque deserto. Se isso não for uma demonstração de vontade de morrer, me diga então o que é.

—Um... Uma série de desgraçados acontecimentos — balbuciou Sarah. Até então não tinha considerado as coisas daquela maneira.

Jake bufou e pegou o atalho que conduzia à garagem de Sarah. Sob a chuva e com as luzes apagadas, a casa tinha uma aparência lúgubre, deprimente, inclusive sinistra. A ideia de que Cielito a esperasse dentro era reconfortante, mas, mesmo assim, Sarah se alegrou de poder contar com a presença de Jake. Embora este estivesse exasperando.

—Repasemos agora o resto de sua vida. —Jake estacionou, desligou o motor do carro e as luzes e se voltou para olhá-la—. Que tipo de vida social tem? Tem noivo?

Sai de vez em quando com alguém?

Sarah lhe lançou um olhar assassino e não se incomodou em lhe responder.

Jake prosseguiu desumano.

—Está bem, deixemos isso. Qual é o último filme que viu?

—Scary Movie — respondeu-lhe e, ato seguido, desejou não havê-lo feito.

Recordava com todo detalhe a ocasião: ambos o haviam visto juntos em casa dele enquanto ela se enchia de pipocas, caramelos, gelado e bebia Coca Cola Light.

—E isso foi quando? O verão passado? Faz então um ano?

Sabia que devia ter se calado.

—E o quê? Estive muito ocupada.

—Seja. Lembra-te de quando íamos pescar alguns domingos pela manhã? Por que deixou de vir?

—Para poder dormir.

—Tolices. Divertia-te e isso te resultava intolerável, por isso deixou de vir.

Sarah não pode divertir-se.

—Isso não é certo.

—Não o é? Nesse caso me diga, tem algum hobby? Algo que te interesse em especial? Segue os espetáculos da televisão?

—Vejo as notícias —“Quando tenho tempo”, acrescentou Sarah para si mesma.

—Sim, claro. —Sua resposta estava carregada de desdém. -Tem lido algum livro ultimamente?

“Maldito seja, Jake a conhecia muito bem. Não era justo. Ler tinha sido no passado sua forma de evasão, os livros eram o que mais gostava neste mundo. Desde que Lexie tinha desaparecido, não havia tornado a abrir um.”

O mais grave foi que não lhe fez falta olhá-lo na cara para adivinhar a resposta.

—Está bem, esquece também isso — disse, ao ver que ela não respondia.- Não sai com ninguém, não vai ao cinema, não tem hobbies, não vê a televisão, não lê. Pode me explicar o que faz para te divertir?

—Mas eu me divirto. — Até ela mesma percebeu de que seu tom era defensivo.-

Trabalho. Brinco com o Cielito. Eu...

—Venha, Sarah, está falando comigo, recorda? Conheço-te. Não te perguntei o que faz quando não trabalha a não ser o que faz para se divertir.

Jake acabava de colocar o dedo na ferida. Sarah carecia de vida social, e ele sabia. Como também sabia que não fazia grande coisa para divertir-se.

—Tenho um trabalho muito absorvente...

—Diversão. Estou falando de diversão.

Jake se estava passando da conta e ela estava começando a perder a paciência.

—Bom, poderia me dedicar a jogar boliche — espetou-lhe. -Ou talvez pudesse seguir seu exemplo e adotar como passatempo a perseguição e caça de mulheres loiras.

Sarah desceu do carro e se dirigiu a sua casa. No interior do veículo tinha conseguido entrar em calor e o ar da calefação a tinha secado um pouco, mas logo que pôs o pé fora dele, a chuva voltou a molhá-la.

“Maldita seja.”

—Talvez devesse fazê-lo. —Jake lhe tinha dado alcance e agora lhe gritava virtualmente na orelha—. Ao menos, seria melhor que a vida que tem agora.

—Não vejo que haja nada mau em minha vida.

Sarah subiu a seu pequeno alpendre, abriu o biombo e só então recordou que Jake tinha as chaves de sua casa. Ao lhe lançar um olhar fulminante por cima do ombro, viu que ele tinha adiantado uma mão para tentar introduzir a chave na fechadura. Sarah girou a chave e, quando a porta se abriu, precipitou-se aliviada no vestíbulo. Jake a seguiu e, enquanto ela acendia a luz, fechou a porta. Cielito os saudou com o conhecido latido e Sarah lhe acariciou a cabeça enquanto o cão olhava irado ao Jake quem, não precisamente por acaso, ia deixando um rastro de água no piso de sua amiga.

—Nada mal?

—Não — respondeu-lhe Sarah sem sequer voltar-se enquanto se dirigia ao banheiro para pegar algumas toalhas. Ao entrar o corredor se deteve e gritou—: Claro que não, maldito seja.

Passados uns instantes, retornou com duas toalhas grandes e as jogou no Jake deplorando em silêncio o estado em que estavam deixando o chão. Depois se encaminhou para a cozinha enquanto secava o cabelo para fazer sair ao Cielito. Ao ver o toró que estava caindo, o cão parou no alpendre traseiro. Sarah fechou a porta e se voltou. Jake estava no meio da cozinha, com uma toalha ao redor dos ombros e concentrado em livrar-se de seus sapatos molhados. Ao olhá-lo de cima abaixo, Sarah viu que se formou um aguaceiro a seu redor.

—Vou tomar uma ducha — disse-lhe, dando por resolvido o tema, e se dirigiu ao quarto de banho.

—Acha que não falo a sério? —Jake saiu da cozinha atrás dela e lhe agarrou um braço, obrigando-a a deter-se—. Necessita mais provas? Joga uma olhada a seu redor.

Sarah olhou carrancuda e se afastou dele. Jake estava muito próximo a ela, ao alcance da mão, tão perto que Sarah se via obrigada a elevar os olhos para olhá-lo.

O corredor era estreito pelo que, quando retrocedeu, suas costas roçaram a parede lisa e branca, deixando uma marca nela.

—Ouça se tiver algum tipo de problema com minha casa, convido-te cordialmente, mais que cordialmente, de fato, a ir à tua.

—Não nota nada ao olhá-la? Eu sim: não há quadros nas paredes, nem cortinas, nem tapetes no chão. —O tom de sua voz se ia elevando—. Os móveis são baratos. É feia. Incômoda.

—Está criticando minha decoração? —perguntou-lhe Sarah, ultrajada.

Jake soprou.

—Decoração? Não me venha com essas. Você não decorou nada. Limitou-se a adquirir o mínimo indispensável para mobiliar este lugar. Comprou de propósito o mais barato e feio que encontrou. Todos os móveis marrons, em um estado lamentável... —interrompeu-se, agarrou a toalha que levava ao redor dos ombros e a agitou na frente à Sarah—, maldita seja, até esta toalha está desbotada.

—Eu gosto dos tons terra — respondeu-lhe Sarah entre dentes—. Suspende-me se quer por

isso.

—O que te gosta! —Jake a olhou de cima abaixo—. Olhe sua roupa. Veste como uma mulher que tem o dobro da sua idade. Nunca leva nada de cor, ou bonito ou, pelo amor de Deus, sexy. Toda sua roupa é preta ou cinza ou...

—Chamam-nas de cores neutras — atalhou-lhe Sarah a ponto de explodir—. E são muito práticos para ir trabalhar. O que acontece, agora resulta que é um perito em roupa feminina?

—Não — disse-lhe Jake—, mas a primeira vez que te vi levava uma camiseta de cor e uma minissaia jeans que deixava à vista suas pernas. Ainda o recordo porque lhe sentavam muito bem. E seu apartamento... Recorda como era seu apartamento?

O apartamento no que viviam Lexie e você? Eu, sim.

—Pare — advertiu-lhe Sarah—. Não continue.

—Era amarelo, tinha as paredes amarelas. De uma tonalidade pálida e suave que fazia que te sentisses em casa logo que entrava pela porta. O sofá era velho, reconheço-o, mas lhe jogou em cima uma colcha vermelha e o efeito era alegre e acolhedor. Também havia cortinas, tapetes, quadros nas paredes, livros nas estantes, fotografias emolduradas, flores na mesa, e até uma maldita planta na janela da cozinha.

—As flores eram de plástico e a planta estava meio morta. —Sarah sentiu que lhe encolhia o coração, tinha que fazer esforços para seguir respirando. A dor que sentia ao tratar de conjurar as imagens que Jake estava evocando era insuportável.

—Pode ser que fossem, mas agora mesmo isso não importa. O que importa é que o lugar onde então vivia era um verdadeiro lar, e não um mausoléu como este. Então te vestia bem, resultava atrativa. Desde que Lexie desapareceu, dá a impressão de que trata de te negar a ti mesma tudo aquilo que possa te procurar agradar. Nem sequer come, pelo amor de Deus.

—E o que se for assim? —gritou Sarah, a ponto de sucumbir—. Por que não te mete em seus assuntos? O que tem você que ver com tudo isto?

—Isto — respondeu-lhe ele em tom premente.

Ato seguido a empurrou contra a parede, rodeou-lhe o pescoço com uma mão e cobriu a boca de sua amiga com a sua.

Capítulo 15

Por um momento, a pressão a deixou paralisada. Sarah apoiou suas mãos sobre o peito de Jake, como se tivesse intenção de afastar-se dele, mas não o fez. Os lábios de seu amigo, frios quando roçaram os seus, esquentaram-se rapidamente quando suas bocas se uniram. Jake a beijou com desejo, com ardor; sua boca se afundou na dela ao tempo que sua língua se deslizava entre seus lábios entreabertos — a causa do assombro que lhe produzia aquele beijo, pensou Sarah que, de outra forma, não conseguia explicar-se por que os tinha assim. A cabeça de Sarah vacilou enquanto lhe acariciava o interior da boca com a língua. Jake cheirava a chuva e a ar livre e Sarah podia sentir a aspereza de sua barba mal feita sobre sua pele. Seu amigo se inclinou sobre ela e a esmagava com todo seu peso contra a parede. Sarah sentiu de repente o forte que era. O calor que emanava de seu corpo lhe atravessava a roupa molhada e penetrava nela quando a tocava. Com um sentimento de incredulidade raiando o irreal, Sarah compreendeu que ele a desejava.

A mão de Jake descendeu brandamente por seu corpo apertou com avidez a delicada curva de seu seio. Sarah podia sentir através de sua blusa a potência, o calor que desprendia.

Ao sentir a pressão que a palma exercia sobre seu seio, Sarah apertou os punhos sobre a camisa de Jake.

Mas não o empurrou.

Jake elevou ligeiramente a boca, o suficiente para que Sarah pudesse respirar, pudesse compreender o que estava acontecendo e individualizasse a avalanche de sensações que crispavam seus nervos. Os olhos de Sarah subiram pouco a pouco pelo grosso pescoço de seu amigo e pousaram sobre aquele rosto firme e bronzeado que lhe resultava tão familiar. Sarah viu então que ele também tinha os olhos abertos.

Quando seus olhares se cruzaram, o ar que os rodeava pareceu carregar-se de eletricidade por um instante. Os olhos dele eram negros, estavam entreabertos e ardiam de desejo; Sarah nunca os tinha visto brilhar de um modo tão intensamente viril. Os dela... Como podia sabê-lo? Talvez refletisse surpresa, incredulidade, a sensação de que o mundo que a rodeava estava ficando sem remédio fora de controle.

Aquilo não estava previsto. Não podia estar acontecendo. Tratava-se de Jake, de seu amigo, de seu companheiro.

E não de seu amante.

—Me beije você, Sarah. —Sua voz era grave, rouca, ligeiramente trêmula. Sarah nunca tinha ouvido seu amigo falar naquele tom. Jake roçou a boca dela com a sua, acariciou provocador com sua língua o lábio superior de Sarah, deixou cair um beijo delicado e ardente sobre a comissura de seus lábios, depois voltou a elevar apenas a cabeça.

Sarah o olhou sem piscar, hipnotizada pela batalha que estava produzindo em seu interior entre a maré de sensações que percorria verticalmente seu corpo e a força da emoção, a lembrança e o costume que a tinham unido a seu amigo durante todos aqueles anos.

—Me beije, maldita seja.

O quente fôlego de Jake roçou como uma pluma os lábios molhados de Sarah.

Sua boca se apoiou de novo sobre a de sua amiga com delicadeza.

Ao sentir que a mão de seu amigo lhe começava a mover pelo seio, Sarah tremeu e inspirou profundamente. Jake levantou a cabeça. Seus olhares se voltaram a cruzar, ao tempo que ele começava a lhe acariciar o mamilo com o polegar por cima do sutiã. O corpo de Sarah respondeu imediatamente: seus mamilos se endureceram e ela sentiu que um ardente estremecimento a sacudia.

Sarah abriu os olhos assombrada.

O tamborilar de paixão que aquela inequívoca amostra de desejo tinha provocado em seu amigo tinha acendido o olhar. Jake voltou a beijá-la.

Ao sentir sua boca, Sarah notou esta vez que tudo lhe dava voltas. Jake a beijou com avidez, com ânsia, com obrigação. Sarah fechou os olhos e se aferrou a sua camisa como se fosse uma corda de salva-vidas. E deixou que a beijasse, sem resistir, mas sem responder, enquanto sua mente negava o seu corpo algo do que este se privou durante inumeráveis anos. Fazia tanto tempo que não tinha tido nenhum tipo de contato sexual, que não tinha experiente nenhum tipo de estímulo desse tipo, que o mero feito de sentir a boca de Jake na sua, sua mão sobre seu peito, ou seu corpo empurrando-a contra a parede, foi como uma espécie de revelação. Ardia de desejo e o imenso prazer que isso lhe produzia lhe assombrava.

A boca de Jake se separou da sua e começou descer por seu pescoço. Sarah sentiu fraquejar seus joelhos ao perceber a cálida e úmida pressão que exerciam nele os lábios de Jake, os beijos sutis que depositava em seu delicado pescoço.

Estremeceu levemente e Jake, ao ouvi-la, murmurou algo incompreensível com a boca ainda grudada a sua pele. Sua mão, cálida e segura, deslizou-se por debaixo da blusa de Sarah, de seu sutiã, e, uma vez ali, acariciou sensualmente a pele de sua amiga, ainda molhada. Sarah conhecia bem sua mão: tinha a palma comprida, os dedos largos e era proprietária de uma habilidade mais que provada. E agora, essa mesma mão oprimia e acariciava seu peito nu.

Sarah ficou sem fôlego. Seu coração pulsava acelerado. As pernas não a sustentavam. Em um abrir e fechar de olhos, a agradável palpitação que tinha sentido até esse momento se transformou em uma irrefreável e ardente sacudida.

“Sim, OH, sim”, pensou entusiasmada enquanto sentia que seus músculos pareciam desfazer-se e a paixão aliviava sua cabeça.

Como se tivesse ouvido a resposta, Jake oprimiu com mais força seu seio. A pele de Sarah era suave como à seda e seguia estando fria por causa de sua roupa molhada. A mão de Jake, pelo contrário, despidia calor e resultava ligeiramente áspera ao tato. Os peitos de Sarah eram pequenos, brandos, maleáveis. A mão dele era o bastante grande para poder cobri-los por completo, o bastante forte para resultar inesquecivelmente masculina, obstinada em seu desejo..., mas delicada.

Sarah podia sentir a ponta de seu mamilo turgente contra sua palma. O prazer que isso lhe produzia quase tinha a intensidade da dor e a fazia desejar mais, necessitar mais.

Necessitava de Jake.

Jake elevou a cabeça e a beijou na boca. Uma duas vezes. Com doçura. Com arrebatamento.

—Me beije, Sarah — sussurrou sem separar a boca da sua.

“Estou-o desejando, Meu deus, estou-o desejando.”

Mas não o disse. Sarah ansiava fazer o que lhe pedia seu amigo; teria gostado de poder abraçá-lo em seu pescoço, estreitar seu corpo contra o dele, render-se ao ardor que os invadia como jamais teria sido capaz de imaginar-se. Até o ponto de que lhe fraquejavam os joelhos, a cabeça lhe dava voltas e seu corpo se consumia de paixão.

“Não posso...”

A perda, a dor, o amor, a lealdade e a contenção se formaram redemoinhos em sua mente antes de ficar resumidas nessas duas palavras. Logo que formuladas, seu corpo se fechou de novo ao prazer.

—Não. — Seu recuo foi rápido e impelente. Sarah inclinou a cabeça e empurrou Jake.

Em alguma parte da casa, tão remota para eles como se o som tivesse provindo de um longínquo planeta, soou o telefone.

Sarah quase não o ouviu durante o breve momento no que seguiu olhando-o. Com a respiração entrecortada, tratava de recuperar o controle de si mesma, de esfriar seus sentidos. Jake seguia quase pego a ela, até o ponto de que Sarah podia apoiar a mão em seu peito ao elevá-la. Os braços penduravam a ambos os lados do corpo, tinha as mãos abertas e ofegava. Seu olhar era ainda ardente, suas bochechas estavam acesas e o desejo que claramente seguia sentindo se podia apalpar no ambiente.

Ring!

O telefone. Desta vez Sarah sim que percebeu de que tocava. Era a primeira vez que o fazia desde que Lexie... Não, Lexie não... Desde que aquela traumática ligação a tirara da cama.

Galvanizada por aquele timbre — e se era Lexie... A mesma pessoa... A que chamava?—, Sarah apartou ao Jake de um empurrão e se precipitou na cozinha.

—Não o toque — gritou-lhe ele. O tom áspero de sua voz, o leve matiz colérico que havia na mesma, refletia o que acabava de acontecer entre eles—. Deixa que responda a secretária eletrônica.

Sarah teve que fazer um esforço sobre-humano para não agarrar o aparelho.

Permaneceu em pé junto ao telefone, ofegando, com a mão suspensa sobre a superfície lisa do aparelho que se encontrava no banco da cozinha, olhando-o como se pudesse atravessá-lo com o olhar.

“Lexie... E se se tratar de Lexie?”

De nada servia nesses momentos que ela fosse perfeitamente consciente, consciente de que a voz de menina que a tinha perturbado não podia ser a de sua filha. Seu coração, esse pobre estúpido, negava-se a aceitá-lo.

A secretária eletrônica ficou em funcionamento depois de soar duas vezes mais.

Com o coração em um punho, Sarah escutou sua própria voz pedindo a quem quer que estivesse do outro lado da linha que lhe deixasse uma mensagem.

—É do consultório do doutor True. Queríamos lhe recordar que tem que passar por aqui para pôr as injeções ao Cielito.

A mensagem prosseguia, mas Sarah não ouviu o que vinha a seguir. Deixando cair à mão, deuse meia volta e se afastou do telefone com o coração esmigalhado. Tinha certeza em que se tratasse

de novo de Lexie — ou, melhor dizendo, da voz que se assemelhava a de sua filha—. Sabia que era uma idiota ao desejar algo que ela mesma considerava irreal, algo que lhe tinha causado já muita dor; mas, por enganoso que parecesse, não podia deixar de sentir aquela chamada como o único vínculo real que tinha tido com sua filha desde fazia sete anos.

Jake a olhava da porta da cozinha. Que continuava a que estava impregnado até os ossos e estava descalço Sarah não pôde deixar de constatar que seu aspecto era imponente. Pensou de uma vez que, se não estivesse ali, haveria se sentido muito mais perdida.

Seus olhares se cruzaram. A lembrança do ardoroso beijo flutuava ainda entre ambos.

—Jake... —disse Sarah hesitante, enquanto tratava de encontrar as palavras capazes de reparar o acontecido entre eles. Porque Sarah se sentia titubear, insegura de si mesma, dele. Compreendeu, isso sim, que queria recuperar o seu amigo. Aquele homem de semblante desanimado, e olhos profundos não tinham nada a ver com ele.

—Esqueça — interrompeu-a Jake antes que ela pudesse sequer entrever quais eram as palavras que necessitava—. Beijar-te foi um engano, de acordo? Não deveria havê-lo feito. Um poucas horas de sono e um interminável dia de estresse é tudo que necessita para esquecê-lo.

—Mas... —Seu instinto a empurrava a falar, a tentar suavizar a tensão que se gerou entre eles, a fazer tudo que estivesse em sua mão para que a relação voltasse a ser como antes.

—Já lhe disse que esqueça. —Jake deu meia volta e lhe lançou um olhar fugaz por cima de seu ombro—. Banha-te, troque de roupa e coloca um vestido e o que necessitar em uma bolsa. Passaremos o fim de semana em minha casa.

—Em sua casa? —Sarah franziu o cenho e saiu da cozinha atrás dele. Jake estava usando a toalha que tinha agitado previamente diante dela para secar o piso.

Nem teve que dizer que aquele não era o momento mais adequado para lhe recordar que o normal era usar um esfregão para esse tipo de coisas, de forma que Sarah se absteve de fazê-lo. —Por quê? Eu tenho...

—Porque estou cansado — atalhou-lhe ele—. Preciso dormir. E você também. E aqui não vamos poder fazê-lo enquanto você continuar pulando como um gato escaldado cada vez que toca o telefone, e tenha a seu redor todas essas lembranças da Lexie e do que passou.

Sarah sabia perfeitamente a que se referia seu amigo: o telefone de sua casa, ao que seguia olhando como se fora o único elo de união com sua filha; os brinquedos que havia na caixa do armário, com os que ainda não se atrevera a enfrentar; e um sem-fim de coisas mais. Tinha razão, claro que tinha razão, mas nem por isso deixava de lhe resultar dolorosa a ideia de sair daquela casa em que, de improviso, Lexie parecia viver de novo. Era como se os anos que tinha passado aprendendo a aguentar a dolorosa realidade do que tinha ocorrido os tivesse levado o vento, e a ferida causada pelo desaparecimento de sua filha se abrisse novamente.

Jake se incorporou balançando a toalha molhada entre as mãos. Agora era Sarah que o observava da porta da cozinha. Tanto as luzes da mesma como as do vestíbulo estavam acesas, mas o lugar onde estava ele, o mesmo onde a tinha beijado, permanecia às escuras. De forma que Sarah não podia decifrar seu semblante.

—Bom — disse-lhe vacilante, porque as coisas entre eles tinham mudado e ela, pela primeira vez em muitos anos, não sabia muito bem como tratá-lo—, pode ir descansar em sua casa e eu

ficarei aqui. Tenho o Cielito. Não me acontecerá nada mal. E... E... — acabava de recordá-lo, e se assombrou ao comprovar o desgosto que aquele fato lhe produzia... Em qualquer caso, esperam-lhe para comer chuletas de porco.

Sarah esboçou um sorriso. Que não foi correspondida. Jake sustentou o olhar de sua amiga por uns segundos, seus olhos resultavam sombrios e inacessíveis na escuridão do vestíbulo, a seguir deu meia volta e se dirigiu ao banho. Quando, passado um momento, voltou a sair dele, já não levava a toalha nas mãos. Sarah pensou que devia havê-la jogada na cesta.

—Danielle me deixou esta manhã. — Seu tom era tão inexpressivo quanto sua cara.

Sarah ficou boquiaberta. Jake tinha tido um mal dia. Agora compreendia por que parecia tão irritado quando o viu. Sua irritação não tinha nada que ver com ela.

Coisa que, por um lado, a fez sentir-se melhor e, pelo outro, estupidamente pior.

Jake apertou os dentes, encolerizado. Olhou-a com os olhos entreabertos.

—Tome uma boa ducha, Sarah, por favor.

—De acordo. Feche a casa e se coloque na cama. E não se preocupe mais por mim.

—Está bem. Já que me vou, importaria me deixar em paz e te dar essa maldita ducha?

Seu estado de ânimo não tinha melhorado muito quando chegaram à casa de Jake. Eram quase as nove, continuava chovendo, embora não tanto como antes, e a noite avançava. Os carros circulavam pela estrada — dado que era sexta-feira de noite e as pessoas tinham saído para jantar, ir ao cinema ou ao centro comercial, estes eram numerosos — com os faróis acesos. Cielito, que cheirava fortemente a cão molhado, ia sentado no meio do assento traseiro e se balançava a cada curva de uma vez que demonstrava um interesse pouco menos que vital pela comida que Sarah sujeitava no colo. Jake conduzia em silêncio enquanto que Sarah, cujos intentos por iniciar uma conversa desde que tinha saído da ducha tinham sido irremediavelmente fracassados pelos secos monossílabos de seu amigo, lançava-lhe de vez em quando um olhar de soslaio. O rádio estava ligado a todo volume. Dado que Jake quase nunca o ligava enquanto conduzia, Sarah interpretou aquele gesto como um evidente sinal de que ele se negava a falar com ela.

“Está bem, como queira.”

—Pegue a comida, o cão, e eu me ocuparei do resto — disse-lhe quando entrou no estacionamento que havia, junto ao edifício onde vivia.

O resto consistia na pequena mala que Sarah tinha pegado para passar a noite; sua carteira, que tinha recuperado do porta-malas de seu carro junto com o telefone móvel, agora são e salvo no bolso do impermeável que se pôs em cima da camiseta e os jeans; e a bolsa de plástico com os Friskies e os pratos do Cielito. Ao falar de comida se referia ao jantar, resultado de uma rápida visita ao McDonald’S.

Recordando que seu amigo lhe tinha acusado de não comer, Sarah tinha procurado que a visse mordiscar uma batata frita atrás de outra a partir do momento em que tinha depositado as sacolas em seu colo, onde permaneceram durante todo o trajeto para proteger seu conteúdo do apetite do Cielito. Se por acaso fosse pouco, tinha pedido, além disso, um hambúrguer com todo o recheio, e um pacote de fritura além da salada que normalmente estava acostumado a tomar como guarnição.

“E logo diz que não como.”

Para sublinhar anteriormente até que ponto Jake se equivocava com ela, a camiseta que estava vestida era de cor rosa chiclete e tinha estampada no peito uma coroa enorme com as palavras “A Rainha do Descaramento” escrito em vermelho. Está bem, não podia deixar de reconhecer que seus companheiros de escritório a tinham presenteado no Natal como brincadeira, e que pode ser que nunca a tivesse posto até então, e que até tinha tido que revirar todo seu armário para encontrá-la; mas, o que resultava inegável era que sua cor não se podia descrever precisamente como neutra.

“Já!”

Posto que ao Cielito não gostasse muito de chuva, puderam entrar no edifício sem que farejassem, todas e cada uma das pedras e fibras de erva que havia ao redor do mesmo, como estava acostumado a fazer cada vez que visitava algum lugar pela primeira vez. Claro que, uma vez dentro, sacudiu seu repugnante cabelo, salpicando ao fazê-lo toda a entrada e causando que Jake fizesse uma careta de desgosto.

—Sinto muito.

Sarah não pôde deixar de sorrir. À margem do que nesse momento acontecia em sua vida, à relação amor-ódio que existia entre o Cielito e seu amigo era uma inesgotável fonte de diversão. Jake ignorou aquele sorriso, excetuando, possivelmente, o olhar severo que lhe dirigiu ao vê-la, e Sarah se encontrou caminhando a suas costas através do escritório às escuras nos dois primeiros pisos em direção ao apartamento de seu amigo, que se encontrava no terceiro. Igual ao resto do edifício, o apartamento tinha pertencido um dia ao avô de Jake, que tinha vivido nele durante o período posterior à morte de sua mulher. Depois de vender a agência ao Jake e anunciar aos quatro ventos que se retirava, Pops se tinha mudado para um complexo para aposentados e o apartamento tinha sido alugado. Logo, quando Jake perdeu sua casa, a origem do divórcio — casa que sua mulher venderia imediatamente depois para partir a Chicago, instalou-se nele. Sarah suspeitava que permanecia ali todos aqueles anos por pura inércia, já que a agência ia às mil maravilhas e com o que ganhava nela podia permitir um lugar melhor. Mas quando lhe perguntou por isso, Jake se limitou a lhe responder que o apartamento era cômodo e que não necessitava nada maior. O qual lhe fez pensar a Sarah que, tratando-se de um homem, só queria era economizar a mudança quando nada o obrigava a fazê-lo.

—Está se comportando como um idiota sabe? —disse-lhe Sarah, passados quinze minutos sem que Jake lhe dirigisse a palavra e durante os quais tinham entrado em seu apartamento, tinham colocado as bolsas do McDonald’s sobre a mesa e tinham comido enquanto olhavam o telejornal que, em opinião de Sarah, cumpria a mesma função que a rádio do carro. Ou, ao menos, ele tinha devorado um Big Mac com batatas fritas como se não tivesse comido em anos enquanto sorvia ruidosamente uma Coca Cola gigante. Ela, por sua parte, começava a sentir algo de ânsia por causa de toda a massa que tinha tido que ingerir no carro para lhe demonstrar algo do que, com toda probabilidade, ele nem sequer se deu conta, de forma que deu uma só dentada a seu hambúrguer e bicou na sua salada. A mera visão da batata frita, lhe produzia náuseas.

Jake afastou os olhos do televisor apenas para olhá-la.

—Ah sim?

“Venha, agora é o momento. Utilizou duas sílabas para responder.”

—Não entendo por que está tão alterado. Como não tenho o dom de ler a mente, temo-me que

terá que me contar o que se passa. Está zangado pela Danielle? Ou enfurecido porque não me derreti entre seus braços quando me beijou?

Jake franziu o sobrecenho.

—Estou cansado, isso é tudo.

Jake voltou a concentrar-se na televisão, onde nesse momento comentavam o preço das ações. Sarah conhecia o Jake o suficiente para atrever-se a apostar o que fosse a que seu amigo não considerava aquele programa, o que se diz, fascinante. Não obstante, não perdia detalhe intencionalmente.

—Tolices. Está louco. Está assim pelo beijo, verdade? Não se trata da Danielle.

Jake a voltou a olhar. Desta vez, sua expressão indicava às claras que, em caso de que ela tivesse sido um mosquito, ele teria desfrutado esmagando-a.

—Em algo tem razão: não é capaz de ler a mente. — De novo a ironia. Não obstante, a Sarah dava igual: com tal de que falasse, podia seguir assim quanto quisesse.

Franziu os lábios, mas perseverou:

—Pegou-me despreparada, entende? A última coisa que esperava era que me beijasse. Conhecemo-nos há sete anos e nunca o tinha feito.

O semblante de Jake se iluminou em parte para brilhar uma faísca de humor em seus olhos.

—O que posso dizer? Sempre há uma primeira vez para tudo.

—Por isso mesmo tem que entender que não te recusei. —Esse era justo o ponto que Sarah queria esclarecer. Ao olhar a cara de Jake, viu que esta voltava a adotar uma expressão séria, e se apressou a acrescentar—: É só que... Que eu me preocupo contigo. E você se preocupa por mim. Como amigos. E isso me parece muito, muito especial, e não quero perdê-lo.

Jake soprou.

—Quantos anos nós temos? Cinco? Nem que estivéssemos ainda na creche. Foi um beijo, entende? O primeiro beijo em sete anos quer deixar de fazer uma tempestade disso?

—Farei se você também o faz.

—Pode ser que um beijo signifique muito em sua vida, carinho, mas na minha...

Jake se encolheu de ombros, sua voz se foi apagando, mas o significado de suas palavras estava muito claro: ele tinha dado e recebido muitos beijos durante esses anos. Centena calculou Sarah insegura. Não, pode ser que milhares. Sarah fez um repasse mental de suas noivas e descobriu com pesar que aquilo não lhe divertisse absolutamente.

—Bom isso acerta as coisas — disse com atitude.

—Não esta com ciúmes, verdade?

—Não! — respondeu-lhe Sarah zangada.

—Só era uma pergunta.

Jake voltou a encolher-se de ombros e roubou umas batatas fritas do montão de Sarah - já tinha comido todas as suas—, engoliu-s, tomou sua Coca Cola e voltou a centrar-se na televisão. Sarah observava encolerizada, mas se limitou a suspirar para si mesma. Pouco importava o que lhe dissesse, Jake não ia dar o braço a torcer.

Era evidente que estava muito mais afetado pelo que tinha ocorrido entre eles do que estava disposto a reconhecer.

Não obstante, Sarah voltou a tentá-lo.

—Me olhe, sou eu, conhece-me? E não você. Isto não tem nada que ver com o fato se me excitou ou não, se for isso o que te incomoda. É só que... Que eu não gosto de ter... Relações sexuais com qualquer um. Inclusive contigo.

Aquela ameaça de franqueza teve um resultado distinto do esperado e não ajudou a restabelecer os laços de confiança e intimidade que antes os uniam, tal e como Sarah tinha esperado.

—Estou bem, de acordo? Recorda a conversa que tivemos sobre o fato de que te está privando de qualquer tipo de prazer? Bom, pois isto não é mais que um primeiro exemplo. E por certo, já que falamos disso, acredito que a diferença entre um beijo insignificante e uma relação sexual é mais que evidente.

Sarah passou por cima dessas últimas palavras e o olhou carrancuda.

—Que não me apressasse em tirar a roupa e a saltar na cama quando me beijou não quer dizer que não seja capaz de me abandonar ao prazer. Não sabe até que ponto sou capaz de experimentá-lo. — Ao dar-se conta do que essas palavras podiam dar a entender, apressou-se a acrescentar:- De outra maneira.

Jake apertou os lábios.

-Se continuar repetindo isso uma ou outra vez, talvez acabe por acreditar nisto.-

Jake se levantou—. Bom, fim da discussão. Vou tomar banho.

Sarah contemplou-o exasperada enquanto saía da sala. Dado que Jake não tinha roupa de troca na casa de Sarah, e que a dela era muito pequena para ele, Jake ainda não se trocara. Embora, então já devesse haver se secado, o mais provável era que sua roupa continuasse estando fria e úmida, e que por isso ele não se sentisse muito a gosto com ela vestida ainda, e que isso fosse a causa de seu repentino e irreprimível desejo de dar uma ducha.

Como também era provável que as rãs chegassem um dia a criar cabelo.

Tão único que pretendia Jake era ter a última palavra naquela discussão.

—Reconhece-o, não tem razão — gritou-lhe ela.

Jake voltou à cabeça e a olhou por cima de seu ombro.

—Bonita, a camiseta — disse—. Tiraste-a que baú das lembranças só por mim?

A seguir soltou uma gargalhada e desapareceu pela porta de seu dormitório, enquanto Sarah olhava-o irritada.

O dormitório de Jake, junto ao guarda-roupa e o banheiro, ocupavam a asa sul do apartamento. A sala, a sala de jantar e a cozinha se encontravam no centro. Uma casa pequena, outro banheiro e um diminuto estúdio completavam o conjunto. O apartamento tinha sido mobiliado pelo mesmo decorador que se ocupou dos escritórios da agência. O resultado era acolhedor, mesmo que masculino, e consistia basicamente em uma mescla de negros e brancos, com intensos toques de vermelho.

E, sim, havia tapetes, quadros e cortinas nos lugares adequados, coisas das que sua casa, inútil negá-lo, carecia por completo.

A questão era, entretanto, que Jake tinha recorrido a um decorador, o que em matéria de detalhes e acessórios, era desonesto. E, além disso, ela tinha estado ocupada. Realmente ocupada. E só porque ela mesma não tivesse contratado os serviços de um guru da decoração isso não significava que — como havia dito seu amigo?— estivesse-se negando deliberadamente a si mesma qualquer possível fonte de prazer.

Ou sim?

Sem esperá-lo, por sua mente voltaram a passar aquele ardente beijo e as sensações que o mesmo tinha despertado nela. O choque inicial não tinha demorado a permutar-se em excitação, desejo, desejo. Mas, apesar do que seu corpo tinha sofrido naquela feroz investida, sua mente se negou a satisfazê-lo.

O que podia significar isso?

Com toda probabilidade, nada que quisesse analisar com atenção.

A menos que estivesse disposta a reconhecer que Jake tinha razão.

Melancólica, Sarah passou a Cielito, que era quase tão indiscriminado como Jake na hora de escolher sua comida, os restos de hambúrguer e de batatas fritas. Ato seguido comeu umas folhas de alface e, dado que Jake já não se encontrava ali e que, portanto, não fazia falta seguir esforçando-se por impressioná-lo, jogou as sobras de salada no lixo.

Não era certo que não queria comer, argüiu mentalmente para defender-se.

Simplesmente, a atração de batata frita tinha sido um erro. E tampouco se podia dizer que estivesse negando a si mesma o prazer do sexo. O que passava era que não estava segura de desejar que voltasse a formar parte de sua vida, em particular nesse momento, em que os acontecimentos pareciam estar precipitando-se. Se por acaso não bastasse, Jake era, além disso, seu melhor amigo e a relação que havia entre ambos era muito importante para ela para arruiná-la. Por último, jamais teria imaginado aquilo de Jake. Tal e como lhe havia dito, a tinha pego despreparada. Se tivesse intuído algo antes, possivelmente sua resposta teria sido distinta. Em qualquer caso, e tomando emprestada uma das habituais desculpa de seu amigo, tinha tido um dia muito estressante.

Sarah se deslocou até o sofá — bonito e amplo estofado com um tecido que imitava na frente de cor cinza escuro e uns amaciados almofadões vermelhos a cada lado— e encostou-se a este, com o controle remoto na mão para ver a televisão.

Como não podia ser menos, tratando-se de Jake, esta era de plasma, grande, estava pendurada da parede e contava com os últimos avanços tecnológicos.

Embora não lhe interessassem muito as imagens que apareciam na tela ou o que nela se dizia.

Melhor esquecer por um momento o mau humor de Jake, o beijo e o giro que tinha experimentado sua amizade à raiz do mesmo. Agora tinha que concentrar-se na pessoa que tinha escrito “Igor” no vidro de seu carro. A Pergunta era: quem podia ter feito semelhante coisa? Jake estaria certo? Podia ser que a palavra secreta que ela e Lexie tinham compartilhado estivesse escrita em alguma parte?

Jake tinha cópias de quase todos os documentos relacionados com o desaparecimento de sua filha: os expedientes da polícia e os do FBI, as conclusões de suas próprias averiguações, fotos, fitas de vídeo e registradoras; tudo exceto as provas forenses, virtualmente inexistentes. Sarah os tinha lido tantas vezes que tinha chegado, ou seja, se alguns fragmentos de cor, o qual não tirava que, talvez, tivesse podido acontecer algo por alto. Jake conservava seus expedientes, incluído o de Lexie, no piso de baixo, em uma habitação que antigamente tinha sido um dormitório e que agora estava abarrotada até o teto de papéis.

Podia ser que tivesse omitido alguma parte em que alguém revelava a um dos investigadores aquela palavra secreta?

O único modo de comprová-lo era voltar a revisá-lo tudo. Sarah ficou em pé, arrojou o controle remoto sobre o sofá e se precipitou escada abaixo antes inclusive de ter adotado alguma decisão. Com o Cielito trotando as suas costas, chegou ao piso de abaixo e, uma vez ali, agarrou todos os documentos que eram capazes de transportar e que compunham uma autêntica montanha de pastas cheias a transbordar de páginas. E isso não era tudo, já que a documentação era quatro vezes mais volumosa, sem contar as fotos e os vídeos; mas Sarah pensou que, se trabalhava metodicamente, poderia relê-lo tudo em umas quantas horas. Justo quando, depois de depositar as pastas que transportava em seus braços sobre a mesa vazia da sala de jantar e as empilhar em diferentes montões, estava a ponto de inundar-se na leitura de página por página das mesmas, Jake saiu do banho.

Ao vê-la, parou-se a meio caminho da mesa e franziu o sobrecenho.

—Pode-se saber o que está fazendo?

—Repassando a documentação sobre a Lexie para descobrir se em alguma parte figura que a palavra “Igor” ,era nossa contra-senha.

—Acredito que ganharia tempo encarregando isso a meus empregados.

Sarah se deteve para olhá-lo. Jake se dirigia descalço para ela, vestido com uma velha camiseta cinza e um par de jeans. Estava despenteado e tinha o cabelo ligeiramente molhado por causa da ducha que acabava de dar-se, uma barba incipiente lhe obscurecia as bochechas e o queixo, se parecia algo esgotado. A camiseta de algodão deixava em evidência seu amplo peito, e os jeans faziam ressaltar suas compridas e poderosas coxas. Sarah teve a impressão de que, pela primeira vez, começava a olhá-lo como algo mais que um simples amigo e não pôde deixar de reconhecer que era muito atrativo.

Arrebatador, inclusive.

Percebeu que naquele pensamento a turvava e atribuiu seu mal-estar ao que, em sua opinião, era sem dúvida a causa: “tudo por culpa desse maldito beijo”.

Porque aquele beijo tinha mudado tudo. Aquele beijo tinha introduzido um elemento novo em algo que, até então, assemelhou-se a uma bonita relação entre irmãos. Um ligeiro desassossego, uma sensação desconhecida, uma tensão apenas perceptível flutuava no ambiente.

Sarah decidiu que não tinha tempo para isso no momento.

—Não confio neles — concluiu, e a seguir se sentou e abriu uma das pastas. Não custava fazê-lo, viu a folha que ela e um montão de voluntários mais tinham feito circular durante os dias e as semanas subsequentes ao desaparecimento de Lexie. A fotografia de sua filha ocupava a parte

central do fôlio.

Sarah não pôde evitar fazer uma careta de dor e fechar os olhos.

—Maldita seja, Sarah.

Jake devia haver-se precavido do efeito que aquilo tinha produzido nela, porque se aproximou e se deteve de pé junto a sua cadeira. “Controle-te”, Sarah disse-se a si mesma com raiva, e abriu os olhos no preciso instante em que ele olhava no ar o documento, separando-se de sua vista a foto de Lexie. Em seu lugar, Sarah se encontrou com as cópias das fotografias do parque, seis em cada página, e tratou de expelir brandamente o ar que tinha contido para que ele não a ouvisse. As fotografias tinham sido tiradas uns dias depois do desaparecimento de Lexie, de forma que não eram muito relevantes e por isso Sarah as fez a um lado imediatamente.

—Suponho que é consciente de que não se trata de Lexie, verdade? — espetou-lhe Jake com severidade. Seu amigo continuava de pé ao seu lado, mas Sarah não se incomodou em levantar a vista. Não tinha vontade de ver em seus olhos a compaixão que, sem dúvida, sentia por ela—. É evidente que aqui está acontecendo algo terrível que, entretanto, não tem nada que ver com sua filha em si mesmo. Seu desaparecimento é tão somente a arma de que alguém se está valendo para te fazer dano.

—A quem te refere? — Às cegas, Sarah passou uma nova página. Seguia sem olhar a seu amigo. A igual não queria ver a piedade em seus olhos, tampouco queria que ele percebesse a dor que havia nos seus—. E por quê?

—Não sei. O que é indubitável é que o fantasma de sua filha não está tratando de ficar em contato contigo... Sim, sei, conheço-te muito bem, sei que o pensaste.

Mas não é assim, nestes momentos estamos enfrentando a alguém que está vivo e que respira com toda normalidade. Alguém que poderia te haver disparado e que poderia seguir procurando a oportunidade de te matar. Que, sem dúvida, está tirando proveito de sua tragédia para obter o que quer. Pode tratar-se tanto de alguém que te odeia como de alguém que tem algo que ganhar com tudo isto. Uma pessoa relacionada com um de seus malditos casos, por exemplo, como Stumbo, Helitzer. Ou alguém ao que tenha tirado do sério no passado. —deteve-se, e a seguir acrescentou zombador—: A verdade é que, pensando-o bem, pode tratar-se de todo um exército.

Suas palavras fizeram que Sarah elevasse por fim o olhar e que inclusive lhe dedicasse um irônico sorriso.

—Vá, obrigado.

Jake a olhava pesaroso. Inclinou-se sobre ela, — alto robusto com aparência de não arredar-se na frente nada — sujeitando com uma mão o respaldo da cadeira.

—Descansa esta noite, Sarah. Não vai acontecer nada, embora o deixe para amanhã. —Seu tom era agora doce, quase bajulador.

Sarah se sentiu tentada por uns instantes. Tirar-se aquele problema da cabeça por um momento, relaxar-se com ele, ver televisão... Levava muito tempo sem fazê-lo.

Mas não podia. Aquilo era superior as suas forças.

Pouco importava que estivesse de acordo com o modo que Jake explicava o que estava acontecendo ou que a lógica lhe dissesse que, em essência, aquilo não tinha nada ver com a Lexie:

seu coração opinava exatamente o contrário. E cada segundo que acontecia procurar por todos os meios a verdade era um segundo desperdiçado.

—Escuta, ninguém podia saber sobre o “Igor” — disse-lhe—. Estou quase segura.

Se encontrar algo aqui que prove o contrário, dar-te-ei razão e o esquecerei. Se não for assim...

Sua voz se foi apagando e seu olhar pousou de novo nos papéis que tinha diante: o resumo datilografado da declaração de uma testemunha que assegurava encontrar-se no parque quando Lexie tinha desaparecido. Estava grampeado no alto a autêntica transcrição do interrogatório. Sarah se deu conta de que ia ter que ler toda para assegurar-se de que não lhe acontecia nada por alto. Contendo um suspiro, passou a folha que continha o resumo, e começou a ler.

Sem mediar mais palavra, Jake se sentou ao outro lado da mesa, agarrou a seguinte pasta que havia em cima do montão e a abriu.

Sarah pôde constatar uma vez mais que seu amigo era capaz de fazer algo por ela. Era reconfortante ver que, à margem do que pudesse acontecer entre eles, Jake nunca deixaria de apoiá-la.

Duas horas mais tarde seguiam ainda com isso. O pior era que, apesar de ter considerado um sem-fim de possibilidades, repassado os fatos uma e outra vez e discutido sobre isso, não tinham tirado claro nada novo.

—Está bem, basta. —Jake acabava de ler uma pasta, e estendeu os braços para fechar aquela em que sua amiga estava trabalhando.

Sarah sentiu desejos de protestar, mas, ao comprovar que a vista lhe falhava já até o ponto de que seguia vendo a última folha que tinha lido inclusive depois de ter fechado a pasta, decidiu que era hora de parar. Se não podiam pôr nisso seus cinco sentidos, era inútil que seguissem adiante. Sarah observou aflita que nem sequer tinham chegado a ler a metade dos documentos que tinha subido do arquivo. Ao pensar em todo o material que lhes esperava no piso de abaixo, intimidou-se.

Aquilo lhes ia levar toda uma vida, e não só não tinham garantia alguma de encontrar o que procuravam, mas também as possibilidades de que isso acontecesse eram mínimas.

—Para a cama — disse Jake cortante enquanto se levantava.

Sarah olhou Jake a seu pesar. Dado o que tinha acontecido entre eles, àquela palavra estava carregada de conotações. Surpreendendo-se a si mesmo, Sarah pensou que devia estar muito cansada para reagir com dureza e tratou de se separar de sua mente as confusas imagens — a boca dele na sua, sua mão em seu peito, seu corpo musculoso contra o seu, a instintiva resposta dela — que se formavam redemoinhos agora em seu interior. Mas Jake devia ter visto aquela confusão refletida em seus olhos — maldito seja, aquele homem a conhecia muito bem, porque seus olhos se escureceram e apertou os lábios.

—Já é quase meia-noite — prosseguiu ele—. Estou exausto.

Sarah se tinha posto em pé — comprovando ao fazê-lo, sem surpreender-se muito, que a cabeça lhe dava voltas e que os pés lhe falhavam—, quando ele se meteu as mãos nos bolsos, girou sobre os pés e disse: —Então, o que vai fazer? Dorme comigo?

Capítulo 16

Por uns instantes, Sarah se limitou a olhá-lo através da mesa, ligeiramente pasma, estava segura, mas logo recordou que, efetivamente, a noite passada tinha dormido entre seus braços.

Só que, depois, tinham mudado muitas coisas.

Então lhe sorriu, com aquele sorriso gradual, enviesada e encantadora que não lhe tinha dedicado em muito tempo.

—Suponho que, pelo modo de me olhar, a resposta é “não” — disse-lhe, e então Sarah se deu conta de que estava tirando o sarro.

Sarah lhe sorriu também aliviada. Como voltasse a fazer uso de seu senso de humor indicava que as coisas estavam melhorando entre eles. Ao menos já não parecia estar enfurecido com ela.

Cielito, que até então tinha estado dormindo aos pés de Sarah, levantou-se também, desentorpeceu-se e olhou a sua ama.

—Quer sair? — perguntou-lhe Sarah. Ao ver que os olhos do cão brilhavam entusiasmados, disse ao Jake—: Tenho que tirá-lo.

—Eu o farei.

Sarah se dirigia já para a correia, que se encontrava na mesa frente ao sofá.

Cielito, sabedor de como funcionavam as coisas, permanecia a seu lado.

—Você? — Sarah olhou cética ao seu amigo, enquanto agarrava a correia e a atava ao colar do Cielito.

—Acaso vê algum outro estúpido suicida nos arredores?

Sarah se pôs a rir.

—Faria isso por mim? — perguntou-lhe piscando ostensivamente.

—Não há muitas coisas que eu possa fazer por ti — disse-lhe com ironia, e fez uma careta enquanto tomava a corrente de mãos de sua amiga. A seguir olhou ao Cielito, que nesses momentos se esfregava contra as pernas de Sarah. O cão lhe devolveu o olhar e torceu o focinho em um gesto que, embora não chegava a ser um rictos de desprezo, pouco lhe faltava.— Embora tenha que reconhecer que isto amplia um pouco o leque de possibilidades.

—Acompanhar-te-ei.

Jake negou com a cabeça.

—Você fica aqui, pode ser que haja alguém aí fora com vontades de te dar um tiro.

Sarah sentiu que lhe encolhia o estômago.

—Acha isto de verdade?

—Não sei. Se alguém te encontrar aqui é porque esteve te seguindo e, nesse caso, cabe perguntar-se se trata da mesma pessoa que te disparou. Difícil dizê-lo, mas esse não é precisamente o tipo de coisas sobre as que eu gosto de me enganar.

— Jake se encaminhou para a porta e se deteve para alcançar o extremo da corrente do Cielito, que permanecia firmemente plantado em seu lugar—. Claro que, se realmente houver alguém interessado em te matar, você lhe serviu a ocasião em bandeja esta tarde, quando foi

passar sozinha pelo parque. O fato de que continue com vida não deixa de ser um bom sinal; mas não terá que esquecer que, a diferença de alguns, inclusive o assassino mais sanguinário pode negar-se em ocasiões a ter que perambular por aí sob um toró como o que tem caído hoje.

Sarah lhe lançou um esmagador olhar.

— Cale-se já, Jake.

Jake a olhou com ironia, e a seguir seus olhos pousaram no objeto que tinha ao outro lado da corrente.

—Vamos, Cielito.

Olhando a sua ama, Cielito foi andando à contra gosto permitindo que Jake se encaminhasse de novo para a porta.

Sarah teve de repente uma espantosa ideia.

—Acha mesmo que podem me haver seguido até aqui? — Ao pensar que alguém podia estar espreitando-a fora nesses momentos, ou seguindo-a aonde quer que ela fosse o coração lhe acelerou. Considerou-se uma estúpida por não ter pensado antes nisso.

—Isso espero — respondeu-lhe Jake muito sério, enquanto sujeitava o trinco da porta com uma mão e voltava a cabeça para olhá-la de soslaio—. Coloquei duas pessoas aí fora para que vigiem a casa. Se alguém te seguiu o agarraremos. —Jake abriu a porta e a seguir olhou ao Cielito, que escrutinava ofegante a sua ama, antes de voltar a elevar os olhos em direção a Sarah—. Fique aqui até que volte, de acordo?

Sarah assentiu com a cabeça sem dizer nada. Cielito, pelo visto, percebeu a repentina tensão que flutuava no ambiente, porque seu rictos se fez ainda mais pronunciado. O suficiente para deixar à vista o brilho de suas ameaçadoras presas.

—Está bem — disse Jake voltando a descer o olhar. O tom de sua voz se elevou em meia oitava até quase alcançar o falsete mais falso que Sarah tinha escutado da interpretação do Jack Nicholson em O Resplendor—. Assim eu gosto Cielito. Vamos pequeno.

Face às circunstâncias, Sarah não pôde deixar de sorrir.

Cielito o olhou deixando bem claro as poucas vontades que tinha de sair; não obstante, permitiu que o escoltassem fora da habitação.

Só estiveram fora quinze minutos, mas Sarah, a quem a espera lhe tinha resultado interminável, saltou do sofá apenas ao ouvi-lo entrar. Era evidente que continuava chovendo. Embora Jake estivesse seco de cintura para cima — Sarah supôs que devia ter pego um guarda-chuva para proteger-se, as gotas de chuva lhe tinham salpicado as calças. Cielito tinha o cabelo molhado e cheirava a molhado, mas, mesmo assim, não se sacudiu. Sarah se imaginou que o teria feito no piso de abaixo, no vestíbulo da agência, como antes.

—Alguma novidade? —perguntou-lhe Sarah a seu amigo, enquanto este lhe estendia a corrente. Sarah a desenganchou do colar e acariciou a cabeça do cão.

Cielito exalou um suspiro antes de dirigir-se à cozinha, onde lhe esperava sua travessa de comida e de água.

Jake negou com a cabeça.

—Não. Escuta, quero que saiba que não tem nada do que preocupar-se. Meus homens estão

vigiando a casa e, além disso, acionei o alarme. Se por acaso isso não bastasse, tem também a essa espécie de besta na habitação. De forma que pode dormir como um bebê. —Jake pareceu esboçar um sorriso.- Inclusive sem mim.

Jake voltava a tomar o cabelo, mas Sarah estava muito contente de ver que sua relação voltava a ser a de antes para zangar-se com ele.

—É o melhor, Jake.

—Cuidado ou me alterarei de novo. — Seu tom era seco. Jake se dirigiu ao sofá, agarrou o controle e ligou a televisão. Logo voltou a cabeça para olhá-la por cima do ombro. —Vá para a cama, Sarah.

Sarah obedeceu. A cama de casal que havia no dormitório de Jake era muito cômoda e o quarto também era acolhedor. Sua desbotada camisola — azul claro, comprido até a metade da coxa e cenário com a imagem de um gatinho que dormia — era suave e seu corpo já se amoldou a ele. Cielito estava debaixo da cama e o som de sua respiração a reconfortava. A chuva repicava docemente contra os cristais.

Tanto o alarme como o fato de que Jake tivesse postado em alguns homens fora da casa a tranquilizavam. Mas o que de verdade lhe fez sentir bastante segura para abandonar-se nos braços do sono foi o fato de que Jake estivesse perto. Tudo o que tinha que fazer era chamá-lo para que ele corresse a seu lado. Bastaria um grito, um ruído muito alto ou fora do normal, e ele se precipitaria a socorrê-la.

Assim, aliviada, recorreu a seu habitual mantra e dormiu. Chegaram então os sonhos, como de costume. Em geral, Sarah não estava acostumada a recordar nada ao despertar, mas às vezes se levantava reconfortada e isso a fazia pensar que talvez Lexie tivesse a visitado no curso de algum deles. Não obstante, em ocasiões se descobria chorando ao abrir os olhos, o que lhe dava a entender que devia ter revivido o desaparecimento de sua filha enquanto dormia. Aquela noite, em troca, despertou com um grito.

Permaneceu imóvel um bom momento, deitada de costas na cama, segurando os lençóis com os punhos oprimidos contra o peito, com o olhar perdido no alto. Sua respiração se acelerou. Por que tinha despertado? Fosse o que fosse, havia-a arrancado do sonho com aquele grito. Estava segura de que Jake não demoraria a chegar. Enquanto sua respiração se acalmava e seu coração ia recuperando seu ritmo habitual, aguçou a atenção para ver se ouvia os passos apressados de seu amigo no corredor. O quarto seguia às escuras, em silêncio. Nada se movia. Ninguém entrou nela. Cielito continuava dormindo sob a cama, sua respiração era regular e tranquila. Quando acabou de despertar por completo, Sarah compreendeu que tinha tido um pesadelo. Um pesadelo o suficientemente terrível para lhe fazer gritar em sonhos. Apesar da confusão, recordava vagamente que um ser com um só olho a perseguia e que, quando se voltava, o encontrava justo na cara, emitindo um zumbido...

Uma câmera. Um homem com uma câmera. No parque. Filmando-a muito de perto pouco depois que Lexie desaparecera, enquanto ela estava já fora de si, embora sem ter perdido de tudo a esperança de recuperar a sua filha, e um grupo de animadoras vestidas de grão e branco executava seu espetáculo as suas costas.

Depois do desaparecimento de Lexie, a polícia tinha conseguido um sem-fim de horas de vídeo, gravada no parque ao longo desse dia. O público que tinha participado da festa tinha

respondido massivamente a sua chamada, contribuindo com inumeráveis tiras de filme. Sarah sabia por que as tinha visto todas, procurando em vão algum indício que pudesse conduzir até sua filha. Mas não tinham servido para nada.

O caso era que, entretanto, não recordava ter visto nenhum primeiro plano de sua cara, olhando com olhos desmesuradamente abertos a câmara enquanto o grupo de animadoras fazia cabriola a suas costas.

Aquele filme teria que ter estado no arquivo e o fato de que não fosse assim era muito significativo. Talvez. Embora talvez não.

Possivelmente estivesse ali e a ela lhe tivesse passado por cima, ou também podia ser que a tivesse visto e se esqueceu. Depois de tudo, fazia já muitos anos que tinha visto aqueles filmes. E, naquela época, o que lhe interessava não era, por descontado, sua imagem diante de umas quantas animadoras. Durante aqueles anos tinha esquecido por completo o homem da câmara até que, a noite anterior, tinha perambulado por aquele parque com a memória em um grande estado de agitação.

Mas, ao pensá-lo agora, depois de despertar daquele sonho que só alcançava a recordar pela metade, tinha a impressão de que aquele homem tinha demonstrado um excessivo interesse por ela o dia do desaparecimento de Lexie. E pelo visto aquilo tinha chamado à atenção de seu subconsciente, de forma que agora este lhe devolvia os fatos sob a forma de um sonho. Um sonho que a tinha aterrorizado até o ponto de que despertou gritando.

A pergunta que teria que fazer-se era: a teria filmado aquele homem e não às animadoras? E, em caso de ser assim, por quê? A explicação que se filtrava desde seu subconsciente a encheu de angústia: era talvez possível que aquele homem, depois de ter feito desaparecer a Lexie, tivesse querido gravar sua reação?

Provavelmente não. É óbvio que não. Sua imaginação lhe estava jogando de novo uma desfeita, como, por outra parte, fazia já em inumeráveis ocasiões do desaparecimento de sua filha. Mesmo assim, não podia tirar-se da cabeça a imagem daquele tipo com a câmara: tratava-se de um homem mais velho, de altura média e dono de uma boca pequena e franzida coroada por um povoado bigode negro. Isso era tudo, o único outro detalhe que alcançava a recordar era aquela maldita câmara ocultando o resto de sua cara.

Mas ao menos era muito mais do que tinha visto no passado. Se esse tipo tinha de verdade algo que ver com o desaparecimento de Lexie — Sarah estava disposta a fazer algo com tal de averiguá-lo, até sabendo de que a probabilidade de dar com algo eram, quando menos, remotas, ao menos agora dispunham de um bom ponto de partida. No passado só tinham contado com uns quantos indícios insignificantes; era a primeira vez que tinham algo mais sólido. De forma que, por remota que fosse aquela possibilidade, já era algo.

Sarah procurou controlar a excitação que ia invadindo.

A primeira coisa que teria que fazer era voltar a ver todas as fitas para assegurar-se de que não tinha passado por cima o filme em que saía aquele grupo de animadoras saltitantes.

Sarah se deslizou fora da cama e se encaminhou sigilosamente para a sala. O relógio digital que havia sobre o televisor marcava 03h16min da madrugada. Embora não devia ter dormido muito mais de três horas, Sarah se sentia cheia de energia.

Os objetivos, como a esperança, estavam acostumados a produzir esse efeito nas pessoas.

As fitas estavam no piso de baixo. Não ia poder dormir até que não as voltasse vê-las. Por fortuna, e a diferença das pastas, não era necessário as repassar todas já que nas mesmas figurava uma etiqueta com o nome da pessoa que as tinha realizado — o que permitia descartar já de antemão a todas as mulheres—, o momento no que tinha começado a gravação — o qual eliminava a todas aquelas que tivessem sido efetuadas com posterioridade às seis menos quarto da tarde— e o lugar aproximado que aparecia filmado nas mesmas.

Movendo-se com sigilo — a não ser que seu amigo se precipitasse para resgatá-la por ouvir um ruído inesperado, pensou com ironia — dirigiu-se escada abaixo e procurou entre as fitas. Ao acabar a seleção das mesmas, ficou só com oito. Apagou a luz e as levou ao piso de acima. Uma vez no apartamento, colocou-as sobre a mesa que havia diante do sofá e se deteve por um momento para recuperar o fôlego. Na metade de sons noturnos que flutuavam no apartamento, era possível distinguir dois roncos enfrentados: a pessoa era o de Jake; o outro o do Cielito. Meditando sobre a particular experiência que tinha tido sobre uma das perguntas mais importantes desta vida — se uma pessoa gritar no interior de um apartamento e ninguém a ouça, pode-se afirmar que, efetivamente, emitiu algum ruído?— encaminhou-se para a habitação de Jake, que, com toda probabilidade, este tinha deixado aberta para ouvir se ela o necessitava, o qual, claramente, não tinha servido para nada. Deteve-se a escutar seu ronco um momento mais e a seguir fechou a porta com delicadeza para não despertá-lo. Então voltou para a sala, agarrou a fita mais curta — a duração das fitas oscilava entre sete minutos e uma hora — e fez um terrível descobrimento.

A enorme, fantástica e ultramoderna televisão de seu amigo só aceitava DVD.

Por um instante, foi presa de um terrível desalento. Recordou com saudade sua velha e miserável televisão, dotada de um vídeo irremediavelmente passado de moda. Nela teria podido ver as fitas sem nenhum tipo de problemas; mas, mesmo assim, desprezou quase imediatamente a possibilidade de levar a sua casa acompanhada do Cielito. A advertência que lhe tinha feito Jake de que alguém poderia estar tratando de assassiná-la tinha afetado-a, e, quando não estava sob os efeitos da pressão emocional, ainda era capaz de raciocinar. Então recordou a pequena televisão que havia no quarto do segundo piso onde Dorothy se retirava a maior parte dos dias para ver suas séries enquanto comia. Tinha sistema VCR. Sarah agarrou a toda pressa às fitas e se precipitou escada abaixo.

O quarto se encontrava à direita do arquivo. Era muito pequeno e, dado que era o lugar onde descansava a secretária, tinha escapado às artes do decorador. Uma de suas paredes estava dedicada em exclusiva a uma espécie de armariozinho de cozinha e um suporte para o televisor. Nele também havia uma geladeira, um microondas e uma pia. As paredes estavam pintadas de azul claro e frente aos armariozinho havia um sofá floreado com um espelho em forma de concha sobre ele.

No extremo mais afastado havia uma mesa com quatro cadeiras onde Dorothy, acompanhada de quem quer que queira unir-se a ela, estava acostumado a comer.

Umas cortinas, também azuis, cobriam a única janela.

Sarah acendeu a luz, colocou a primeira fita no vídeo, pôs o volume ao mínimo para não despertar ao Jake (apesar a que a triste experiência lhe dizia que não havia muitas possibilidades de que isso acontecesse) e se instalou no sofá para vê-la.

No filme apareciam dois meninos jogando com uma bola de praia. O pavilhão se podia ver ao longe, mas, como tinha sido filmada à altura dos pequenos — o câmara devia estar abaixado ou ajoelhado—, na fita quase só se viam imagens destes.

Inclusive as figuras que havia ao fundo estavam cortadas pela cintura.

Na segunda fita aparecia um cão perseguindo um disco voador nas proximidades do atalho que unia o pavilhão com a praia. Ali se distinguiam algumas pessoas ao fundo, embora aparentemente nenhuma delas revestisse particular interesse. Sarah pensou que deteria a imagem e as observaria uma a uma mais tarde, confiando em poder distinguir entre elas ao homem que a tinha filmado.

A terceira fita tinha sido filmada no interior do pavilhão por um familiar do Andrew, um menino que jogava na mesma equipe de beisebol que Lexie. Nem que dizer tem que o filme consistia basicamente em uma sucessão de imagens do pequeno, e Sarah a recordava à perfeição: durante os meses seguintes ao desaparecimento de Lexie a tinha visto o menos uma dúzia de vezes já que na mesma saía por breves instantes sua filha. Um breve flash de um par de acréscimos ruivos com laços azuis que saltavam por detrás do menino e que desapareciam num abrir e fechar de olhos.

Sarah a tirou apenas se deu conta de que se tratava dessa, mas não foi o bastante rápido e aquela fugaz imagem voltou a lhe encolher o coração.

Substituiu-a imediatamente com outro filme e se sentou de novo no sofá ao mesmo tempo em que aparecia na tela a imagem de uma moça comendo um biscoito frito e saudando com a mão. A...

—Sarah, pelo amor de Deus! São quatro horas da manhã.

A repentina aparição de Jake na porta da sala sobressaltou a Sarah. Seus pés descalços, encostados por debaixo de seu corpo no sofá, caíram ao chão de repente.

Jake tinha o cabelo emaranhado, os olhos injetados em sangue e só tinha posto o par de jeans. Seus largos e musculosos ombros quase ocupavam o marco da porta, e seu amplo peito nu aparecia coberto por um triângulo de pêlo negro. Fazia tempo que Sarah não tinha visto seu amigo sem camisa e lhe chamou a atenção que, apesar de sua abominável dieta, seu corpo seguisse sendo atrativo. Embora não tinha os músculos muito marcados, sua cintura seguia conservando a linha.

Era evidente que agora que o gênio tinha saído da garrafa ia resultar impossível voltar a colocá-lo nela: a palavra que imediatamente lhe veio à mente ao vê-lo foi “sexy”. Sarah logo que podia acreditar quão cega tinha estado até aquela noite. Para ela, ele sempre tinha sido simplesmente Jake: um braço forte sobre em quem apoiar-se, uma mente aguda a que submeter suas necessidades quando fazia falta um companheiro com quem sair, alguém que conhecia com quem, sem dúvida, podia contar em qualquer caso.

Durante anos tinha sido sua única família e agora se surpreendia de não havê-lo contemplado jamais de forma objetiva.

Como podia não haver-se dado conta até então de tão atrativo era?

Consternada, Sarah pensou, de repente que Jake tinha razão: desde que Lexie tinha desaparecido, a dor a tinha isolado por completo do mundo circundante.

Tinha-a afastado dos aspectos mais importantes da vida.

Sarah devia haver ficado com as pupilas cravadas nele enquanto experimentava essa profunda revelação, já que Jake, depois de jogar uma rápida olhada ao que estava vendo, interpôs-se entre ela e a televisão, cruzou os braços e a olhou irado.

—Isto é doentio, sabe?

—O que? Só estou olhando...

Jake a atalhou.

—Sei de sobra o que está olhando. Acaso acha que não vi já essas fitas o suficiente para reconhecê-las imediatamente? —Jake exalou um profundo suspiro e sua voz se adoçou levemente—. Pode me explicar o que é que trata de encontrar nelas agora?

Na parte de tela que ainda ficava apresentável por detrás de Jake, Sarah pôde ver que a mulher, depois de finalizar seu biscoito frito, lançava beijos à tela.

—Recordei algo de repente — explicou-lhe Sarah, evocando-o outra vez enquanto seu amigo apagava a televisão apertando o botão com mais ênfase do que requeria aquela singela operação. Sarah decidiu deixar para mais tarde as afirmações de seu amigo sobre sua própria vida; antes tinha que lhe falar do que já considerava um autêntico descobrimento—. Pouco depois de desaparecer Lexie, enquanto corria de um lado a outro como uma louca procurando-a, um homem me esteve filmando. Um grupo de animadoras atuava a minhas costas, mas o tipo me enfocava, estou quase segura. Quero ver se essa fita está aqui, porque no suposto de que não o esteja...

O mero feito de contar-lhe ao Jake excitou de novo a Sarah.

—Já te falei que são as quatro da madrugada? — interrompeu-lhe Jake com um grunhido—. Foste para a cama a meia-noite.

—Não estou cansada — replicou-lhe Sarah impaciente—. Jake escuta, eu...

—Está bem, estou exausto. Não te ocorre alguma vez que possa estar? Estou tão exausto que quase vejo em dobro.

—Então volta para a cama, só quero ver...

—Você também deveria estar cansada. Mais, teria que estar esgotada. Se continuar assim, vais acabar por te matar.

—Não sou tão frágil. Eu...

Jake cerrou os olhos e apertou a mandíbula enquanto a escutava. Ato seguido interrompeu-a com brutalidade.

—Não me venha com essas. Olhaste-te ao espelho ultimamente?

Jake se inclinou sobre ela, estendeu-lhe a mão e a ajudou a levantar-se.

Continuando, com ambas as mãos apoiadas sobre seus ombros, a fez dar meia volta e a obrigou a contemplar-se no espelho que havia em cima do sofá. Jake parecia enorme e muito moreno as suas costas, Sarah pensou que, sem dúvida, aquela era a causa pela que ela parecia tão pálida. Estava despenteada e o cabelo lhe caía para trás da cara, por isso a ferida era apenas apresentável; mas Sarah estava convencida de que o fato de que fosse negro como tinta conferia a sua pele aquela palidez pouco menos que cadavérica. Quanto a suas olheiras quase roxas, bom, tinha que reconhecer que levava um pouco de tempo sem dormir. E a proeminência de suas maçãs do rosto? A comida não se encontrou entre suas prioridades nos últimos tempos, tinha que admi-

lo. De fato, agora que o pensava, não tinha tomado o café da manhã. Ou o que saltava era a comida?

Jake tinha razão. Seu aspecto era frágil. Mas nem por isso ia reconhecê-lo, isso seria como dar novas armas a seu amigo.

Em lugar disso, elevou o queixo.

—E o que?

Seus olhares se cruzaram no espelho. Jake apertou as mãos sobre os ombros de Sarah. O azul pálido de sua camisola as fazia parecer muito morena e masculina. Seu tamanho punha em evidência quão débil eram seus ombros. Jake estava tão próximo a ela que Sarah podia sentir sua fortaleza quando roçava suas costas. De repente caiu na conta de que seu amigo ia sem camisa e começou a sentir certo ardor em seu interior que —esperava— fosse só devido ao calor que lhe transmitia o corpo dele.

Qualquer outra possível explicação devia acrescentar a tudo aquilo uma nova complicação que, nesse momento, ela estava muito longe de necessitar. Sarah afastou-se das mãos de Jake e voltou-se para olhá-lo. Como medida de precaução, e também porque de repente caiu em conta de que não levava nada sob a camisola e de que, apenas umas quantas horas antes, lhe tinha acariciado os seios, cruzou os braços e o olhou carrancuda.

Jake lhe sustentou o olhar.

—Está esgotando suas últimas forças, se seguir assim vais ter um colapso. E, nesse caso, do que servirá ao Lexie ou a outros...Eh?

Sarah não tinha pensado nisso.

Suavizou o cenho e se umedeceu os lábios.

—A única coisa que passa é que em todos estes anos nunca me hei sentido tão perto de descobrir como se produziu o desaparecimento da Lexie. Ao ver esse homem com a câmara em sonhos me lembrei de havê-lo visto de verdade no parque.

Lembrei alguns de seus rasgos de forma que, a menos que me equivoque, podemos inclusive contar com uma pequena descrição física dele. Por isso preciso ver essas fitas. Se a que ele filmou não se encontra entre elas, então...

—Amanhã estarão aqui. Vamos, Sarah. Pode ser que você não precise dormir, mas eu sim; e te asseguro que não o poderei fazer enquanto continuar aqui embaixo junto à televisão.

Enquanto Sarah tratava de defender do sentimento de culpabilidade que, claramente, ele estava tratando de lhe fazer experimentar, Jake emitiu um som de impaciência. Agarrou-a de uma mão e a arrastou até o corredor, apagando todas as luzes ao passar por diante do interruptor.

—As fitas... —protestou Sarah, olhando para trás.

—Confia em mim. Não se moverão daí.

O vestíbulo estava virtualmente às escuras, iluminado tão somente pelo tênue resplendor que entrava pela porta entreaberta do apartamento, por isso só era possível distinguir algo na parte superior das escadas que uniam ambos os pisos.

Jake se deteve o chegar a elas e, como um pescador que tira do fio, atraiu a sua amiga a seu lado, soltou-lhe a mão e lhe indicou com um gesto que começasse a subir.

Apesar de seus esforços por não submeter-se a ele, o sentimento de culpabilidade tinha afetado-a. Sarah começou a subir em silêncio, mesmo sabendo que estava muito tensa para poder dormir. O problema era que Jake, entretanto, não o estava. Teria preferido ficar no piso abaixo olhando as fitas, mas se meteria na cama e permaneceria nela olhando ao teto por seu amigo. Ao menos com isso conseguiria que voltasse a dormir.

—Sinto havê-lo despertado — justificou-se, ao entrar de novo no quarto de Jake. Este acabava de fechar com chave a porta e a voltava a olhar carrancudo.

Sarah bocejou abrindo muito a boca deliberadamente e se encaminhou para o abajur que estava junto ao sofá e que deixou acesa. -Tem razão. Estou cansada. Até manhã.

—Espera um momento. Volta a dizê-lo. —Suavizou ligeiramente o cenho enquanto se aproximava dela descalço.

—Que estou cansada? —Sarah procurava provas o interruptor para apagar o abajur.

—Não, refiro-me à frase de antes: tem razão. Acredito que é a primeira vez que lhe ouço dizer isso.

—OH.

Jake estava agora muito perto dela. Sarah elevou o olhar, abrangendo com ela os olhos castanhos e entreabertos de seu amigo, suas pestanas povoadas, a barba incipiente que lhe escurecia o queixo, a severidade que ainda se percebia no canto de sua boca, seu robusto pescoço, seus ombros largos, seu peito amplo e peludo que se ia afinando até alcançar uns quadris fortes e umas poderosas pernas embainhadas em um par de jeans desgastados. Apesar de que Jake lhe resultava tão familiar como sua própria imagem, de repente tinha a impressão de que possivelmente não o conhecia tão bem como pensava.

A ideia era excitante.

Ao dar-se conta de que o desejava, sentiu-se levemente confusa. Possivelmente o fato de ter reconhecido quão fechada tinha estado durante todos aqueles anos a suas emoções contribui-se a que agora começasse a sentir de novo.

Uma vez mais, teria que atribuir aquela comoção ao maldito beijo de Jake.

“Este não é momento para recuperar o tempo perdido”, disse-se a si mesma; o qual não impediu que o pulso lhe acelerasse quando ele se deteve frente a ela. Como medida de precaução, quando seus dedos encontraram por fim o pequeno interruptor o soltou imediatamente e Sarah se incorporou, deixando cair à mão junto ao corpo. Se algo não resultava conveniente naqueles momentos era, com toda probabilidade, ficarem perdidos na escuridão. Ao menos, até que ela se certificasse de sua reação aquele repentino despertar psicológico.

—E bem? — Jake cruzou os braços sobre o peito dando amostras de estar esperando algo.

Sarah constatou, como se tratasse de um algo completamente novo para ela, que seus braços estavam muito morenos e eram musculosos. Sem perder tempo, elevou a vista para olhá-lo à cara.

— Está bem. Tem razão. — Sarah percebeu de que, por causa da agitação que sentia, quase lhe tinha falado aquelas palavras. Exalou um suspiro e abandonou a luta que até então tinha mantido contra si mesmo. O problema era que tanto Jake como elas tinham sido honestos o um com o outro. Deixar de sê-lo agora não era justo para nenhum dos dois—. A verdade é que eu gostaria

de poder te dizer muitas outras coisas, só que tenho medo que logo lhe subam à cabeça.

Jake a olhou precavido.

—De que coisa me está falando?

—Já sabe. Todas as que me disse quando discutimos antes. Acredito que o tema tinha que ver com o fato de que eu já não sei me divertir.

—Não, é certo — corroborou-o como se a mera lembrança daquilo bastasse para voltar a encolerizá-lo—. Trabalha dia e noite, não dorme como, por exemplo, agora, você...

Sarah o interrompeu enquanto o olhava com os olhos entreabertos.

—Está bem, captei a mensagem. —A seguir acrescentou—: Posso te perguntar algo?

—Por que tenho a impressão de que a pergunta vai ser das que levam carga de profundidade?

Sarah ignorou seu comentário.

—Por que me beijou? E não volte a me contar isso de que teve um dia difícil.

Quero saber a verdade.

Jake apertou os dentes enquanto a olhava com cautela.

—Não poderá suportar a verdade, querida.

Tinha-lhe respondido com ligeireza, como se tratasse de uma mera brincadeira, mas ao Jake não ia resultar tão fácil evitar sua pergunta com uma frase como essa: Sarah não ia deixar acontecer de qualquer jeito.

—Quero saber por que me beijou, Jake. —Sarah tratou de ler a resposta em seus olhos—. Mereço sabê-lo.

Jake não lhe respondeu. Sua boca se retorceu em um irônico rictos. Ato seguido fez algo quando menos surpreendente: tomou as mãos de Sarah entre as suas, as levou a boca e beijou uma depois da outra. Sarah ficou pasmada ao ver como apoiava os lábios em sua suave e pálida pele. Aquele era precisamente o tipo de gesto romântico do que jamais teria pensado que Jake fora capaz. Por isso a deslumbrou.

O pulso lhe acelerou. Ficou sem fôlego. O ardor daqueles beijos a estremeceu.

Sarah elevou os olhos procurando os de seu amigo. Por cima de suas mãos entrelaçadas, o olhar de Jake era ardente e penetrante.

—Sabe? — disse—. Talvez esteja me cansando de que só sejamos bons amigos.

Capítulo 17

—Deve-se isso ao fato de que me considere um autêntico quebra-cabeça? — conseguiu lhe perguntar Sarah, tratando de parecer indiferente ao tempo que sentia que o coração lhe começava a pulsar a toda velocidade no peito.

—Assim é. — A seriedade de seu amigo contrastava com os beijos que acabava de depositar em suas mãos. — Sabe que está me matando, verdade?

—Poderia ser algo mais específico? — Ao chegar a esse ponto, o coração lhe acelerou ainda mais. -A que te refere quando diz que estou matando? Ao feito de não dormir, aos contínuos problemas, o...?

—A tudo isso — atalhou-lhe ele com voz rouca—. Além disso, do fato, e isto é o mais importante, de que estou louco por ti.

Sarah sentia já o coração na garganta. As mãos de ambos seguiam unidas, mas tinham baixado os braços. Os olhos de Jake se obscureceram até o ponto de parecer quase negro. Seus lábios estavam crispados.

Sarah ficou de repente sem fôlego. Logo não podia acreditar que fosse ela a que escutava aquelas palavras da boca de seu amigo. Aquilo era muito bonito para ser verdade. Fazia muito, muito tempo que não lhe acontecia algo tão extraordinário.

O melhor, entretanto, era ser cautelosa; como uma criança que coloca um par de patins pela primeira vez em muitos anos.

—Pode-se saber ao que te refere em concreto?

—Quer que te faça um esquema? — Jake fez uma careta e suas mãos apertaram as de Sarah. - Está bem, você ganhou, quero que nossa relação mude. Quero te convidar para jantar, te levar ao cinema, em meu barco ou de férias comigo. Que demônios, já que falamos com franqueza me deixe que lhe diga isso sem disfarces: quero me deitar contigo. Isso é o que quero. Só que há um problema: você. Antes nem sequer me devolveu o beijo que te dava.

O coração de Sarah pulsava já enlouquecido. Em um abrir e fechar de olhos, o ar se carregou de eletricidade.

—Isso tem remédio — disse lhe sustentando o olhar.

Os olhos de Jake resplandeceram; ardentes, ameaçadores, temíveis. Ao vê-lo, Sarah sentiu que o coração lhe dava um tombo. Secou-lhe a boca. Sua respiração se acelerou.

—De verdade?

—Sim.

Então, sem soltar suas mãos, sem que seus corpos se roçassem, mas sentindo já o desejo que os devorava entre eles, Jake se inclinou sobre a Sarah e a beijou. Foi um beijo delicado, apenas uma carícia com os lábios, como o roçar das asas de uma mariposa.

Com um tamborilar, o desejo invadiu o corpo de Sarah: sua pele se abrasava quando Jake a tocava, seus ossos se derretiam.

Sarah percebeu que seguia tendo as pupilas cravadas nas de Jake. E o que pôde ver nelas enquanto as olhava a deixou sem fôlego e voltou a lhe acelerar o pulso. Os olhos de Jake estavam

entreabertos e inflamados de desejo. Mas isso não era tudo.

Além das chamadas, além da atração, delatavam também certa vulnerabilidade.

A mera ideia de que Jake — sempre tão forte, tão vigoroso, tão capaz; sempre com a resposta a qualquer pergunta que ela ou quem quer pudesse lhe fazer; sempre tão circunspeto, tão firme, tão forte — sentisse-se vulnerável por causa dela rompeu a última das algemas que a tinham mantido enterrada em seu cárcere de dor durante tanto tempo.

Sarah fechou os olhos e deu um passo a diante, de forma que seus seios se estreitaram contra o peito dele, do que só a separava o tecido de sua camisola, e suas coxas se roçaram. Ao sentir o calor e a dureza do corpo de Jake, seus mamilos se esticaram. Encolheu-lhe o estômago. Algo em seu foro interno se acelerou e começou a pulsar com força.

Então o beijou.

Durante só um instante, como se tratasse de compreender o que estava acontecendo, Jake ficou imóvel enquanto os lábios de Sarah faziam pressão sobre sua boca e sua língua acariciava o interior de sua boca. Depois, murmurou algo ininteligível sem separar seus lábios dos dela e a estreitou entre seus braços, esmagando os seios de Sarah contra seu peito, elevando-a nas pontas dos pés, fundindo seus corpos até formar um só. A seguir a beijou, como se não pudesse resistir o ânsia de saborear o sabor de sua boca.

“Eu adoro seus beijos.” O pensamento emergiu entre a bruma que empanava nesses momentos a mente de Sarah. Havê-lo-ia dito em voz alta?. Estava tão aturdida, tão impressionada, tão surpreendida de seus próprios sentimentos, que não se atrevia a assegurá-lo.

Mas, sem importar que o tivesse feito ou não, Jake continuava beijando-a; beijos ardentes e profundos que estremeciam todo seu corpo, que faziam que a cabeça rodasse e que os joelhos lhe fraquejassem. Seus lábios eram firmes e quentes; sua boca, apaixonada e exigente; e Jake, tal e como Sarah percebeu com uma mescla de excitação e desagrado, sabiam valer-se de ambos com habilidade. Seus braços a estreitavam com as Palmas estendidas em suas costas, e Sarah pôde sentir os batimentos do coração de seu coração em seus seios. Ou, para falar a verdade, talvez fossem os de seu próprio coração. Estava tão deslumbrada que não alcançava, ou seja, o.

“É Jake”, pensou aturdida enquanto rodeava o pescoço de seu amigo com seus braços e lhe devolvia o beijo com toda a paixão que tinha reprimido ao longo daqueles anos; enquanto explorava sua boca ao mesmo tempo em que Jake fazia o mesmo com a sua, possivelmente com um pouco de estupidez, mas consumida de desejo e de desejo.

Aquela explosão de paixão era, se cabia, ainda mais incrível tratando-se dele.

Quem ia lhe dizer que ele, seu companheiro de sempre, seu velho companheiro, seu amigo da alma, ia fazer que um dia se sentisse daquele modo?

Os lábios de Jake abandonaram os seus e começaram a lhe escorregar pelo pescoço. Turvada, Sarah respirou fundo e o oxigênio que penetrou então em seu corpo lhe fez recuperar por um instante a consciência. A situação se estava precipitando de um modo que não tinha previsto; jamais se teria imaginado que a excitação podia ser tão grande...

—Dá-te conta —murmurou ao ouvido de Jake, enquanto este depositava um beijo no delicado ponto onde o pescoço se unia com os ombros— de que talvez estamos arruinando para sempre uma boa amizade?

Jake se deteve, inspirou, e a seguir elevou a cabeça para olhá-la. Seus braços a soltaram ligeiramente, permitindo que Sarah pudesse apoiar-se de novo em seus pés. Os olhos de Jake ardiam de paixão. Suas bochechas estavam acesas. Logo que podia respirar, seu peito subia e baixava a uma velocidade superior a normal.

Deixando-se levar pelo impulso, Sarah acariciou seu peito, quente, musculoso, imponente, descobrindo ao fazê-lo que Jake estava também empapado de suor.

“Meu deus, que ombros tão largos e musculosos. Como não me teria dado conta antes?”

—Sabe? Esse é um risco que não me importa correr.

Sarah jamais o tinha ouvido falar com um tom tão grave e manso. Apesar de que seus olhos ainda brilhavam de desejo, Jake a estava olhando com atenção. Sarah percebeu de que estava calibrando sua reação em frente ao que estava acontecendo entre ambos.

O bom de Jake era que Sarah podia estar segura de que faria sempre o possível por cuidar dela.

A segurança de que ela podia rechaçá-lo em qualquer momento, de que podia afastar-se dele e de que ele não faria nada para impedir-lhe, de que não lhe guardaria rancor por isso, que, de fato, facilitar-lhe-ia a fuga, afastou os últimos restos de pânico que até então tinham tentado manter obstinada a sua consciência.

Tratava-se de Jake e, por isso mesmo, estava disposta a seguir adiante.

—A mim tampouco — disse, enquanto deslizava suas mãos com deliberada sensualidade pelos ombros de seu amigo e as voltava a juntar em sua nuca.

Os olhos de Jake adquiriram a tonalidade da obsidiana ao olhá-la.

Sarah ficou nas pontas dos pés e o voltou a beijá-lo.

Jake inspirou ruidosamente quando suas bocas se uniram e estreitou a Sarah entre seus braços. Não obstante, permaneceu imóvel por um momento, deixando que ela o beijasse que os lábios de sua amiga oprimissem os seus, que os lambessem, enquanto ela se apertava contra seu corpo. Então mudou de postura, obrigando a Sarah apoiar a cabeça contra seu ombro e a ter que pendurar-se nele para manter o equilíbrio, e a seguir se apoderou daquele beijo com uma habilidade tal que Sarah sentiu vertigem. O corpo de Jake ia se crispando, e lhe transmitia desejo, pura necessidade. Sarah podia perceber a tensão nos músculos do pescoço, dos ombros.

Então lhe acariciou seu pescoço quente, as costas, introduziu seus dedos pelos cachos de sua nuca e se ergueu para diante de maneira que seus seios ficaram esmagados contra seu peito. Jake deslizou uma mão pelas costas de Sarah até chegar a uma de suas nádegas e, ato seguido, oprimiu-se contra ele. Sarah sentiu então a prova inequívoca de seu desejo e emitiu um leve grunhido.

—Meu Deus, Sarah.

Jake elevou a cabeça. Sarah abriu os olhos a tempo de ver como se sacudia, como se tratasse de esclarecer suas ideias. Continuando, deslizou um braço por debaixo dos joelhos dela e a elevou.

Jake começou a caminhar com ela nos braços. Naquele momento, seus olhos eram como o azeviche e seu semblante se escureceu. Sua respiração entrecortada delatava até que ponto a desejava. Desesperadamente.

E ela tinha que reconhecer que lhe acontecia o mesmo.

—Jake — disse, mais pela surpresa que lhe produzia que se tratasse de seu amigo, dela, pelo que estavam fazendo, que por qualquer outro motivo. Sarah tinha rodeado o pescoço de Jake enquanto este seguia caminhando com ela em braços como se não pesasse nada. Em direção ao seu quarto, constatou Sarah ao olhar em redor e ficar sem fôlego.

—Sarah. — face à ansiedade que refletia seu semblante, Jake conseguiu lhe dedicar um leve sorriso—. Não está arrependida, verdade?

Tinham chegado à porta de seu dormitório. Este, a diferença da sala, iluminada com um suave resplendor incandescente, encontrava-se na penumbra. Jake teve que ficar meio de lado para poder atravessar a soleira e foi então, quando ele realizou aquela torpe manobra, quando passou com solenidade da luz à escuridão, quando Sarah percebeu o que estava a ponto de fazer, era uma barbaridade, algo impossível, algo que povoava de perigos, escolhas e até um novo motivo de dor a paisagem que se estendia na frente seus olhos. O pânico voltou a apoderar-se dela, cravando suas gélidas garras em sua consciência, lhe sussurrando que se detivesse enquanto ainda estava a tempo.

Deitar-se com o Jake, sua relação — por não falar de sua própria vida — mudaria para sempre.

—OH, que demônios — disse então em voz alta, mais para sossegar o medo que para responder a seu amigo. -Façamos.

—Bem pensado — comentou-o, antes de lançar-se a rir.

Devorando-a com os olhos, voltou a beijá-la, firme, resolvido, enquanto atravessavam a soleira e entravam na penumbra da habitação. Uns segundos mais tarde, quando Jake a depositou na cama e se estendeu a seu lado, o desejo afugentou por completo aquele último instante de vacilação.

Ao mesmo tempo em que Jake jogava a colcha ao chão e deslizava suas mãos por debaixo de sua camisola, Sarah foi reparando na brandura do colchão, nos lençóis em desordem, no quente aroma dele, que desprendiam os almofadões.

Seu beijo foi lento, sensual, hipnótico. As palmas da mão de Jake subiram por suas coxas, seus quadris, suas costelas, até chegar a seus seios, deixando um rastro de fogo a seu corpo, fazendo que o corpo de Sarah se estremecesse, arqueasse-se ao mero contato com suas mãos, como quando se acaricia um gatinho. Jake continuou beijando-a e acariciando-a até que Sarah se estremeceu. Então lhe subiu a camisola até as axilas.

—Por que não tira isso? — sussurrou-lhe, enquanto a beijava na orelha e introduzia a língua nela para mergulhar no delicado redemoinho ao mesmo tempo em que seus dentes lhe mordiscavam o lóbulo.

Privada por uns instantes da palavra, Sarah inspirou profundamente e acessou o seu desejo levantando os braços por cima de sua cabeça e incorporando-se um pouco para que Jake pudesse liberá-la daquele objeto.

E ficou nua.

Jamais em sua vida se havia sentido tão perturbada como naquele instante, ao pensar que se encontrava nua na cama em companhia de Jake.

Um calor abrasador percorreu seu corpo ao sentir a fria carícia do ar condicionado em sua pele nua, o suave roce dos lençóis em suas costas, ou o peso do olhar de seu amigo deslizando-se por seus membros. A habitação estava às escuras, mas não o suficiente para impedir que se vissem. Os olhos de Jake saltavam de um lugar a outro, roçando ao passar as cremosas esferas de seus pequenos seios, cujos mamilos apareciam escuros e bicudos na tênue luz; percorrendo a delicada curva que formavam sua cintura e seus quadris; abrangendo o delta de veludo negro que tinha entre suas pernas; deslizando-se ao longo de suas esbeltas pernas.

—É linda — disse-lhe.

—Obrigado — respondeu-lhe ela, considerando que era tão único podia dizer, e fechou os olhos.

Jake deitou sobre ela, esmagando-a contra o colchão. Ao sentir seu quadril balançar-se sobre o seu e sua perna deslizar-se entre as dela, Sarah percebeu que Jake continuava vestido com a calça jeans.

A ideia de que ela estivesse nua e ele não lhe fez sentir uma ligeira vertigem.

Estremeceu-se excitada. Jake voltou a beijá-la. Rodeou-lhe então o pescoço com os braços e lhe devolveu o beijo com ofegante abandono. Roçou com seus lábios a cara de Jake, beijou sua mandíbula, sua garganta, notando ao fazê-lo o ligeiro sabor salgado de sua pele e a aspereza da barba que cobria suas bochechas e seu queixo.

Seu amplo peito, ligeiramente molhado agora e coberto de pêlo, resultava muito viril e Sarah adorava o efeito que este produzia em seus seios. Suas largas costas estavam deste modo quente e molhada, e a pele de seus longos e grossos músculos, que se dobravam ao sentir suas carícias, era brilhante e suave. Jake se afundou sobre ela resolvido, ardendo de desejo, e lhe acariciou os seios, o corpo, que se estremeceu abrasado ao sentir o impulso de sua longa e musculosa perna.

Quando a boca de Jake abandonou a sua para pousar-se em sua garganta, Sarah lhe cravou as unhas nos ombros, apertou com ambas as pernas a dele e abriu os olhos tratando de respirar.

—Meu Deus, que hábil é — conseguiu dizer com uma voz razoavelmente normal enquanto a coxa de Jake se balançava entre a sua e sua boca deixava um rastro de fogo em sua clavícula antes de descer arrastando-se pela grácil curva de seu seio direito que a mão dele sustentava já para prepará-lo.

Para ouvi-la, Jake levantou a cabeça. Seus olhos a olharam ardentes na escuridão. Sarah logo que pôde ver seus lábios moverem-se quando respondeu.

—Não sabe até que ponto, querida — respondeu-lhe.

Sarah percebeu que, apesar de sua gravidade, em seu tom havia também certa ironia. Ato seguido, Jake lhe beijou o mamilo enquanto suas mãos descendiam por seu estômago dispostas a mergulhar entre suas pernas.

A Sarah deu uma disparada no coração. O estômago se encolheu. Suas pernas trataram de fechar-se instintivamente, mas a coxa de Jake estava firmemente entre elas e Sarah não pôde fazer nada. Quando sua mão chegou até ela, sua vontade cedeu. Permaneceu imóvel, ofegando, com os olhos fechados, estremecendo-se ao sentir o prazer perturbador, crescente e quase incrível que lhe produziam os dedos de Jake enquanto descobriam seus mais recônditos rincões, lhe mostrando ao fazê-lo os segredos que estes escondiam em seu interior, e sua boca abrasava seus seios.

“Como posso ter vivido sem tudo isto?”, perguntava-se uma e outra sua vez aturdidamente.

Quando Jake abandonou seus seios e começou a deslizar-se por debaixo de seu estômago, Sarah abriu os olhos. Estremecia-se, debilitada pelo desejo, e seu corpo sentia uma premente necessidade. Seu coração pulsava enlouquecido e o ritmo de sua respiração estava tão alterado que nesses momentos lhe tivesse resultado impossível manter qualquer tipo de conversação inteligente. Obstinada aos seus ombros, Sarah murmurou um protesto desconexo; mas, bem porque não a tivesse ouvido, ou porque não tinha vontades de obedecê-la, Jake fez caso omissso de suas palavras. As mãos de Sarah apertaram fortemente os lençóis e seus dedos se afundaram no colchão, enquanto Jake, fora já do alcance, abria-lhe as pernas e começava a beijar o interior de suas coxas.

O corpo de Sarah se esticou. Surpreendida pelo ardoroso estremecimento que aquilo lhe produzia, Sarah se arqueou ao contato com aquela boca tão excitante e gritou.

Sua boca a inflamava. Seus lábios e sua língua se moviam com destreza e determinação. Jake a lambeu, sustentando-a delicadamente com suas mãos, as deslizando até chegar as suas nádegas e imobilizando-a com elas para poder prosseguir. Sarah sentia que seu corpo ardia, crispava-se, desfazia-se enquanto lhe mostrava quão prazenteiro podia ser render-se a seu desejo. Seus beijos a obrigavam a mover-se, a gemer enlouquecida de desejo.

Então ele se afastou.

Ofegando, estremecendo-se, e sem poder deixar de mover braços e pernas, Sarah abriu os olhos e ao fazê-lo viu o robusto corpo de seu amigo de pé junto à cama.

—Jake? —Sua voz tremia enquanto tratava de distinguir algo na penumbra. O desejo que sentia era muito forte, necessitava-o... O débil som metálico que produziu o zíper ao se abrir, indicou que seu amigo estava tirando a calça.

—Um minuto.

Por um momento o vislumbrou nu —“Jake nu” — e seus olhos se abriram ao notar que era imponente, que estava bem dotado para ser mais exata, e que nesses momentos estava inflamado de desejo. A seguir ouviu como se abria uma gaveta e ao ver o que fazia Jake comprovou que, uma vez mais, seu amigo se preocupava com ela.

Pouco importava a ligeira irritação que sentiu ao constatar que seu amigo guardava as camisinhas em sua mesa de noite, preparados para qualquer possível eventualidade. Preferiu deixá-lo para outra ocasião, quando estivesse menos excitada.

—Te dei voltas durante meses — disse-lhe enquanto retornava à cama. Seu tom áspero lhe secou a garganta.

—Meses? —murmurou ela distraída, enquanto a perna de Jake se voltava a deslizar entre as suas. Só que agora estava nua como o resto de seu corpo, seus músculos eram quentes e firmes, seu pêlo a abrasava ao roçá-la, e ia acompanhada de algo mais. Suas pernas, suaves e flexíveis agora, separaram-se para receber o corpo de Jake. Com o coração enlouquecido, Sarah se estremeceu de desejo ao pensar no que estava a ponto de acontecer entre eles.

—Pode ser que anos. Tenho a impressão que sempre.

Quando Jake se deixou cair sobre ela seu corpo estava já tão disposto, desejava-o de tal modo, que Sarah o rodeou com braços e pernas e se arqueou para ele no momento preciso, sem

poder conter por mais tempo a paixão que a devorava.

Ele a beijou então, com afã, com ânsia, aumentando ao fazê-lo sua confusão, e a seguir entrou nela, imponente, ardoroso, inflamando-a.

Aquilo era tão extraordinário que Sarah logo que podia dar crédito. Aferrando-se a ele, gritou. Jake voltou a afundar-se nela, lenta, profundamente, com a evidente intenção de lhe fazer experimentar até o menor detalhe daquela deliciosa sensação.

—Jake — gemeu ela, impressionada pelo familiar que lhe resultava aquele nome.

“Jake dentro de mim” pensou incrédula, e de uma vez emocionada. Cravando suas unhas nas costas dele e elevando seus quadris, beijou-o com um abandono cuja ferocidade era nova para ela.

Jake a estava penetrando, com firmeza, com rapidez, beijava-a com arrebatamento, lhe acariciando o corpo, compassando seu ritmo ao dela, balançando-a sobre o colchão, fazendo-a enlouquecer, obrigando-a a gritar uma e outra vez.

—Sarah — grunhiu entre dentes ao chegar ao final—. Sarah, meu Deus — enquanto se afundava nela, com uma série de ataques tão selvagens e profundos que Sarah, abalada, trêmula, chegou ao orgasmo.

Sem prévio aviso, o mundo explorou no interior de suas pálpebras fechadas, com uma infinidade de brilhantes e multicoloridos bolas de fogo e seu corpo tremeu abraçado ao de seu amigo, ao mesmo tempo em que recordava de novo que era com o Jake com quem estava compartilhando aquele momento; que era Jake o que estava nu e com ela, sobre ela, nela, e que aquilo a fazia sentir-se imensamente melhor que no nirvana.

—Sarah — voltou a resmungar ele com ferocidade ao sentir o cataclismo que estava vivendo ela. A seguir entrou de novo nela por última vez até que, estremecendo-se, obteve seu próprio alívio.

Sarah seguia flutuando, perdida naquele delicioso espaço em sombras, quando ele, depois de beijá-la, separou-se dela, levantou-se da cama e desapareceu.

Enquanto Sarah se sobrepunha, abria suas pálpebras carregadas e constatava que a cama estava vazia e que ela se estava ficando gelada sem sua presença a seu lado, Jake voltou a entrar na habitação e a tampou com a colcha que antes tinha descartado, para que não se esfriasse a causa do ar condicionado.

— Senti minha falta? — perguntou-lhe, deslizando-se a seu lado na cama e tampando-se também.

—Hum — murmurou ela, de uma vez que lhe dava um rápido beijo na boca, em lugar do franco sim que teria devido lhe responder, e se juntou contra seu corpo enquanto o braço de Jake a estreitava contra ele.

Jake cheirava tão bem, era tão agradável, tão familiar, tão seguro e, de uma vez tão diferente, tão atrativo, que Sarah não pôde deixar de fechar os olhos e entregar-se ao êxtase que isso lhe produzia. Permaneceram assim durante um momento, ele convexo de costas e com a cabeça de Sarah apoiada em seu ombro, com o braço de seu amiga ao redor de seu peito e sua perna pregada no alto de suas coxas. Sarah experimentou então uma sensação de déjà vu e caiu na conta de que ambos já tinham estado assim antes, a única outra vez em que tinham dormido juntos, só que agora era diferente porque ambos estavam nus, e o tinham feito, e isso mudava as coisas e fazia que

resultassem estranhas entre eles.

Tinham deixado de ser tão somente bons amigos.

—E agora o que?

Os olhos de Sarah se abriram desmesuradamente ao pensá-lo. O pânico ameaçou apoderando-se de novo dela. A mão com a que acariciava distraída, o peito de seu amigo se deteve em seco e Sarah jogou a cabeça para trás para poder lhe ver a cara. Aquela cara, tão querida e familiar, que, de repente, parecia-lhe também a de um estranho.

Jake a olhou de esguelha.

—Não sei, pensava que, talvez, poderia subir em cima de mim...

—O que?

Sarah ficou tão surpreendida que, por um momento, olhou-o piscando. Então reparou na curva que formavam seus lábios — a mesma que tinha visto já infinidade de vezes sem dar-se conta de quão atrativa resultava aquela meio sorriso dele, tão característico — e se deu conta de que lhe estava tirando o sarro. De novo.

O que, por outra parte, entrava na normalidade.

—Não brinque.

—Nem eu tampouco. — Para provar o que dizia, agarrou-a pela cintura e a elevou até colocá-la em cima dele, onde a deixou deitada sobre seu peito com as pernas enredadas nas suas.

A prova evidente de que ele podia não estar brincando jazia justo entre eles.

Era desconcertante, como pouco.

—O que quero dizer é: o que vamos fazer a partir de agora?

As mãos de Jake pousaram sobre suas nádegas, acariciaram-nas e suas mãos se abriram sobre elas para sustentá-la contra seu corpo. O coração de Sarah se acelerou, e esta ficou sem fôlego.

—Sei a que te refere. — Jake suspirou—. Sarah, querida, poderia deixar esta conversa para amanhã? Estou cansado.

As mãos de Jake escorregaram por suas coxas, separaram-nas e as colocaram a ambos os lados de seu corpo, de forma que Sarah podia senti-lo agora, duro, ardente, disposto. Jake a acariciou entre as pernas com os dedos. Estimulado de novo, o corpo de Sarah se agitou abrasado de desejo.

Era evidente o que tinha intenção de fazer. O curioso era que ela, de repente, compartilhava sua inclinação.

—Acreditei que estava cansado — murmurou, enquanto ele se incorporava e começava a lhe acariciar os seios. Sentada escarranchado sobre ele com as mãos ao redor de seu pescoço, começou a mover-se contra seu corpo enquanto beijava sua áspera bochecha e lhe murmurava coisas ao ouvido.

—Nem tanto.

Jake procurou provas a um lado da cama e Sarah ouviu como a gaveta se abria de novo e seu amigo pinçava em seu interior.

Coisa que não lhe fez nenhuma graça.

Embora tivesse que reconhecer que era uma estupidez zangar-se. Uma reação infantil. Ela era uma mulher adulta e sabia que Jake tinha tido muitas noivas e, além disso, quão único pretendia seu amigo era protegê-la, nada mais.

—Jake.

—Hum?

—Só uma coisa... Acabaram-se as loiras.

Jake se deteve para escutiná-la na escuridão. Sarah podia sentir o ardoroso e ameaçador brilho de seus olhos, seu penetrante olhar, mas não conseguia adivinhar o que estava pensando.

—Tão somente me ajudavam a me distrair enquanto esperava.

—E o que era o que esperava?

—A ti — disse, antes de beijá-la.

Ato seguido entrou nela, e o que aconteceu a seguir foi tão extraordinário que Sarah esqueceu por completo quanto acabava de dizer. Ao finalizar se sentiu exausta, esgotada de um modo maravilhoso, e se deixou cair sobre ele com um profundo suspiro.

Poucos minutos depois, adormeceu.

Passava das nove da manhã — algo tarde para ele—, Jake mexeu na cama. Um ligeiro olhar ao relógio lhe bastou para confirmar o que já sabia: tinha dormido menos de três horas. Uma luz cinzenta se filtrava através das cortinas, o qual, dado que estas estavam feitas com um material que impedia a entrada do sol, significava que fora fazia um dia magnífico. Por fortuna era sábado, de forma que seu programa era flexível. De fato — pensou enquanto olhava de soslaio a Sarah que, desde que ambos se feito um bolo juntos na cama, jazia de costas a ele enquanto parecia seguir dormindo—, surpreendia-lhe estar já acordado. Levava vários dias mal dormindo e deveria estar esgotado. Mas, pela razão que fosse não era assim. Ao contrário, sentia-se assombrosamente bem, fresco, cheio de energia. Igual a um menino a manhã de Natal, estava exultante, transbordante de paz e de alegria pelo mundo, e umas quantas mais suscetibilidades pelo estilo. Em poucas palavras, sentia-se feliz, feliz como um homem que acaba de conseguir tudo que desejava e que, em seu caso, podia-se resumir em uma só palavra: Sarah.

Durante todos aqueles anos, não tinha feito nada, a não ser esperá-la, lhe conceder tempo, permanecer a seu lado, e o curioso é que não se deu conta até aquela noite, quando lhe tinha exigido que deixasse a suas amiguinhas loiras. A resposta que lhe tinha dado então era sincera, mas ele mesmo a desconhecia até o momento de pronunciá-la em voz alta.

Agora sabia.

E isso podia ser tão bom como não.

Jake considerou que se estava comportando de um modo excessivamente dócil.

O que em outras palavras se chamava estar loucamente apaixonado. A questão era: acontecer-lhe-ia o mesmo?

Sua amiga tinha problemas, sérios problemas, que ambos teriam que superar juntos. Mas, se ela o permitia, ele estava disposto a fazer o que estivesse em sua mão para ajudá-la a deixar o passado a suas costas. As costas de ambos em realidade já que, a partir desse momento, tudo que lhe acontecesse aconteceria a ele também.

Jake a olhou de novo — deitou-se de costas e ela estava deitada para o outro lado, e com a cabeça apoiada em seus bíceps—, e seus olhos se detiveram em sua esbelta figura. Sarah sujeitava a colcha por debaixo de seu braço de forma que esta lhe cobria parcialmente a parte dianteira de seu corpo, mas dado que ele a tinha afastado para olhar o despertador, suas costas tinham ficado à vista permitindo que Jake se deleitasse com todos seus detalhes. Seus olhos percorreram as suaves curvas de seus ombros, de sua cintura, de seu quadril, deslizou-se por suas pernas até deter-se no maravilhoso contorno em forma de coração de suas nádegas em tanto que seu pulso se acelerava e as imagens eróticas do que tinha acontecido à noite anterior passavam por sua mente como um filme pornográfico.

Bastou-lhe recordar seu sabor, a sedosa textura de sua pele, o modo em que se retorceu debaixo dele ou os pequenos gritos sem fôlego que tinha emitido quando lhe recordou no que consistia o prazer, para voltar a excitá-lo.

Nesses momentos, o leve aroma a flores do xampu que Sarah usava penetrava por seu nariz. O calor que despidia seu corpo o roçava como uma carícia. A calidez da bochecha que tinha apoiada contra seu braço e o sussurro de sua respiração em sua pele arrepiou seus nervos.

Embora também fosse possível que aquele comichão se devesse a que tinha no braço sob o peso da cabeça dela.

A questão era que Sarah estava nua, em sua cama, e que ele era perfeitamente consciente de que podia despertar de novo seu desejo em um abrir e fechar de olhos.

Mas se tratava de sua amiga. Ela estava exausta, e, acima de tudo, precisava dormir.

Porque se algo desejava Jake era satisfazer em qualquer caso seus desejos.

Depois de decidir que a deixaria descansar, ouviu que alguém arranhava o outro lado da porta do dormitório que ele tinha fechado a noite anterior antes de ir dormir. O ruído o pôs em alerta e lhe fez olhar com cautela naquela direção.

Bastaram-lhe poucos segundos para imaginar-se do que se tratava: Cielito, claro.

A vívida lembrança do que tinha acontecido a última vez que o animal tinha entrado na habitação onde ele dormia tinha impelido a noite anterior a abandonar a cama por um momento e a assegurar-se de que a porta estava fechada fortemente. O mais provável era que agora esse maldito vira-lata queria sair. E que o ruído que faziam suas garras ao arranhar a porta fosse o que o tinha despertado àquela hora.

Por nada no mundo queria despertar Sarah. Praguejando para si mesmo e movendo-se com o maior silêncio de que era capaz, Jake tirou seu braço de debaixo da cabeça dela, saltou fora da cama, cobriu novamente Sarah com a colcha, agarrou sua roupa do chão e se encaminhou descalço para a porta.

Cielito continuou arranhando a porta até o momento em que Jake agarrou o trinco. Antes de abri-la, olhou uma vez mais Sarah, mas sua amiga não se moveu.

“É minha”, pensou com repentino orgulho, e a seguir cruzou pouco a pouco a soleira para entrar, literalmente, na boca do lobo que, supunha, ia incluído naquele “é minha”.

Deveria considerar a partir de agora que Cielito era uma espécie de “meu enteado”?

Se isso não bastasse para afastá-lo de Sarah, podia considerar-se já irremediavelmente

perdido.

Em lugar de usar a entrada principal de seu apartamento — porque havia uma, consistente em uma escada situada na parte posterior do edifício que ele usava tão somente nas contadas ocasiões em que o que queira que fizesse requeresse de certa discricção—, Cielito e ele desceram pelo interior da casa, pelo mesmo caminho pelo qual tinham entrado a noite anterior. Jake viu que o alarme estava desligado; de forma que não se surpreendeu ao encontrar a Dorothy sentada a sua mesa, apesar de que sua secretária não trabalhava durante os fins de semana. Dava-lhe as costas enquanto esmurrava o teclado de seu ordenador emanando ira por todos seus poros.

Assim, tampouco se assombrou ao ver o Pops de pé junto à porta de trilho de vidro, olhando através dela. Em consonância com o humor de Jake, o dia era ensolarado e luminoso. E, com toda probabilidade, também muito caloroso.

—... Não é minha culpa — dizia seu avô quando Jake se aproximou.

—Bom dia — disse-lhes ao passar.

Embora não sabia até que ponto Cielito podia aguentar suas necessidades, não estava disposto a ter que comprová-lo. Por esse motivo, não desejava misturar-se no drama que claramente estava tendo lugar nesses momentos entre seu avô e sua secretária. Contava já com uma boa dose de tragédia em sua vida para necessitar que aqueles dois lhe acrescentassem algo mais, muito obrigado, mas não.

—Eh, companheiro! — A rapidez com a que Pops se deu meia volta chamou a atenção de Jake. Naquele movimento havia algo suspeito. -Sarah passou à noite aqui?

Pergunta não tinha sido feita com segundas intenções. A amizade entre Sarah e ele era muito conhecida como para que o interesse que Pops ou Dorothy pudessem demonstrar por ela não fosse do todo inocente. Mas, mesmo assim, e dadas às circunstâncias, Jake não pôde deixar de sentir-se um pouco coibido.

Era evidente que ia ter que analisar suas emoções cedo ou tarde.

—Sim — respondeu-lhe e, de não ter sido pelo gesto suspeito que tenha feito seu avô uns minutos antes, teria passado de comprimento. Em lugar disso, deu uma olhada através do vidro que dava ao terraço e que, conforme pôde comprovar estava ligeiramente entreaberto.

Como se Pops tivesse tido intenção de sair.

E o tivesse detido a presença de um enorme jacaré.

Sem poder dar crédito a seus olhos, Jake divisou o enorme réptil ao mesmo tempo em que Cielito estalava em uma série de frenéticos latidos.

E se abalava naquela direção, sem dar tempo ao Jake a segurá-lo com a corrente.

—Merda! — gritou Jake—. Fecha a porta! —acrescentou precipitando-se atrás do cão.

Muito tarde.

Cielito penetrou pela abertura, preso de uma fúria suicida, grunhindo como o monstro que era, e pouco lhe faltou — dois segundos, conforme pôde calcular Jake apavorado — para acabar convertido em picadinho de “jacaré”.

Capítulo 18

A Jake bastou imaginar a reação de Sarah se seu mascote conhecesse o mesmo final que o cão da paciente do dentista, para correr em sua ajuda.

—Cielito! Não!

Por sorte, o jacaré demorou a compreender o que estava passando. A visão daquele cão enorme e histérico tremendo e fazendo um ruído de mil demônios a poucos centímetros de seu focinho pareceu pegá-lo de surpresa. Piscou, seus olhos saltados e dourados necessitaram uns instantes para centrar a vista. Conforme pôde comprovar Jake ao sair em correria pela porta, que previamente tinha aberto de um tapa, sua atenção estava concentrada nos caramelos brandos que tinha pulverizado pelas desgastadas tábuas de madeira do chão. Na beira da mesa havia uma sacola de plástico com migalhas de guloseimas. Jake recordou, então que a tinha tirado do bolso no dia anterior, o que explicava a presença do jacaré ali fora.

Aquela coisa era tão grande que o terraço só estava ocupado por uns dois metros de seu corpo quebrado e de cor lama; sua cauda, de pouco menos de um metro, pendurava ainda pelas escadas.

Teria bastado abrir a boca para tragar ao Cielito. E o animal, não sem razão, já que aquela espécie de bastardo babão se aproximava e se afastava dele sem cessar para lhe morder o focinho, começava a dar ligeiras amostras de irritação.

Aterrorizado, Jake se deteve em meio aos caramelos, recolheu do chão o extremo da corrente, apesar de que, ao fazê-lo, aproximava muito a mão daquela fileira quando menos impressionante de presas amarelas, e tirou esta com toda sua força.

Justo no momento em que o jacaré arremetia-se contra o cão.

Cielito uivou e saltou pelos ares, como se alguém lhe tivesse posto umas molas nas patas. Com a correia na mão, puxando o cão para ele como se fosse um peixe que acaba de morder o anzol, Jake cambaleou para trás e cruzou de novo a soleira dando um tropeção enquanto Pops e Dorothy o olhavam boquiaberto.

Por desgraça, enquanto recuperava o equilíbrio e recebia um golpe na cara, comprovou com horror que Cielito já não estava preso à corrente. Embora o colar seguisse pendurando dela — o flácido círculo que acabava de lhe deixar ardida à bochecha direita, do Cielito não ficava nem rastro.

Era evidente que Jake, que se tinha limitado a passar-lhe pela cabeça, não o tinha ajustado bem.

Enquanto constatava com horror aquele fato, Cielito empreendeu um novo ataque no terraço e o jacaré, esta vez sim, reagiu e foi atrás dele.

—Cielito! Aqui! Aqui, rapaz! —gritou Jake precipitando-se para a porta; mas, até no caso de que o cão lhe tivesse ouvido, era óbvio que este não sentia uma grande estima por sua vida, já que não retrocedeu em seu ataque.

O terraço não era muito grande. Cielito não tinha escapatória. O cão saltava como um canguru acelerado, fugindo do jacaré com uma explosão de latidos e grunhidos tão forte e feroz que fez sair voando a um grupo de gaivotas dos carvalhos que havia no jardim traseiro e que inclusive foi

capaz de afogar o ruído do motor da lancha que passava nesses momentos por diante da casa. O jacaré arremeteu contra ele, tropeçou com uma cadeira e fez tremer o vidro da mesa ao passar por debaixo dela. Que Cielito acabasse convertido em uma ração de sushi era questão de minutos.

Sarah não poderia suportar aquela dor.

—Merda! — gemeu Jake e, continuando, fez a única coisa que lhe ocorreu naquele momento: equilibrou-se sobre o cão em uma manobra de defesa digna de seus tempos de jogador de futebol. Dois saltos e se encontrava de novo no campo, sentindo-se tão estúpido como se houvesse interposto entre o King Kong e Godzilla.

Sem perder tempo, pegou ao Cielito pelo lombo...

—Jake, Por Deus, saia! —gritou Pops.

—Saia! Saia! —desta vez era Dorothy, que tratava de afastar ao réptil com a vassoura que, claramente, tinha tido o bom sentido de tirar do quarto da limpeza.

Jake se jogou com o cão pela varanda.

E ambos caíram dois metros antes de tocar o chão. Por sorte, a grama era espessa e o solo estava molhada por causa da chuva que tinha caído no dia anterior.

Mesmo assim, o golpe que Jake deu a si mesmo foi o bastante forte para deixá-lo sem respiração. Por um momento ficou imóvel, como se o tivessem estripado contra uma laje, até que a laje em questão começou a mover-se e então Jake se deu conta de que, na realidade, estava esmagando ao Cielito.

Algum dia a laje ia se fechar, ele em cima daquele cão.

—Fora! Fora! Fora! Toma! Toma! Toma! —Era evidente que Dorothy seguia mãos à obra no terraço.

—Eh, companheiro! Tudo bem aí abaixo? —gritou-lhe Pops.

Sem fôlego para lhe responder, Jake sentiu que algo se movia a sua esquerda. Ao voltar a cabeça se encontrou cara a cara com o Cielito. Ambos se escrutinaram por um momento igualmente aturdidos. Ou ao menos na aparência, já que Cielito, depois de inspirar com força, torceu os lábios.

Em um ricto que não estava nada bom.

—Cachorrinho bom, Cielito — disse Jake, rezando pela sobrevivência de seu nariz.

No fundo podia ver a temível Dorothy descendo pelas escadas com seus cómodos sapatos, seu vestido de ficar em casa (que esse dia era verde hortelã), seu coque e o resto da equipe, golpeando o chão com a vassoura a cada passo que dava. Por diante dela, o jacaré corria como alma que leva o diabo em direção à água.

Consciente, claramente, de ter encontrado a alguém de sua índole.

Cielito tinha que haver-se precavido da fuga do jacaré, porque voltou a cabeça em direção a eles e, sem perder tempo, saiu de debaixo de Jake, sacudiu-se e pôs-se a correr atrás do inimigo que se retirava. Embora andasse fazendo curvas e seus latidos eram muito agudos para resultar ferozes, ninguém lhe podia negar sua vitória aquele dia. O jacaré se introduziu na água e desapareceu nela com um chapinhado. Cielito permaneceu na beirada manifestando ruidosamente seu triunfo.

—Obrigado — murmurou Jake em direção a seus latidos.

—Foi tremendo, tio.

Austin apareceu no campo visual de Jake quando se inclinou atrás dele, de forma que sua longa cabeleireira loira lhe tampou a cara. Era um moço alto, magro e de aparência bastante apresentável. Esse dia ia vestido com um par de folgadas bermuda cor cáqui e uma camiseta pólo laranja fosfóreo. Dado que era um dos dois tipos encarregados de vigiar o edifício em caso de que a pessoa que vigiava Sarah se decidisse a facilitar a vida de todos e aparecesse por ali, sua presença no jardim não era surpreendente. Sem contar a camiseta, claro, estava que provavelmente não era muito de acordo com a descrição que requeria o encargo que tinha que levar a cabo, ou o fato de que, em teoria, deveria ter estado no interior do carro estacionado frente ao edifício.

—Encontra-te bem?

A outra pessoa que, nesse momento, inclinava-se também sobre ele era Dave Menucchi, o encarregado de vigiar a parte posterior da casa do barco de Jake.

Apesar de ser quinze anos mais novo que Pops, estava vestido — a diferença deste, que nesse dia levava postos seu habitual par de jeans e uma camiseta azul marinho com o anagrama de uma marisqueira — como um velho: um par de calças marrons de poliéster de cintura elástica e uma camisa quadriculada de manga curta abotoada até o pescoço. Tinha a cara redonda e quase sem rugas, o cabelo grisalho e ainda abundante, e uma barriga tipo Papai Noel. De fato, no Natal estava acostumado a representar este papel para uma conhecida cadeia de lojas da cidade.

—Sim — respondeu-lhe Jake, em que visse que ainda lhe custava respirar.

Pops se aproximava deles correndo igual à Dorothy, quem ainda empunhava a vassoura. Alguns viandantes — que, conforme supôs Jake, deviam ser pacientes do Big Jim, porque um deles levava ainda um guardanapo verde pendurado no pescoço e o outro uma revista na mão — agruparam-se nos arredores do estacionamento para ver o que acontecia e olhavam agora ao ponto onde se estava desenvolvendo a ação — quer dizer, a ele — com agitado interesse. Forçando, Jake se incorporou. Ou, melhor dizendo, tratou de fazê-lo. A última vez que tinha jogado na defesa, era ainda um menino. Agora tinha trinta e nove anos e levantar-se depois de um golpe como aquele já não era tão simples. De forma que ficou a quatro patas, apoiou os pés no chão por debaixo de seu corpo e se ergueu, contendo uma careta de dor quando cometeu o engano de tentar endireitar as costas.

Ao olhar-se, comprovou que estava completamente manchado de grama e barro.

Cielito seguia ladrando na beirada e expressava seu buliçoso desprezo pelo jacaré derrotado golpeando uma rocha com uma de suas patas.

Pops e Dorothy chegaram de uma vez junto a ele. A secretária parecia zangada.

Seu avô, em troca, sorria de orelha a orelha.

—Temos que falar companheiro — disse-lhe com olhos faiscantes. Era evidente que, agora que seu único neto tinha escapado do jacaré com todos seus membros intactos, Pops encontrava muito cômico aquilo que tinha acontecido entre ambos. O que fez foi uma loucura. Se Molly tivesse sido um pouco mais rápida, agora lhe teríamos que chamar pata de pau.

—É claro que sim que temos que falar — grunhiu Jake—. Não quero voltar a ver-te dando de comer aos jacarés.

Pops perdeu a compostura para ouvir aquelas palavras: soltou uma gargalhada e, continuando, ao ver o semblante de seu neto, estendeu-lhe uma mão.

—Está bem. Caramba! Quem sabe? Em qualquer caso, foi você o que deixou esses caramelos no terraço.

—Como pode rir? Poderia estar ferido gravemente. — Dorothy olhou carrancuda ao Pops. — Por tua culpa e das tolices que faz.

—Eu? Que culpa eu tenho de tudo isto é esse maldito cão da Sarah. Como diabos se chama Pichurri? O mais divertido é que Jake o odeia. —Pops se pôs a rir de novo.

Jake constatou com amargura que Dorothy parecia ser a única pessoa clemente naquele grupo. Austin e Dave riam também entre dentes, embora sem exagerar, já que não eram seus parentes como Pops, arriscavam-se em serem despedidos.

Notou deste modo que seguia com a correia do Cielito na mão. E que o cão em questão trotava nesses momentos de um lado a outro da borda, ansiando claramente que o jacaré voltasse a aparecer para o segundo assalto.

—Por mim poderia ir pro inferno — disse Jake, apertando aborrecido a corrente.

Mas, quisesse-o ou não, teria que ir agarrá-lo. Depois de lançar um olhar irado a três de seus quatro empregados, começou a caminhar pela grama em direção ao Cielito, fazendo o possível por não assustá-lo. -Vêm aqui, Cielito.

Ao ver que Cielito o ignorava consciente de que Sarah adorava aquele maldito cão e de que, tal e como sabia por própria experiência, aquele perturbado bastardo só obedecia à voz feminina, voltou a gritar: “Vêm aqui, Cielito”, só que esta vez empregou ao fazê-lo seu melhor tom de soprano.

Procurando que as gargalhadas que ouviu logo a suas costas não fizessem racho alguma em sua auto-estima.

Jake empregou pouco mais de uma hora para chegar junto ao Cielito, deslizar o colar por sua cabeça e arrastá-lo até a casa. Ao chegar ao terraço comprovou aliviado que nela não havia rastro do jacaré. No jardim posterior tampouco havia ninguém, exceto um corvo que bicava na grama. Cielito teria preferido ficar no terraço, já que logo que pôs o pé nela começou a farejar excitado — era evidente que podia perceber ainda o aroma de seu inimigo; mas Jake não estava de humor para dar gosto, por isso ambos entraram na casa. Pops se tinha deixado cair sobre a cadeira de Dorothy, dando as costas ao computador — que, em qualquer caso, não sabia mexer — com as mãos sobre a fivela de seu cinturão e um olhar pensativo na cara.

—O que aconteceu? —perguntou-lhe seu neto nada mais ver sua expressão.

—Saíram para almoçar.

—Quem?

—Dorothy e esse... Dave.

—E o quê? —Cielito atirava da corrente, pelo visto queria voltar para piso de acima com sua ama. Por uma vez, pensou Jake, ambos compartilhavam o mesmo desejo.

—Não me convidaram a ir com eles.

—E o quê? —voltou a lhe perguntar Jake, esta vez com um pouco de exasperação.

—Acredito que gosta dela. Parece-me que é algo assim como uma espécie de encontro.

—E o quê? —repetiu Jake pela terceira vez.

—E o quê... E o quê... E o quê? —A voz de Pops se foi apagando. Tinha o cenho franzido o que dava a entender que naqueles momentos não se sentia, o que se diz, muito feliz. -Pois suponho que nada.

Jake olhou a seu avô entreabrindo os olhos.

—Se não quer que Dave vá almoçar com ela, convida-a você.

—Eu? — Pops pareceu assombrar-se—. Está me dizendo que peça a Dorothy que saia comigo?

—E por que não?

—Bom..., para começar, é muito velha para mim.

Jake elevou o olhar.

—É pelo menos dez anos mais jovem que você. Tem oitenta e seis anos, recorda?

Nem sequer Deus já é muito velho para ti.

Pops apertou os lábios.

—Desde quando te deu para se fazer gracioso?

Jake estava começando a faltar-se daquela conversa. Estava sujo, seguia sujeitando aquele cão como podia e, se por acaso fora pouco, Sarah o esperava em seu quarto. Com um pouco de sorte, pode ser que inclusive lhe desse tempo a tomar banho antes de meter-se de novo na cama com ela.

—Falo a sério — disse—. Você e Dorothy tem estado se rondando durante anos sem acabar de decidir. Pode ser que ela se cansou e que agora aponta em outra direção... Ao Dave, sem ir mais longe.

Pops fez uma careta.

—Está zangada comigo desde que comprei a moto. Quando o fiz, disse-me que já era hora de crescer um pouco. — Pops parecia ligeiramente zangado.

—Talvez pudesse lhe propor dar uma volta com ela.

—A Dorothy? — A ideia parecia lhe haver posto os cabelos arrepiados.

Jake encolheu os ombros.

—E por que não? No pior dos casos te dirá que não. — Depois de dar por resolvido o assunto, decidiu atender aos requerimentos do Cielito, e aos seus próprios, e se encaminhou para a escada. Antes de chegar a ela, deteve-se um momento e se deu meia volta para olhar a seu avô—. Recorda a palavra que alguém escreveu ontem no carro de Sarah? “Igor”?

Jake tinha informado ao Pops do acontecido enquanto ia caminhando pelo parque para procurar a Sarah.

—Sim?

—Era uma espécie de contra-senha entre as duas. Sarah acredita que ninguém mais podia sabê-la. Quero que ponha a um grupo de gente a revisar os documentos sobre o caso para ver se

em algum momento aparece mencionada essa palavra.

Qualquer indício relacionado com ela lhes diga que o marquem e que me façam saber isso.

—Estão nos documentos que estão abertos?

—Sim, exceto as pastas que Sarah subiu ao apartamento ontem de noite.

Descerei isso mais tarde. Diga a Austin que entre, pode começar pelas que seguem no arquivo. Diga que seja minucioso. O mais provável é que já não sirva de nada que

siga montando guarda aí fora. E logo diga aos outros que entrem também. Quero-os aqui ao pé do canhão.

—Não se preocupe.

—E quando Dorothy voltar diga que me procure, certo? Necessito que faça algumas indagações sobre certas pessoas. — Como Brian McIntyre e o resto de policiais envolvidos no caso Stumbo, por exemplo, ou Mitchell Helitzer e seu entorno, ou qualquer que, em opinião de Sarah ou dele mesmo, tivesse algo que ganhar com a morte de sua amiga ou com a possibilidade de que esta não pudesse seguir adiante com sua tarefa de interventor—. Dar-lhe-ei uma lista de nomes e quero que controle onde se encontravam essas pessoas ontem pela tarde. Quero que investigue a todos aqueles que não possam justificar o que estavam fazendo quando essa palavra foi escrita no carro de Sarah.

—Está bem — Pops girou a cadeira e a seguir voltou a cabeça para olhar a seu neto—. Isto... Companheiro, recorda que temos que examinar antes da segunda-feira os dados sobre as perdas da Beta Corp? Por isso, Dorothy e eu viemos nesta manhã. E Charlie está acabando de entrevistar o último das testemunhas para o caso Kane, que o escritório do interventor necessita também para o mesmo dia pela manhã. Se nos encarregarmos com isso, temos muito pouco tempo.

Jake exalou um suspiro tratando de não pensar em tudo o que ia ter que desembolsar esse mês em horas extras.

—Sim, já sei. Espero que possamos dar conta de tudo. Em qualquer caso, a prioridade é do caso de Sarah. Há algo neste assunto que me cheira mal.

—Por certo, falando de gente que não se decide...

Jake sabia de sobra aonde ia seu avô, já que este levava anos lhe dizendo que tentasse com sua amiga, sem que Jake lhe tivesse feito nem caso. Agora, em troca, não podia deixar de reconhecer que aquele velho louco tinha razão, algumas vezes.

Embora não por isso Jake tinha intenção alguma de lhe contar o que tinha passado. Ao menos até que Sarah e ele se acostumassem aquela mudança em sua relação.

—Isso é meu assunto — atalhou-o Jake, antes que fosse adiante, e a seguir estalou a língua olhando ao Cielito, que tinha deixado cair sobre seus pés e que por ouvi-lo se levantou a contra gosto, e se dirigiu de novo para as escadas.

—Diga-te o que te diga, fará o que te pareça.

Jake ignorou essas últimas palavras.

—Vou tomar uma ducha e volto — disse, despedindo-se, já mentalizando a possibilidade de voltar para a cama com a Sarah. Aquela manhã tinha muitas coisas que fazer. Bom, a menos que se fosse depressa, pensou, excitando-se ao imaginar-lhe.

—Cumprimente a Sarah por mim — respondeu-lhe Pops enquanto pegava o telefone e marcava um número enquanto que Jake subia as escadas com o Cielito atrás.

Poucos minutos depois, ao entrar silenciosamente em seu apartamento, Jake viu que as cortinas estavam abertas e o sol entrava em torrentes pelas janelas. No ar fluía, além disso, um aroma de café recém feito. Era óbvio que Sarah já tinha levantado. “Estou em casa”, foi a primeira coisa que lhe veio à mente ao desatar o Cielito, deixando-o um tanto surpreso já que aquilo não era o que estava acostumado a pensar quando cruzava a soleira de seu apartamento. Bem cuidadoso, era inclusive a primeira vez que este lhe parecia um verdadeiro lar e não uma simples parada.

Enquanto se incorporava, deu-se conta de que jamais, nem quando estava casado, nem durante os anos que vieram a seguir, tinha tido a sensação de estar no lugar que lhe correspondia no mundo. Enquanto Cielito se encaminhava à cozinha, Jake analisou quase com tristeza as implicações daquele sentimento. Tratava-se de Sarah, sem dúvida. Suas acompanhantes não estavam acostumados a passarem a noite com ele e, em caso de que o fizessem, Jake não via a hora de mandá-las embora na manhã seguinte. Tinha descoberto já fazia muito tempo que ele não era o tipo de homem que gostava de prolongar os momentos de paixão.

Exceto agora. Com Sarah teria sido capaz de saborear até o infinito o bem-estar que estes proporcionavam.

Caso que sua amiga devia estar na cozinha, Jake arrastou ao Cielito até ela com o coração muito acelerado para tratar-se de um velho de trinta e nove anos que, como ele, tinha perdido já a conta do número de mulheres que tinham passado por sua cama.

De novo se sentia preso do radiante alvoroço das manhãs natalinas.

Ao chegar junto à porta da cozinha, viu sair Sarah de seu dormitório. Deteve-se — ela não percebera ainda sua presença — e a contemplou de cima abaixo. Acabava-se de tomar banho usava uma camiseta preta ajustada a seus miúdos e bicudos seios, e uns jeans brancos que ressaltavam seus quadris estreitos e suas pernas longas e esbeltas. Seu cabelo, que caía em desordem pelos delicados traços de sua cara, brilhou como as asas de um melro ao ser roçado por um raio de sol. Estava um pouco sonolenta — ainda era relativamente logo cedo, pouco mais das dez e meia da manhã; o qual significava que, até no caso de que estivesse acordado recente, não tinha dormido muito — e sua boca parecia incrivelmente carnuda, como se os beijos que ele lhe tinha dado a noite anterior a tivessem inflamado.

Ao pensar nisto, excitou-se.

Sarah era preciosa, elegante, endiabradamente sexy... E dele.

Alguém que valia a pena conservar.

“Esta fica comigo”, pensou no mesmo momento em que ela parecia notar sua presença junto à porta da cozinha e pousava seus olhos azuis nele.

—Olá — disse Jake com doçura enquanto ela o olhava, e lhe sorriu.

—Olá — respondeu-lhe ela.

Seu sorriso, em troca, foi pouco mais que um mero estiramento de lábios que não demorou a desvanecer-se. Foi uma saudação distraída, insignificante e, dadas às circunstâncias, imprópria. Sarah passou por diante dele sem deter-se, proporcionando ao Jake uma agradável visão de seu bonito traseiro.

Era evidente que aquela manhã não ia cruzar correndo a habitação para jogar-se em seus braços. Muito bem, podia suportá-lo.

—Quando partiu voltei a ver todas as fitas — disse-lhe sem voltar-se, ainda mais distante do que ele esperava—. O filme que procurava não está entre elas. Vou ter que pedir ao Sue Turner — a encarregada de fazer retrato falado para a polícia — que desenhe o homem que me filmou.

Jake se cruzou de braços.

—Agora?

Sarah assentiu com a cabeça.

—O mais provável é que não sirva de nada. Tudo o que lembrança é a um tipo algo fornido com bigode, e a câmara.

—Mesmo assim, poderia dar alguma luz sobre o acontecido — comentou Jake, e Sarah voltou a assentir com a cabeça.

— Espero que sim.

Jake tinha detido diante da mesa abarrotada de pastas. Com as cortinas abertas, o dourado resplendor dos raios de sol se esparramava por ela e pela sala que havia à esquerda. Sarah transportava ao outro lado da mesa. Deteve-se junto a esta para pegar algo do chão — a mesa lhe impediu de ver o Jake do que se tratava— e a seguir começou a mover-se de novo. Jake pensou por um momento que se dirigia ao sofá, mas logo se deu conta de que sua amiga se encaminhava para a porta.

Com a maleta na mão.

—Aonde vai? —perguntou-lhe. A atitude de Sarah o fazia sentir-se ligeiramente zangado, desiludido e, não podia deixar de reconhecê-lo, também um pouco ferido.

Sarah o voltou a olhar de soslaio, com frieza, sem nenhum romantismo. Embora Jake não se considerasse um lince, neste caso não lhe custava imaginar que, nesses momentos, sua amiga não se sentia louca de amor por ele.

—Sair. —Respondeu-lhe, olhando o de passada com a mão no trinco.

—Sair? —repetiu Jake, arqueando as sobrancelhas. Embora não esperasse uma calorosa acolhida, bom, talvez sim, e aquela expectativa não fazia a não ser agravar o problema, aquela frieza tinha começado a lhe afetar. Inseparavelmente.

Inclusive Sarah pareceu dar-se conta de que não podia partir sem dar mais explicações. Assentiu com a cabeça.

—Duncan me chamou. O escritório do Pat Letts nos notificou ontem que na segunda-feira pensam pedir um adiamento para o caso Helitzer. Pretendem, além disso, que se anulem algumas das declarações que este fez à polícia sem que estivesse presente um advogado. Ficaremos para almoçar e enquanto isso discutirá o modo em que vamos responder lhes e a estratégia que pensamos seguir durante o processo. Ah, também me disse que o forense acabou ontem a autópsia do corpo da Mary. Amanhã pela tarde se celebrará o funeral.

—Está de brincadeira, verdade?

—Não, claro que não — respondeu-lhe com outro gelado olhar—. As quatro, na igreja de Nossa Senhora dos Dolores, na Rua Hudson. —Franzindo o cenho ao olhá-

lo de novo, acrescentou—: Por certo, o que te aconteceu? Está cheio de barro.

—Caí no jardim. —Não tinha vontade de entrar em detalhes. Não pensava utilizar o fato de ter salvado a seu cão das presas de um jacaré para tratar de ganhar pontos na frente dela.

—Oh. —Sem mostrar interesse algum por saber a continuação daquela história, Sarah girou o trinco e se dispôs a abrir a porta.

—Espera um momento. Não te mova. —Jake se aproximou dela com um par de passos enquanto ela o olhava aproximar-se com uma expressão de prevenção na cara que lhe resultava completamente nova. Jake fechou a porta, Sarah tinha soltado o trinco, e a agarrou pela cintura. Sua pele lhe pareceu fresca e suave, seus ossos frágeis sob a pressão de sua mão. Podia sentir seu pulso acelerado em seus dedos. Estava a escassos centímetros dela, tão perto que Sarah não podia deixar de elevar os olhos para olhá-lo. Tão perto que Jake podia cheirar o doce aroma de seu xampu—. Imagino que não estará pensando seriamente em sair para comer com o Duncan, verdade?

Sarah arqueou as sobrancelhas.

—Tem algum inconveniente?

Jake inspirou fundo.

—É incrível! —Observou sua cara. Aquele olhar distante estava começando a lhe crisar de verdade os nervos—. Sim, é claro que o tenho. De fato, são vários. Deixe-me te dizer em primeiro lugar o mais premente: recorda o que falamos ontem sobre o fato de que talvez alguém esteja tratando de lhe matar?

Sarah apertou os lábios.

—Ficarei com o Duncan no Macaroni Grill. Não acredito que ninguém me atire ali.

Tinha razão, mas isso não importava o que não gostava da ideia absolutamente. E, além disso, também podia acrescentar um par de razões mais de tipo pessoal.

Embora tivesse preferido que o devorasse aquele maldito jacaré antes que reconhecer que sentia ciúmes do Ken Duncan.

—Alguma vez pensaste que talvez seja Duncan quem está por trás de tudo isto?

Sarah o olhou com uma mescla de assombro e cepticismo.

—Não, a verdade é que não.

—Nesse caso, talvez devesse começar a fazê-lo, já que ele poderia sair ganhando se te acontecesse algo. Para começar, poderiam lhe encarregar, por exemplo, o caso Helitzer. Nada mal, não te parece? Demônios, até poderia acabar ocupando seu posto.

—Não seja ridículo.

—Sou? Tenho estado dando voltas. Nada nesta vida é aleatório, e isso inclui o que te ocorreu nos últimos dias. De algum jeito ou outra tem que haver uma conexão entre tudo isso, já que são muitas coincidências. Está bem, reconheço que pode ser que não se trate do Duncan, mas eu não o descartaria por completo. Poderia tratar-se de um montão de gente, alguém que ainda não pensamos. E até que demos com ele, preferiria que não te expusesse muito.

—O que é, o que pretende me ter sob teto domiciliar?

—Sempre é melhor que correr o risco de morrer.

Sarah o olhou com os olhos entreabertos.

—Então, o que sugere? Que me esconda em seu apartamento até que identifiquemos ao que me disparou? Seguir-me aonde quer que vá? Isso não é possível para nenhum dos dois. Tenho um trabalho, recorda? E um montão de coisas que fazer. E você também. Agradeço o que tem feito por mim, que te tenha ocupado de mim com tanto empenho, mas quero voltar a viver minha vida. Para começar vou comer com o Duncan e, quando acabar, retornarei para recolher ao Cielito, se não te importa cuidar dele até então, e para revisar suas pastas sobre a Lexie. Depois irei a minha casa e esta noite dormirei sozinha, como tenho feito durante todos estes anos. Amanhã assistirei ao funeral da Mary e na segunda-feira irei trabalhar. Se acontecer algo que não possa confrontar sozinha, te chamarei.

Estava-lhe dizendo adeus, educadamente, mas de forma inequívoca. Com uma frieza da que ele jamais teria acreditado capaz. E que Jake não gostou.

Absolutamente.

Fez-se um momento de silêncio durante o qual, ambos se olharam aos olhos.

Ato seguido, Jake disse com doçura:

—Quem está se comportando agora como uma idiota?

Sarah se encrespou.

—Não sei a que te refere.

Sarah separou dele e, Jake não fez nada para impedir-lhe. Conhecia-a muito bem para saber que estava mentindo. Sabia de sobra a que se referia ele. De repente se sentiu preparado, disposto a correr o risco de dizer-lhe em voz alta.

—Refiro a ontem à noite. Ao que aconteceu entre nós dois. Ao fato de que estivemos na cama juntos. Nus. Fazendo o amor. — Jake quase desfrutou vendo como Sarah se ruborizava.

Sua amiga o olhou com olhos fulminantes.

—Não o entende, verdade? Essa é precisamente uma das razões pelas que não quero ficar aqui. Foi um engano, compreende? Um terrível engano. Não deveria ter acontecido. Dissete que íamos arruinar nossa amizade e assim foi.

Embora Jake esperasse aquela resposta quase no momento em que ela tinha começado a falar, ao ouvi-la em seus lábios se enfureceu.

Soltou uma gargalhada, mas até seus próprios ouvidos detectaram que aquela risada não tinha nada de alegre.

—Muito bem, agora entendo. Perfeitamente. É como o ir pescar juntos. Você gostou de muito. Fez-te sentir bem, não é isso? —espetou-lhe entre dentes—. E Sarah não pode permitir-se isso, equivoco-me?

Os lábios de Sarah se contraíram enquanto lhe lançava um olhar furioso.

—Vá para o inferno. — Afastou Jake com um empurrão, abriu a porta, cruzou o patamar e se precipitou escada abaixo.

Jake teve que conter-se para não sair correndo detrás dela. Para não lançar uma enxurrada de

maldições, ou dar um chute à porta, ou dar rédea solta à confusão de emoções que se agitavam em seu interior, enquanto ela desaparecia de sua vista e ouvia o repicar de suas passadas na escada.

Minutos mais tarde, ouviu fechar-se de repente a porta principal e sentiu uma pontada em suas vísceras.

“Aqui se acaba a manhã de Natal — pensou com tristeza—. Bem-vindo à dura realidade, amigo.”

Depois se encaminhou lentamente escada abaixo, com calma, e disse ao Pops, que o tinha recebido arqueando as sobrancelhas e com um sorriso furtivo, um olhar que o obrigou a tragar qualquer possível comentário jocoso que estivesse a ponto de fazer. A seguir ordenou a Charlie, que acabava de entrar no escritório, que seguisse a Sarah sem que esta se desse conta e que lhe fizesse saber se passava algo. Feito isto, subiu de novo a seu apartamento, tomou uma ducha e trocou de roupa, depois do qual saiu em busca do Brian McIntyre, para quem tinha uma mensagem pessoal reservada, direto e que desejava lhe espetar à cara: “Se te voltar a aproximar de Sarah o lamentará durante o resto de sua vida”.

O funeral da Mary foi uma autêntica manifestação de duelo. A pequena igreja estava abarrotada tanto por familiares, amigos, vizinhos e conhecidos como por simples curiosos aos que tinha atraído à publicidade e as particulares circunstâncias da morte da caixa. Os bancos estavam cheios. A multidão lotava as laterais do templo e se alinhava em fileiras na parte posterior do mesmo. Era uma cerimônia católica e, portanto, loja de comestíveis de incenso, velas, rezas e hinos. Sarah, sentada entre desconhecidos em um dos abarrotados bancos do fundo, mal entendeu uma palavra de quanto se disse. Não podia separar de sua mente o olhar suplicante que Mary lhe tinha dirigido poucos minutos antes de morrer. Antes que se produzisse aquela explosão de sangue, aqueles coágulos...

“Não podia fazer nada”, disse-se a si mesma sem que aquele pretexto a consolasse. Sem que servisse para fazer desaparecer o nó que tinha na garganta, ou o buraco que sentia no estômago.

Ao acabar a cerimônia, quando o ataúde coberto de flores foi transportado ao exterior da igreja e as chorosas filhas e netos da Mary saíram pelo corredor central para apinhar-se na limusine que devia seguir ao carro fúnebre até o cemitério, Sarah se levantou para sair do templo. Antes de chegar à entrada, deteve-se por uns instantes na abarrotada nave para intercambiar uns quantos comentários desconexos com alguns dos assistentes ao funeral que conhecia: alguns policiais que trabalhavam no caso, um advogado do Escritório de Vítimas do Crime e uma vizinha. Quando estava a ponto de cruzar o portão em forma de arco e sair do abafado que reinava fora para chegar ao estacionamento através da grama abrasada, uma mão posou em seu ombro.

—A senhora Mason? —disse-lhe alguém com um ligeiro acento hispano.

Sarah olhou em redor e viu em suas costas a uma mulher baixa e gordinha de uns quarenta anos, com a tez morena e uns olhos brilhantes e escuros. Usava um vestido negro de manga curta e levava sua comprida cabeleireira negra recolhimento em um coque alto. Tinha a cara sulcada de lágrimas e levava em braços a uma menina roliça que Sarah pareceu reconhecer.

—Sim? — Aquela criatura, igual ao resto de meninos amontoados ao redor dela, ajudaram-lhe a adivinhar a identidade da mulher.

—Sou Rosa Barillas — disse-lhe, confirmando o que Sarah já imaginava —. Quero lhe

agradecer por ter salvado a vida de Angie.

—De nada.

A Sarah, em troca, teria gostado de lhe dizer: “Não poderia fazê-lo por menos, sabe? uma vez que eu também tive uma filha.” Mas se conteve. Em lugar disso sorriu a Rosa Barillas e a seus filhos: os dois meninos, Rafael e Sergio, a filha mediana, Lizbeth, e Angie. A multidão os empurrava para fora da igreja, em direção ao alpendre, às escadas que conduziam à grama. Sarah viu que no exterior havia uma equipe de televisão com uma câmara e supôs que o funeral da mulher assassinada seria o tema principal das notícias daquela noite. Em contraste com a tristeza reinava, o sol banhava a cena arrancando reflexos dos tetos dos carros, dos cristais das câmaras e das peças de joalheria que levavam os assistentes ao duelo. A cabeleireira loira da repórter, que observava a multidão e que Sarah reconheceu como Hayley Winston, brilhava também sob seus raios. A multidão partiu em duas em torno dela e a sua equipe enquanto avançava caminho do estacionamento, que estava também cheio a transbordar de carros, alguns dos quais tinham arrancado já para integrar-se na comitiva que seguia ao carro fúnebre.

—Angie quer lhe dar algo — disse Rosa Barillas, abrindo a bolsa enquanto se detinham, compondo um desajeitado grupo, não muito longe da equipe de televisão.

A mulher rebuscou em sua bolsa um momento e a seguir extraiu dele um pacote envolto em papel de seda, do tamanho aproximado de um baralho de cartas, que entregou a sua filha—. Vamos — murmurou a Angie, que saiu de detrás de sua mãe e estendeu o pacote a Sarah com um pouco de acanhamento.

—Obrigado — disse a menina a Sarah, lhe mostrando, com suas palavras, o que tão bem a tinha ensinado sua mãe.

Sarah observou também que na cara do Angie, ao igual a da de Rosa, havia rastros de lágrimas.

—Obrigado a você — respondeu-lhe enquanto aceitava o pacote, leve como uma pluma, e se ajoelhou diante da menina para abri-lo. Depois de tirar da fita desfez o pacote e, ao fazê-lo, viu um primoroso anjinho feito de agulha de crochê com um fio branco prateado.

—Aquela noite, você foi como um anjo para ela — disse Rosa.

—É precioso. — Sarah balançou aquele objeto diminuto e delicado na palma de sua mão. Sorriu a Angie—. O guardarei como um tesouro.

—Isso. Aí temos a cena.

Para ouvir aquele murmúrio apenas perceptível, Sarah se voltou de repente.

Procedia da câmara de Canal 5 que acompanhado de Hayley Winston, encontrava-se nesse momento a seu lado com a câmara apoiada no ombro. Era evidente que estava filmando o anjo que Sarah sustentava na mão.

Sarah piscou indignada.

—Sentirá falta da sua amiga Mary? — Hayley Winston apontou com o microfone que levava na mão ao Angie antes que esta pudesse reagir.

—Eu gostaria que não tivesse morrido. Eu gostaria de voltar a vê-la — sussurrou a pequena antes de começar a chorar. A seguir pôs-se a correr.

Desculpando-se com o olhar, Rosa se precipitou atrás dela seguida do resto de seus filhos. Sarah se levantou, olhando zangada a Hayley Winston; mas a mulher e sua prole se afastaram já deles. A câmara voltava a enfocar a repórter, que falava na frente ela.

—Acabamos de assistir ao comovedor final do funeral da Mary Jo White: a pequena Ângela Barillas acaba de dar de presente um anjo à mulher que lhe salvou a vida, a ajudante do interventor do distrito do Condado do Beaufort, Sarah Mason.

Sarah não estava disposta a seguir escutando. Sujeitando delicadamente o anjo na mão, deu meia volta e se dirigiu apressadamente para a família Barillas, que, quando por fim lhes alcançou, apinhava-se no interior de um velho carro.

—Senhora Barillas — disse Sarah, e Rosa, que nesse momento se acomodava no assento do carro enquanto a porta trilha da parte posterior do veículo, onde foram seus filhos, deslizava-se, voltou-se para olhá-la com curiosidade ao mesmo tempo em que estendia seu corpo para agarrar a maçaneta da porta dianteira com intenção de fechá-la—. Eu gostaria que seguissemos em contato — disse-lhe Sarah lhe oferecendo um de seus cartões de visita, que Rosa aceitou—. Se você, ou seus filhos, necessitam algo, não duvide em me chamar.

Rosa olhou o cartão e assentiu com a cabeça.

—Obrigado.

—Mamãe, aqui detrás nos estamos morrendo — gritou um dos meninos (que Sarah supôs era Sergio) atrás e o resto de seus irmãos falou energicamente suas palavras. Rafael, sentado em um dos assentos dianteiros para passageiros, agitou uma mão diante de sua cara e simulou que ofegava.

—Tenho que partir — desculpou-se Rosa.

Sarah assentiu com a cabeça e retrocedeu. Rosa fechou a porta e pôs em marcha o veículo com o que, provavelmente, o ar condicionado começou também a funcionar.

Sarah deu meia volta e se encaminhou para o extremo mais afastado do estacionamento, onde a esperava seu Cintra cozinando-se ao sol. Depois de abrir a porta, entrou no carro, fazendo uma careta de dor quando a parte posterior de suas pernas — que, em deferência ao calor que reinava, estava sem meias por debaixo de seu vestido negro e sem mangas — entraram em contato com seu assento de vinil, que estava ardendo, e colocou o anjo no assento do carona. Depois de arrancar o carro e retroceder na frente o jorro de ar abrasador que saiu pelas aberturas do ar condicionado, apressou-se a baixar os vidros para fazer sair o pior do calor.

A seguir deu marcha ré girou e se dirigiu para o extremo da fila que nesses momentos se encaminhava para o cemitério.

Enquanto esperava a poder entrar nela, seu móvel soou. Sarah o tirou do console que havia entre os assentos e entortou os olhos ao olhar a tela. O sol quase lhe impedia de ler o número...

Surpreendeu-lhe ver que se tratava dele. O número de sua casa. Alguém — que desconhecia, já que o único que estava nela era Cielito e a última vez que o tinha comprovado este seguia sem saber usar o telefone — chamava a seu celular ali.

Sarah o abriu e apertou o botão para responder.

—Diga?

—Quero voltar para casa, mami — choramingou Lexie—. Quero que me cante nossa canção de berço. Por favor, mami, por favor.

Continuando, ouviu o tinido das lastimadas notas do When you wish upon a star...

No telefone.

Capítulo 19

—Jake! Jake! Algo aconteceu! — Jake ouviu Austin dizer pelo celular, enquanto conduzia para casa de Sarah infringindo gravemente o código de circulação.

Austin tinha seguido a Sarah no funeral a certa distância, sem perdê-la de vista, e quando se encontrava uma fila além dela no estacionamento a tinha visto abandonar este, segundo suas próprias palavras, como alma que leva ao diabo. Austin assegurava também que tinha conseguido permanecer a seu lado e vigiá-la sem que ela soubesse. Embora, naqueles momentos, Sarah não era o que se diz, capaz de reparar no que acontecia a seu redor. Jake também tinha assistido ao funeral dos bancos de detrás e tinha apostado algo a que ela tampouco percebera sua presença.

Por sorte, Austin tinha permanecido no interior de seu carro vigiando o Cintra de Sarah e a entrada principal do templo, já que Jake se entreteve uns momentos na sacristia para dar tempo a sua amiga de abandonar a igreja. Agora, enquanto Jake girava o volante e se metia na entrada para carros da casa de sua amiga, Austin lhe fez gestos do interior do Rav 4 verde que tinha estacionado um pouco mais à frente na rua. Ao sair do carro, Jake lhe devolveu a saudação com um gesto da mão, enquanto avançava pelo atalho, a seguir subiu os dois degraus que conduziam ao alpendre de um salto e se dispôs a introduzir a chave na fechadura. O qual, conforme descobriu era desnecessário já que a porta não só não estava fechada com chave, mas também, além disso, estava aberta. Assim que Jake a roçou, girou para dentro.

Mau sinal.

Jake extraiu a Glock da parte posterior de sua cintura e cruzou a soleira.

—Sarah?

Com o coração acelerado e a pistola apontando ao chão, embora alerta para pô-la em posição de disparar logo que fosse necessário, precipitou-se no vestíbulo. Cielito saiu trotando do corredor e o saudou com um latido. Imaginando-se que o cão procedia do lugar onde se encontrava Sarah, Jake se aproximou dele murmurando à seco “bom cão” e sem que o animal o obrigasse a deter-se, o que interpretou como um autêntico progresso em suas relações. A porta do quarto de Sarah estava aberta e antes que pudesse chegar a ela Jake pôde ouvir a misteriosa melodia da caixa de música que tanto lhe tinha encrespado os nervos a primeira vez que a tinha escutado.

When you wish upon a star...

—Sarah? —Jake tinha os músculos tensos e preparados para entrar em ação, e a adrenalina corria em torrentes pelas veias.

Dado que não sabia a ciência certa o que ia se encontrar quando entrasse no dormitório, sentiu-se aliviado ao ver a Sarah ajoelhada no chão, vestida ainda de negro e com a cabeça agachada sobre aquele maldito unicórnio branco e sobre o resto dos brinquedos de Lexie que estavam pulverizados pelo chão. Ao menos, não parecia ferida.

—Por Deus, Sarah — disse-lhe, depois do qual voltou a guardar a pistola na cintura e se aproximou dela.

Sarah elevou os olhos enquanto seu amigo se aproximava dela e sentiu que ele era a única pessoa com a que desejava estar naqueles terríveis momentos. Não havia tornado a vê-lo ou a falar com ele desde que tinha saído de seu apartamento, e durante àquelas horas tinha acabado por aceitar a dor que lhe produzia sua ruptura como mais um em uma vida que, como a sua, estava já

cheia de pesares. Sarah estava acostumada ao sofrimento, tinha aprendido a conviver com ele, a suportá-lo e se havia dito a si mesmo que, com o tempo, se acostumaria também a este. Mas agora que voltava a ter o coração feito pedacinhos se dava conta de que o necessitava. Necessitava-o e queria que estivesse ao seu lado. Por sua mera presença.

—Chamou-me — disse-lhe Sarah por cima da melodia do unicórnio quando ele aconchegou-se a seu lado—. Ao celular. Daqui, de casa. Disseme: “Quero voltar para casa, mami. Quero que me cante nossa canção de berço.” E depois ouvi isto. — Sarah tocou o unicórnio. Apesar a todos os anos que tinham passado, o cabelo do boneco seguia sendo aveludado ao tato—. Lexie adorava esta canção. Cantávamos juntas todas as noites.

A voz lhe quebrou.

—Sarah...

Jake lhe tirou o unicórnio das mãos sem que ela opusesse resistência. Ato seguido endireitou-o com cuidado no chão e a música se deteve. Ao vê-lo ali de pé, Sarah sentiu um calafrio. Lexie o tinha recebido como presente os últimos Natais que tinham passado juntas antes de desaparecer. A partir desse dia, ia à cama com ele e ambas cantavam juntas; aquela canção antes que Sarah colocasse ao bichinho sobre a mesa de noite de Lexie para que cuidasse de sua filha de noite.

Ao recordá-lo, sentiu uma pontada no coração.

Jake estava falando de novo e Sarah fez um esforço para escutá-lo.

—Já sabe que alguém está te apossando. Além de te matar, é possível que o tentassem também quando lhe dispararam, poderia estar tratando de te fazer enlouquecer; e, certamente, este é o melhor modo de consegui-lo. Alguém sabe e está se valendo disso. Isso é tudo. Isto não tem nada que ver com a Lexie, Sarah.

Suas palavras estavam carregadas de sentido comum. Sarah tinha que fazer um esforço para não dobrar-se a elas. Tinha razão, não podia deixar de reconhecê-lo, mas...

—Como podem saber da nossa canção de berço? —Sarah tinha a garganta seca e dolorida por causa dos soluços que se negava a abandoná-la. Os olhos inflamados de lágrimas contidas—. É como o “do Igor”. Como podiam sabê-lo?

No sábado pela tarde, depois de comer com o Duncan, Sarah tinha retornado ao despacho de Jake. Seu amigo não estava ali, mas Pops, Dorothy e Austin seguiam nele repassando as pastas sobre o desaparecimento da Lexie para ver se encontravam a palavra “Igor” mencionada nelas. Sarah tinha unido a eles e, entre todos, havia tornado a olhar todo o material sem encontrar o menor indício do que foram procurando. Mas, tal e como lhe havia dito Pops, lhe recordando tanto ao Jake ao fazê-lo que Sarah não tinha podido impedir que lhe encolhesse o coração ao escutá-lo, era muito possível que houvesse outras gravações, outras pastas no resto de agências que tinham participado da busca da Lexie. O FBI, por exemplo, devia contar com as suas, assim como o departamento de polícia do Beaufort ou o Centro para Meninos Desaparecidos e em todas elas podia haver documentos que não se encontravam entre as que tinham Jake arquivadas. “Nesses documentos não tinha nenhuma alguma referência ao Igor”. Tal e como tinha afirmado Pops, o fato de que não a tivessem encontrado não significava, necessariamente, que a informação não existisse.

Mas Sarah se negava a acreditar nisto.

—Não sei querida. —A voz de Jake soava áspera por causa da compaixão que sentia por sua amiga—. Alguém sabe, pode estar segura, e descobriremos quem é.

Prometo-lhe isso. Faremos todo o possível.

—Era a voz de Lexie — insistiu ela sem poder conter-se—. Sei que é impossível, mas... Era sua voz. Sua vozinha doce de menina de cinco anos. Juro-lhe isso.

A voz lhe quebrou, igual a sua resistência. Sarah se voltou para ele, cega pela dor, e Jake a abraçou, estreitando-a contra seu corpo. Ao encontrar-se de novo entre seus braços se sentiu tão segura, tão tranquila e tão reconfortada que, sem poder deixar de compará-lo com um acolhedor lar, rodeou-lhe o pescoço com seus braços, apoiou a cabeça em seu ombro e se aferrou a ele como se não tivesse intenção de soltá-lo.

Mas não gritou. Negou-se a fazê-lo. Sabia que Jake tinha razão, que alguém estava fazendo aquilo deliberadamente para fazê-la sucumbir ao pranto, ao oceano de dor, desespero e angústia que aqueles desprezíveis atos tinham despertado de novo, de forma que se gritava lhe concedia a vitória.

O qual não impediu que ficasse a tremer como uma folha da cabeça aos pés. Nem que seu coração pulsasse enlouquecido ou que seu estômago se retorcesse ou que ofegasse ao respirar.

—Sarah — disse-lhe ele e acrescentou—: Esta tudo bem. —Isso foi o que lhe disse. Coisas das que ela só percebia o reconfortante som que produziam ao ser pronunciado. Coisas que eram insignificantes, difíceis de recordar, exceto pela familiar gravidade que tinha o timbre de sua voz quando as dizia.

—Tenho que chamar à polícia — disse Sarah ao final de uns minutos, sem surpreender-se de que sua voz soasse diferente do habitual.

—Eu o farei. De meu celular. Se alguém te chamou desde esta casa tem que haver digital no telefone da cozinha ou do dormitório em algum deles.

Sarah sentiu um pequeno raio de esperança — os rastros digitais podiam identificar ao autor da chamada — e assentiu com a cabeça. Jake se levantou e obrigou a Sarah a fazê-lo com ele. Ela permaneceu obstinada ao seu amigo por uns instantes, tirando forças de seu corpo, absorvendo o calor que emanava de sua pele, fazendo o possível por deixar de tremer. Quando por fim o conseguiu, apertou os dentes, ergueu-se e se separou dele, de seus braços, e se dirigiu à sala onde se deixou cair sobre a cadeira de couro antes que seus joelhos cedessem. Jake a seguiu até o vestíbulo e se deteve onde ela pudesse vê-lo enquanto falava no seu celular. Sarah percebeu então de que ia vestido com um traje de jaqueta escuro e uma gravata e se perguntou onde teria estado.

Passado um momento, alguns agentes chegaram na casa, seguidos a pouca distância de Sexton e Kelso, a quem Sarah tinha insistido em chamar dado que eles estavam já a par da história. Ambos eram bons profissionais, sabiam fazer seu trabalho e, se guardavam algum tipo de rancor pelo caso Stumbo, não o demonstravam. Quando a polícia saiu de novo da casa, eram mais de oito. Sarah havia tornado a sentar na cadeira com o Cielito a seus pés para não ver como os brinquedos de Lexie eram cobertos com o pó que permitia detectar os rastros digitais, igual aos dois telefones, as portas e qualquer outra superfície que, em opinião dos agentes, pudesse ter sido tocada pelo intruso. Do mesmo modo, tomaram declaração de Sarah, falaram com o Jake, assegurou-se que a única cópia da chave de casa de Sarah era a que tinha ele, perguntaram aos vizinhos para ver se

alguém tinha visto algo, e menearam a cabeça com cepticismo. Ninguém se atrevia a dizê-lo, mas Sarah podia adivinhar por seus semblantes o que estavam pensando: na casa não faltava nada, não havia vestígios de que alguém tivesse arrombado nela à força, e tanto Sarah como seus pertences pessoais não tinham sofrido dano algum.

Aquele não era, certamente, um assunto de máxima prioridade.

Quando partiram, Jake, que os tinha observado enquanto se afastavam, voltou para a sala e ficou de pé na frente dela com as mãos apoiadas nos quadris.

—Agora vem para casa comigo — disse-lhe, enquanto Sarah elevava os olhos hesitantes—. Não penso em te deixar aqui. Se alguém entrou, consegui esquivar ao Cielito e que fez essa chamada daqui pode voltar a tentá-lo. Em casa não está segura.

Sarah o olhou sem pronunciar palavra. Continuando, assentiu com a cabeça e, quando lhe estendeu a mão, permitiu-lhe que a ajudasse a levantar-se. Jake tinha razão, não podia deixar de reconhecê-lo e, em qualquer caso, passar a noite anterior ali com a única companhia do Cielito tinha sido uma espécie de pesadelo. A sombra de Lexie estava por toda parte e não poderia tirar da cabeça a ideia de que alguém podia estar espreitando-a fora, à espera que ela dormisse para poder deslizar-se no interior da casa. Ao não poder permanecer na cama, levou um almofadão e um lençol ao sofá, onde afinal ficou meio dormida enquanto via a televisão. E não tinha vontade de repetir a experiência. Especialmente agora, depois do que tinha passado.

Agora, que nem sequer se sentia a salvo em sua própria casa.

—Os rastros digitais que tomaram... Quando saberão a quem pertencem?

—Levará algum tempo — disse-lhe Jake, confirmando o que Sarah já sabia—.

Falarei com alguém para ver se podem acelerar as coisas.

Seus olhares se cruzaram. Sarah podia ler no de seu amigo o que este estava pensando, tão claro como se o tivesse pronunciado em voz alta: “Quem quer que tenha feito isto não é tão estúpido para deixar rastros.”

—Pode ser que não, mas nunca se sabe.

A expressão de Jake lhe disse que ambos concordavam nisso.

—Não acha que possa ser Lexie, verdade? De que maneira? Como pode ter feito essas chamadas? —Sarah não tinha podido conter-se. A ideia se instalou já em seu coração e não tinha intenção de abandoná-la.

Os olhos de Jake se escureceram.

—Não vejo como.

—Não. — Sarah fez o possível por aferrar-se aquela impossível esperança.

Inspirou profundamente—. Necessitarei algumas coisas — acrescentou, recordando que no dia seguinte era segunda-feira e que, acontecesse o que acontecesse, ela ia trabalhar.

Jake esperou que Sarah agarrasse o que fazia falta, e a seguir o meteu em seu carro. Sarah o seguiu com o Cielito, e, enquanto introduzia a este no assento posterior do carro, pareceu vacilar.

—Necessito do carro — disse—. Para amanhã pela manhã.

Jake observou sua cara.

—Acha que pode dirigir?

Sarah assentiu com a cabeça.

—Está bem, te seguirei.

Quando, pouco depois, chegavam ao edifício e Sarah entrava no estacionamento, o sol se afundava já no horizonte em meio de um resplendor de rosas, morados e laranjas. Por cima da enseada que havia detrás da casa, o céu estava adquirindo uma escura tonalidade índigo e um coro de rãs coaxava não muito longe de ali. Os mosquitos se preparavam já para o ataque e os vagalumes brilhavam intermitentemente como se fossem luzes de Natal. A vaporosa reverberação do dia cedia passo ao agradável calor de uma abafadilha noite do verão. Sarah agarrou o anjinho de agulha de crochê que seguia no assento do co-piloto, colocou-o com cuidado na pequena bolsa negra que tinha recuperado do alto de seu armário para substituir ao que a polícia seguia conservando como prova, e saiu do carro. Abriu a porta traseira para fazer sair ao Cielito e ato seguido ficou escutando o zumbido dos insetos e os chapinhar que procediam da água, enquanto Jake estacionava o Acura ao seu lado.

—Encomendarei uma pizza — disse-lhe este ao chegar junto a ela. Sarah lhe fez uma careta ao ouvir suas palavras. Jake lhe sorriu sem dar mostra alguma de arrependimento, aquela era a típica comida lixo que estava acostumado a engolir seu amigo, e de repente Sarah sentiu que sua relação quase voltava a ser a de antes—.

O que não acabo de entender é o desse maldito cão — disse-lhe Jake, enquanto subia atrás de Cielito e dela pelas escadas. Como é possível que não lhes fizesse nada? Há alguém que goste em especial? Um veterinário ou algo pelo estilo? Uma pessoa que lhe dá de comer? Um entregador de pizza? Alguém em particular?

Sarah não necessitou muito tempo para responder.

—Não. — Cielito e ela acabavam de chegar ao patamar do terceiro piso e Sarah lhe respondeu voltando a cabeça—. Que eu saiba, não. Ao menos não o suficiente para permitir que entrassem na casa.

—Deveria ter comido a esse tipo a dentadas.

Ao ouvir o tom meditativo que empregava ao dizer aquelas palavras, Sarah percebeu que Jake estava falando consigo mesmo e entrou sem lhe responder no apartamento. Jake a seguiu, enquanto tirava algo de debaixo da jaqueta. Sarah abriu os olhos desmesuradamente ao ver que se tratava de uma pistola. “Por minha causa”, pensou enquanto ele a metia na gaveta da mesa que havia junto do sofá. O fato de que Jake tivesse pego de novo a arma lhe indicava até que ponto considerava que ela podia correr perigo.

Em seu desespero por seguir aquele novo rastro que podia conduzi-la até Lexie, quase se tinha esquecido daquilo.

—Pode-se saber onde estiveste? —perguntou-lhe depois de alguns uns minutos.

Sarah tinha deixado cair sobre o sofá ao mesmo tempo em que ele abria as cortinas, e agora o observava enquanto, de pé junto à mesa, tirava-se a jaqueta e a gravata. Cielito dormia junto à mesa baixa que havia diante do sofá. Apesar de que Sarah seguia sendo presa de uma grande agitação e se sentia frágil e abatida, isso não impediu que experimentasse certa excitação ao olhá-lo. Aquela sensação a pilhou por surpresa e lhe fez envergonhar-se ligeiramente. Porque ele seguia

sendo Jake, seu melhor amigo, mas agora havia algo novo entre eles, uma estranha vibração que podia sentir flutuando no ar, e que fazia que ela o olhasse com novos olhos. Sarah não pôde deixar de notar a largura de seus ombros por debaixo de sua camisa, ou o robusto que era. Tão somente dois dias antes não se teria precavido da forte masculinidade que emanava de seus traços. E não se haveria sentido incômoda em frente à ideia de passar a noite em seu apartamento.

Mas agora sim.

Se Jake sentia o mesmo tipo de confusão que ela, não o demonstrava absolutamente. Depois de deixar ambas as roupas sobre uma das cadeiras, olhou-a irônico.

—Em um funeral.

Sarah piscou surpreendida.

—Em um funeral? —A única resposta que lhe ocorria era abrir os olhos desmesuradamente —. No funeral da Mary?

Jake assentiu com a cabeça. Desabotoou os punhos da camisa e a seguir a arregaçou por cima dos cotovelos. Sarah se assombrou uma vez mais de si mesma quando não pôde deixar de reparar nos fortes e morenos que eram seus antebraços e em quão grandes eram suas mãos, dotadas de uns dedos muito compridos, e inequivocamente masculinos.

Bom, aqueles eram detalhes que não se podiam passar por cima. Em sua vida não havia espaço para um noivo, ou para um amante. Mas, tratando-se de Jake... Nesse caso, sim. Necessitava-o. Durante aqueles dois dias Sarah tinha podido comprovar até que ponto ele era importante para ela. Indispensável. Ao pensar que ele podia ter saído de sua vida, esta lhe tinha parecido a Sarah, vazia e sombria. O que queria agora era cancelar o sexo de sua relação, apagar aquela noite de suas lembranças, e recuperá-lo como o que era antes, seu melhor amigo.

—Não te vi — disse-lhe, apartando resolvida de sua mente todo aquilo que fosse além da mera amizade.

—Estive ali.

Então Sarah se deu conta. Alterou-se tanto que só agora se precavia de que seu amigo se apresentou em sua casa com um misterioso sentido da oportunidade.

—Como soube de que... De que me tinha acontecido algo? —De que ela o necessitava, queria dizer na realidade, só que não o fez, porque isso implicava avançar muito na complicada natureza de sua relação e nesses precisos momentos não se sentia preparada para isso.

O sentimento de culpabilidade que deixava transluzir seu amigo lhe ajudou a adivinhá-lo.

—Estava-me seguindo — espetou-lhe em tom acusador e dando amostras de uma leve indignação. Não excessiva, entretanto, já que era inegável que se havia sentido aliviada ao vê-lo. Mas mesmo assim...

—A verdade é que quem te seguia nesse momento era Austin. Ele me chamou.

Sarah compreendeu então o que tinha acontecido e olhou a seu amigo entreabrindo os olhos. Sentiu vontades de esbofetear-lhe ao pensar na terrível noite que tinha passado tensa, nervosa e a ponto de saltar ao mínimo ruído que tinha estado. Teria que haver-se dado conta. Se tivesse sido capaz de pensar com normalidade o teria conseguido. Já que, depois de tudo, desde quando conhecia o Jake?

Ele não era o tipo de homem que se dá por vencido e abandona.

—Posso saber quem esteve vigiando ontem à noite minha casa? —perguntou-lhe com secura.

Jake tinha o olhar de quem está considerando a possibilidade de contar uma mentira. Quando seus olhos se cruzaram com os de Sarah, exalou um suspiro.

—Eu estive na parte posterior, menos mal que sua cerca impedia que os vizinhos me vissem ou um deles poderia ter chamado à polícia. Dave estava postado na parte dianteira.

Antes que Sarah pudesse acrescentar nada, soou o timbre da porta e Jake foi abrir.

“Salva pela pizza” pensou Sarah, mas dado que lhe reconfortava pensar que Jake tinha estado vigiando-a apesar de que nesse momento estivessem zangados, deu por resolvido o tema.

Quando acabou a pizza — ele, melhor dizendo, e dado que ela não tinha nada de fome, quando ele acabou a pizza—, os olhos lhe fechavam de sono. Com os cotovelos sobre a mesa e a cara apoiada nas mãos, Sarah fazia quanto podia para manter-se erguida na cadeira. Só que sabia que se fosse para a cama não dormiria.

Em sonhos se sentia atendida por uns monstros indefinidos que logo que podia distinguir.

—Vou tirar o cão — disse-lhe Jake enquanto ficava de pé—. Vá para cama.

Sarah o olhou piscando. Jake ficou a recolher os restos de comida e, ao agarrar a caixa da pizza, olhou com severidade a parte de bolo que ela mal havia tocado.

—Tem que comer mais — disse.

—Sei. — Sarah inspirou profundamente e chamou o Cielito.

O cão apareceu e se aproximou chiando os dentes aos pés de Jake. O problema era, pensou Sarah, que se tratava de seu amigo, e ela conhecia muito bem seu modo de raciocinar. Jake recordava o que tinha acontecido entre eles tão bem como ela.

O fato permanecia ali, entre os dois, inadvertido, mas impossível de esquecer.

Sarah se deu conta de que o único modo de superá-lo era abordar a questão diretamente. Agarrar o touro pelos chifres, por dizê-lo de algum modo. Levantar a lebre.

—Jake.

—Sim? —Jake apoiou a caixa no chão para o Cielito, quem imediatamente ficou a devorar o conteúdo da mesma com a ânsia própria de um cão cuja dieta mais frequente não está acostumada incluir a pizza, e se ergueu para olhar a sua amiga com curiosidade ao ver que esta não prosseguia.

Venha, tinha que falar. Era ridículo ficar tímida com o Jake.

—Obrigado por impedir que o que... —Sarah tratou por todos os meios de encontrar o melhor modo de chamar a aquilo, e ao final se decidiu pelo eufemismo mais covarde que podia ter encontrado—... Aconteceu entre nós arruíne nossa amizade.

—O que aconteceu? —repetiu ele fazendo de parvo e arqueando as sobrancelhas como se não alcançasse a compreender o que queria dizer sua amiga.

Mas Sarah não o olhou. Jake sabia de sobra a que se referia, não lhe cabia a menor dúvida.

—Sim — disse entrecerrando os olhos.

—Não te estará referindo ao fato de que nos deitássemos juntos?

“Que delicadeza.”

—Sabe que sim.

—Oh — disse—. Bom, tão somente pretendia me assegurar. — E então, quando o olhar irado que lhe lançou deveria lhe haver feito retroceder envergonhada, seus olhos faiscaram—. De nada.

Sarah o olhou de soslaio.

—Estúpido — disse-lhe, mas sem alterar-se.

Jake lhe sorriu zombador, e de repente as coisas entre eles voltaram a ser como sempre, e Sarah sentiu que a tensão que lhe tinha estado retorcendo o estômago até esse momento desaparecia. Jake tinha razão, tinha que tê-la, o que acontecia era que a estavam acoossando da maneira mais perversa, nada mais, e ela sobreviveria a isso ao igual a tinha sobrevivido a todo o resto.

“O que não me mata me faz mais forte: palavras que ajudavam a viver.”

—Vá para a cama, Sarah — voltou-lhe a dizer Jake, e saiu com o Cielito.

Sarah foi dormir, exausta por causa das emoções e os acontecimentos que tinham tido lugar durante os últimos dias, e, em caso de que tivesse algum pesadelo, esta não despertou e quando se levantou pela manhã não recordava nada.

Talvez tinha que agradecer-lhe ao pequeno anjo de crochê que Angie Barillas lhe tinha dado e que ela tinha colocado sobre sua mesa antes de ir dormir. Enquanto apagava a luz, Sarah tinha tido a impressão de que dele emanava um pequeno resplendor e se ficou dormida olhando-o.

Talvez tivesse velado seus sonhos durante a noite.

Capítulo 20

—Faz anos que Lexie desapareceu. Por que estão acontecendo estas coisas precisamente agora? Algo tem que havê-las precipitado — disse Jake ao Pops.

Eram pouco mais das sete e meia da manhã. Jake, rebocando ao Cielito, acabava de retornar de dar um passeio com este, coisa que parecia estar convertendo-se já em costume, quando Pops fez rugir sua moto. Jake quase se estremeceu ao vê-lo: no sábado pela manhã, depois de sair do edifício pensando em tudo aquilo que tinha que fazer durante o dia, Jake se tinha precavido, ao ver que seu carro faltava na garagem, de que não tinha meio de deslocamento. Pops se tinha devotado para levá-

lo com sua moto a recolher o carro, um trajeto que lhe tinha arrepiado o cabelo e que Jake se prometeu não repetir jamais, salvo em caso de pena de morte (a sua).

“Pops entrou também, com ele enquanto Jake se referia a chamada de Lexie” que Sarah tinha recebido no dia anterior.

—Não esqueça que foi promovida no trabalho — comentou Pops.

A camiseta daquele dia era a da última excursão dos Stones: uns lábios grandes e vermelhos com a língua pendurando. Se a isso se acrescentavam os jeans, as botas e a calva reluzente, Pops era uma vez mais a viva imagem de um tipo na moda.

—Isso já faz três meses. —Jake fechou cuidadosamente a porta a suas costas.

Depois da topada que Cielito tinha tido com Molly, Jake procurava tirar o cão só pela parte dianteira da casa—. Perguntei a Sarah, mas a ela não lhe ocorre quem pode querer lhe fazer algum mal.

O problema, na hora de discutir com sua amiga sobre aquilo, é que ambos o faziam desde duas perspectivas diferentes: Jake procurava a alguém que tratasse de prejudicar a Sarah, enquanto que esta tentava elucidar quem tinha raptado a Lexie. E ambas as linhas de investigação não necessariamente se cruzavam. Jake pensava que quem quer que esteja atormentando a Sarah podia não ter nada que ver com o desaparecimento da menina e que, simplesmente, estava-se valendo daquilo para tirá-la do sério. Na opinião de Sarah, em troca, todos os caminhos conduziam a Lexie. Tão simples assim.

—Algum enfrentamento com alguém ou algo semelhante?

Jake negou com a cabeça.

—Nada que ela possa recordar, em qualquer caso.

Ambos se encontravam já no despacho principal do piso debaixo. Pops se deixou cair sobre a cadeira de Dorothy enquanto que Jake, com o Cielito a seu lado, controlava que a dupla porta de cristal estivesse fechada firmemente. Assim era. O terraço estava, além disso, livre de jacarés e o sol que nesse momento começava a subir do canal pelo céu azul era tão redondo e amarelo como uma gema de ovo. Há essas horas já fazia calor, e a perspectiva era que fizesse ainda mais, enquanto que a umidade ia se espessando como um molho ao cozer no fogo. Como qualquer outra manhã de agosto, a situação era de status quo, excetuando o fato de que alguém alheio a eles odiava a Sarah o suficiente para lhe infligir à tortura mais cruel que ela podia suportar. E talvez a odiasse até o ponto de querer matá-la.

Jake estava disposto a encontrá-lo, ainda que isso lhe levasse toda a vida.

—Talvez se engane procurando a razão no passado — disse Pops, pensando enquanto balançava para trás na cadeira. Pode ser que o que tenha encolerizado a esse indivíduo não seja algo que já aconteceu a não ser algo que esteja a ponto de acontecer. Esse tipo, quem quer que seja, está tratando de impedir que Sarah faça algo, consiga algo, ou tome parte em algo, não sei.

—Já pensei nisso. — Jake se separou da janela e olhou a seu avô—. E também tenho feito algumas averiguações a respeito. O problema é que agora está metida em um montão de coisas. A mais importante delas é o caso Helitzer. Mas logo está também a acusação de violação contra esses dois policiais. Se por acaso fosse pouco, anda deste modo detrás de um par de assaltantes de bancos, um importante traficante de drogas com o que se nega a chegar a um acordo, um professor acusado de manter relações sexuais com um menor e, bom..., a lista é interminável.

Além disso, está nessa aula de Mulheres Contra as Agressões Sexuais em que ajuda o que constitui um novo grupo de pessoas a considerar. Logo terá que pensar na gente com a que trabalha, não sei, talvez haja alguém que queira desfazer-se dela por algum motivo. As possibilidades são tantas que é como procurar uma agulha em um palheiro.

—Em qualquer caso, seja quem for, sabe perfeitamente que o melhor modo de feri-la é através dessa menina — disse Pops—. O que reduz algo a lista. O desaparecimento da Lexie aconteceu faz sete anos, muito dessa gente pode ser que nem sequer saiba que ela tinha uma filha.

Jake negou com a cabeça.

—Não acredito que isso mude as coisas. Naquela época, fez-se muita publicidade sobre o caso. E é fácil encontrar dados sobre o desaparecimento. Basta procurar no Google.

—Google? —perguntou Pops com o desdém próprio de alguém para quem Internet segue sendo um mistério—. Que demônios é isso? Diga-me, que tipo de mundo é este no que basta teclar um nome para...?

O ruído de uns passos que desciam brandamente pelas escadas o interrompeu e lhe fez girar os olhos naquela direção. Jake se voltou também. Cielito, que até esse momento tinha permanecido convexo olhando com nostalgia pelo vidro, elevou a cabeça, olhou ao redor e, continuando, ficou de pé. Pouco instante depois, Sarah, vestida com um traje de jaqueta solta cinza escuro, uma camisa de seda branca e um par de sapatos de plataforma (uma absoluta carência de atrativo de sua indumentária não fez a não ser confirmar a Jake a opinião que este já tinha sobre seu modo de vestir) apareceu de repente a caminho, claramente, da entrada.

Tinha dormido placidamente a noite anterior — Jake sabia por que ele mesmo tinha ido comprovar várias vezes—, seguia estando pálida e parecia cansada... A palavra que com toda probabilidade Jake lhe teria aplicado para descrevê-la era acoitada. Apesar disso, estava preciosa e Jake não pôde impedir que o coração lhe desse um salto ao olhá-la.

“Idiota”, disse-se a si mesmo. Porque isso era o que pensava em privado sobre os homens que perseguiam as mulheres que os rechaçavam. Jake tinha conhecido uma multidão deles durante seu trabalho como detetive privado, homens que estavam a ponto de divorciar-se e que seguiam apaixonados por suas mulheres, homens que logo que podiam acreditar que a macacada a que faziam carinhos estava por cima de suas possibilidades econômicas, ou que, simplesmente, dedicava-se a fazer carinhos a outro, todo tipo de imbecil que se encasquetava em mulheres que,

conforme pensavam, eram delas. A quem Jake teria encantado lhes dizer que o mar estava cheio de peixes. Que bastava soltar à presa e procurar outra.

E agora, aquela falta de compreensão e sentido da camaradagem voltava a irritá-lo.

Embora fosse certo que o mar estava cheio de peixes, ele só desejava um.

“É minha”, pensou enquanto Sarah se detinha na soleira e lhe dedicava um rápido sorriso. “E não só é minha melhor amiga.”

Mas ela não parecia lhe oferecer mais.

—Eh — disse-lhe ela—. Obrigado por tirar o Cielito.

—De nada. — Jake olhou ao cão, quem permanecia a seu lado olhando esperançoso a sua ama. O problema era que Sarah não o podia tirar por si mesmo já que corria o risco de que lhe disparassem. E, embora aquela possibilidade se fosse reduzindo à medida que passavam os dias, Jake não tinha vontade de correr nenhum risco. O qual significava que ele e Cielito estavam condenados a converter-se em unha e carne—. Acredito que começamos a nos dar bem. Nem sequer grunhe.

—Já te disse que acabaria tendo carinho — respondeu-lhe sua amiga olhando ao Pops—. Olá, Pops — acrescentou enquanto entrava na habitação e acariciava a cabeça do Cielito.

—Bom dia, Sarah. Aonde vai tão cedo?

—Ao trabalho — respondeu-lhe ela, posando os olhos em Jake. Sua atitude demonstrava que não estava disposta a deixar-se vencer pelas circunstâncias, e Jake a admirava por isso—. Acabou de interrogar às testemunhas do caso Helitzer?

—Sim, e não encontramos nada de interessante. Charlie te entregará o relatório esta manhã.

—Estupendo. E você? Te verei hoje?

—É provável. —”É óbvio”. Ninguém me poderá impedir isso, pensou Jake, mas se absteve de dizê-lo. Em lugar disso, olhou-a carrancudo—. Espero que te limite a ir ao despacho e ao tribunal, de acordo? Não me traga coisas raras para casa.

—Prometo-lhe isso — tranquilizou-lhe Sarah, porque ambos tinham falado já sobre as precauções que esta devia tomar enquanto aquele assunto seguisse por resolver. Jake não lhe disse que, apesar de que lhe tinha assegurado que não o faria, tinha pensado fazer que alguém a seguisse durante o dia—. Tenho que partir.

Vemo-nos logo — acrescentou enquanto se dispunha a sair.

—Até mais tarde.

—Adeus, Pops.

—Adeus, Sarah.

Quando se encontrava já a ponto de entrar de novo na recepção, Sarah voltou à cabeça para olhar ao Jake.

—Por certo, quem tem pensado que me vai seguir hoje? Digo-o para saber a quem procurar.

Era evidente que sua amiga o conhecia como a palma de sua mão. Jake não pôde deixar sorrir.

—Esta manhã o fará Charlie, já que, de todas as formas, tem que passar por seu escritório.

—Lhe diga que o mais provável é que me pare a tomar um café — disse Sarah.

Ato seguido partiu. Suas pegadas ficaram afogadas pelo carpete e, ao sair, fechou a porta com cuidado.

Jake só se deu conta de que seguia sorrindo como um idiota ao encontrar-se com o malicioso olhar de seu avô.

—O que? — perguntou-lhe, enquanto seu sorriso se desvanecia.

—Nada. — Pops encolheu os ombros—. Nada novo, ao menos. Por todos os demônios, companheiro, eu supus que estava apaixonado por ela ao ver como enfrentava a esse jacaré.

—Eu não... —começou a dizer Jake, mas se interrompeu ao ver chegar a Dorothy.

A secretária, que luzia um veraneio vestido amarelo pálido, entrou ruidosamente no despacho, saudou-o inclinando a cabeça, lançou um olhar de desaprovação ao Cielito e ignorou olímpicamente a Pops, que tinha se apressado a lhe deixar livre a cadeira.

—Vi Sarah ao entrar — disse, colocando a bolsa sob a mesa e alisando-a saia para sentar-se na cadeira que Pops acabava de abandonar—. Essa pobre garota parece exausta. Necessita de umas férias. Sabe que Charlie a está seguindo?

Porque me pareceu ver como o saudava com a mão.

—Sabe — assentiu Jake.

—Pelo visto, a nosso companheiro custa manter as coisas em segredo. —Pops se aproximou de Jake.

Quando Jake se dispunha a lhe replicar, Dorothy interveio.

—Falando de manter as coisas em segredo — disse com o olhar cravado no Pops com expressão de crescente irritação—, pode me explicar que norma da empresa impede que os empregados saiam juntos? Porque tem quarenta anos que trabalho aqui, e quando Dave me contou dessa regra, bom, quão único pude dizer foi que era a primeira vez que ouvia falar dela.

Pops parecia envergonhado. Seus olhos pousaram em seu neto com um olhar que Jake, graças a inumeráveis anos de experiência, soube interpretar como: “Ajuda, necessito que me jogue um cabo.”

—Jake...

—Eu não tenho nada que ver com isso — disse Jake elevando uma mão—. Isso...

... assunto seu. Esteve a ponto de dizer, só que o interrompeu... O timbre de celular. Depois de extraí-lo de seu bolso, controlou a tela, franziu o cenho e se separou deles para responder.

—Olá... Isto... Sou Doris Linker. —Enquanto Jake tratava de recordar aquele nome, a pessoa que chamava se identificou—. Eh... A irmã do Maurice Johnson. Você nos disse que nos pagaria mil dólares se lhe avisássemos logo que Maurice acordasse. Bom, pois acaba de fazê-lo.

—Como pode ser senhorita Letts, que você tenha tido quase um ano para preparar este caso, a senhora Mason tenha tido... Quanto... Três, quatro meses... E ela já esteja pronta para iniciar o processo e você não?

Sarah tratou de que não se notasse até que ponto estava desfrutando com a azeda reprimenda que o juiz Schwartzman jogava em Pat Letts, quem aquele dia se apresentou ao tribunal com um

traje vermelho suficientemente sugestivo para despertar a inveja de Sarah. Não obstante, não estava causando no juiz a reação que a advogada tinha esperado. Ou talvez sim, só que os dois jornalistas que rabiscavam em seus cadernos na parte posterior da sala estavam atuando como antídoto. Em qualquer caso, as coisas não foram de vento em popa para a defesa.

Letts parecia coibida, mas não demorou a recuperar-se com admirável sangue-frio.

—O caso é tão complexo, senhoria, que...

—Não diga senhorita Letts. Levo já muitos anos de magistrado como para não reconhecer uma tática de atraso por muito que me argumentem contra. —O juiz a olhou franzindo o sobreceño. Continuando, enquanto Sarah fazia o possível por não sorrir e Pat Letts por não parecer abatida, o juiz Schwartzman se inclinou para elas e lhes dirigiu um olhar severo detrás de suas lentes—. Recordo às duas que o julgamento preliminar começa na quarta-feira que vem. Não quero mais atrasos.

Proposta negada.

Ato seguido deu um golpe com seu martelo, levantou-se e abandonou a plataforma, sacudindo sua túnica negra ao pôr-se a andar. A bandeira dos Estados Unidos e a do estado da Carolina do Sul, que se encontravam detrás da plataforma, agitaram-se a seu passo. O oficial se dirigiu para o taquígrafo, que se balançava para trás em sua cadeira, e um murmúrio percorreu a sala indicando que tinha chegado à hora de comer. Sarah exalou um silencioso suspiro de alívio. Aquele dia não se sentia no máximo de suas forças, era consciente, e, além disso, não podia tirar da cabeça a chamada de Lexie, ou de quem quer que fosse. Mas não ia permitir que aquilo lhe alterasse, bom, não na medida em que pudesse evitá-lo. Estava ali para fazer seu trabalho, para brigar em favor das vítimas por cuja defesa lhe pagavam, e tudo isso sem retroceder. Embora lhe custasse um esforço enorme manter o controle de si mesma, estava conseguindo, e isso era o que contava.

—Pedaço de merda — murmurou Letts entre dentes, enquanto ela e Sarah se encaminhavam a recolher seus pertences da mesa dos letrados.

Sarah olhou-a surpreendida. Mas se pensava que aquele à parte tão pouco profissional ia trocar suas relações com a defesa se equivocava já que Letts, depois de agarrar sua bolsa e suas pastas, saiu dando passadas na sala limitando-se a olhar a Sarah com único gesto de despedida. Uma ajudante da advogada, uma jovem a quem Sarah não conhecia, pôs-se a correr atrás dela. Aquele dia Helitzer não tinha aparecido na sala, coisa que Sarah não pôde deixar de agradecer.

—Foi incrivelmente fácil — disse Duncan em voz baixa ao chegar junto a Sarah.

Dado que uma vez que começasse o processo este ia colaborar com a Sarah na acusação, sua presença na sala aquele dia estava mais que justificada. Mesmo assim, e dado que o escritório do interventor do distrito estava virtualmente cheio de trabalho, esta procurava mandar a um só de seus membros quando se tratava de assuntos menores como a audiência daquele dia. Por isso Sarah se surpreendeu ao ver aparecer Duncan dois minutos antes que se iniciasse.

—O que está fazendo aqui? — perguntou-lhe.

Duncan caminhava a seu lado pelo corredor enquanto a sala se ia esvaziando ao seu redor. Os jornalistas que tinham estado sentados nos bancos do fundo se partiram já.

—Morrison disse que viesse. — Duncan se encolheu de ombros—. Pergunte a ele, eu não sei nada.

Sarah pensou que o faria, por descontado. Logo que chegasse ao escritório. Toda a segunda-feira, às três da tarde, celebrava-se uma reunião em que todos os empregados eram obrigados a assistir. Aquele dia era segunda-feira, de forma que Morrison estaria no escritório.

Ambos empurraram de uma vez a porta que dava acesso à sala.

Letts estava apoiada contra a parede revestida de madeira escura que havia perto das escadas e nesse momento falava por telefone. Apesar de que a multidão que se arrastava pelo corredor os separava, seu vestido de mulher fatal destacava como um rubi em um montão de cascalho, por isso era impossível não vê-la. Sarah se imaginou que devia estar contando a alguém o acontecido durante a audiência: a um de seus sócios ou ao mesmíssimo Mitchell Helitzer.

—Quer comer algo? —perguntou-lhe Duncan, enquanto desciam juntos pelas escadas.

Sarah o olhou de soslaio. Duncan lhe sorria, enrugando ao fazê-lo as comissuras dos olhos com um ar de menino bom que, Sarah estava segura, muitas mulheres teriam considerado enormemente atrativo. Sarah gostava de Duncan, ambos trabalhavam muito bem juntos e a comida que tinham compartilhado na sábado anterior tinha sido tão amistosa como produtiva. Mesmo assim, algo em sua maneira do comportar-se fazia pensar que talvez Jake tivesse razão: pode ser que seu interesse para ela fosse além do estritamente profissional. E Sarah não estava disposta a estimulá-lo.

Tal e como lhe havia dito antes, ela não se citava com ninguém.

—Obrigado, mas tenho que trabalhar — respondeu-lhe sem faltar à verdade.

Duncan assentiu com a cabeça. Ao chegar ao primeiro andar se separaram e, enquanto que ele se encaminhava para os detectores de metais, Sarah se dirigia ao banheiro de senhoras. Depois de acabar de lavar as mãos, e enquanto se dispunha já a abrir a porta do asseio para voltar a sair, Letts entrou nele.

Seus ombros quase chocaram ao fazê-lo. A advogada se deteve e a fulminou com o olhar.

—Quero que saiba que meu cliente é inocente — disse a Sarah—. E que vou desfrutar provando-o na frente do jurado.

—Sabe? O problema é que ambas temos uma percepção muito diferente dos fatos. —Sarah lhe dedicou um frio e breve sorriso—. Acredito que seu cliente é culpado, vá que seja, e vou desfrutar cravando seu cu na parede.

Empurrou a porta e saiu ao vestíbulo.

—Eu adoro quando te expressa com essa vulgaridade — disse Jake ao ouvido.

Sarah deu meia volta e viu que lhe sorria com ironia. Era evidente que tinha presenciado a contenda que acabava de ter com a advogada. A quem te estava dedicando a aporrinhar?

Sarah o disse.

—O que faz você aqui? —acrescentou ato seguido.

—Lhe direi isso enquanto comemos. Está livre?

—Para ti? É óbvio — disse ela—, mas só poderei te dedicar uns quarenta e cinco minutos.

—Isso será mais que suficiente.

Jake a agarrou por um braço e a arrastou para os detectores de metais. Jake usava posta uma

jaqueta de verão marrom e um par de calças azul marinho, uma camisa branca e uma gravata também azul. A Sarah bastou olhá-lo para que a tensão que se enrolou ao redor de seu pescoço desaparecesse.

—O que prefere? McDonald's, Arby's...?

Sarah bufou.

No final acabaram no Marco's que havia do outro lado da rua, onde Sarah pediu uma sopa de talharins com frango e Jake um enorme sanduíche de carne com ração extra de queijo e batatas fritas. Pelo bem de sua saúde.

—Estavam-lhe seguindo — disse-lhe Jake quando se sentaram com a comida em uma mesinha que havia no rincão. Marco's era muito popular entre as pessoas que frequentava o tribunal, os juizes, os empregados, os advogados e os oficiais que trabalhavam ali, por isso o restaurante estava abarrotado. Antes de sentar-se, Sarah saudou com a mão a alguns conhecidos, o mesmo que Jake. —Maurice Johnson e Donald Coomer. Estavam a postos fora de sua casa, viram-lhe sair e lhe seguiram até o Quik-Pik. Ao ver-te entrar nele lhes ocorreu o roubo. Parece que a noiva do irmão do Johnson trabalhava ali e lhes havia dito que no estabelecimento sempre havia muito dinheiro.

—O quê? —Sarah deixou de comer, com a colher suspensa a meio caminho de sua boca, enquanto o olhava—. Quem há dito isso?

Jake parecia muito satisfeito consigo mesmo.

—Maurice Johnson. Recuperou o conhecimento e fala. Ao menos o fazia quando saía do hospital.

Sarah olhava-o boquiaberta. Ao ver que estava derramando a sopa se apressou a colocar a colher na terrina. Com todas aquelas novidades, não sabia por onde começar.

—Como soube de que tinha recuperado a consciência?

—Disse a sua família que, em caso de que despertasse e pudesse articular uma palavra, eu queria ser a primeira pessoa em falar com ele, que se me avisavam lhes pagaria mil dólares. Chamaram-me esta mesma manhã.

—Isso é legal? — Sarah o seguia olhando-o pasmada, enquanto limpava a toalha com um guardanapo de papel que tinha tirado do porta-guardanapo, em cima da mesa—. Sei que não é ético.

—Eh, recorda que sou um detetive e não um advogado. Suas regras não são as minhas. —Sem dar amostras de que seu apetite se viu afetado pela bomba que tinha feito cair sobre ela, Jake deu uma nova dentada a seu sanduíche, mastigou e tragou o bocado—. Meu lema é: fazer o trabalho a toda custo.

—Que trabalho? —Sarah seguia lhe dando voltas às implicações do que seu amigo lhe acabava de dizer.

—Que não corra nenhum perigo. Descobrir quem atirou em você e averiguar a razão. Identificar à pessoa que te está fazendo essas chamadas. E elucidar em que modo está relacionado tudo isso. Não me posso tirar isso da cabeça.

—Acha que o disparo tem que ver com as chamadas? —Sarah tinha esquecido já por

completo sua sopa e Jake olhava carrancudo e de forma significativa a terrina branca e ainda fumegante que sua amiga tinha diante de si.

—Come — disse-lhe e, ao ver que Sarah agarrava a colher de novo, prosseguiu—: Johnson me disse que a ideia de ir a sua casa foi do Coomer. Claro que poderia estar mentindo para proteger-se, mas assegura que não sabe por que seu amigo quis fazê-

lo. Afirma que chegaram justo no momento em que você entrava no carro e que lhe seguiram até o Quik-Pik. Permaneceram sentados fora por uns minutos, observando o interior do supermercado pelo vidro, e então ao Coomer lhe ocorreu entrar e roubar.

—Mas vamos ver, por que me seguiram?

Sarah tratou de não estremecer-se quando as imagens do acontecimento se passaram velozes por sua mente como em um caleidoscópio: o Menino Esqueleto encurralando-a junto às geladeiras, Duke ameaçando e disparando na Mary, Angie que saía uivando de debaixo da mesa, a fuga frenética do supermercado, o impacto da bala ao entrar em sua cabeça.

—Johnson diz que não sabe. Assegura que só tinha saído com o Coomer para dar uma volta com o carro.

—Então, o que acha que foi o que aconteceu?

Seus olhares se cruzaram por cima do sanduíche que Jake sustentava com as mãos. Os olhos de Jake eram sombrios, penetrantes, sérios. Os olhos de um antigo agente do FBI.

—Acredito que alguém os contratou ou os obrigou, talvez só ao Coomer, talvez, aos dois, para te assustar, para te desconcertar. Pode ser que inclusive para te ferir, ou para te matar, ainda não estou seguro. Em qualquer caso, as coisas tomaram um rumo inesperado quando você decidiu ir ao Quik-Pik e eles decidiram improvisar, um estúpido engano de pirralhos, e a situação escapou completamente das mãos.

—O Menino Esqueleto pronunciou o nome do Duke — recordou Sarah.

—O quê?

—Johnson chamou o Coomer “Duke”, seu apelido de rua, justo antes que este atirasse a Mary.

—Sim — disse-lhe Jake por toda resposta enquanto seguia dando boa conta de seu sanduíche —. Entende o que quero dizer.

—Pensa que mataram a Mary por minha culpa? —Sarah se sentiu mal de repente.

Jake a olhou.

—A Mary a mataram por encontrar-se no lugar errado no momento errado e por ter tido a má sorte de topar-se com dois desalmados estúpidos e violentos.

“Que estavam no supermercado por minha culpa”, pensou Sarah de forma inevitável, e elevou uma oração ao céu pedindo a Mary que a perdoasse. Depois olhou de novo a Jake.

—Então, quem acha que atirou?

—Essa — seus olhos tinham de novo a dureza das ágatas — é a pergunta de um milhão de dólares. Ainda não sei, mas pode estar segura de que o averiguarei.

Permaneceram em silêncio uns momentos. Ao notar que Jake olhava carrancudo para sua terrina de sopa, Sarah se apressou a voltar a pegar a colher. Não comeu, resultava-lhe impossível

provar bocado nesses momentos; mas removeu a sopa ajudando-se da colher, com a esperança de que isso distraía a atenção de Jake.

—Que relação tem com as chamadas? —perguntou.

—Ainda estou considerando as diferentes possibilidades, de forma que isto não é, com toda probabilidade, seguro aos cem por cem; suponho que o entenderá, mas acredito que quando esses dois depravados levaram a cabo o roubo-espantamento-violação-assassinato ou o que fosse de maneira distinta como esperava a pessoa que os contratou, esta última decidiu atuar de modo criativo. E entendo por criativo valer-se de uma menina que fala como sua filha para te chamar e te dizer coisas patéticas.

“Lexie.” A mera lembrança de sua voz no telefone fez que Sarah sentisse uma vertigem. De verdade seria outra menina cuja voz se parecia com a de sua filha que a chamava?

—Mas por quê? —Sarah tinha se agitado até o ponto de soltar de novo a colher.

Jake sacudiu a cabeça.

—Ainda estou tratando de averiguá-lo. Como também estou tentando identificar quem o fez. E se não quer ficar nos ossos e sair voando antes que o descubramos, será melhor que coma.

Sarah voltou a pegar a colher. Com os olhos de Jake cravados nela, deu um sorvo a seu caldo. Por um momento, nenhum dos dois falou, enquanto Jake acabava seu sanduíche e ela seguia fazendo como que comia sua sopa.

—Por que te disse tudo isso? —perguntou Sarah a seguir, ao sentir que a mão de aço que tinha obstinado seu coração o apertava ainda mais—. Johnson, quero dizer.

Depois de ter acabado de dar conta de suas batatas, Jake limpou as mãos em um guardanapo.

—Disse-lhe que, se falasse, conseguiria um acordo para ele: nenhum culpa por assassinato, nada de pena de morte, tão somente dez anos no cárcere.

Sarah abriu os olhos como pratos.

—Não tem autoridade alguma para fechar um trato como esse.

Jake se encolheu de ombros e sorriu.

—Menti.

Enquanto Sarah seguia tratando de encontrar as palavras adequadas para lhe responder, um movimento próximo chamou sua atenção. Elevou o olhar distraído e, ao fazê-lo, viu que Duncan fazia um sinal para pedir a conta de uma mesa próxima em que tinha estado comendo com outro homem. Seus olhares se cruzaram por um momento e Sarah, ao recordar que lhe havia dito que tinha intenção de trabalhar durante a pausa para comer, sentiu-se ligeiramente envergonhada. Duncan lhe saudou com um gesto da cabeça ao que lhe respondeu movendo os dedos.

—O que aconteceu? —perguntou Jake ao ver seu gesto e a expressão de sua cara.

—Duncan está naquela mesa. Pediu-me que comêssemos juntos e lhe disse que tinha que trabalhar.

—E recebeu uma oferta melhor.

Sem lhe importar, claramente, que Duncan se pudesse ter se zangado ou não, Jake fez um sinal para pedir a conta. Em um abrir e fechar de olhos, a mesma garçonete a qual Duncan levava já

vários minutos tratando de atrair em vão até sua mesa, com o mesmo objeto a trouxe. Desde não ter sabido que era neta de Dorothy e que, igual a sua avó, adorava ao Jake, Sarah haveria sentido impressionada.

—A que hora pensa voltar para casa? —perguntou-lhe Jake, enquanto saíam do restaurante.

—Por volta das sete — respondeu-lhe Sarah automaticamente, porque era segunda-feira e esse dia estava acostumado a voltar para casa mais ou menos a essa hora para poder tirar o Cielito antes de ir ao ginásio. De repente percebeu que quando falava de casa agora se referia ao apartamento de Jake e que, com toda

probabilidade, ele a estaria esperando em seu interior. O coração lhe deu um pequeno tombo ao pensá-lo. O modo em que Jake tinha pronunciado a palavra “casa”

soava bem.

—Ali estarei. —Jake a ajudou a cruzar a rua e a contemplou enquanto entrava no edifício do tribunal, onde a tinha deixado. Antes de despedir-se, disse-lhe—: Por certo, tem que saber que Dave estará aqui fora esta tarde.

Mais tarde, nesse mesmo dia, e depois da reunião com o pessoal, Sarah encurralou Morrison em seu escritório. A reunião se alongou, como, por outra parte, estava acostumado a acontecer sempre, por isso eram já quase as seis e meia e Morrison estava de pé atrás de seu escritório ocupado em colocar ordenadamente as coisas em sua carteira, quando Sarah bateu na porta e entrou em seu escritório.

Em sua qualidade de interventor do distrito, a Morrison tinha correspondido o melhor dos escritórios do anódino edifício dos anos setenta, situado nas proximidades do Tribunal, no que todos trabalhavam o que, afinal de contas, não significava tampouco grande coisa. Ao igual a outros, o de Morrison era pouco mais ou menos que um cubículo com uma escrivaninha metálica, umas estantes também de metal e transbordando de livros e documentos cobrindo as paredes, uma cadeira giratória detrás de sua mesa, e dois lugares na sala de escritório diante dela. O único aspecto de seu escritório que o fazia mais desejável que outros eram que estava situado em uma esquina do edifício, o que lhe procurava uma esplêndida vista da baía do Beaufort, a oeste, e do centro histórico, ao norte.

Mas o fato de ter um duplo vitrô causava a Morrison constantes problemas com o ar condicionado.

—Sim? —Depois de acabar de arrumar sua carteira, Morrison a fechou de repente e olhou a Sarah com curiosidade.

—Por que enviou o Duncan à audiência sobre o adiamento do caso Helitzer? — perguntou-lhe Sarah sem mais preâmbulos.

O semblante do Morrison se escureceu.

—Porque pensei que talvez necessitasse ajuda.

—Jamais a necessitei, e menos ainda para uma audiência qualquer.

Morrison pareceu vacilar. Ato seguido lhe indicou com um gesto uma das cadeiras para visitas que havia na frente seu escritório.

—Quer sentar-se, Sarah?

“Aí, aí, aquilo não podia significar nada bom. Morrison nunca pedia a seus ajudantes que se sentassem.”

Sarah olhou resolvida e fez caso omissso do convite.

—Fosse o que fosse pode dizer isso enquanto permaneço de pé. Prometo-te que não me deprimirei.

Morrison apertou os lábios. Aqueles olhos castanhos pareceram sopesá-la através dos óculos sem aros que levava posto e que os aumentavam um pouco, o que o assemelhava a um desses insetos predadores de grandes olhos como a Mantis Religiosa.

—Contaram-me da ligação de domingo pela tarde e pensei que talvez te custasse a concentrar depois disso.

—Sabe que sempre estou preparada para trabalhar.

—E o faz muito bem, Sarah. Reconheço-o. -Morrison deu a volta para olhá-la e Sarah se preparou para a dificuldade que viria—. Chamaram-me algumas pessoas.

Dizem que parece esgotada, que cambaleias, que já não é a mesma. E para comprová-lo basta te olhar. Por todos os demônios, tiveste uns dias muito duros.

Entendo-o. E me acredite, sinto-o por ti. Mas temos por diante alguns julgamentos muito importantes, muito que fazer, e Duncan está à altura de tudo isso. Quero que o ponha em dia, no caso de...

—No caso do que? Se por acaso me afundo definitivamente? Se por acaso me derrubo?

A Morrison aquilo não pareceu lhe fazer nenhuma graça.

—Em caso de que precise tomar algum tempo livre — disse-lhe brandamente—.

Em nosso trabalho nos vemos submetidos a muitas pressões e, se por acaso fora pouco, em sua vida pessoal se estão produzindo ultimamente muitos sucedidos. E eu tenho que procurar que as coisas funcionem no escritório.

—Está-me dizendo que posso perder meu trabalho porque alguém me disparou e porque um imbecil está se dedicando a me perseguir? —Sarah estava zangada, mas também um pouco aturdida. Perder o trabalho... Ficou gelada ao pensar que sem ele ia se sentir perdida. O que ia fazer sem um trabalho que lhe ocupasse todos os minutos, todas as horas, toda sua vida?

Morrison elevou uma mão lhe pedindo calma.

—Unicamente o que disse é que quero que Duncan esteja sabendo de tudo.

—Para que possa me substituir se for necessário. Se isso não significar que meu trabalho corre perigo, me diga você como devo interpretá-lo.

Seus olhares se cruzaram por um momento. O de Sarah era irritado para ocultar seu medo. O de seu chefe, em troca, parecia conciliador e cheio de bons sentimentos.

Morrison suspirou.

—O que quero dizer é que talvez possa ter vontade de te ausentar por um tempo Ou...

Uns golpes na porta, que seguia aberta, os interromperam. Ao olhar para ela, Sarah viu que Lynn timer, sua assistente de vinte e seis anos, esbelta, atrativa e de origem chinesa, olhava-a com ar de desculpa.

—Lamento lhes interromper — disse com a doçura que a caracterizava—, mas tem uma chamada urgente, Sarah.

—Podemos acabar de discutir isto mais tarde? — Sarah empregou um tom interrogativo com a única intenção de respeitar o protocolo chefe-empregado.

Porque o que realmente queria dizer, e estava segura de que a Morrison não lhe escapava o matiz, era que ambos acabariam aquela discussão mais tarde.

—É óbvio. —Morrison suspirou e Sarah, olhando de novo furiosa a seu chefe, saiu do despacho para responder ao telefone.

—A senhora Mason? —Sarah reconheceu o acento da voz que falava com outro lado do auricular antes que Rosa Barillas se identificasse. -Desculpe se a chamo o trabalho, mas não sabia o que fazer. Angie desapareceu. Rogo-lhe que me ajude.

Capítulo 21

—Minha menina, minha menina, Virgem Santa, rogo-lhe isso, vela por ela, devolva-me isso. Oh, Meu deus, é tão pequena. Minha menina.

Os murmúrios entrecortados de Rosa Barillas encolhiam o coração ao Sarah. Às dez da noite, uma multidão se congregou já no pequeno e velho apartamento dos Barillas. Rosa estava sentada no sofá, envolta em uma manta. Na mesa do lado havia uma xícara de café e um doce que a mulher não havia nem mexido. De vez em quando, levantava-se do sofá e se ajoelhava no chão, juntando as mãos e rezando freneticamente para que sua filha se encontrasse sã e salva.

A atmosfera estava carregada de medo e dor. As pessoas falavam em voz baixa, como se assistissem já a um funeral. Os dois meninos maiores, Rafael e Lizbeth, estavam aconchegados num canto, boquiabertos, aos cuidados de uma mulher que Sarah imaginou que devia ser sua tia. Sophia e Sergio acabavam de adormecerem e alguém os tinha levado do apartamento para passar a noite do outro lado. O vaivém de pessoas era incessante: policiais, visitantes, jornalistas, todos se detinham uns momentos para dizer algumas palavras a aquela mãe transtornada. Sarah era consciente de que o tempo corria implacável. Depois do terrível desaparecimento de Lexie sabia por própria experiência que, passadas as primeiras quarenta e oito horas, as possibilidades de recuperar a um menino com vida se reduziam quase a zero.

Era como viver tudo pela segunda vez. Aquilo não podia ter ocorrido. E, entretanto tinha acontecido.

Angie Barillas tinha desaparecido da face da terra.

Tinham-na visto na última vez às três da tarde. Estava fora do edifício de apartamentos, olhando como Sophia fazia buracos na terra, enquanto esperava que acabasse uma máquina de lavar roupa para poder colocar a roupa na secadora. Um grupo de menino, incluindo Rafael, Sergio e Lizbeth, brincava nos arredores ao esconderijo. O alvoroço era enorme, por isso não era surpreendente que ninguém tivesse ouvido um grito, um chiado. Porque ninguém — ao menos ninguém que estivesse disposto a admiti-lo — tinha visto ou ouvido algo. Quando Rafael se deu conta de que Angie já não estava no banco lendo, tal e como gostava de fazer, enquanto o resto deles brincavam, pensou que devia ter ido à lavanderia. Mas Angie nunca retornou.

Em um primeiro momento, Rafael a procurou sem lhe dar a maior importância; entretanto, à medida que passava o tempo sua preocupação foi em aumento. Depois, todos os meninos da família Barillas, Rafael com a Sophia em braços, procuraram a sua irmã por todo o complexo de edifícios, por toda parte. Rafael foi inclusive ao Quik-Pik e ao Wang's Oriental Palace para ver se Angie, por algum desconhecido motivo, tinha acudido ali sem advertir a ninguém. Ao final, todos, os meninos, os pais que nesses momentos se encontravam em casa e alguns adultos mais, uniram-se à busca. Quando chegaram à conclusão de que Angie não estava nem no apartamento de alguém nem em nenhum dos rincões nos que os meninos estavam acostumados a esconder-se, e de que tampouco tinha subido a tomar o sol ao terraço que frequentavam as moças solteiras, já eram cinco da tarde e Rosa tinha retornado a casa.

Rosa desconfiava da polícia. Assustava-lhe que tratassem de lhe arrebatam os seus filhos, que a obrigassem a retornar a Guatemala, o país de onde procedia, que a prendessem, deportassem — na ou fizessem algo mau a ela ou aos seus. Mas ao ver que Angie não estava ali, ao escutar o que lhe contaram os meninos e os vizinhos, quem lhe assegurou que tinham procurado a sua filha por

toda parte, recorreu a ela de todas as formas. E depois chamou a Sarah, à senhora advogada, a ajudante do interventor do distrito que, a seus olhos, era uma pessoa de grande prestígio e poder. Sarah sabia tudo isto porque a mesma Rosa o tinha contado lhe aferrando a mão enquanto lhe suplicava que a ajudasse.

E Sarah se esforçou por ela, chamou Jake, aos detetives que conhecia, embora duvidasse aterrorizada de que todo aquilo servisse para algo.

De novo aquela sensação de déjà vu⁴. A polícia chegou, rastreou uma vez mais os lugares nos que já tinham procurado os outros, fez perguntas, tomou declarações, foi de porta em porta. Jake advertiu a seus amigos do FBI e estes acudiram e ficaram deste modo mãos à obra. Até o mesmo Jake pôs a disposição a todo o pessoal do Hogan & Sons. Vizinhos, amigos e inclusive algumas pessoas desconhecidas se somaram à busca nas ruas e campos adjacentes e nas bordas do riacho que havia atrás do complexo. Justo antes de anoitecer chegou toda a imprensa, Hayley Winston e seus rivais, e acampou no estacionamento. Excetuando aos personagens, tudo, tudo, era idêntico de uma vez anterior.

Quando Lexie desaparecera.

Igual a então, todos acreditavam que um desconhecido a tinha raptado.

Sarah pensou que talvez o desaparecimento de Angie pudesse ter algo que ver com a de sua própria filha ou, ao menos, com as chamadas telefônicas. Angie tinha a Sensação de ter visto ou vivido a mesma situação saído na televisão com ela, e não só uma vez, mas também duas. Estaria tudo isso conectado? Qualquer lhe haveria dito que teria que comprová-lo.

Sarah sentiu que estava vivendo de novo um pesadelo. Sentiu desejos de tornar a gritar, e de sair correndo dali o mais depressa possível, mas não o fez. Não fez nada do que sentia desejos de fazer. Só ela sabia o que significava à dor, o desespero, a incredulidade, o sentimento de irreabilidade, o terror, o rogado sussurrado com Deus.

Só ela sabia que o mero fato de manter a esperança não significava necessariamente que esta obtivesse resposta. Só ela podia compreender o horror pelo que Rosa estava passando.

De forma que permaneceu a seu lado, ajudou-a a suportar o ataque de familiares, amigos e vizinhos, a inundação de perguntas da polícia e dos meios de comunicação; e Rosa se segurou a ela, porque ambas eram conscientes de que agora formavam parte de uma espécie de terrível irmandade, e porque Rosa sabia, igual à Sarah, que era a única pessoa no mundo que podia compreendê-la.

Passaram doze horas. Fez-se dia. Sarah chamou o escritório e disse que tiraria o dia livre. Não via o que outra coisa podia fazer apesar de que aquilo confirmava o temor de Morrison de que sua vida privada estivesse comprometendo seu trabalho.

Não podia deixar de ficar. A televisão e os jornais mostravam sem cessar a fotografia de Angie. Dezoito horas. Tiraram um pouco de comida, mas ninguém provou um bocado. Vinte e quatro horas. Um dia inteiro. As pessoas que se ocupavam de procurar à menina foram alternando, igual à polícia. O FBI foi em várias ocasiões. Os meios de comunicação contaram as últimas novidades no telejornal da noite: a menina de nove anos, Angie Barillas, seguia em paradeiro desconhecido. Todos estavam esgotados. As pessoas voltaram para suas casas e retornou depois. Rosa ficou adormecida no sofá.

Para então voltava a ser de noite: as oito, as nove, as dez. As horas cruciais passavam inexoravelmente. Angie estava em alguma parte. Pode ser que inclusive ainda seguisse com vida.

Ou talvez não.

A esperança ia se desvanecendo com a mesma lentidão implacável com que os grãos caem no interior de um relógio de areia. Sarah rogou para que Rosa não se precavesse disso.

—Sarah. —Jake se deteve junto a ela, inclinou-se, pôs-lhe uma mão no ombro e a sacudiu para tirá-la de seu ensimesmamento. Sarah se deu conta, então de que também adormecera, sentada no chão junto a Rosa, já que o resto dos assentos estava ocupado, feito uma bola e com a cabeça apoiada em um braço que descansava sobre uma mesa vizinha—. Vamos. Voltemos para casa.

Sarah o olhou piscando como uma estúpida por um momento, meio dormindo ainda e sem acabar de compreender o que estava acontecendo. Jake tinha os olhos carregados e não se barbeara. Sua camisa branca, arregaçada até o cotovelo, estava enrugada e ligeiramente suja e sua calça azul marinho tinha círculos manchados de pó. O vaivém de gente no apartamento não tinha cessado; mas agora o ruído era menor já que, claramente, todos tratavam de respeitar o agitado sono de Rosa.

—Não posso... —começou a dizer Sarah, olhando em direção a Rosa quem estava embrulhada sob uma manta azul com a que alguém a tinha abafado, de forma que só lhe podia ver a cabeça.

—Sim, sim que pode — atalhou-lhe Jake. Apesar de que, em atenção a Rosa, sua voz era baixa, Sarah só lhe tinha ouvido falar com aquela firmeza em uma ou duas ocasiões—. E o vais fazer embora tenha que te tirar rastros daqui. Sarah, por Deus, aqui já não tem nada que fazer, e tudo isto te vai matar.

Sarah era consciente de que seu amigo tinha razão. Estava tão cansada, tão aturdida, tão vazia que nem sequer sentia fome, tão compungida e destroçada como se tivesse o coração em carne viva.

Mas nada disso mudaria as coisas. De pouco servia que tanto ela como o resto das pessoas ali congregadas vigiassem eternamente. Até o pior das dores era inútil na frente uma situação como aquela.

Sarah tinha aprendido com a Lexie aquela amarga verdade.

—Sim, está bem — respondeu-lhe abatida e permitiu que lhe ajudasse a ficar de pé. Enquanto se dirigia para a porta, apertou com delicadeza o ombro de um dos familiares, pode ser que uma irmã de Rosa, que estava sentada em uma dura cadeira de cozinha que, dadas às circunstâncias, alguém tinha tirado a sala—. Diga a Rosa que voltarei pela manhã.

A mulher assentiu em silêncio com a cabeça e Sarah deixou que Jake a tirasse dali.

De volta no apartamento de seu amigo, Sarah desabou no sofá. Cielito se aproximou dela batendo com suas patas no chão, deteve-se seu lado e a olhou com ar solene.

—Pops acaba de tirá-lo — disse Jake, enquanto o animal apoiava sua cabeça no colo de sua dona tratando de consolá-la em silêncio como se sentisse, no modo como costumam fazer os cães, que algo terrível tinha passado.

Apesar de que Jake se dirigiu para a cozinha, Cielito, em lugar de segui-lo como estava

acostumado a fazer porque aquela estadia era uma fonte inesgotável de deliciosas surpresas, permaneceu junto a ela. Enquanto lhe acariciava a cabeça, Sarah pensou que, ao igual a ela, o cão tinha passado já por tudo aquilo. Cielito também tinha sofrido com o desaparecimento de Lexie.

—É um bom cão — sussurrou-lhe, sentindo-se reconfortada ao sentir o silencioso peso de sua cabeça sobre sua coxa e a calidez de seu brilhante cabelo sob sua mão.

—Muito bem, aqui chega uma especialidade da casa. — Jake saiu da cozinha transportando algo—. Saia, Cielito.

Enquanto o cão o obedecia, Sarah elevou o olhar e ficou pasmada ao ver o que seu amigo depositava na mesa de centro que havia diante dela: uma bandeja branca com uma terrina amarela. E na terrina: uma sopa de macarrão com frango.

—Preparaste-me uma sopa? —perguntou-lhe incrédula.

—Você gosta da sopa, de forma que te preparei uma. Come. — Jake permaneceu de pé junto ao sofá com as mãos apoiadas nos quadris enquanto a observava.

Jake não estava acostumado a cozinhar. Preparar o café da manhã —coisa que fazia de uvas a peras— era o máximo que lhe permitiam seus dotes culinários. O fato de que lhe tivesse preparado uma sopa...

—Obrigado — pronunciou com lentidão enquanto fazia um esforço por sorrir.

Jake cuidava dela, como sempre tinha feito, e o mero fato de saber que estava ali, que se preocupava com ela, que tudo voltava a ser como nos velhos tempos, também a reconfortava.

—É de lata, mas melhor que nada. — Jake seguia de pé a seu lado e Sarah era consciente de que esperava porque sabia, ao igual a ela, até que ponto precisava comer. O que tinha comido aquele dia? Pouca coisa. Algumas colheradas aqui e lá.

—E você?

—Pode estar segura de que comi, querida.

Sarah comeu umas quantas colheradas de sopa. Estava quente, o qual era bom, mas tinha muito sal e lhe pareceu algo viscoso.

Apesar disso, continuou comendo, com ar grave, porque sabia que tinha que comer embora também porque Jake a estava olhando. Depois de uma dúzia de colheradas, deteve-se e procurou o controle remoto para distrair-se.

CSI. Deporte. Reposição do Seinfeld.

“... ao igual a aconteceu com a Alexandra Mason faz sete anos, a menina de nove anos Ângela Barillas...”

Oh, Meu deus, as notícias. Sarah não tinha vontades de vê-las, como tampouco tinha de comer a sopa. Apressou-se a desligá-la.

—Acha que a pessoa que me esteve ligando levou a Ângela? —perguntou-lhe em tom neutro. A causa do medo que não se podia tirar de cima.

—Não sei. A polícia está considerando seriamente essa possibilidade.

—Não a encontrarão, verdade? —sentia-se tão cansada que quase lhe parecia flutuar, com a cabeça apoiada no respaldo do sofá e as mãos caindo flacidamente a ambos os lados de seu corpo.

—Ainda não sabemos. —“Oh sim, claro que sim”, pensou Sarah, mas se absteve de fazer comentários. Ambos sabiam que Jake só dizia aquilo para prolongar a mais possível a eventual fresta de esperança que lhe pudesse ficar a sua amiga—. Escuta, acaba sua sopa e vamos à cama.

Sarah negou com a cabeça.

—Não posso acabar isso. Não tenho fome.

Jake apertou os lábios, mas não disse nada.

Sarah levou a bandeja à cozinha e a seguir tomou uma rápida ducha — sentia-se tão suja que não pôde deixar de fazê-lo antes de ir-se à cama—, depois da qual ficou a camisola e se meteu na cama. Cielito roncava já debaixo dela.

Ao apagar a luz, teve a impressão de que o anjinho de crochê resplandecia.

“Lexie” pensou enquanto o contemplava e sentia que a angústia se apoderava dela. “Angie” pensou.

Rezou por que Deus as protegesse enquanto as lágrimas começavam a deslizar pelas bochechas.

Estava exausta, não conseguia dormir. Cada vez que fechava os olhos, povoavam sua mente as imagens mais espantosas. Passado um momento, não podendo suportá-lo mais, levantou-se da cama e se dirigiu sem fazer ruído à sala. O apartamento estava às escuras, com a única exceção de uns quantos raios de lua dispersos que se filtravam pelos borde das cortinas entreabertas. Jake dormia. Embora sua habitação estivesse fechada, por debaixo da porta não se via luz e, além disso, Sarah pensou que se aguçava o ouvido poderia inclusive ouvi-o roncar. Amontoadada em um lugar do sofá, com os joelhos lhe tocando o queixo e abraçado a suas pernas, Sarah chorou em silêncio, como se tivesse o coração esmigalhado.

Como, de fato, tinha-o.

Sarah não ouviu Jake chegar até que se materializou junto ao sofá. Ao senti-lo a seu lado se sobressaltou um pouco e a seguir elevou o olhar. Iluminado por detrás pelos raios lunares, Jake era nesses momentos algo mais que uma silhueta grande e escura: uma sombra mais densa em uma habitação abarrotada delas.

—Meu deus, Sarah, pode-se saber o que está fazendo aqui? —Parecia mal-humorado, encolerizado, inclusive. -Será possível que não entenda que precisa dormir?

O problema era que Jake não sabia que Sarah tinha estado chorando até que percebeu de que ele estava ao seu lado. E Sarah não queria que soubesse, tratava de evitá-lo por todos os meios. Chorar era aparecer na frente dele vulnerável, desamparada, todas essas coisas que ela odiava. E, além disso, se ele sabia que tinha estado chorando, se preocuparia com ela.

E Sarah também queria evitar isso.

Inspirou fundo, desejando que não a ouvisse e, continuando, voltou a expelir o ar.

Enxugar as lágrimas seria como delatar-se, de forma que não o fez.

—Levantei-me para beber água — disse com o tom de voz mais normal de que foi capaz, e ficou de pé.

O que não se imaginava era que os mesmos raios de luz que tinham iluminado o seu amigo por detrás foram dar totalmente na cara.

—Está bem — respondeu-lhe severo. A seguir a aferrou, rodeou-a com seus braços e a atraiu para si—. Não há nada mau em chorar, Sarah — prosseguiu em um tom distinto, mais suave—. Como tampouco o há em comer, dormir, sair, jogar sol, fazer o amor...

—Não posso — replicou-lhe ela, enquanto roçava seu vigoroso e quente corpo e se dava conta de que Jake estava só de cueca, enquanto rodeava o pescoço de seu amigo com seus braços e este a abraçava pela cintura. As lágrimas voltaram a alagar seus olhos, mas Sarah piscou furiosamente para contê-las, olhou ao Jake, encontrou-se com seus olhos na escuridão, consciente de que ele podia ver a expressão de sua cara apesar de que ela não pudesse ver a dele—. Do que serve chorar se isso não devolve a Lexie ou mudam em algum modo as coisas? —Sua voz começou a tremer e, apesar de suas palavras, as lágrimas começaram correr incontidas por suas bochechas—. Como posso dormir se cada vez que fecho os olhos sonho com o Lexie? Como posso comer se nem sequer sei se ela tem algo que levar-se a boca? Como posso desfrutar de do sol enquanto ela talvez se perdesse para sempre na escuridão?

—Sarah...

A voz de Jake refletia a dor que sentia sua amiga. Abraçou-a com mais força e suas mãos subiram por suas costas atraindo-a ainda mais para ele. Sarah inclinou a cabeça, ocultando-se da luz da lua, apoiando a frente no robusto ombro de seu

amigo, lhe molhando a pele com suas lágrimas enquanto ele seguia abraçando-a.

—Como posso fazer amor contigo se isso me faz sentir que a perco? —sussurrou desesperada contra sua pele enquanto a familiar calidez de seu corpo, a sensação que este lhe produzia, seu aroma, envolvia-a com a mesma firmeza com que o faziam seus braços—. Não posso.

—Sabe de sobra que não está sozinha nisto. —Seus braços a estreitavam. Sarah podia sentir que seus lábios lhe roçavam o cabelo enquanto falavam que suas mãos lhe acariciavam as costas através do fino algodão de sua camisola, podia sentir a solidez de seu corpo contra o seu, e se aferrou a ele para salvar-se. A sua angústia e a emoção que tinha surgido entre eles, o tom de Jake era moderado, tranquilo, quase imparcial—: Eu também estou metido nisto contigo. E ver-te tão magra, tão pálida, tão tensa, notar que trataas desesperadamente de encher todas as horas do dia trabalhando ou fazendo algo, saber que rechaças de propósito tudo aquilo que você gosta que possa ser divertido ou que te possa proporcionar algum tipo de prazer... Mata-me. Rasga-me o coração, Sarah.

A dor que expressava sua voz a impressionou. Sarah levantou a cabeça e o olhou.

Os olhos de seu amigo, negros e brilhantes à luz da lua, cravaram-se nos seus.

—Quero-te — disse Jake—. Mais que a nada em minha vida. E acredito que você também me quer.

Sarah ficou imóvel, completamente paralisada, enquanto as palavras de Jake penetravam por seus poros, fluíam por seu sangue e por último eram absorvidos por seu maltratado e dolorido coração. Apesar de estar envoltos na escuridão, Sarah podia ver seu cabelo negro azeviche, suas fortes e pronunciadas maçãs do rosto e sua mandíbula, quadrada e sem barbear. Durante anos se apoiou nele, sua sólida fortaleza a havia sustentado. Jake tinha sido a única presença constante e imutável em sua vida, a pessoa em que mais tinha acreditado, aquela em quem podia confiar-se com os olhos fechados.

Seu melhor amigo: Jake.

E agora se converteu em algo mais, ou talvez o fora desde fizesse já muito tempo e ela não tinha sido capaz de vê-lo.

—Acredito que tem razão — disse por fim, precavendo do ligeiro tom de assombro que havia em sua voz—. Acredito que eu também te quero.

Jake esboçou então um sorriso que enrugou sua pele, e esgotou seus olhos.

—Quero estar seguro — disse, e a beijou.

Sarah lhe devolveu o beijo e então Jake a abraçou como se não tivesse intenção de voltar a soltá-la jamais. Sarah se sentiu fraquejar, como se seus músculos fossem de gelatina, e o pulso lhe acelerou enlouquecido. Os lábios de Jake eram firmes e ávidos, embora nem por isso carente de ternura. Sarah uniu seu desejo ao de Jake, com o desejo de uma alma que, cansada de errar no frio, encontra por fim sua própria fonte de luz e de calor.

Quando a boca de Jake abandonou a sua e se deslizou por sua bochecha para chegar à orelha, Sarah o beijou com delicadeza no pescoço. Jake a agarrou então em braços, levou-a a sua habitação e fez amor com ela com uma ferocidade que aniquilou tudo àquilo que não fosse ele mesmo, eles mesmos, que afugentou a dor, o pesar, o medo e o substituiu com ardor, desejo, prazer.

E depois, com a mesma brutalidade com que o vento apaga uma vela, ambos se abandonaram em um profundo sono.

O timbre remoto de um telefone arrancou Sarah daquelas profundidades. Piscou por um momento na escuridão, abraçada junto ao Jake, desfrutando do conforto, da calidez, da sensação que lhe produzia encontrar-se entre seus robustos braços, o som de seus roncos por cima de sua cabeça. Depois, ao precaver-se do que estava ouvindo, ficou gelada: tratava-se de seu móvel, que se encontrava na mesinha de noite que havia na outra habitação.

Ao olhar o relógio comprovou que eram 3:14 da madrugada.

A essa hora só se podiam receber más notícias.

Completamente acordada, Sarah se deslizou fora da cama e se precipitou para o lugar de onde procedia a chamada.

Que, como não podia ser menos, interrompeu-se no preciso momento no que Sarah transpassava a soleira. Para ouvir um pequeno, mas claro toque de campainha soube que lhe tinham deixado uma mensagem.

Sobre a Angie? Oh, Meu deus, se trataria de alguma notícia sobre a menina?

Ou acaso era Lexie — ou a pessoa que falava como ela — a que chamava de novo?

Sarah agarrou o telefone com o coração em um punho e acendeu a luz. Abriu o aparelho, apertou um botão e viu que a última chamada que tinha recebido procedia de um número desconhecido.

Sarah conteve o fôlego enquanto esperava para ouvir a mensagem.

—Olá, sou Crystal. —A mulher falava depressa, virtualmente sussurrando.

Escuta, tenho descoberto algo sobre essa menina desaparecida. Enviei-te um correio eletrônico. Basta entrar na rede... —Crystal se interrompeu—. Merda, tenho que te deixar.

Quando a mensagem finalizou, o coração de Sarah pulsava já enlouquecido.

Permaneceu de pé por um momento com o olhar cravado no telefone, tentando decidir o que fazer. Era a madrugada da quarta-feira. Segundo o que Sarah sabia sobre o horário de Crystal, esta devia acabar de sair do trabalho. Dado o terror que tinha percebido em sua voz, lhe devolver a chamada talvez não fosse uma boa ideia.

O primeiro que tinha que fazer era verificar seu correio eletrônico.

Seu computador portátil se encontrava em sua carteira, no porta-malas do carro; que, a sua vez, estava estacionado fora do edifício de apartamentos dos Barillas. Sarah se sentiu impotente. Então recordou o computador que havia no escritório de Jake. Podia ler seu correio nele.

Dirigiu-se ao andar de abaixo, acendeu a luz, sentou-se na cadeira com rodas de Dorothy e acendeu o ordenador. A tela resplandeceu na frente de seus olhos e o escritório se encheu com os ícones do MAC, que a ela, acostumada a seu PC, resultavam-lhe totalmente desconhecidos. Depois de localizar o enlace a Internet, entrou como hóspede e as arrumou para acessar o seu correio eletrônico. Entre a multidão de mensagens, havia dois de Crystal. Levava como assunto “olhe isto” e o outro “aqui”.

Sarah escolheu “olhe isto”, abriu-o e viu a fotografia de um tipo entrando em um velho Carro azul. Nada nele ou no carro lhe dizia algo e viu que havia onze fotografias mais. Sarah passou a seguinte: uma caminhonete vermelha com outro tipo desconhecido. A seguinte correspondia a um Blazer branco com o condutor virtualmente invisível atrás do volante. A seguir vinha a de um carro de polícia com o Brian McIntyre em seu interior. Sarah deu conta do que estava vendo: as fotografias que Crystal tinha tirado com sua câmara digital aos veículos estacionados fora de sua casa. Em caso de que aquilo fosse à realidade o que parecia isso significava que McIntyre estava em dificuldades já que estava diante da casa de Crystal, violando claramente a ordem de afastamento.

Mas o que podia ter aquilo a ver com o desaparecimento da Angie que, conforme supôs Sarah, era a menina a que se referiu Crystal? Sarah fechou a mensagem enquanto tratava de estabelecer a conexão entre ambas as coisas, e a seguir abriu o segundo.

Dizia: “Acabo de encontrar isto em meu computador. Eddie o esteve usando, acredito que me está pondo chifres, assim pensei controlá-lo. Não sei o que fazer de forma que... aqui tem. A palavra chave é homem desprezível.”

Crystal não o tinha assinado, mas tinha anexado ao mesmo à direção eletrônica em azul de um pouco chamado A Casa de Brinquedo do Paul.

Sarah fez clique sobre a mesma e entrou no que parecia um lugar que vendia equipamentos para pátios de recreio infantis. No mesmo se podiam ver umas pequenas fotografias de meninos balançando-se, atirando-se por um tobogã, chapinhando em uma piscina ou subindo para uma casa instalada em uma árvore, que rodeavam as palavras: BIENVENDO À CASA DE BRINQUEDO DO Paul. Debaixo delas havia uma pequena casinha para o password.

Sarah escreveu “homem desprezível”.

Poucos segundos depois aparecia na tela a imagem da Angie.

Capítulo 22

Angie estava dentro em uma jaula. Umas estreitas barras de metal prateado se cruzavam vertical e horizontalmente formando uma grade. A menina parecia uma, com os olhos fechados, e sua comprida cabeleireira negra caía sobre seu rosto como uma cortina. Tinha as bonecas atadas por detrás das costas e os tornozelos com algo longo e de cor cinzenta — fita isolante pensou Sarah. Outra banda lhe tampava a boca. Sua camiseta laranja e sua bermuda jeans se correspondiam com a descrição da roupa que a menina levava posta no momento de seu desaparecimento. A câmara se encontrava fora da jaula e a enfocava do alto em uma esquina. Não era fácil assegurá-lo, mas a Sarah pareceu que estava viva.

O coração lhe deu um salto.

—Jake, Jake! —Sarah se precipitou escada acima, atravessou como um raio o escuro apartamento, acendeu a luz do dormitório de seu amigo e se equilibrou sobre este, que seguia roncando—. Jake! Acorda!

Sarah seguia sacudindo com violência seu ombro quando Jake se deixou cair sobre as costas, abriu os olhos e a olhou aturdido.

— Vai me matar — resmungou—. O que acontece?

—Acorda! Acorda! Tem que me acompanhar ao piso abaixo! Trata-se da Angie!

Os olhos de Jake se abriram por completo, embora demorassem um pouco em poder fixar o olhar.

—O que acontece com Angie?

—Levanta-te ou não? —Sarah pegou da mão de seu amigo. Mas Jake pesava uma tonelada, por isso era impossível movê-lo contra sua vontade e, se por acaso fora pouco, nesses momentos parecia ter a energia de uma lesma. -Há uma fotografia da Angie no computador. Crystal me mandou um enlace eletrônico e Angie aparecia nele.

—O que? —Jake levantou-se, com os lençóis enrolados ao redor da cintura, e passou a mão pelo cabelo—. Está certa disso?

—Sim, sim! Venha depressa, por favor.

Enquanto falava, Jake baixou as pernas por um lado da cama e se levantou, procurando a Sarah, uma bonita vista de um corpo tremendamente sexy de que poderia ter desfrutado mais, e isso não ter acontecido porque a impaciência estava a ponto de deixá-la louca.

—Assim quer que me ocupe disso uma vez mais? —Jake agarrou sua cueca do chão, onde jazia enrugada junto à camisola de Sarah, quem luzia agora seu penhoar branco, que tinha pegado da habitação de convidados antes de ir ao piso de abaixo, e os pôs.

—Crystal, Crystal Stumbo — Jake assentiu com a cabeça para lhe indicar que sabia a quem se referia, e seguiu a sua amiga enquanto esta se precipitava fora da habitação, -mandou-me um e-mail a um lugar no computador chamado A Casa de Brinquedo do Paul. —Sarah lhe falava por cima de seu ombro enquanto corria escada abaixo com o Jake a suas costas. -Estabeleci a conexão, introduzi o password e me encontrei com a Angie. Uma fotografia da Angie. Está em uma jaula, ataram-na com algo parecido a fita isolante, mas acredito que até segue viva.

Acabavam de chegar ao escritório. Jake entreabriu os olhos, deslumbrado pela luz que tinha

acesa no teto, mas Sarah se dirigiu imediatamente ao computador. Da tela tinham desaparecido todas as imagens. Sarah ficou aterrorizada. Teria perdido a conexão, teria acontecido algo...?

Sarah aferrou o mouse, moveu-o, e a tela se voltou a iluminar.

Angie seguia ali.

“Graças a Deus.”

Jake inspirou ruidosamente.

—Meu Deus, é ela. —A seguir se inclinou sobre a Sarah, agarrando o respaldo da cadeira de Dorothy enquanto observava a imagem—. Por Deus, onde está?

Sarah tinha pegado já o telefone. O coração lhe pulsava desbocado e ofegava como se tivesse estado correndo.

—A quem devo chamar? À polícia, ao FBI, a quem?

—A todos. — Jake ainda não parecia compreender do toda aquela situação. Olhou a Sarah—. Espera-me passe o telefone. Será melhor que eu chame.

Sarah não pôs objeção. Sabia que era certo. A essas alturas era consciente que tanto a polícia como o FBI, a consideravam uma louca.

—Depressa — disse.

—É óbvio.

Dez minutos mais tarde, vários representantes das forças da ordem estavam já no escritório de Jake. Sexton e Kelso tinham ido junto a um quarteto de policiais e os agentes especiais Gary Freeman, um ruivo desengonçado de uns trinta anos, e Tom Delaney, um loiro rechonchudo de meia altura e de uns quarenta anos que era amigo de Jake. Dado que, basicamente, encontravam-se ainda em plena noite, todos eles, exceto os dois policiais de uniforme, puseram-se o primeiro que tinham encontrado à mão. Todos, sem exceção, tinham os olhos carregados de sono. Todos, com a exceção de Kelso, que se tinha sentado em uma cadeira e teclava em um computador portátil que havia sobre a mesa que cruzava de parte para parte a habitação, apinharam-se ao redor do computador de Dorothy formando um compacto semicírculo. O agente Freeman que, na aparência, era o perito em computadores, sentou-se na cadeira da secretária e manipulava nesses momentos o mouse. Jake, que agora vestia um jeans, uma camiseta e um par de esportivos, analisava junto ao Delaney a imagem impressa da fotografia de Angie na jaula, tratando de encontrar algum indício que pudesse lhes indicar o lugar onde se encontrava, e ambos elevavam de vez em quando a cabeça para ver o que acontecia na tela. Sarah, que também usava jeans, camiseta e sapatilhas, depois de ter contado pelo menos meia dúzia de vezes a chamada de Crystal e ter procurado a Kelso o nome do noivo desta, que a agente estava introduzindo no computador em busca de antecedentes, estava agora inclinada sobre a cadeira enquanto o agente Freeman tratava de determinar com exatidão a que se enfrentavam.

—É uma fotografia fixa, feita recentemente mais ou menos há vinte e quatro horas — comentou—. Trata-se de um lugar de difícil acesso, virtualmente impossível, sem o endereço direto que nos procuraram, no qual só podem entrar determinadas pessoas que pelo visto contam com uma palavra chave individual, o que significa que é possível interromper o acesso de algum deles a qualquer momento sem comprometer por isso o resto do lugar. — deteve-se um momento, fez clique no mouse e moveu o cursor pelo lugar. —Conforme parece, aqui há alguns enlaces

ocultos...

—Sarah, pode vir um momento? —Kelso a estava chamando. Sarah se aproximou e ficou atrás dela—. É ele?

Sarah olhou a tela.

Tratava-se de um tipo muito pálido, com uma suja cabeleireira de fanfarrão, curta por diante e comprida no pescoço, um corte sobre o olho esquerdo e ar desanimado.

—Sim, é ele.

Havia uma foto de sua cara, de frente e de perfil. Tratava-se do preso número 823479T, Edward Mark Tanner. Estatura: 1,77. Peso: 74 quilogramas. Data de nascimento: 3 de março de 1978. Cabelo: loiro. Olhos azuis. Marcas de identificação: uma cicatriz na mão direita e a tatuagem de uma ave fênix na parte superior do braço direito. A fotografia tinha sido tirada fazia dois anos, em setembro.

“A ave fênix na parte superior do braço direito.”

Sarah escrutinou a foto de perfil. Tanner aparecia nela até a metade do peito e usava uma camiseta de suspensórios que deixava à vista quase toda a tatuagem.

Tratava-se de um enorme pássaro com as asas estendidas e o pico para diante, e havia algo nele que lhe resultava familiar.

O coração de Sarah deu um salto.

—Duke tinha uma assim — disse ela—. Estou quase segura de que era o mesmo.

Kelso elevou o olhar.

—Quem demônios é esse Duke?

—Donald Coomer. Um dos que participou do roubo no supermercado no que me dispararam. Que morreu no cárcere.

—Eh, senhores — gritou Kelso voltando a cabeça e dirigindo-se em geral a todos os presente—. Aqui temos algo interessante. Alguém ouviu falar de uma banda ou de algum outro tipo de organização que tem como marca de identificação uma ave fênix?

Todos, menos Freeman, apinharam-se ao redor dela e olharam a fotografia do Eddie Tanner que aparecia na tela.

—Não tenho ideia. — Sexton negou com a cabeça, e dado que ninguém acrescentou nada, aquela pareceu ser a opinião unânime.

—É igual — disse Sarah, desculpando aos recém chegados. O coração lhe pulsava com força e ficou gelada de repente, por isso abraçou seu próprio corpo—. Estou quase segura. Um dos tipos que roubou no supermercado tinha uma tatuagem como essa. —Sarah olhou ao Jake, que estava junto a ela—. Duke — esclareceu.

—O qual significa que há uma boa possibilidade de que todos estes sucedidos estejam relacionados — acrescentou Jake, expressando em voz alta o que sua amiga estava pensando.

“Levaram a Angie por minha culpa? Não, por favor.”

Sarah sentiu um nó na garganta.

—Tenho algo — disse Freeman.

Todos cruzaram apressadamente a habitação para rodeá-lo. Da posição que ocupava depois do ombro esquerdo do Freeman, Sarah observava com o coração em um punho as frases que foram aparecendo na tela azul.

—Havia um local com uma sala de Chat... —comentou Freeman, enquanto examinava o que ia aparecendo no ordenador.

O agente pareceu crispar-se de repente. Sarah leu o que acabava de sair na tela: “Cão Grande: Olá, Homem Desprezível. O que faz aqui tão tarde?”

—Merda — resmungou Freeman, o que Sarah interpretou como um mau sinal. A seguir o agente acrescentou—: Temos um problema, amigos.

Todos os presentes na habitação, com a única exceção de Kelso, que seguia trabalhando no computador portátil, contiveram o fôlego.

Ao mesmo tempo, Freeman teclou: “Estou comprovando algumas coisas, isso é tudo.”

—Isto não soa muito bem, verdade? —disse assustado, dirigindo-se a todos em geral. -Por que demônios não me teria ficado fora? Devia haver imaginado que não ia passar inadvertido. Merda, merda, merda.

A seguinte frase na tela dizia:

“Simon Diz: Já sabe que o leilão se fecha às cinco da madrugada.”

—Estão aceitando ofertas sobre ela — disse Freeman—. Imaginava. O que significa que, por fortuna, segue com vida, certamente.

—Quais são? Não há algum meio de identificá-los? —perguntou Jake.

Freeman negou com a cabeça com os dedos ainda apoiados sobre as teclas.

—Daqui não. Poderia tratar-se de qualquer. Desde qualquer lugar. Internet consegue que o mundo resulte pequeno.

—Sai daí — apressou-lhe Delaney—. Pode ser que os ponhamos em alerta.

—Não é tão simples — disse Freeman, e teclou: “Sei.”

“Cão Grande: Quer fazer uma oferta, Homem Desprezível?”

—Lhes ocorre algo? Sou todo ouvido — disse Freeman. Ato seguido, ao ver que ninguém abria a boca, acrescentou entre dentes—: Merda farei como se estivesse no EBay.

E escreveu: “Pode ser que mais tarde. Quando o prazo esteja a ponto de finalizar. Vou aguardar no momento.”

A seguir voltou a fazer clique no mouse e a página de Chat desapareceu. Todos os presente exalaram um suspiro ao ver que Angie voltava a aparecer na tela.

Só que esta vez a imagem era distinta, embora também fixo, num terrível momento congelado no tempo.

No mesmo, Angie estava acordada e pelo visto tinha feito um esforço para ficar de joelhos. Parecia aterrorizada. Olhava a tela com seus olhos castanhos, de largas pestanas desmesuradamente abertos, e alagados em lágrimas. Já não tinha a banda na boca. Esta lhe tinha deixado um sinal vermelho, de pele na aparência irritada, ao redor dos lábios. A menina tinha a boca aberta, como se estivesse dizendo algo.

Sarah sentiu que a dor, tão afiado como uma faca rasgava-a. A similitude era excessiva. O terror que sentia pelo Angie a fazia sentir também angústia por sua própria filha. Teria acabado Lexie também em uma jaula, amarrada e aterrorizada como aquela menina?

—Meu Deus — sussurrou ao mesmo tempo em que o sangue parecia abandonar precipitadamente sua cabeça. Segurou-se com força à cadeira para não sucumbir à vertigem que sentia.

—Está bem? — Jake estava ao seu lado, lhe rodeando os ombros com um braço, e, por um momento, quando a cabeça começou a lhe dar voltas e seus joelhos fraquejaram, deixou-se cair aliviada sobre ele. Passados uns instantes, assentiu com a cabeça para lhe indicar que se encontrava melhor e se concentrou em sua respiração. Por terrível que fosse tudo aquilo, não podia afundar-se agora.

Esta vez tinha que fazê-lo por Angie.

—Merda, estamos perdendo, está perdendo... —gritou Freeman.

Sarah abriu os olhos bem a tempo de ver que a imagem da Angie se desvanecia na tela. O lugar de A Casa de Brinquedo do Paul com suas fotografias de meninos jogando, que agora, à vista do acontecido, resultavam grotescas, apareceu em seu lugar. Embora, depois de experimentar uma sacudida, desapareceu também.

E os deixou olhando inexpressivos a tela azul.

O sentimento de perda que Sarah sofreu foi intenso como uma laceração em suas vísceras.

—Nos descobriram — disse Freeman—. Merda, acredito que nos descobriram.

Aterrorizada, Sarah sentiu que lhe fechava a garganta e que um estremecimento percorria seu corpo. “Angie acabava de estar ali, justo diante deles, e agora se evaporou. Tinham-na perdido.” Jake a sujeitou com mais força. Freeman se voltou na cadeira. Delaney praguejou. A ansiedade se podia apalpar na habitação como o zumbido do ar condicionado, mas o problema era que ninguém sabia o que fazer.

—Temos que agir — disse Sexton olhando em redor—. Proponho que agarremos a esse tipo, ao Tanner, imediatamente.

—E à mulher — acrescentou Jake—. Crystal Stumbo. Ao menos poderá nos dizer algo sobre essa página Web. Por agora é o único elo que une a essa criatura.

—Têm a direção do Tanner? —perguntou Delaney a Kelso, quem nesse momento tirava uma folha de papel da impressora.

—Aqui está — respondeu-lhe agitando o documento na frente seus olhos.

—Acredito que vive com a Crystal, na casa dela — disse Sarah.

Estava gelada, tinha o coração desbocado e o estômago tão contraído que quase sentia náuseas, mas isso não lhe impedia de enfrentar-se a aquela situação.

“Enfrentaria aquilo.” O tempo corria inexorável.

Kelso leu o que dizia o papel.

—Conforme parece, encontra-se no número 45 do West Homewood Drive, 24C. É um apartamento. —Elevou o olhar—. Demônios, a direção faz dois anos.

—Temos a de Crystal Stumbo? —perguntou Delaney.

Freeman se tinha posto de pé e a tensão que flutuava na habitação era já febril.

Todos se moviam de um lado para outro, arrastando os pés, estalando os nódulos, ansiosos por fazer algo. Não obstante, ninguém perdia a calma, todos mantinham as emoções sob controle. Era evidente que nenhum deles queria fazer as coisas pela metade.

Todos eram conscientes de que Angie tinha neles sua única esperança.

—Consegui uma. — Kelso se tinha concentrado de novo no ordenador portátil.

—Não acredito que seja essa. Só viveram ali uns dois meses — disse Sarah com uma voz surpreendentemente firme considerando o mal que se sentia—. Agora vive no Paraíso, o acampamento para caravanas que há nos subúrbios do Burton. Tenho a direção exata em meu escritório, mas estive ali e sei onde se encontra.

— Pode nos mostrar isso?- lhe perguntou Delaney.

Sarah fez um gesto afirmativo com a cabeça.

—Está bem — disse ele olhando ao seu redor—. Temos que ser rápidos. Se nos tiverem descoberto, tal como pensa Freeman, estarão apagando as possíveis pistas neste mesmo momento. Mas também temos que atuar com cautela, e com grande sigilo. Temos que agarrar a essas duas pessoas e as interrogar sem que nenhum de seus sócios suspeite o que realmente pretendemos. A vida dessa menina pode depender disso.

Quando os faróis do carro de Jake iluminaram o cascalho branco sobre a via do trem que passava justo por diante Do Paraíso, eram as quatro da madrugada.

Sentada no assento do carona, Sarah se inclinou para diante enquanto o carro se bamboleava ao cruzar as vias e indicou ao Jake por onde tinha que entrar. Justo detrás deles, no Infinity prateado de Delaney, foram este e o agente Freeman.

Detrás deles, em um carro da polícia sem signos distintivos, os seguiam Sexton e Kelso. Três carros patrulhas fechavam sigilosamente a comitiva, com as luzes e as sirenas desligadas. Aquela hora, o I—21 se encontrava quase vazia em direção Burton pelo que aquele apressado desfile noturno não chamou a atenção, como pretendiam. O plano previa que Sarah identificasse a caravana, passasse por diante dela em companhia de Jake e a seguir a polícia tomasse o mando da situação. Uma vez conseguido o objetivo, Sarah devia retornar com Crystal, sempre e quando esta confiasse nela e preferisse estar com alguém que conhecia.

—Ali.

Sarah indicou com o dedo a casa de sua cliente. Bastou-lhe olhá-la para sentir a boca seca. Funcionaria? Lhes conduziriam Crystal e seu repugnante noivo até Angie?

A tempo?

“Rogo-lhe isso, Senhor, por favor.”

Diante do reboque de Crystal estavam estacionados o Lincoln amarelo desta e uma pequena caminhonete azul. Enquanto Jake baixava o guichê, tirava o braço e assinalava a caravana ao Delaney e Freeman, Sarah acrescentou, com o tom mais tranquilo de que foi capaz:

—Esse é o carro de Crystal. Pelo visto está em casa. E esse tipo também.

— Espero.

Tal e como tinham concordado, Jake passou por diante da casa, iluminando com os faróis a que tinha estacionada a seguir. Era um pouco maior que a da Crystal, de dobro largura e duas cores, marrom e branco. Diante dela também tinha estacionados dois carros, um Toyota verde duas portas e um GMC Jimmy dourado, ao igual a um abrigo pré-fabricado de madeira, uma mesa metálica de picnic e três contêineres de lixo negros e de plástico, com suas correspondentes cobertas. Dado que apenas se ficava espaço para uma bicicleta, o terceiro veículo, um Blazer banco, tinha sido estacionado na grama, na parte posterior da casa. Sarah observou distraída toda aquela desordem enquanto Jake procurava um lugar próximo onde parar o carro. Ao final deu meia volta e abandonou o caminho para deixá-lo na grama que havia as margens do mesmo. Uma vez parado, apressou-se a apagar os faróis com o fim de não despertar a ninguém que não devesse ser despertado. Duas mariposas noturnas revoavam cativadas pelo resplendor amarelo da luz do alpendre que havia ao lado da porta principal da caravana, em cuja parte posterior tinha detido o carro. Além disso, e das tênues luzes dos alpendres que brilhavam a intervalos ao longo da fileira de caravanas e dos fulminantes resplendores brancos dos faróis dos carros que foram chegando, tudo que Sarah podia ver era escuridão e calma. Nem sequer latia um cão.

—Não acha que Angie possa estar aqui, verdade? — sussurrou Sarah com os lábios ressecados, e ao fazê-lo se sentiu como uma idiota por temer que alguém pudesse ouvi-la.

Dado que se encontravam no interior do carro, a menos que ela e Jake pusessem-se a gritar, era impossível.

Jake negou com a cabeça.

—A parede que havia atrás da jaula parecia de metal ondulado. Deve tratar-se de um armazém. Uma casa não, certamente.

Sarah começou a respirar mais depressa ao ver que os outros carros apagavam também seus faróis um a um e se detinham diante de seu objetivo. Ao fazê-lo, os três primeiros ficaram fora da vista de Sarah, já que não podia ver a parte dianteira da caravana de Crystal. O pára-choque posterior dos dois últimos, dois, carro patrulha, sobressaía-me no estreito caminho depois inclusive de que se detiveram, já que não havia bastante lugar para todos. Quando Sarah ouviu o débil ruído que fizeram suas portas ao abrir-se e fechar-se, o coração lhe acelerou.

—Estão descendo — comentou Jake.

Sarah assentiu com a cabeça, sentada em seu assento, tensa como um mole, a ponto de enlouquecer. O pior era que, para proteger-se em caso de que se produzisse um tiroteio se o noivo da Crystal resistisse, Jake e ela tinham estacionado muito longe do centro de ação de forma que mal podiam ver o que estava acontecendo.

O problema era que aquele tipo de casa não tinha saída pelos fundos. As duas portas se encontravam na parte dianteira. Embora fosse possível sair por uma janela, Sarah sabia por experiência que isso não seria tão fácil. Não era possível escapar depressa dessa maneira.

Nervosa, Sarah se inclinou para frente, tratando de ver se Crystal tinha saído e necessitava de sua ajuda. Podia ouvir os batimentos do seu coração. Tinha o estômago retorcido. Todos seus sentidos estavam concentrados no que acontecia diante do trailer de Crystal.

Mas, pelo visto, ali não ocorria nada.

—Não posso suportá-lo — disse Sarah olhando a seu amigo. A luz do alpendre que havia ao longe iluminava o interior do carro o suficiente como para que Sarah pudesse ver que ele também parecia tenso—. Me aproximarei de um ponto do que ao menos possa ver o que acontece.

Ficar à margem da ação devia ser também frustrante para ele — Sarah era consciente de que, não fosse por ela, Jake teria preferido presenciar os acontecimentos desde primeira linha, já que não discutiu. Limitou-se a desembarcar do carro quando ela o fez e a unir-se a ela nas proximidades da caminhonete.

—Ficaremos a certa distância — disse-lhe em voz baixa enquanto sujeitava seu braço com uma mão para assegurar-se de que Sarah lhe obedecesse—. Deixa que a gente que cobra por isso faça seu trabalho.

Sarah assentiu com a cabeça. O mero fato do mover-se fazia sentir-se melhor.

O ar noturno era quente, silencioso e cheirava ligeiramente a carvão, como se alguém tivesse assado algo à churrasqueira pouco antes. Por cima de suas cabeças, o céu tinha o azul profundo da meia-noite, a lua, pálida, estava em crescente, e as estrelas brilhavam fracamente. Suas pegadas fizeram ranger o cascalho do caminho e o ruído resultou surpreendentemente alto em meio dos apagados murmúrios da noite. Uma coruja ululou em algum ponto da franja de árvores que havia a sua esquerda.

A Sarah pareceu estranho não ter ouvido já algo relacionado com o propósito que havia os trazido até ali: como o ruído que se estava acostumado a produzir ao prender a alguém, por exemplo, ou uma briga, ou o murro da porta em caso de que Crystal ainda não tivesse ido a abrir, mas, fora os sons da noite, Jake e ela não ouviram nada enquanto rodeavam a casa de sua cliente.

“Algo deve ter ocorrido errado — pensou Sarah ao olhá-la pela primeira vez e seu estômago se encolheu—. Pode ser que Crystal não estivesse em casa, depois de tudo. Talvez não haja ninguém. Talvez...”

A porta metálica do trailer e o biombo estavam totalmente abertos. No interior da casa as luzes estavam acesas na sala principal e enquanto Sarah olhava outras luzes que se foram acendendo nos dormitórios que havia em ambos os extremos do veículo. Não havia nem rastro de Delaney, Freeman, Kelso e do resto dos seis agentes; o qual significava que todos deviam estar em seu interior. E também que a caravana estava abarrotada de gente e que todos estavam surpreendentemente silenciosos.

—Aqui está acontecendo algo — disse Jake. Sarah assentiu com a cabeça.

Suspeitou que seu amigo tivesse preferido deixá-la onde estavam antes e controlar por si mesmo as coisas, mas pelo visto a ideia de deixá-la só na escuridão tampouco devia lhe gostar. Por fortuna, já que ela não tinha nenhuma intenção de ficar atrasada.

—Devem ter encontrado algo — sussurrou ela considerando que aquela era a única explicação razoável.

Jake assentiu com a cabeça e nem sequer tratou de detê-la quando seu amigo rodeou os carros patrulha fazendo um semicírculo que pelo menos lhe permitiria ver o que estava acontecendo além da porta. Em lugar disso a seguiu e tirou a pistola, da que Sarah nem sequer percebeu, quando se aproximavam do carro do Delaney.

—Em caso que aconteça um tiroteio, quero que te jogue no chão, ouve-me? — ordenou-lhe

com ênfase. A seguir soltou o braço de Sarah, meteu-se a mão no bolso de seu jeans, tirou suas chaves e as deu — Se a coisa ficar feia, pega o carro e sai daqui.

—O farei. — Sarah se meteu as chaves no bolso enquanto se colocavam ao lado do pára-choque dianteiro do carro do Delaney, do que podiam ver o interior da casa.

Freeman estava ali. Sarah o podia ver com toda clareza. Estava de pé e de costas à porta, inconfundível por causa de sua cabeleira ruiva. A sua esquerda, virtualmente oculto pelo corpo do Freeman, estava Delaney. Além deles Sarah só alcançava para ver a parte superior da cabeça do Sexton.

Todos olhavam no chão, a algo que parecia encontrar-se a seus pés.

Sarah sentiu que o coração começava a lhe pulsar com força. Teve um terrível pressentimento, uma espantosa sensação...

Sem dizer nada ao Jake, encaminhou-se para a porta aberta. Chegou junto a ela quase correndo. Jake lhe pisava nos talões sem tratar de detê-la. O modo de se comportar do grupo de policiais indicava às claras que não corria nenhum perigo.

Mas também resultava evidente que algo os tinha impressionado, e alterado...

Sarah foi primeira em ver o sangue, logo que chegou ao alto da escada de entrada: um atoleiro vermelho intenso cuja superfície resplandecia com a luz. Ato seguido viu as grossas tranças ruivas jazendo em meio dela, absorvendo-a de forma que quase pareciam negras em alguns pontos. Por último, viu a cara com a tez cinzenta por causa da perda de sangue e a maquiagem gritante que agora parecia o de um palhaço, e compreendeu.

—Crystal morreu — disse a Jake, que se encontrava detrás dela, porque era evidente.

Sua cliente jazia desajeitada de barriga para cima sobre o tapete azul pálido que cobria todo o chão, vestindo ainda o Top de lentejoulas negro e a minissaia que constituíam seu uniforme de trabalho, com os braços abertos para fora e as pernas, cobertas com umas meias de rede, estendidas de modo terrível. Estava descalça.

Seus sapatos de salto estavam diante do sofá, um deles ainda inclinado como se os acabasse de tirar. Conforme se desprendia de tudo aquilo, Crystal tinha entrado na casa, tirou o sapato, tinha comprovado o que havia no computador, tinha chamado a Sarah e a seguir alguém a tinha assassinado.

Sarah ficou sem fôlego. Seu estômago se contraiu.

Dado que a escada era muito pequena e que, portanto, não tinha lugar para ambos, atravessou a soleira. Jake também entrou e ficou a um lado no pequeno salão cheio de móveis baratos cuja similitude com aquele no que tinha transcorrido sua própria infância lhe aterrorizava. O grupo de policiais os olhou enquanto entravam.

Mas ninguém disse nada. Não era necessário. Resultava muito óbvio que aquilo era uma terrível tragédia, não só para a Crystal, mas também para a Angie.

O tênue fio que podia lhes conduzir, como esperavam, um pequeno acabava de ser talhado.

—Merda — Jake soava cansado—. Faz quanto tempo que a mataram?

—Não muito — disse Sexton—. O corpo ainda está quente. Eu diria que não mais de quinze minutos.

—Estão apagando todas as pistas — afirmou Delaney—. Temos que encontrar a essa menina.

—Chamei ao Bob Parrent, a homicídios — acrescentou Sexton—. Estão a caminho.

—Não há nenhum computador, mas o espaço que há sobre o escritório daqui atrás parece indicar que tinham um — gritou alguém da habitação traseira.

Ao ver um dos homens uniformizados sair do banheiro e entrar no dormitório traseiro Sarah compreendeu onde se encontravam os outros. Era evidente que estavam revistando o reboque.

—Está bem — respondeu-lhe Sexton, acrescentou—: É provável que tenha pegado o que a matou.

—O que tem que o Tanner? —perguntou Jake entrando no quarto e olhando em redor.

—Não está aqui — respondeu-lhe Sexton—. Acabo de enviar um APB. O agarraremos.

“A tempo de salvar a Angie?” Sarah sabia de antemão a resposta: o mais provável era que não. Cruzou os braços e tratou de se separar de sua mente a espantosa imagem da pequena a última vez que a tinham visto.

—Podemos identificar a alguém mais nessa sala de Chat? Cão Grande ou Simon Diz? — inquiriu Sarah. Sentia uma opressão no estômago, vertigem, os nervos crispados. Mas sua experiência como interventor a tinha habituado a cenas delitivas como aquelas, de forma que tratou de manter certa distância profissional, de responder objetivamente para resultar de utilidade.

—Pode ser — disse Freeman—, mas isso nos levará algum tempo.

“Tempo do que, precisamente, precisamos”, pensou Sarah, embora se abstivesse de comentá-lo em voz alta.

—Encontraste o celular da Crystal? —perguntou-lhe Jake.

A Sarah pareceu que Sexton lhe respondia ainda não, mas não estava segura.

Apesar de seus esforços, não podia evitar que tudo aquilo lhe afetasse pessoalmente. Embora tentasse não olhar, não fixar-se muito nos detalhes para resistir, Sarah não pôde deixar de ver o corte na garganta da Crystal. Uma ferida terrível que se abria como um amplo sorriso e lhe atravessava o pescoço de orelha a orelha. O sangue, vermelho rubi, seguia emanando dela. Cobria a parte superior de seu corpo como uma capa de pintura vermelha, e salpicava seu braço direito, a cadeira que havia a seu lado, a parede...

Era impossível ignorar por mais tempo o aroma de carne crua que emanava dela.

Sarah fechou os olhos tratando de afastá-lo, mas foi em vão. Sem poder evitar o inalou, estremeceu-se ao sentir seu gosto adocicado na boca, e recordou a Mary.

O modo como tinha explodido sua cabeça.

Sentiu náuseas.

Alcançou a porta no mesmo momento no que a unidade de homicídios subia pelos degraus. Saudou com uma breve inclinação da cabeça ao Ian Kingsley e ao Cari Brown, a quem conhecia, deslizou-se por diante deles e se precipitou na parte posterior da caravana. Uma vez ali, apoiando-se com uma mão no frio metal, inclinou-se e vomitou até esvaziar-se por completo.

Quando se ergueu de novo se sentiu incapaz de voltar a entrar. Estava muito mal, muito fraca, muito confusa. Tinha a frente perolada de suor frio e as pernas lhe falhavam. Se voltasse a ver a

Crystal perderia o conhecimento. O que precisava era encontrar um lugar fresco e tranquilo para poder sentar uns minutos e recuperar as forças.

Continuava tendo as chaves de Jake no bolso. Pensou que poderia sentar-se no Acura de seu amigo, acender o ar condicionado e fechar os olhos. Passado um momento, quando se encontraria melhor, poderia retornar.

Apoiando-se no trailer com uma mão enquanto pôde, Sarah se encaminhou para o carro de Jake, cruzou em diagonal a zona de estacionamento coberta de cascalho do veículo vizinho e caminhou entre o abrigo e a mesa de picnic. Nesse momento estavam chegando tantos carros patrulha, havia um vaivém tal de forças da ordem, que Sarah se surpreendeu de que ninguém no acampamento de casa despertasse.

Mas, à margem de todo aquele traje, a noite seguia sendo escura e silenciosa.

Quando passava por diante do Blazer branco que tinha estacionado atrás do reboque dos vizinhos, acendeu-se a luz do dormitório mais próximo ao carro. Desde não ter sido por isso, pela fugaz iluminação do interior do veículo que se produziu então, Sarah jamais o teria visto.

O exemplar de Coração de Tinta no assento posterior do Blazer.

Sarah se deteve em seco, abrindo os olhos desmesuradamente enquanto o esquadrihava. Esqueceu-se de repente do mal-estar que sentia.

Angie estava lendo aquele livro o dia que tinha ido procurar a sua casa. Sarah recordou também que quando encontrou a palavra “Igor” no guichê de seu carro, havia uma Blazer branca no estacionamento. E uma das fotografias que lhe tinha mandado Crystal era a de um carro da mesma marca e da mesma cor.

Seria este a Blazer branca?

Quase podia ouvir o Jake lhe dizendo: “As coincidências não existem.”

O coração quase lhe saía do peito.

Sarah deu meia volta e começou a correr para a casa da Crystal, mas nesse preciso instante um braço a sujeitou com força pelo pescoço, deixando-a quase sem respiração. Tratou de gritar, embora logo que pôde emitir um grito afogado enquanto o braço lhe apertava brutalmente. Sarah se agarrou a ele, cravou as unhas na carne do homem que a sujeitava, golpeou seu joelho com o pé, lutou tudo o que pôde... Até que sentiu no custado um golpe semelhante a um coice.

Depois, tudo se obscureceu a seu redor.

Capítulo 23

—O caminhão do Tanner está aí fora. Comprovamos a placa — disse Sexton dirigindo-se a Delaney, que se encontrava junto aos pés do cadáver falando pelo celular. O agente assentiu com a cabeça.

—De forma que não tem meio de transporte? —perguntou Kelso.

Sexton se encolheu de ombros.

—Quem sabe.

Jake não lhes dava excessiva atenção. Agora que a unidade de homicídios tinha chegado e que o grupo ad hoc para resgatar a Angie se encontrava preparado para entrar em ação, a trailer estava abarrotada e resultava difícil mover-se por ela.

Todos estavam de acordo no passo que deviam dar a seguir: procurar o Eddie Tanner de uma vez que tentavam que o Fornecedor de Internet lhes confirmasse a identidade daquele que tinha criado o lugar A Casa de Brinquedo do Paul.

O relógio avançava implacável. Todos eram conscientes disso. O assassinato de Crystal Stumbo era a horripilante prova de que mal se tinha tempo.

Mas, nesse momento, o principal problema de Jake era encontrar a Sarah.

—Alguém viu a Sarah Mason? —perguntou aos ocupantes da sala em geral. Tinha percorrido o interior da casa sem vê-la e estava começando a preocupar-se. Onde demônio podia estar?

Um dos tipos da unidade de homicídios elevou a vista por um momento das bandas de borracha com a que estava envolvendo as bolsas de plástico que tinham posto sobre as mãos da vítima.

—Quando entrei vi uma mulher vomitando na parte posterior da casa — explicou-lhe—. Cabelo curto e escuro, jeans.

Sarah. Meu Deus, tinha saído? Depois de inclinar a cabeça em sinal de agradecimento, Jake saiu pela porta que ainda estava totalmente aberta. A noite seguia sendo tão escura como antes, mas agora havia uma infinidade de carros patrulha estacionado no exterior do reboque e os tipos das forças da ordem pululavam por ali como abelhas. Jake aproveitou que se encontrava no alto dos degraus para percorrer com a vista os arredores. Não havia rastro dela.

—Sarah? —chamou-a.

Ninguém respondeu.

Então baixou a escada e, pego ao veículo, dirigiu-se para a parte posterior do mesmo por onde devia ter acontecido o agente para poder entrar. Não longe dali, havia um atoleiro de vômito na grama.

Isso era tudo.

O pulso de Jake se acelerou.

—Sarah? —voltou a chamá-la, desta vez, mais alto, enquanto seus olhos escrutinavam a escuridão tratando de vê-la.

Então recordou que lhe tinha dado suas chaves. Talvez o estivesse esperando no carro. Jake se precipitou para ele para comprová-lo. Mas Sarah tampouco estava ali.

Com os cabelos arrepiados, Jake rastreou a zona, procurando-a nos reboques mais próximos, na escura fileira de árvores que havia à esquerda, na estrada e nos veículos que tinha apinhados ao redor da cena do crime.

—Sarah? —gritou agora sem lhe importar se, ao fazê-lo, despertaria meio mundo.

Uma vez mais, ninguém respondeu. Tal e como se esperava. Enquanto retornava correndo a trailer da Crystal, Jake percebeu que aquela ligeira e estranha sensação de perigo que durante muito tempo tinha sido tanto sua ruína como sua bênção o estremecia de novo.

Movimento. Vibração. Algo suave embora resistente por debaixo dela. Dor, na cabeça, nos braços, no corpo, e uma curiosa sensação de flutuar como em letargia, algo que nunca tinha sentido até então.

Tudo isso foi o que despertou a Sarah.

—Quanto pensas que esteve procurando?

As palavras, pronunciadas por uma voz masculina que desconhecia, chegavam-lhe desde algum lugar próximo que se encontrava diante dela.

—Não tenho nem ideia — respondeu outra voz masculina que tampouco pôde reconhecer—. Quando lhe dava a descarga ao cão levava algum tempo fora.

O instinto aconselhou a Sarah que permanecesse quieta, que lhes fizesse acreditar que seguia inconsciente, o que não impediu que abrisse um pouco os olhos.

Por um momento não pôde ver nada, e se estremeceu de medo. Onde estava? Os sons e a sensação de movimento lhe ajudaram a recordar, não podia ver nada porque era de noite, e estava no interior de um carro. No assento posterior. Tombada sobre seu braço esquerdo no assento traseiro de um todoterreno⁵, para ser mais exatos, com as mãos atadas às costas com algo que parecia ser grosso e de borracha, pode ser que uma corda elástica. Também tinha os tornozelos atado, ainda mais forte, se couber, embora não soubesse com o que. As vozes provinham da parte dianteira do veículo, onde estavam sentados dois homens.

Ao refletir sobre o que acabava de ouvir, Sarah deduziu que um deles lhe tinha golpeado com uma pistola de electroshock. Isso explicaria a dor no braço e na cabeça além da debilidade que sentia em seus membros. De forma que o que ia sentado no assento do carona lhe tinha dado um disparo também em Cielito? Isso queria dizer que tinha estado em sua casa. Seria ele o que tinha tirado os brinquedos da Lexie do armário? O coração de Sarah deu um sobressalto ao pensá-

lo. Meu deus seria ele o autor da chamada telefônica? Embora fosse impossível que se fizesse passar por uma menina...

Sarah abriu os olhos um pouco mais para tratar de ver algo que lhe ajudasse a reconhecer aqueles homens. Embora não podia estar segura, intuía que um deles era Eddie Tanner.

Quem, com toda probabilidade, acabava de assassinar a Crystal.

Sarah percebeu então do enorme perigo que corria. Não sabia onde a estavam levando aqueles tipos, mas o que estava claro era que não estavam de brincadeira.

Sarah ouvia o tamborilar surdo e lento dos batimentos do coração de seu coração. De repente sentiu que lhe faltava o ar, mas, por precaução, tratou de não alterar o ritmo de sua respiração.

—Ainda fala com ele? —O tipo que ia sentado no assento do carona, que Sarah pensava que

era Tanner, parecia algo nervoso.

Depois de umedecer seus lábios, Sarah esquadrinhou de novo através dos assentos e percebeu que inclinando ligeiramente a cabeça podia ver parte do rosto de ambos os homens através do espelho retrovisor. A pálida tez do passageiro confirmou a Sarah que se tratava do Tanner. O condutor era negro. Sarah supôs 5 Jipe 4x4 que se tratava do tipo que tinha visto no estacionamento do complexo de edifícios que vivia Angie. Um deles devia ter escrito a palavra “Igor” no vidro de seu carro.

“Como sabiam?” Teria gostado de lhes gritar. Eram eles os que tinham sequestrado a Lexie e a Angie? Sarah voltou a sentir náuseas ao pensá-lo e agradeceu a Deus que já não ficasse nada no corpo para jogar. Só que Tanner, ao menos, parecia muito jovem para ter raptado a sua filha. Quantos anos devia ter sete anos atrás? Vinte? Não obstante, sua experiência como interventor lhe tinha ensinado que com vinte anos se pode ser já um monstro.

—Sim — disse o condutor—. Disse-lhe que não ficava mais remédio que nos levar, tinha reconhecido meu carro. Ou talvez fosse esse maldito livro que deixou no assento de atrás. Algo tinha que ser em qualquer caso.

—Está zangado?

—Um pouco. Diz que está farto de que nos passemos à vida tratando de resolver tuas confusões.

—Minhas confusões? Você foi que enviou a esse estúpido do Duke para matá-la simulando que se tratava de um roubo fracassado, só que a coisa se torceu por sua culpa. Eu tentei resolver essa confusão, recorda?

—Você também fez um bom trabalho. — O tom do condutor era levemente depreciativo. -Se por acaso não o notaste, segue com vida aí detrás, imbecil. A próxima vez que atirar a alguém te assegure de matá-lo.

—Ela se jogou no chão justo quando disparei.

—Sim.

—Merda, segue aborrecido por isso?

Tanner parecia agora realmente nervoso. Sarah não sabia quem era o terceiro homem ao que se referiam, mas quem quer que fosse era o suficientemente temível para provocar aquele ligeiro tom de terror em sua voz. Estariam às ordens daquele que tinha sequestrado a Lexie? Ou a Angie? Aquilo parecia ter mais sentido. Então pensou: “talvez saibam onde se encontra Angie...”.

Produziu-se uma muito breve pausa. Todoterreno saltou ao passar por cima de algo e Sarah se esticou instintivamente enquanto ricocheteava. Seus joelhos atados se aproximaram da beira do assento. Uma nova sacudida a atiraria ao chão. Ao sentir um formigamento nas mãos e nos pés se deu conta de que estes lhe tinham ficado adormecidos. Tratou de mover os dedos das mãos, de menear com rapidez os dos pés. Agora que estava mais acordada e limpa percebia a sedosa suavidade do céu de meia-noite que passava por cima de suas cabeças, o abrupto e escuro contorno das árvores de folha perene, e, ao alcance da mão, o tênue resplendor azul do painel de mandos. Havia também certo aroma, além disso, do de vinil e ar viciado, mas não podia detectar o que era.

—Não gosta da publicidade, isso é tudo. Teve que mudar o plano do jogo e isso nunca é bom.

—Não foi minha culpa.

Tanner dava a impressão de sentir-se agora muito inquieto. Sarah reconheceu aquela emoção com certo grau de camaradagem: seu próprio pulso estava a mil.

Estava a ponto de encontrar a Angie, talvez muito perto também de descobrir o que lhe tinha passado a Lexie e até no caso de que o fizesse isso não ia ser bom para ninguém. Aquele par de perdedores se deteria cedo ou tarde, e Sarah supunha que então a matariam. A ideia fez que se estremecesse de medo. Oh, Meu deus, não queria morrer...

A imagem de Jake apareceu em sua mente e por um instante sentiu um raio de esperança. A essas alturas devia estar já a procurando como um louco, fazendo todo o possível por encontrá-la. Estavam-lhe dando caça ao Tanner de forma que, antes ou depois, o encontrariam. Mas a questão era: fariam a tempo?

Tanner continuava falando.

—Escuta, fiz essas ligações que me disse. Não acha que foi fácil tirar a voz dessa menina dessas velhas fitas. Mas o fiz. Demônios, fiz tudo o que me pediste.

Quem eliminou ao Duke nesse maldito cárcere? Quem agarrou a essa menina na lavanderia? Eu. Enquanto que você permanecia nesse condenado carro observando. E não é minha culpa se Crystal encontrou o site e o enviou a essa advogada amiga dela.

O velho usou meu computador. O que se supunha que tinha que fazer com isso? Nem sequer sabia que a conexão estava dentro.

Sarah se deu conta de que podia mover um pouco as mãos. A corda com que a tinha prendido tinha cedido. De quem era a voz que Tanner tinha tirado de umas velhas fitas? Poderia ser a da Lexie? Sua autêntica e querida vizinha, tal e como ela tinha pensado sempre? E quem era esse velho ao que se referiam? Enquanto escutava com o coração acelerado e o estômago encolhido, enquanto tratava de compreender o que dizia Tanner, Sarah não deixava de mover suas mãos, de retorcer suas mãos, tratando de soltar-se.

Embora pudesse estar em perigo de morte, aquela noite não estava disposta a tornar fácil para aqueles tipos.

—Não, suponho que não. —No tom do condutor havia um ligeiro sarcasmo.

—Em qualquer caso, remediei-o. Matei-a, não? Cortei-lhe o pescoço a essa bisbilhoteira filha de cadela.

—É óbvio que o fez. E não te ocorreu que talvez pudesse ser mais inteligente fazê-lo em outro lugar? É uma pergunta.

-Se queria que a matasse em algum lugar em especial teria que me haver dito. O único que me disse foi que a matasse.

O carro diminuiu a marcha e se fez a um lado na estrada. Sarah se esticou.

Meu Deus tinha chegado sua hora. O carro estava parando e quando o fizesse a matariam. Seus pulmões se contraíram dificultando sua respiração. Apertou os punhos e os atirou da corda com toda a força que pôde procurando não chamar a atenção.

—Por que pára aqui? —Tanner parecia surpreso.

—Porque há uma enseada junto à estrada que é perfeita para nos desfazer de um corpo.

—Oh.

A resposta pareceu satisfazer ao Tanner enquanto que Sarah, ao ouvi-la, ficou molhada imediatamente de um suor frio. Seu coração pulsava com força. Seu pulso se acelerou. Sua mente dava voltas como se tratasse de um pequeno animal encurralado. Suas mãos se retorceram enquanto seus dedos atiravam uma vez mais da corda. Esta seguia cedendo, mas não ia dar tempo...

O carro se deteve.

O pânico misturou como a bílis pela garganta de Sarah. Suas mãos se agitavam, desesperadas tratando de libertar-se. Seus dedos se toparam com um nó, tateou, tirou dele...

— Para ver se a enseada está muito longe da estrada — disse o condutor enquanto trocava de marcha para estacionar.

—Sim, está bem.

Tanner abriu a porta e a luz do interior do veículo se acendeu. Enquanto descia, Sarah ficou quieta como um pau, fingindo-se inconsciente enquanto, desesperava, tratava de pensar em um plano... Como golpear nos ovos com os pés atados a quem quer que tratasse de tirá-la do assento traseiro e a seguir fugir pulando como o coelhinho da Duracell? Por desgracia, seus conhecimentos de defesa pessoal se reduziam a um único tipo de Mulheres Contra as Agressões Sexuais. E este não era o caso para valer do kung fu.

—Está aqui ao lado. —Tanner estava fora do carro e introduziu de novo a cabeça nele para olhar ao condutor—. Podemos tirá-la, lhe disparar e atirá-la ali.

Sarah fez quanto pôde para não começar a ofegar aterrorizada.

“Quieta — advertiu-se a si mesmo, olhando ao Tanner através de suas pestanas—. Não te mova.” Sua única oportunidade —“está de brincadeira? Não tem nenhuma oportunidade” — radicava no elemento surpresa.

—Bom.

—Não é. — Tanner olhava alarmado ao condutor—. O que está fazendo?

Sarah seguia olhando ao Tanner quando uma bala se introduziu no peito daquele tipo. Este usava uma de suas camisetas de suspensórios e a parte dianteira desta pareceu florescer de repente de sangue escarlate. Sarah chiou e deu um salto — não pôde evitá-lo—, mas o ruído do disparo a queima roupa afogou o som. Tanner gritou, agitou os braços como um moinho, desabou para trás. Um estrondo, seguido de um chapinho, fez supor a Sarah que Tanner tinha caído na enseada.

Em lugar dela ou com ela?

O condutor desceu com calma do carro. Enquanto Sarah permanecia deitada em seu interior aturdida, trêmula, tratando de não perder o controle de sua respiração, recordou que a possibilidade de que fosse com ela era muito plausível, por isso moveu de novo seus dedos, fazendo-os trabalhar no nó. Para ouvir um novo disparo no exterior do carro, a cabeça começou a lhe dar voltas. A porta do carona se fechou de repente e, um momento mais tarde, o condutor retornou ao interior do veículo e fechou sua própria porta.

Sarah reconheceu aquele aroma acre: pólvora.

—Sei que está acordada — disse-lhe o condutor olhando-a pelo espelho retrovisor—. Ouvi-

te.

E, antes que Sarah pudesse reagir a suas palavras, deu-se meia volta em seu assento e lhe disparou com a pistola de electroshock.

Quando Sarah se voltou a despertar, o carro continuava parado. Ou talvez se movesse e parara de novo. Não podia estar segura. Como tampouco podia estar sobre o tempo durante o qual tinha permanecido inconsciente, ou sobre o lugar onde se encontravam, ou sobre o que tinha passado enquanto isso. Só sabia que, em primeiro lugar, sentia-se como se tivesse sido enrolada por um trem de mercadorias; que, em segundo lugar, estava muito mais escuro que antes e que, em terceiro lugar, podia ouvir indistintamente a um homem falando.

O bom era que podia ouvir deste modo os batimentos do seu coração, o que significava que ainda seguia com vida.

O mau era que, se algo não mudasse depressa, as possibilidades de desfrutar por mais tempo daquele estado eram muito remotas.

“Está bem.” Não era o momento de permanecer ali tratando de recuperar a concentração, ou de imaginar coisas, ou fazer qualquer outra coisa que não fosse confrontar a adversidade. Estava segura — relativamente segura de que estava sozinha no veículo. A razão daquela escuridão era que o motor estava apagado, o que significava que também o estavam o painel de mandos e os faróis.

Quando o tipo lhe tinha dado a disparado com a pistola, Sarah estava a ponto de desfazer o nó. Seus dedos se seguraram a ele de novo, desesperado, e de repente, sentiu que se afrouxava, abria-se. Sarah tentou uma vez mais e o conseguiu, estava solto. Com um rápido movimento, apartou a corda de suas mãos.

Sarah estendeu os braços para frente e fez um movimento rápido com as mãos para recuperar a circulação. A seguir se incorporou o justo para poder olhar pelo guichê para o lugar de onde procedia a voz e vislumbrou a seu raptor a uns dois metros da porta do condutor, lhe dando as costas enquanto falava com alguém que permanecia na sombra no interior de uma caminhonete que tinha estacionado ao lado do carro. Dava a impressão de que esperavam a alguém.

A quem? Sarah pensou que talvez fosse melhor não descobri-lo.

Sarah percebeu quase imediatamente de que ambos os veículos se encontravam em um amplo claro rodeado de árvores e de que a sua direita havia um edifício, comprido e baixo, com muitas luzes acesas em seu interior como para que suas pequenas janelas estivessem fracamente iluminadas e derramassem seu resplendor na noite. Então agarrou a corda elástica e com ganchos de ferro com a que lhe

tinham atado os tornozelos e, sem necessidade de desfazer nada, destruiu-a e a tirou.

De repente estava livre. Um novo olhar através do vidro lhe confirmou que seu raptor seguia na mesma posição de antes. Sarah pensou imediatamente que o que tinha que fazer era sair sigilosamente pela porta traseira do lado do carona, e pôr-se a correr na escuridão como um coelho com um tigre a suas costas. O interior do veículo se acendeu. O coração de Sarah quase se deteve quando, com uma mão já na maçaneta da porta, percebeu-se de que o tinha esquecido. Aquele resplendor os alertaria sobre sua fuga.

O pulso lhe tinha acelerado, e ofegava como se tivesse deslocado vários quilômetros. Sarah

se valeu do extremo curvo da corda com a que lhe tinham atado os tornozelos para tirar a coberta da lamparina e desenroscou aquela maldita lâmpada com mãos trementes.

Depois de lançar um último olhar a seu sequestrador, que não tinha deixado de falar, abriu a porta traseira e desceu com cautela do carro.

“A noite é mais escura nas horas prévias ao amanhecer.”

Sarah recordou ter ouvido aquela fita em alguma parte, e reconheceu que era certa. A noite era nesses momentos tão negra como o interior de uma cova. Seguia sendo calorosa, embora se tivesse levantado uma ligeira brisa. A lua era um pálido fantasma de si mesmo enquanto descendia para o volante que formavam as taças das árvores marcando o horizonte ao oeste. No ar flutuava um leve aroma de diesel e Sarah se perguntou se o edifício não seria uma espécie de garagem. Fosse o que fosse, rodear sua parte traseira e desaparecer entre as árvores parecia o melhor plano.

Sarah sentiu que tremia, que as pernas lhe fraquejavam e a cabeça lhe dava voltas enquanto se deslizava para as árvores sem afastar do muro de metal e procurando passar por debaixo das janelas fazendo o menor ruído possível. Ao olhar por uma das janelas descobriu que o edifício era um lugar para guardar barcos o que, dado que era agosto e, portanto, a estação principal para navegar, supunha que em seu interior haveria muitos reboques vazios e só um par de embarcações. Sarah comprovou com satisfação que no depósito não havia ninguém. Esperava ouvir em qualquer momento o grito que lhe anunciasse que sua fuga tinha sido descoberta.

Aquela ideia lhe inquietava, fazendo que se sobressaltasse ao menor ruído ou movimento. Logo que entrasse no arvoredor se poria a correr como se nisso fosse à vida. Mas, no momento, tinha que mover-se com rapidez, de uma vez que com sigilo...

Não saberia dizer por que olhou pela última das janelas. Por acaso? Talvez por instinto? O caso é que apareceu a ela e vislumbrou um pequeno armazém separado do resto do edifício por painéis de madeira compensada sem pintar. O mesmo estava vazio exceto por uma enorme jaula, do tipo das que servem para encerrar cães de grande tamanho.

No interior da mesma estava Angie.

Sarah ficou sem fôlego. O coração lhe deu um tombo como se tratasse de sair-se do peito. Ficou gelada, olhando fixamente através do sujo vidro, sem poder acreditar o que viam seus olhos.

A menina parecia uma bola sobre o chão da jaula, com os olhos fechados e sua comprida cabeleireira negra caindo sobre a cara de forma que a Sarah não podia ver sua expressão. Parecia magra, pálida e tão desamparada que Sarah sentiu que lhe rompia o coração ao vê-la.

Não podia deixá-la naquela jaula. Pouco importava se com isso se jogava sua própria vida, tinha que tirá-la dali.

Respirando fundo, Sarah desandou o caminho pelo que tinha chegado até ali.

Depois de percorrer uns três metros, passou por diante de uma porta.

Com o coração na garganta, moveu o trinco. Estava aberta. Enquanto a empurrava com cautela, a luz se derramou pela abertura delatando abertamente sua presença.

Tal e como tinha visto o olhar pela janela, no interior do edifício não havia ninguém. Sarah cruzou a soleira, fechou a porta com cuidado a suas costas para evitar que a luz que saía pelo interstício chamasse a atenção e, dirigiu-se para o armazém que havia à direita. O fato de que o

interior estivesse lhe iluminado fazia sentir-se muito exposta. Com o coração a mil e a garganta seca, segura de que a podiam descobrir em qualquer momento, correu com todo o sigilo de que foi capaz para o armazém e tentou a abrir a porta.

Estava fechada.

Com o coração lhe pulsando já como uma metralhadora e os joelhos fraquejando por causa do medo, Sarah olhou desesperada em redor... E descobriu um molho de chaves sobre uma mesa junto à parede. Agarrou-as e, estremecendo-se para ouvir como tilintavam, precipitou-se para a porta e escolheu aquela que parecia encaixar na fechadura.

E que encaixou.

Depois de abrir a porta, entrou no interior do armazém e fechou de novo a porta a suas costas. O quarto devia ter uns dois ou três metros, três de suas paredes eram de madeira compensada e a quarta era a metálica do edifício. Inclusive aquela hora da noite, o calor que fazia ali dentro era sufocante. Enquanto se precipitava para a jaula, Sarah percebeu de que o aroma excrementos humanos era muito forte.

Continuando, viu que no rincão mais afastado havia um cubo aberto. Era evidente que Angie o estava utilizando como privada.

—Angie, Angie!

Se a menina estava acordada e consciente não dava amostras disso. Seguia feita uma bola, e a Sarah doeu pensar o que devia ter sofrido para que agora se mostrasse tão apática. Ajoelhou-se diante da jaula.

—Angie. Só eu Sarah.

Então a menina se moveu. Abriu os olhos e elevou a cabeça, sacudindo-a para afastar o cabelo da cara.

—Sarah?

Sua voz era quase inaudível, apenas um sussurro, e Sarah, voltou a sentir que lhe rasgava o coração por causa da menina de uma vez que descobria que a jaula estava fechada com cadeado. Quando o agarrou para examiná-lo, ouviu um zumbido a suas costas e se sobressaltou como se lhe tivessem disparado. Ao olhar ao seu redor, divisou a câmara situada na parede que havia em frente da jaula. Devia ser sensível ao movimento, pensou, e agora a estava filmando.

Sarah se imaginou as imagens que deviam estar circulando nesses momentos pela Internet e lhe gelou o sangue.

Aquilo reduzia ainda mais o tempo de que dispunha.

“Calma”, disse-se a si mesmo enquanto sentia que o pânico a invadia.

O cadeado devia ter uma chave. E no molho havia uma pequena e chapeada que parecia coincidir. Sarah se voltou a estremecer para ouvir o tinido que fizeram as chaves quando as levantou.

—Veio para me levar pra casa? —sussurrou Angie com voz ferrugenta, como se tivesse estado chorando.

—Sim. Chsss! Tranquila. Ninguém nos pode ouvir.

A Sarah tremiam tanto os dedos que logo que podia introduzir a chave na fechadura. Nervosa, olhava a suas costas, à janela, à câmara, atenta a qualquer som ou movimento que se pudesse produzir fora daquela habitação. Inclusive o silêncio lhe parecia horripilante. Qualquer segundo agora...

A chave girou na fechadura e Sarah pôde abrir o cadeado. Uns segundos mais tarde abria a porta da jaula e Angie quase se desabou em seus braços.

A menina seguia amarrada de pés e mãos com fita isolante.

—Quero ver minha mamãe — sussurrou Angie a Sarah enquanto esta a abraçava.

—Sei.

Sarah a agarrou em braços e a estreitou contra seu peito, ficou de pé com certa dificuldade, e se precipitou para a porta, desatá-la teria levado muito tempo. E não ficava muito. Minutos, segundos...

—Continuam aqui? Os homens maus?

Angie olhava aterrorizado ao seu redor. Sarah podia sentir como tremia.

—Sim, por isso não devemos fazer ruído — sussurrou Sarah enquanto sujeitava à menina e movia o trinco ao mesmo tempo, as arrumava para abrir a porta e ambas saíam da jaula. Embora Angie não pesasse muito, pode ser que uns vinte e sete quilos quando muito, levá-la em braços não era fácil e, além disso, a pistola de electroshock lhe tinha debilitado os braços.

— Te levarei com sua mamãe assim que possa, prometo-lhe isso. Mas agora tem que ficar quieta muito quieta...

Angie tinha os olhos desmesuradamente abertos de medo enquanto Sarah fechava de novo a porta com a esperança de que ao fazê-lo seus raptos demorassem mais tempo em descobrir que a menina tinha desaparecido e atravessava a toda velocidade a distância que a separava da porta de entrada.

Sarah também estava aterrorizada. Seu coração pulsava com tal força que logo que podia ouvir nada que não fosse o tamborilar de seu próprio sangue nos ouvidos.

Tinha o pulso acelerado e logo que podia respirar. Depois de lançar um único e petrificado olhar ao depósito ainda vazio, abriu a porta e saiu por ela.

Quando a porta seguia fechando-se a suas costas, ouviu um grito procedente da parte dianteira do edifício.

—Escapou!

O terror deu asas a seus pés, vigorizando seus membros. Com as pernas bombeando como pistão, estreitou a Angie entre seus braços e correu como um raio para as árvores enquanto na parte dianteira do edifício se organizava um bom barulho. As portas de alguns carros se fechavam de repente. Ouviram-se mais gritos: conforme parecia, as vozes eram quatro ou cinco. O edifício se iluminou por completo e o resplendor das luzes halogênicas brancas as capturou por um momento.

Sarah se afundou literalmente na acolhedora escuridão do arvoredor. Correu tudo tão depressa como pôde o que, na realidade, não a levou muito longe. As luzes das lanternas elétricas se agitavam na escuridão que deixava atrás dela; os gritos se podiam ouvir agora com toda clareza.

Os sons da perseguição deram asas a seus pés. Suas pernas se enredavam com os arbustos. Os ramos das árvores lhe golpeavam na cara. Sarah tratou de proteger ao Angie em seus braços o melhor que pôde, tratou de reconfortá-la, mas a menina soluçava e tremia aterrorizada. Por fim, Sarah se viu obrigada a deter-se, a baixar Angie ao chão, a recuperar o fôlego.

Atirou-se ao acostumado molhado de sereno, ofegando, e procurou precipitadamente amparo à escura sombra de um arbusto de espirea⁶. Sua doce fragrância contrastava com o terror que povoava aquela noite.

—Eu também estou assustada — sussurrou Angie, enquanto Sarah agachava à cabeça e cravava os dentes na fita isolante com a que tinham nas mãos da menina. O esforço e o medo lhe faziam tremer. A adrenalina corria por suas veias como o speed, e estava tão nervosa que logo que podia respirar, falou: —Eu sei, tudo irá bem.

Sarah conseguiu fazer um pequeno rasgão na banda, logo outro, e outro. Angie lançou um pequeno chiado quando Sarah a arrancou por fim da pele.

—Dói. — Angie estendeu os braços na frente dela, sacudindo as mãos e esfregando-a pele—. Adormeceram-me as mãos.

—Verá como está melhor em uns minutos.

—Quero ir para casa.

—Irá a casa assim que possamos te levar ali. —Sarah roía nesses momentos a fita que Angie tinha ao redor dos tornozelos.

6 Planta originária da China e Japão

—Nos encontrarão?

—Não, mas temos que ficar quietas muito, muito quietas.

A banda se rompeu ao final. Sarah a arrancou e a menina ficou por fim livre. A seguir lhe ajudou a esfregar pernas e logo Angie se abaixou sobre o espesso leito de folhas quedas, estreitando-se contra Sarah enquanto ambas permaneciam ali por um momento. Sarah a rodeou com seus braços, apertando-a contra seu corpo, lhe oferecendo todo o consolo que podia. Os ramos da espirea penduravam ao seu redor e lhes procuravam uma sensação de segurança cuja falsidade resultava evidente para Sarah. Tampouco os sons que havia a seu redor, como o coaxar das rãs, o zumbido dos insetos e os repentinos rangidos que Sarah atribuía à correria de algum pequeno animal entre as folhas, tinham nada de sinistro. Através dos ramos em movimento viu algumas luzes, e pensou que deviam ser as lanternas de seus perseguidores. Talvez pudessem permanecer escondidas ali até que alguém as socorresse.

Se é que o auxílio chegava alguma vez.

“Onde está, Jake?”, pensou Sarah desesperada. Estava segura de que a devia estar procurando frenético, angustiado, sem deixar nem se quer uma pedra por levantar. Só que Tanner estava agora morto. Não podiam agarrá-lo e interrogá-lo.

As possibilidades de que as resgatassem se foram fazendo cada vez mais remotas.

Não podiam contar com ninguém para salvar-se.

A alvorada se aproximava. À luz do dia seria mais fácil de descobri-las. O único plano que lhe ocorria era pôr a maior distancia possível entre elas e seus perseguidores.

Baixou o olhar e contemplou a cabeça que descansava confiada, apoiada nela, e o coração lhe deu um disparo. Embora não tinha sido capaz de salvar a Lexie, talvez pudesse salvar agora a esta menina.

Abraçou-a com mais força.

—Temos que nos mover, querida. Andaremos, andaremos, e andaremos até que cheguemos a algum lugar seguro.

Angie assentiu com a cabeça.

Sem soltá-la, Sarah ouviu uma pegada e viu o escuro perfil do sapato de um homem e a perna da calça de uma calça por entre a ramagem do arbusto. Sentiu uma sacudida no coração. Ficou sem fôlego. Agarrou o braço de Angie para pô-la sobre aviso, para lhe advertir que permanecesse em silêncio, mas não era necessário. A menina se ficou petrificada de medo. Tinha o olhar cravado naquilo que Sarah tinha visto.

A luz de uma lanterna iluminou então os ramos do arbusto, dando totalmente na cara de Sarah.

—Encontrei-as. —Era a voz triunfante de um homem.

Os ramos se abriram e Sarah se encontrou na frente de seus olhos o canhão de uma pistola... E a cara de regozijo do Mitchell Helitzer.

Angie gritava a seu lado.

Capítulo 24

“Corre Angie.” Essas foram às palavras que saltaram imediatamente aos lábios de Sarah, mas era muito tarde: alguém colocou as mãos pelo arbusto e agarrou à menina que não deixava de gritar, tirando-a dali enquanto tratava de aferrar-se ao Sarah.

—Me ajude Sarah! Ajude-me!

Sarah tentou fazê-lo, mas alguém lhe arrebatou à menina. Sarah percebeu de que o homem que tinha arrancado a Angie e que agora a levava dali lhe rodeando a cintura com ambos os braços enquanto a menina lutava para soltar-se e gritava sem cessar, era o condutor do Blazer.

—Não! —gritou Sarah, engatinhando em detrás dela a toda velocidade, pugnando por alcançá-la, por salvá-la.

Helitzer estava de pé ao seu lado e a sujeitava por um braço, lhe impedindo de mover-se apesar de seus esforços. Quando Sarah tratou de ficar de pé, deu-lhe uma violenta tapa no rosto. A força da mesma elevou ao Sarah do chão e a fez cair a ele de novo enquanto a dor a fazia gritar, ver as estrelas, quase desvanecer-se.

Por um momento, Sarah só foi capaz de permanecer estendida sobre seu estômago tentando respirar, aturdida de dor. Quando Helitzer se agachou a seu lado, empurrou-a com brutalidade para pôr a de lado e a seguir lhe apontou com sua pistola, os gritos de angústia de Angie se foram perdendo já na distância.

—Olá, bruxa — disse Helitzer.

Então Sarah o compreendeu tudo, o motivo do que tinha acontecido, e sentiu ódio por ele. Mas ofegava dolorida e sua mente trabalhava em excesso por pensar um plano, algo que lhe permitisse sair bem parada daquilo, sobreviver, salvar inclusive a Angie, de forma que não lhe respondeu.

A lanterna estava no chão junto a ela e seu resplendor projetava sombras retorcidas no diminuto claro. Procurava-lhe deste modo a suficiente luz para poder ver sua cara, sua expressão, enquanto Helitzer se inclinava sobre ela. Uma parte de fita isolante se sobressaía por debaixo do arbusto de espirea. Com a parte de sua mente que ainda podia pensar com calma e objetividade, Sarah se perguntou se não seria aquilo o que seus perseguidores tinham visto e o que as tinha delatado a Angie e a ela.

“Angie.” Pensar nela era como ter o coração em carne viva.

—Vai morrer. —Helitzer moveu a pistola até colocá-la a poucos milímetros da ponta de seu nariz. Escrutinava-a desfrutando daquele momento, do terror que ela claramente experimentava—. Vou-te arrebentar a cara.

“Jake chorará eternamente a perda.” Sarah sentiu um grande pesar ao pensá-lo.

Ela, mais que ninguém, sabia o terrível que podia ser a dor.

Sarah caiu na conta de que Jake era outra das razões pelas que lutava por sobreviver.

—Me matando não conseguirá te liberar das acusações por ter matado a sua mulher — disse-lhe Sarah, ofegando levemente por causa da dor que sentia nas costelas—. Nomearão um novo interventor. O sistema judicial funciona assim.

—Esse maldito sistema judicial me pertence. Exceto você, e o que trato de fazer agora é

eliminar essa pequena moléstia. — Helitzer roçou brincalhão a ponta do nariz de Sarah com sua pistola—. Se ainda acha que vai. A...

Então Sarah ouviu algo, um fraco rangido nas folhas que havia a seu redor, e seus sentidos ficaram imediatamente em alerta. Helitzer também devia ter ouvido, porque interrompeu o que estava dizendo e olhou para o lugar de onde procedia aquele som.

—Aqui está — disse uma voz familiar em tom incongruentemente alegre—.

Andava-te procurando.

Sarah ficou pasmada ao ver aparecer na frente dos seus olhos aquela rechonchuda figura. “O juiz Schwartzman?”, foi seu primeiro e incrédulo pensamento. O segundo foi: “Graças a Deus, chegou à cavalaria.” Mas Helitzer não parecia assustado, nem sequer impaciente. Não saltou para sair correndo, ou arrojou a pistola e se rendeu. Limitou-se a franzir o sobrecenho.

—O que está você fazendo aqui?

O juiz Schwartzman se aproximou. Sarah viu horrorizada que ele também empunhava uma pistola. Embora não tinha ciência certa o que aquilo podia significar, seu instinto lhe gritava que não podia tratar-se de nada bom.

—Me ajude, por favor — disse-lhe, pensando que seu instinto também se podia equivocar. O juiz se deteve junto ao Helitzer e baixou os olhos para olhá-la. Sarah o olhou a sua vez suplicante e percebeu que estava acontecendo algo terrível. “Esse maldito sistema judicial me pertence.” As palavras do Helitzer retumbaram em sua mente. Não obstante, tinha que tentá-lo—. Vai me matar. E há uma menina...

— Cale. — Helitzer lhe lançou um maligno olhar.

Sarah percebeu que tinha movido apenas o canhão de sua pistola e esta não apontava já a sua cara, assim teve a louca ocorrência de arrebatá-la ou de, simplesmente, ficar de pé de um salto e pôr-se a correr. A mulher maravilha... Por desgraça, não havia ninguém parecido por ali.

O juiz Schwartzman ignorou seus rogos e optou por replicar ao Helitzer.

—O leilão terminava às cinco. Há um comprador. Dado que sequestrar a Angie foi tua ideia, e tenho que reconhecer que funcionou melhor que o resto de coisas que temos feito para nos desfazer desta senhora, suponho que quererá uma percentagem.

—Isso me importa um cominho.

—De acordo. Posso seguir adiante e fazer que coloquem à menina em minha caminhonete? Conduzirei até Memphis onde me encontrarei com alguém que se ocupará a partir de então dela.

—Perverso. — O tom do Helitzer estava carregado de desprezo.

—Sei — respondeu com tristeza o juiz e, continuando, disparou ao Helitzer na cabeça.

Sarah contemplou estupefata como se abria um buraco negro e do tamanho de uma moeda por cima da têmpora do Helitzer, como seus olhos se abriam desmesuradamente e seus lábios se separavam surpreendidos e a seguir seu corpo caía de lado. Mas ela não gritou tudo aconteceu muito depressa, e não houve explosão semelhante à de um petardo, a não ser tão somente o ruído surdo do impacto e o aroma de pólvora. Então, a diminuta parte de seu cérebro que ainda podia pensar com objetividade, informou-lhe que a arma levava silenciador.

Tudo aconteceu muito depressa e quase em silêncio.

Uns segundos antes, Helitzer tinha estado a ponto de matá-la, e agora estava morto.

—Assim acabam todos os tiranos — murmuro Schwartzman baixando sua pistola.

—Oh, graças a Deus. —Ajudando-se com as mãos, Sarah ficou de pé e sua anterior incredulidade deu passo a uma autêntica euforia. O juiz Schwartzman era um dos bons, sabia que o era, seu instinto se equivocou. Sarah olhou ao cadáver que jazia de qualquer maneira no chão, e logo seus olhos se posaram de novo no juiz—.

Obrigado — disse-lhe com autêntica gratidão; mas, enquanto pronunciava aquela palavra, viu que a pistola do magistrado apontava agora para ela. Diretamente ao seu peito, de um metro de distância. Era impossível que errasse o tiro.

Sarah inspirou ruidosamente. Seus olhos se posaram imediatamente na cara do Schwartzman.

—Juiz?

—Sinto muito, Sarah. — O magistrado sacudiu a cabeça com pesar. -De verdade.

Mas não tenho outro modo de recuperar minha vida. Mato a ele, mato a ti, mato a esses dois imbecis que vigiam à pequena Angie em sua jaula e com isso se acaba tudo. Elimino a todas as testemunhas e, como te acabo de dizer, recupero minha vida.

—Do que está você falando?

Sarah ouvia retumbar em seus ouvidos os batimentos do seu coração. De repente lhe tinha secado a boca. Sem deixar de olhá-lo, deu-se conta de que a expressão do juiz era de sincero pesar, o que não lhe fez sentir-se melhor, ou afugentou seu medo.

—Escuta, nunca quis te ferir. Era ele, esse bastardo. Matou a sua mulher, já sabe. Golpeou-a até acabar com ela. Confessou-me isso, veio a minha casa e o admitiu de cara, depois me disse que tinha que fazer todo o possível por que o caso não chegasse ao tribunal já que, se não fosse assim, contaria a todos sobre a Casa de Brinquedo do Paul. E, além disso, queria te matar. Recorda a noite que lhe dispararam? Foi ele quem enviou a esses vândalos para que lhe assassinassem. Ficou furioso quando deu errado e se organizou todo esse escândalo. Tinha medo de levantarem suspeitas se o tentasse de novo logo mais, que a investigação conduzisse até ele, essa é a única razão de que siga com vida. Então lhe ocorreu a ideia de que usasse as fitas de sua filha para te apossar, para te tirar do caso. —O juiz sacudiu com tristeza a cabeça. Sabe? Meteu-se a Duncan no bolso, e mesmo a mim. Ou ao Carver. Chantageava-nos... Chantageava. Carver teve um enfarte. Mas em seu caso...

Não havia nada para te chantagear. Exceto sua filha.

Sarah sentiu que lhe falhava a respiração. Esqueceu por um momento a pistola que empunhava o juiz, assim como tudo que este lhe estava dizendo.

—Fitas... Da Lexie? Você tinha fitas da Lexie?

O juiz assentiu com a cabeça.

—Era uma menina tão bonita, tão animada, Sarah. Mas então eu não te conhecia.

Jamais a teria pego se a conhecesse. —Sarah sentiu uma opressão no coração, enquanto o olhava com incredulidade. De repente se deu conta de onde tinha visto antes sua boca. Era pequena, com os lábios franzidos, a boca que tinha visto sob a câmara de vídeo aquele terrível dia no parque. Ao dar-se conta, à cabeça começou a lhe dar voltas. A expressão de seu semblante

devia ser árdua de contemplar, porque o tom do juiz se tornou de repente suplicante. -Já viu como funciona a Casa de Brinquedo do Paul. Um de nós escolhe uma menina, fica com ela até que se cansa e depois a vende ao primeiro que a queira. De fato, neste momento há várias meninas disponíveis. E nós sempre gravamos tudo, do momento da captura. Sabe de sobra que essas fitas custam o seu. Podem-se vender por separado. —O magistrado se deteve um momento para lançar um olhar de aversão ao corpo do Helitzer—. Sabe o que se supõe que fazia este grande importador ou exportador? O que de verdade vende é (era) pornografia. De todo tipo, por todo mundo. Assim foi como encontrou a Casa de Brinquedo do Paul. E a mim.

Sua voz soava de novo triste, mas a Sarah importava bem pouco o remorso que pudesse sentir. Era um monstro e em caso de que houvesse um pouco de justiça neste mundo deveria ter caído um raio do céu que o tivesse fulminado.

—Você me filmou aquele dia, no parque — disse Sarah, com um resto de críspação nos lábios.

No momento, seu plano consistia em fazê-lo falar para ganhar tempo enquanto tratava de pensar um melhor. Se o juiz a matava sairia impune de tudo aquilo e Angie se veria perdida para sempre, igual tinha acontecido a Lexie. E haveria mais meninas em perigo. Sua intenção era ajudá-las a todo custo.

O juiz voltou a assentir com a cabeça.

—Eu gostava de filmar também às mães. Era meu toque especial; e tenho que dizer que era bastante conhecido em certos círculos por isso. Uso sempre uma caminhonete especial com uma jaula na parte traseira. Durmo à menina com clorofórmio, a fecho na jaula e, continuando, volto e filmo os pais correndo frenéticos enquanto procuram à menina. Sobre tudo à mãe. Às vezes mostro a fita da mãe à menina e isso me ajuda a controlá-la. Além disso, para certa gente isso supõe um extra na oferta.

A palavra “monstro” ficava curta para descrever aquele homem. O problema era que não havia nenhuma suficientemente terrível para fazê-lo. Sarah pensou na Lexie, em sua pequena e doce menina a mercê daquele degenerado, e sentiu náuseas.

A cólera, feroz e incontida, começaram a correr por suas veias, afastando seu medo, fortalecendo-a. Aquele era o homem que tinha estado procurando durante todo aquele tempo. O homem que levava Lexie.

—O que fez com ela? —Sarah tinha que sabê-lo. Por cima de qualquer outra coisa no mundo, tinha que encontrar a sua filha. E não só porque desejasse dar por resolvido aquele assunto, mas sim pela Lexie. Sua filha merecia estar com quem a queria—. Onde está?

— Eu gostaria de poder dizer isso — de novo aquele tom lúgubre. Se Sarah tivesse uma arma, o teria matado nesse mesmo momento—. Só a retive durante uma semana. Sabe que não a matei. Jamais o faço. Só... Brinquei com ela.

“Brincar.” Aquela palavra o conseguiu. Sarah nunca tinha experimentado a fúria homicida. Atacou-o, gritando e equilibrando-se sobre ele como um animal ferido, lhe fazendo perder o equilíbrio com o golpe de forma que o juiz retrocedeu cambaleando-se ao sofrer a investida. Tratou de defender-se, mas Sarah o tinha pego de surpresa.

—Aí! —gritou ao tropeçar com algo e cair.

Então Sarah se jogou sobre ele, lhe dando murros na cara, na garganta, em todas as partes do corpo do magistrado que conseguia alcançar.

“Pela primeira vez em sua vida experimentava o desejo de matar.”

Só que o juiz era muito mais corpulento que Sarah, de forma que, depois de rodar juntos pelo chão, ficou apanhada debaixo dele, que então lhe apontou com a pistola na cabeça.

—Bruxa — disse enquanto o frio e duro aço fazia pressão sobre a têmpora de Sarah.

Ambos ofegavam a causa do esforço, mas o olho direito do magistrado estava inchado, a cara coberta de arranhões e sangue e um de seus lábios se estava inflamando. Sarah era consciente de que ele ia matá-la, podia ver em seus olhos, mas já não sentia remorsos por ele, ao contrário, estava orgulhosa de, ao menos, lhe haver causado aquelas marcas antes de morrer.

“Isso é pela Lexie” pensou e cuspiu totalmente em sua feia cara.

A cara do juiz se retorceu de raiva e a mão que empunhava a pistola se moveu.

Sarah fechou os olhos.

—Polícia! Detenha-se!

O grito, procedente de algum lugar muito próximo, fez que os abrisse de novo de repente. Sarah ouviu o ruído de pegadas, o rangido dos ramos, mais gritos de ameaça, mas, por um momento, um interminável momento no que o canhão da pistola lhe acariciava a têmpora e a eternidade lhe olhava à cara, seu olhar se cruzou com a do Schwartzman.

Então a mão do juiz fez um rápido movimento e apertou o gatilho.

Por um cabelo, Jake chegou muito tarde. Enquanto corria como um raio seguindo os gritos da Sarah, com o coração lhe pulsando como uma metralhadora e o sangue fluindo a jorros por suas veias, apartando os ramos com o meio departamento de polícia do Beaufort e uma boa parte do FBI lhe pisando, sentiu-se como Superman.

Divisou-os enquanto corria entre as árvores, vislumbrou horrorizado ao juiz sobre ela, com a pistola apontando a sua cabeça; mas não estava o suficientemente perto, não podia disparar por medo de feri-la também, de forma que se limitou a gritar “polícia, detenha-se”, ao igual a fizeram os oficiais que se encontravam a suas costas.

Então a arma disparou derramando sangue e partículas de osso e de cérebro por toda parte. O coração de Jake se deteve. Quase se urinou nas calças. Lançou um primitivo uivo de angústia e se equilibrou de um salto sobre eles, agarrou ao bastardo pelo ombro, separou-o dela... E então descobriu os restos da explosão em sua cara.

O juiz Schwartzman disparou na cabeça. Sarah estava ilesa.

Os joelhos de Jake cederam. Desabou-se sobre a espessa capa de húmus ao mesmo tempo em que Sarah se incorporava. Esta estava coberta de sangue, coágulos e folhas e só Deus sabia que mais costure, mas, mesmo assim, ao Jake pareceu o mais bonito que tinha visto em sua vida.

—Graças a Deus — disse, como se estivesse rezando.

Sarah inspirou com força e rodeou o pescoço de seu amigo com seus braços. Ele a abraçou também e a sujeitou como se não tivesse intenção de soltá-la jamais.

Pouco depois, essa mesma manhã, Sarah presenciou o reencontro de Angie com sua mãe.

Ambas se encontravam no hospital, onde a polícia tinha insistido em levá-

las. Sarah se encontrava em perfeito estado, mas Angie devia permanecer internada. Quando Sarah acabava de entrar na casa da menina, Rosa cruzou apressada a soleira.

—Minha filha! Onde está minha filha? —gritou enquanto Angie, vestida com uma camisola verde de hospital, permanecia sentada na cama.

—Mamãe! — A menina estendeu os braços e Rosa se jogou neles e ambas estalaram em um ruidoso soluço. Sarah gritou também um pouco e o mesmo fez os familiares que tinham entrado com Rosa na habitação.

Sarah saiu a seguir dela para lhes permitir desfrutar da intimidade que se mereciam.

Jake a esperava fora. Tinha permanecido ao seu lado desde que lhe tinha tirado ao juiz de cima fazia três horas. Sarah lhe tinha contado já tudo, inclusive o que tinha sabido sobre o destino de Lexie. Em troca, ele a tinha posto à saber sobre o que tinha acontecido depois de que ela desaparecera e como tinham descoberto o armazém de navios graças a Tanner, que não tinha morrido, conseguira chamar o 911

com seu telefone celular apesar de estar gravemente ferido.

—Está bem? — perguntou-lhe, enquanto cruzavam juntos, o vestíbulo em direção ao elevador.

Posto que a Sarah tinham lhe dado alta, ambos foram agora pra casa, para seu apartamento, de mútuo acordo. Sarah pensou com ironia que ia se perder outro dia de trabalho. Mas, dadas as circunstâncias, esperava que Morrison fosse pomenorizado.

Ao chegar junto ao elevador, Jake apertou o botão de descer.

—Sim. — Sarah sabia que se referia a sua reação depois saber o que lhe tinha acontecido a Lexie. -Durante todos estes anos aprendi que é preferível saber a não saber. O problema é que esperei e rezei durante tanto tempo que agora que conheço a verdade me sinto como... Vazia por dentro. Como se já não ficasse nada nesta vida.

—Eh! — replicou-lhe ele no preciso momento no que o elevador anunciava sua chegada com um ding! E suas portas se deslizavam para abrir-se—. E eu, o que?

Sarah o olhou ligeiramente surpreendido.

—Bom, claro, está você — disse enquanto entravam juntos no elevador. Sarah se deu conta de que aquilo soava como se ela o desse por deduzido, coisa que era certa e, em sua opinião, também positiva. Mas, só a título de elucidação, acrescentou—: Quero-te.

Jake lhe sorriu, curvando apenas os lábios daquele modo que agora tinha o poder de inflamar seu sangue e alegrar seu coração, e disse: “Eu também te quero.”

E, enquanto as portas do elevador se fechavam, beijou-a.

Aos dois esqueceram-se, durante um bom momento pulsar o botão da planta baixa.

A última hora da tarde seguinte, depois de que Jake tivesse acabado de colocar o carro no estacionamento e enquanto presenciava algo que não pensava chegar a ver jamais em sua vida — Pops e Dorothy saindo juntos para dar uma volta de moto, este recebeu a chamada que ambos tinham estado esperando com ansiedade e que, ao mesmo tempo, temiam.

—Pensei que tinha que ser você quem o dissesse — disse-lhe Morrison—.
Encontraram a Lexie.

Capítulo 25

Sarah estava na sala de estar de sua casa, tão nervosa que logo que conseguia estar quieta e deixar de olhar pela janela, esperando a chegada do carro de polícia que lhe traria Lexie de volta a casa.

Ao final se produziu o milagre. Sua filha estava viva. Depois de identificar aos responsáveis pela Casa de Jogos do Paul, graças a umas gravações que a polícia tinha descoberto na casa do juiz Schwartzman, tinham encontrado à menina em uma remota granja de Utah, onde um homem a retinha como uma de suas muitas mulheres.

Parecia impossível irreal. Sete anos. Poderia reconhecer a sua própria filha?

—Está bem? —perguntou-lhe Jake. Seu amigo estava justo detrás dela, esperando a seu lado, consciente do excitada, ansiosa e quão assustada estava.

Lexie a recordaria?

Um carro patrulha se deteve diante da casa e dois agentes desceram dele.

Sarah sentiu que lhe acelerava o coração. O pulso lhe retumbava nos ouvidos.

Respirava com dificuldade.

Um dos policiais — que Sarah logo seria incapaz de descrever — abriu a porta traseira do lado do carona e uma garotinha esbelta e ruiva vestida com uma saia jeans comprida e uma singela blusa branca, saiu por ela.

—Meu Deus, aqui está. —Sarah se voltou para o Jake, quem a rodeou com um braço e a estreitou junto a ele. Sarah ousou olhar de novo pela janela. -Está muito alta.

A menina e os policiais avançavam pelo atalho quando, de repente, Sarah não pôde continuar olhando. Sabia que a filha que retornava ao seu lado não teria nada que ver com a que lhe tinham tirado, nem na aparência nem em muitas outras coisas, mas mesmo assim a imagem que tinha conservado dela era a da menina gordinha e sorridente de cinco anos.

Os três quase tinham alcançado a porta e Sarah se precipitou para ela para abri-la.

Cielito saiu correndo do dormitório, soltando uma enxurrada de ferozes latidos antes inclusive de que sua proprietária pudesse dizer olá ou pudesse olhar de perto a sua filha.

Os policiais ficaram paralisados. Sarah, que acabava de abrir o biombo, lançou ao Cielito um olhar de exasperação e esteve a ponto de lhe exigir que se calasse. Mas, Lexie passou com uma velocidade na frente dela e entrou sem mais preâmbulo na casa, ignorando ao Jake, que se encontrava junto à porta da sala de estar, e com o olhar cravado no Cielito. O cão deixou de ladrar e a olhou também fixamente.

—Cielito! —disse Lexie.

Com a respiração entrecortada, Sarah contemplou como Cielito caminhava lenta e cautelosamente para ela, com aparência de farejar o ar.

Então sua filha se ajoelhou, abriu os braços e o cão se jogou neles meneando a cauda.

Sarah os olhou ainda durante um instante, não mais. Ajoelhou também junto ao cão e sua filha e disse:

—Lexie?

Esta voltou à cabeça para olhá-la e Sarah se encontrou de novo com seus olhos azul índigo.

E o duro e frio nó que tinha aninhado em seu coração durante aqueles sete anos se desfez.

—Mamãe? —Lexie a escrutinava também, como se tratasse de reconhecer no rosto mais velho de sua mãe aquele que ela se recordava—. Nunca me esqueci.

Sonhava contigo frequentemente. Pensava que era um anjo.

—Lexie — repetiu Sarah, esta vez com efusiva convicção.

Com os olhos alagados em lágrimas, abraçou a sua filha e esta lhe devolveu o abraço enquanto Cielito seguia movendo a cauda e Jake sorria a sua amiga.

E Sarah pensou: “Minha taça está transbordando.”

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Karen Robards

Karen Robards publicou sua primeira novela aos vinte e quatro anos, e tem publicado já mais de trinta, entre elas *Confiar em um estranho*, *Sussurros a meia—noite*, *Mareada* e *Chamariz* — todas elas nesta coleção—, que figuraram nas listas de êxitos do *New York Time*. Recebeu várias distinções, entre elas três prêmios Silver Pen outorgados pela revista *Affair de Coeur*.

Karen tem três filhos varões e vive no Louisville, Kentucky (EUA).

*

KAREN
ROBARDS

Desaparecida